MARCELO AFONSO RIBEIRO

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA “PESSOAS
PSICÓTICAS”:
UM ESPAÇO PARA A ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIAS
IDENTITÁRIAS DE TRANSIÇÃO ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO
DE PROJETOS OCUPACIONAIS**

*Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de
São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do
título de Doutor em Psicologia*

**SÃO PAULO
2004**

MARCELO AFONSO RIBEIRO
ORIENTADORA: PROFA. DRA. YVETTE PIHA
LEHMAN

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA “PESSOAS
PSICÓTICAS”:
UM ESPAÇO PARA A ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIAS
IDENTITÁRIAS DE TRANSIÇÃO ATRAVÉS DA CONSTRUÇÃO
DE PROJETOS OCUPACIONAIS**

*Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutor em
Psicologia*

Área de Concentração: Psicologia
Social e do Trabalho

Orientador: Profa. Dra. Yvette Piha
Lehman

SÃO PAULO
2004

Ribeiro, M.A.

Orientação profissional para “pessoas psicóticas”: um espaço para a elaboração de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos ocupacionais / Marcelo Afonso Ribeiro – São Paulo: s.n., 2004. – 177p.

Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Yvette Piha Lehman

1. Orientação vocacional 2. Interesses vocacionais 3. Psicoterapia de grupo 4. Psicose 5. Loucura 6. Identidade 7. Título

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA
“PESSOAS PSICÓTICAS”:
UM ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO DE
ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS DE TRANSIÇÃO ATRAVÉS DA
CONSTRUÇÃO DE PROJETOS**

MARCELO AFONSO RIBEIRO

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: ____ / ____ / ____

DEDICATÓRIA

*Essa tese é dedicada a
toda minha família, pois
sem família não existe a
vida.*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Yvette Piha Lehman pela orientação dedicada e amiga sempre me indicando caminhos e possibilidades de uma forma espontânea, segura e competente.

Aos Professores João Augusto Frayze-Pereira e Maria Cristina Machado Kupfer pelas excelentes pontuações e sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação.

À Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Cruzeiro do Sul pelo financiamento da pesquisa através do Programa de Capacitação Docente.

Ao Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã e ao Centro de Atenção Psicossocial de Diadema por terem abertos suas portas para a realização da presente pesquisa.

À Patrícia Villas-Boas Valero pelo convite para realizar a pesquisa no Centro de Atenção Psicossocial de Diadema.

À Maria da Conceição Coropos Uvaldo e Fabiano Fonseca da Silva pelo apoio em todos os momentos.

À todos os colegas e amigos pelos incentivos constantes.

À toda minha família pelo caminhar conjunto durante todo esse processo de forma preocupada pelo esforço, mas com incentivos sempre que necessário.

E, especialmente, a minha companheira Janaína pelo seu amor e apoio incondicional que possibilitaram a realização e finalização do meu Doutorado.

*“A loucura é, antes de
mais nada, uma
possibilidade intrínseca
da própria existência”.*

Alphonse De Waelhens

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	xi
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii

I. INTRODUÇÃO: ORIGENS E CAMINHOS 1

1.1. Definição do objeto de pesquisa	1
1.2. Justificativas	11
1.3. Colocação do problema e pressupostos iniciais: uma proposta de trabalho	13
1.4. Objetivos	15

II. ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS 16

2.1. A história da loucura	16
2.2. As explicações para a loucura	21
2.2.1. As explicações orgânicas	21
2.2.1.1. Possibilidades e impossibilidades para o sujeito portador de transtornos mentais	22
2.2.2. As explicações mentalistas: a psicanálise	23
2.2.2.1. D.W. Winnicott	28
2.2.3. As explicações sociais	36
2.2.3.1. Possibilidades e impossibilidades para o doente mental	37
2.3. A loucura no mundo atual	40
2.3.1. As explicações psicossociais	42
2.4. Saúde mental: a atenção à loucura	48
2.4.1. O movimento antimanicomial	52
2.4.2. As possíveis saídas para o “louco” no mundo atual	58

2.5. O mundo do trabalho	64
2.5.1. As saídas para o trabalho	67
2.5.2. A loucura e o mundo do trabalho	69
2.5.2.1. Loucura e trabalho na modernidade e na atualidade: restrições e possibilidades	70
2.5.2.1.1. Trabalho como alienação	73
2.5.2.1.2. Trabalho como possibilidade de emancipação	74
2.6. A orientação profissional	76
2.6.1. As propostas integradoras: as abordagens psicossociais	80
2.6.1.1. A escolha profissional	80
2.6.1.2. A trajetória no mundo do trabalho: o conceito de carreira	83
2.6.1.3. O que é um projeto?	88
2.6.1.4. Projeto de vida	89
2.6.1.5. A elaboração de projetos de vida	91
2.6.1.6. A elaboração de projetos de ação	94
2.6.1.7. Os projetos ocupacionais como projetos de ação	98
2.6.2. Uma proposta de abordagem psicossocial em orientação profissional	100
2.7. Os dispositivos grupais	109
2.7.1. A orientação profissional e os grupos	114
2.7.1.1. Estratégias de trabalho de grupo em orientação profissional	117
2.7.2. A “pessoa psicótica” e os grupos	118
2.7.2.1. Objetivos dos dispositivos grupais para “pessoas psicóticas”	120
 III. MÉTODO	 124
3.1. A estratégia da pesquisa	124
3.2. Sujeitos	125
3.3. Instrumentos	127
3.3.1. Entrevistas grupais	127
3.3.1.1. Entrevistas grupais de triagem	127
3.3.1.2. Entrevistas grupais de saída	128
3.3.2. Oficinas de orientação profissional	128

3.3.2.1. Coordenador da oficina propõe uma atividade para ser realizada em grupo (FASE 1)	130
3.3.2.2. Coordenador da oficina propõe uma série de atividades (FASE 2)	130
3.3.2.3. Coordenador propõe uma série de atividades e cada indivíduo escolhe uma para executar individualmente (FASE 3)	130
3.3.2.4. Participantes da oficina vão buscar concretamente possibilidades de inserção no mundo de trabalho (FASE 4)	131
3.3.2.5. Participantes elaboram seu projeto de vida profissional (FASE 5)	131
3.4. Procedimentos	133
3.4.1. Entrevistas grupais	133
3.4.2. Realização de oficinas de orientação profissional	133
3.4.2.1. Atividades para o PROPEPSI	134
3.5. Tratamento dos dados	140

IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. A dimensão institucional	142
4.1.1. Reunião com a equipe institucional do grupo 1	142
4.1.2. Reunião com a equipe institucional do grupo 2	148
4.2. A dimensão relativa aos orientandos	151
4.2.1. A primeira reunião de esclarecimento da proposta de orientação profissional com os pacientes do grupo 1	151
4.2.2. A primeira reunião de esclarecimento da proposta de orientação profissional com os pacientes do grupo 2	155
4.3. A dimensão do desenvolvimento da dinâmica dos encontros	159
4.3.1. PROPEPSI: Fase 1 do grupo 1	159
4.3.1.1. Grupo 1 - 1º encontro	159
4.3.1.2. Preliminares do 2º encontro: as primeiras desistências	172
4.3.1.3. Grupo 1 - 2º encontro	175
4.3.1.4. Grupo 1 - 3º encontro	184
4.3.1.5. Resumo do trajeto percorrido	187

4.3.1.6. Grupo 1 - 4º encontro	187
4.3.1.7. Grupo 1 - 5º encontro	192
4.3.1.8. Grupo 1 - 6º encontro	194
4.3.2. PROPEPPSI - Fase 1 do grupo 2	201
4.3.3. PROPEPPSI - Fase 2 do grupo 1	204
4.3.3.1. Grupo 1 - 7º encontro	204
4.3.3.2. Grupo 1 - 8º encontro	208
4.3.3.3. Pré-encontro: inclusão ou não da família no projeto?	209
4.3.3.4. Grupo 1 - 9º encontro	210
4.3.3.5. Grupo 1 - 10º encontro	214
4.3.4. PROPEPPSI - Fase 2 do grupo 2	215
4.3.4.1. Grupo 2 - 7º encontro	215
4.3.4.2. Grupo 2 - 8º encontro	217
4.3.4.3. Grupo 2 - 9º encontro	220
4.3.4.4. Uma pausa para reflexão	222
4.3.4.5. A proposta da fase 3 do PROPEPPSI: a realização de um projeto de forma individual	223
4.3.5. PROPEPPSI - Fase 3 do grupo 1	224
4.3.5.1. Grupo 1 - 11º encontro	224
4.3.5.2. Grupo 1 - 12º encontro	227
4.3.5.3. Grupo 1 - 13º encontro	228
4.3.6. PROPEPPSI - Fase 3 do grupo 2	233
4.3.6.1. Grupo 2 - 11º encontro	233
4.3.7. PROPEPPSI – fase 4 do grupo 1	236
4.3.7.1. Grupo 1 - 14º encontro	236
4.3.7.2. Grupo 1 – 15º encontro	240
4.3.7.3. Grupo 1 – 16º encontro	244
4.3.7.4. O período entre os encontros	246
4.3.7.5. Grupo 1 – 17º encontro	246
4.3.8. PROPEPPSI – fase 4 do grupo 2	249
4.3.8.1. Grupo 2 – 14º encontro	249
4.3.8.2. Grupo 2 – 15º encontro	250
4.3.8.3. Grupo 2 – 16º encontro	251

4.3.8.4. Grupo 2 – 17º encontro	253
4.3.9. PROPEPPSI – fase 5 do grupo 1	254
4.3.9.1. Grupo 1 – 18º encontro	254
4.3.9.2. Grupo 1 – 19º encontro	258
4.3.9.3. Grupo 1 – A avaliação de cada orientando	259
4.3.9.3.1. Alguns conseguiram experimentar e fazer projetos	259
4.3.9.3.2. Alguns não conseguiram experimentar e tiveram clareza dos motivos	261
4.3.9.3.3. Alguns desistiram	262
4.3.10. PROPEPPSI – fase 5 do grupo 2	262
4.3.10.1. Grupo 2 – 19º encontro	262
4.3.10.2. Grupo 2 – A avaliação de cada orientando	264
4.3.10.2.1. Alguns conseguiram experimentar e fazer projetos	264
4.3.10.2.2. Alguns conseguiram experimentar e se desenvolveram	264
4.3.10.2.3. Alguns não conseguiram experimentar e optaram em permanecer acomodados	266
4.3.10.2.4. Alguns não conseguiram experimentar e não tiveram clareza dos motivos	267
4.3.10.2.5. Alguns desistiram	268
 V. ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES	 269
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 285

LISTA DE TABELAS

Tabela n.	Página
1. Divisão da amostra por faixa etária _____	125
2. Divisão da amostra por gênero _____	126

RESUMO

RIBEIRO, Marcelo Afonso. **Orientação profissional para “pessoas psicóticas”: um espaço para o desenvolvimento de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos.** São Paulo, 296p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2004.

Analisa a loucura no mundo atual como uma categoria em mudança, considerando a possibilidade do trabalho se tornar o eixo estruturante para a “pessoa psicótica” através do desenvolvimento de estratégias identitárias de transição realizada em oficinas de orientação profissional. Os sujeitos são 17 usuários de duas instituições de saúde mental da Rede Pública do Estado de São Paulo, caracterizados como “pessoas psicóticas”. Passam por uma entrevista grupal de triagem para levantar seu histórico e expectativas profissionais; participam de uma oficina de orientação profissional, na qual é realizada a proposta de intervenção, advinda da experiência profissional do pesquisador e da literatura especializada; e realizam uma entrevista de saída para avaliação do processo. Os dados coletados indicam que a orientação profissional para “pessoas psicóticas” pode se constituir num espaço intermediário que visa gerar o resgate gradativo da autonomia sobre si, a operacionalização para a elaboração de projetos e o desenvolvimento de estratégias identitárias de construção de projetos, primeiramente pela construção de projetos ocupacionais de transição para depois consolidar a criação e recriação constantes de projetos profissionais no mundo do trabalho. Conclui que a “pessoa psicótica”, vivendo num mundo em transição, pode criar lugares diferenciados para si através da desconstrução do conceito de “louco” utilizando o trabalho como suporte, ao mesmo tempo em que encontra extrema dificuldade em realizar essa tarefa.

ABSTRACT

RIBEIRO, Marcelo Afonso. **Career Counseling for “psychotic persons”: a space for the transition identity strategies development by the projects creation.** São Paulo, 296p. Doctoral Dissertation – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2004.

Investigates the madness at the current world as a class in changing considering the possibility of work becomes the structural axis for the “psychotic persons” by the transition identity strategies development that take place in vocational guidance workshops. The subjects are 17 patients from two mental health public institutions in the state of São Paulo specified as “psychotic persons”. Administers a group selection interview to investigate their wishes related to work and their life story; a vocational guidance workshop in which a new practice is arisen, derived from the specialized bibliography and the researcher professional experience; and a final group interview to evaluate the group process. The data gathered indicates that a vocational guidance for “psychotic persons” could be an intermediate place that aims to make possible the gradual self recovery, the instrumentation for the working up of a project and the identity strategies development of construction of projects, in the first place by the production of transition occupational projects and then by the constant rebuilding of professional projects in the work world. Findings demonstrates that the “psychotic persons” currently living at world that is in a transition should create special places for themselves changing the “mad” concept by the work transformed in a support for them, at the same time that they find an extreme difficulty to do this task.

I

INTRODUÇÃO**Origens e Caminhos****1.1. Definição do objeto de pesquisa¹**

O presente projeto tem suas origens em 1994 quando o pesquisador trabalhava em instituições de saúde mental da zona norte da cidade de São Paulo e percebeu que, apesar do freqüente discurso da luta antimanicomial, pouco se fazia no sentido de desvincular o paciente, intitulado de “psicótico”, da posição de usuário em saúde mental.

O indivíduo que viveu uma experiência psicótica será nomeado de “pessoa psicótica” ou “louco” no presente projeto, entre parênteses para destacar que é uma categoria de significação e nomeação que está em mudança, e muda porque o mundo como um todo passa por um momento de mudança e transição².

*Colocar um **fenômeno** entre parênteses representa uma importante demarcação epistemológica no âmbito da tradição do pensamento filosófico existencial: consiste na idéia de que o **fenômeno** não existe em si, mas é construído pelo observador, é um constructo da ciência, e só existe enquanto inter-relação com o observador. E, portanto, se o observador, sujeito do conhecimento constrói o **fenômeno**, este é parte do primeiro, é parte de sua cultura e de sua subjetividade. (Amarante, 1999, p.49).*

Arcaro (1989) nos indica que uma rede de recursos extra-hospitalares tem sido montada em decorrência do movimento da luta antimanicomial incluindo-se:

- Unidades Básicas de Saúde (responsáveis pela profilaxia e tratamento de menor intensidade);

¹ Segundo sugestões de Contandriopoulos (1999).

² Essa questão será mais bem explorada adiante.

- Ambulatórios de Saúde Mental (responsáveis pelo tratamento de intensidade máxima);
- Hospitais-Dia (unidades de semi-internação alternativas aos manicômios, onde os pacientes passam o dia em atividades terapêuticas e retornam às suas casas para passar a noite);
- Enfermarias Psiquiátricas nos Hospitais Gerais (internações de curta duração);
- Lares abrigados (para os pacientes sem família);
- CAPS ou NAPS (Centro ou Núcleo de Atenção Psicossocial), no qual são desenvolvidas atividades de reabilitação e reinserção social, além de oficinas de preparação para o trabalho;
- CECCO (Centros de Convivência e Cooperativas), no qual são realizadas oficinas estruturadas e cooperativas para todos aqueles que desejarem, visando atender “pessoas psicóticas” e não psicóticas e gerando o encontro entre ambas para um projeto comum;
- Acompanhamento Terapêutico (A.T.), que transformou a rua em um espaço clínico acreditando ser um recurso que garante à “pessoa psicótica” estar no social, gerando uma demanda de querer ser no social, ou seja, produzir e habitar seus fluxos de significação de forma gradativa, num ir e vir que constituiria o movimento possível, de estar num lugar (exclusão) e poder visitar outro - a rua (como símbolo de inclusão), modificando tanto o excluído (a loucura), quanto o sujeito da exclusão (imaginário social). (Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa, 1991).

Apesar disso, Amarante (1999) nos alerta que:

... a luta antimanicomial, significando a crise do hospital e de outras instituições totalitárias de confinamento, pode representar o nascimento de outras tecnologias de controle (hospitais-dia, centros e núcleos de atenção psicossocial – em nosso caso particular), com o início de novas liberdades, mas, também, de novos mecanismos de controle que venham

a ocupar o lugar dos antigos modelos de confinamento. Guardadas as devidas proporções, isto significa atentar para o modelo da “gestão de riscos” que Castel³ verificou ao analisar o modelo psiquiátrico caplaniano, quando a psiquiatria preventiva parecia opor-se, mesmo para muitos segmentos progressistas, ao modelo manicomial, e, no entanto, representou uma ampliação do território psiquiátrico, isto é, aumentou a legitimidade da psiquiatria em administrar os conflitos sociais, éticos, políticos e ideológicos. (Amarante, 1999, p.52).

A luta antimanicomial pregava a autonomia da pessoa que teve uma crise psicótica, e era comumente chamada de “louca”, e uma mudança na concepção cultural do que é loucura (processo de estigmatização do “louco”), mas o que se via no cotidiano da saúde mental ainda era uma prática curativa e paternalista, que parecia não acreditar nessas mudanças, pois qualquer movimento de autonomização do paciente era visto com dúvidas e reticências.

Fernandes (1999) também chama a atenção para o fato de que o desafio para a luta antimanicomial seria “... *desvendar as brechas através das quais os processos manicomiais continuam a se insinuar sob as vestes dos novos discursos e das novas práticas.*” (p.39).

A constatação de uma dificuldade de mudanças teórico-técnicas na saúde mental parecia ser um longo trajeto penoso e complexo, afinal a cultura manicomial já era centenária e arraigada na identidade de cada um. Diante disso, percebia-se que o momento do tratamento recebia especial atenção e era desenvolvido de uma forma satisfatória e estruturada, mas o momento da desvinculação e da chamada reintegração social parecia não se consolidar, e os inúmeros pacientes acabavam por retornar às instituições de saúde mental após uma nova crise ser desencadeada, perpetuando uma vida ligada a um espaço de doença, afinal uma instituição de saúde tem como metas básicas evitar e tratar doenças.

³ CASTEL, Robert. **A gestão dos riscos: da antipsiquiatria à pós-psicanálise.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

O tratamento e a própria reintegração social, metas da saúde mental, pareciam manter a sociedade distante da realidade da loucura, reproduzindo o papel que a psiquiatria ocupou por longas décadas de agente de controle da loucura e do “louco”. (Cruz, 1992).

Recentes pesquisas apontam para tal constatação (Conley, 1999; Cook, 1999; Honey, 2000 e Kupper & Hoffmann, 2000)⁴ e assinalam a necessidade de revisão dos programas de reabilitação psicossocial. Pitta (2001) fala que a:

... reabilitação psicossocial deveria ser um novo tratado ético-estético que negocia uma clínica cuidadosa a inúmeras iniciativas de convívio, lazer, moradia e trabalho que favorecem trocas intersubjetivas e são também espaços de exercício de cidadania ativa. (contracapa).

Apesar dessas constatações algumas experiências vinham sendo desenvolvidas na realidade brasileira⁵ com o intuito de não só acolher a pessoa que teve uma crise psicótica no momento de sua crise, mas também ter ciência que a crise provoca mudanças psicossociais significativas⁶, e que o retorno à vida social sem crise é uma etapa tão importante quanto acolher essa pessoa em crise.

⁴ CONLEY, Ronald W. Severe mental illness and the continuing of the Federal-State Vocational Rehabilitation Program. **Journal of Disability Policy Studies**, v. 10, n. 1, p. 99-126, 1999.

COOK, Judith A. Understanding the failure of vocational rehabilitation: what do we need to know and how can we learn it? **Journal of Disability Policy Studies**, v. 10, n. 1, p. 127-132, 1999.

HONEY, Anne. Psychiatric vocational rehabilitation: where are the costumers' views? **Psychiatric Rehabilitation Journal**, v. 23, n. 3, p. 270-279, 2000.

KUPPER, Zeno; HOFFMANN, Holger. Course patterns of psychosocial functioning in schizophrenia patients attending a vocational rehabilitation program. **Schizophrenia Bulletin**, v. 26, n. 3, p. 680-698, 2000.

⁵ Projeto-Trabalho da Associação Franco Basaglia de São Paulo; Cooperativas de Trabalho de ex-usuários em saúde mental (por exemplo, a cooperativa “Papel de Gente” de São Paulo); Oficinas de Geração de Renda da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Núcleo de Trabalho do FASAM (Associação de Familiares e Amigos da Saúde Mental de Itu); só para citar algumas iniciativas isoladas, que ainda não se constituem numa rede.

⁶ Tema que será explorado com mais detalhes nos próximos itens da tese.

Saraceno (2001) diz que a reabilitação psicossocial é uma necessidade e uma exigência ética, que se constitui em algo mais do que passar um usuário de saúde mental de um estado de desabilidade (perda de possibilidades de sobrevivência por conta das crises) a um estado de habilidade.

Deve-se resgatar e desenvolver o potencial de contratualidade de cada um, entendido como a habilidade da pessoa em efetuar trocas nos espaços concretos de ação, ou seja, nos espaços públicos de interação: habitat (moradia), rede social (espaços de interação como as ruas, supermercados, etc.) e o trabalho com valor social (não realizado em oficinas protegidas que são um fim em si mesmas e não um momento de transição: uma oficina de teatro seria uma etapa para a reconstrução dessa contratualidade, não necessariamente o seu término: deve-se passar por, não terminar em).

Com o tempo fomos percebendo que, via de regra, o tratamento é um processo longo e que envolve também intervenções na vida objetiva do indivíduo e na sua relação com a sociedade. (Motta, 1997, p.54).

Essa constatação traz a possibilidade de pensar novas alternativas para a saúde mental que gerassem a autonomia do “louco” e não sua eterna dependência de profissionais; e os próprios pacientes apontavam em seus discursos diários saídas para sua situação, sendo recorrente o desejo de voltar a trabalhar: o trabalho parecia estar associado à saúde e ao reconhecimento social.

Álvares (1990, p.134) aponta algumas falas nesse sentido:

“Ele não trabalha, não tem juízo”.

“Começou a chorar e dizer que queria se suicidar porque não conseguia trabalhar”.

“Nunca pegou emprego, não tem cabeça boa”.

Completa dizendo:

O corpo é efetivamente um instrumento de trabalho; esta parece ser sua força primordial e a que determina por assim dizer o que é doença ou não, na medida em que essa função esteja ou não ameaçada. Isto vai fazer com que também a noção de saúde (e por extensão a de cura) esteja bastante vinculada à possibilidade de retorno à função laborativa. (Álvares, 1990, p.134).

Chandler, Levin & Barry (1999); Fischler & Booth (1999); Lurie (1997) e Mitchell (1998), só para citar algumas pesquisas, apontam a importância indispensável do trabalho para a reabilitação psicossocial⁷.

Uma primeira idéia seria possibilitar que o processo de reintegração social culminasse na colocação profissional do ex-paciente, por isso muitos são os programas de reinserção laboral na literatura (Holzner, Kemmler & Meise, 1998; Rust, 1987; Soares, 1991 e Yasuy, 1989)⁸, só para citar alguns artigos sobre o tema.

Motta (1997), Pitta (2001) e Saraceno (2001) indicam que a atividade profissional poderia ser uma possibilidade estruturante na clínica da psicose, mas concordam também que não basta ter um emprego, pois muitos o tinham e

⁷ CHANDLER, Daniel; LEVIN, Shelley; BARRY, Paul. The menu approach to employment services: philosophy and five-year outcomes. **Psychiatric Rehabilitation Journal**, v. 23, n. 1, p. 24-33, 1999.

FISCHLER, Gary; BOOTH, Nan. **Vocational impact of psychiatric disorders: a guide for rehabilitation professionals**. Minneapolis: Aspen, 1999.

LURIE, A. Strategies for helping young adults with severe mental disorders. **Social Work Health Care**, v. 25, n. 3, p. 37-48, 1997.

MITCHELL, Damian. Purposeful activity for people with enduring mental health problems: reflections from a case study. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 12, n. 5, p. 282-287, 1998.

⁸ HOLZNER, B.; KEMMLER, G.; MEISE, U. The impact of work-related rehabilitation on the quality of life of patients with schizophrenia. **Social Psychiatric & Psychiatric Epidemiology**, v. 33, n. 12, p. 624-631, 1998.

RUST, T. A vocational promoting course – initial experiences with rehabilitation program for long-term psychiatrics patients. **Soz Präventivmed**, v. 32, n. 3, p. 150-154, 1987.

SOARES, Léa Beatriz Teixeira. A reabilitação no Estado brasileiro de 1950 a 1980. **Terapia ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?** São Paulo: Hucitec, 1991. p. 101-138.

YASUY, Silvio. CAPS: aprendendo a perguntar. **SaúdeLoucura**, n. 1, p. 47-59, 1989.

continuavam a ter crises recorrentes, algo mais seria necessário (Cunningham, Wolbert & Brockmeier, 2000 e Reker & Eikermann, 1999)⁹.

Saraceno (2001), ao apontar a necessidade que todo programa de reabilitação psicossocial possibilite o resgate e o desenvolvimento de uma contratualidade social, diz que um trabalho só é trabalho quando tem um valor social agregado e isso pressupõe que seja algo que permita uma relação com o mundo (trabalho como emancipação) e não seja um simples fazer sem sentido (trabalho como robotização).

Blankertz & Robinson (1996); Bond et al. (1999); Fabian (1999); Lysaker & France (1999) e Muller & Bodege (1993)¹⁰ colocam a necessidade de um trabalho de orientação vocacional associado aos serviços de reabilitação profissional de “pessoas psicóticas”.

Cook & Razzano (2000) e Ross & Spencer (1988)¹¹ trazem nas conclusões de suas pesquisas pedidos explícitos de “pessoas psicóticas” que requisitam ajuda na reestruturação de suas vidas profissionais, mas indicam que esse tipo de trabalho quase nunca é realizado, pois o objetivo sempre recai no treinamento da “pessoa

⁹ CUNNINGHAM, Kiran; WOLBERT, Randall; BROCKMEIER, Mary Beth. Moving beyond the illness: factors contributing to gaining and maintaining employment. **American Journal of Community Psychology**, v. 28, n. 4, p. 481-494, 2000.

REKER, T.; EIKELMANN, B. Predictors of success in supported employment programs – results of a prospective study. **Psychiatric Prax**, v. 26, n. 5, p. 218-223, 1999.

¹⁰ BLANKERTZ, L.; ROBINSON, S. Adding a vocational focus to mental health rehabilitation. **Psychiatric Services**, v. 47, n. 11, p. 1216-1222, 1996.

BOND, Gary R. et al. Effectiveness of psychiatric rehabilitation approaches for employment of people with severe mental illness. **Journal of Disability Policy Studies**, v. 10, n. 1, p. 18-52, 1999.

FABIAN, Ellen S. Rethinking work: the example of consumers with serious mental health disorders. **Rehabilitation Counseling Bulletin**, v. 42, n. 4, p. 302-316, 1999.

LYSAKER, Paul H.; FRANCE, Christopher M. Psychotherapy as an element in supported employment for persons with severe and persistent mental illness. **Psychiatry: Interpersonal & Biological Process**, v. 62, n. 3, p. 209-221, 1999.

MULLER, C.; BODEGE, R. Vocational promotion of psychiatrically handicapped patients in a Frankfurt main vocational training center. **Rehabilitation**, v. 32, n. 1, p. 40-47, 1993.

¹¹ COOK, Judith A.; RAZZANO, Lisa. Vocational rehabilitation for persons with schizophrenia: recent research and implications for practice. **Schizophrenia Bulletin**, v. 26, n. 1, p. 87-103, 2000.

ROSS, Thomas J.; SPENCER, Farida. Rehability and utility of MVS for a psychiatric population. **The Career Development Quarterly**, v. 37, n. 1, p. 70-77, 1988.

psicótica” para ingressar no mercado de trabalho através de programas de recolocação profissional *stricto sensu*.

Macias (2001) e Becker et al. (1996) apontam em suas pesquisas a necessidade indispensável de levar em conta as escolhas da “pessoa psicótica” como fator relevante para qualquer programa de reabilitação psicossocial e laboral, pois concluíram que:

... pessoas que conseguiram se empregar em áreas de preferência pessoal ficaram mais satisfeitas com seus empregos e permaneceram neles duas vezes mais tempo que aqueles que trabalharam em áreas não-preferidas. (Becker et al., 1996, p.1223)¹².

Através de pesquisas em alguns periódicos significativos na área de orientação profissional, como o Journal of Counseling and Development, L’Orientation Scolaire et Professionnelle e o The Vocational Guidance Quarterly, verificamos a quase inexistência da apresentação de trabalhos e pesquisas de orientação profissional para “pessoas psicóticas” nos últimos vinte anos, com exceção de dois artigos: um sobre um programa escolar em orientação vocacional para pessoas emocionalmente perturbadas e outro sobre um programa de informação profissional on-line para pessoas com problemas psiquiátricos (citado em um artigo do The Vocational Guidance Quarterly)¹³.

A realidade da Argentina traz algumas contribuições importantes, principalmente a existência de serviços de orientação profissional nos seus principais hospitais gerais e psiquiátricos, engendrando a orientação profissional como um trabalho de prevenção e promoção em saúde mental.

¹² “People who obtained employment in preference areas were more satisfied with their jobs and remained in their jobs twice as long as those who worked in no preferred areas.” (Becker et al., 1996, p.1223).

¹³ LEVINSON, Edward M. A vocationally oriented secondary school program for the emotionally disturbed. **The Vocational Guidance Quarterly**, v. 33, n. 1, p. 76-81, 1984.

RACONSTEIN, J. M. An end user survey on the development of an on-line job information system for the people with psychiatric disabilities in Hong Kong. **Journal of Vocational Rehabilitation**, v. 17, n. 1, p. 33-38, 2002.

A maioria desses serviços é aberto à população e atinge em geral os públicos mais tradicionais da orientação profissional, que seriam adolescentes em fase de transição da escola para o trabalho, em processo de escolha e reescolha de um curso superior e adultos buscando orientação de carreira e orientação ocupacional.

Dentre essas experiências temos que destacar os trabalhos de orientação profissional desenvolvidos no “Hospital de Rehabilitación Manuel Rocca” que atende seus pacientes (portadores de deficiência e “pessoas psicóticas”), através de um atendimento grupal clínico de 8 a 10 sessões semanais; e, principalmente, no Hospital Psiquiátrico José T. Borda, que mantém um serviço de orientação profissional específico para os seus internos, visando a preparação para a saída do hospital através da elaboração de projetos profissionais realizados em programas de orientação profissional.

... a Orientação Vocacional no contexto hospitalar (...) é uma forma de conceber a saúde mental, pois pela reforma que vem se dando na instituição pública, o atendimento do Hospital Borda não se esgota na loucura e sim na oferta de promoção e prevenção em saúde mental. (Re-vista Vocacional, 2002, p.79)¹⁴.

Diante dessas constatações, e levando em conta a carência de trabalhos de orientação profissional para “pessoas psicóticas”, surgiu a idéia de criar um espaço intermediário entre o momento em que a pessoa recebia um tratamento e o momento em que era encaminhada para trabalhos de reintegração social, que teria como objetivo auxiliar essa pessoa a refletir sobre seu histórico profissional e sobre suas possibilidades futuras no mundo do trabalho, que culminou em um projeto-piloto que foi realizado no Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã em São Paulo nos anos de 1995 e 1996. (Ribeiro, 1998a).

¹⁴ “... la Orientación Vocacional en el contexto hospitalario (...) es una forma de concebir la salud mental, por la reforma que se viene dando en la institución pública, la prestación del Hospital Borda no se agota en la locura, sino que oferta promoción y prevención en la salud mental.” (Re-vista Vocacional, 2002, p.79).

Esse projeto-piloto se constituía na oferta de um espaço intitulado de “atelier de trabalho para psicóticos” (oficinas grupais), no qual as pessoas que já estavam se sentindo preparadas para voltar ao trabalho resgatavam sua história profissional e pensavam alternativas de inserção profissional para si, sendo uma escolha pessoal estar freqüentando essas oficinas.

Os resultados dessa primeira experiência trouxeram indícios de que algo poderia ser feito no sentido da idealização e concretização de um trabalho de orientação profissional para “pessoas psicóticas”, que auxiliasse na construção de projetos de vida profissionais, o que se concretizou no projeto que aqui está sendo apresentado, que tem como objetivo geral o desenvolvimento de uma proposta de novos modelos de intervenção em saúde mental através da elaboração de um modelo de orientação profissional específico para “pessoas psicóticas”.¹⁵

1.2. Justificativas

Esse projeto tem objetivos teóricos e práticos, mas principalmente é movido pela necessidade *sine qua non* que haja num projeto de psicologia, e ainda mais quando se refere a área de orientação profissional, um compromisso social inerente,

¹⁵ Alguns autores, inclusive, sugerem que se faça um programa preventivo nas escolas junto aos adolescentes identificados como “pessoas psicóticas”:

AGOVSKA, Adriana; SERDEVA, Sabina. Problèmes de l’orientation scolaire et professionnelle des élèves souffrant de maladies chroniques en Bulgarie. **L’Orientation Scolaire et Professionnelle**, v. 24, n. 2, p. 193-204, 1995.

LEVINSON, Edward M. A vocationally oriented secondary school program for the emotionally disturbed. **The Vocational Guidance Quarterly**, v. 33, n. 1, p. 76-81, 1984.

POREH, A.M.; SCHULLEN, C. Vocational interests and career indecision among psychosis-prone students. **Psychological Reports**, v. 83, n. 2, p. 599-607, 1998.

RUND, B.R. et al. The psychosis project: outcome and cost-effectiveness of a psycho educational treatment program for schizophrenic adolescents. **Acta Psychiatrica Scandinava**, v. 89, n. 3, p. 211-218, 1994.

não deixando a produção científica dissociada e alienada, podendo sempre reverter para os espaços sociais.

Esta proposta tem como eixo a possibilidade de criação de um espaço que gere a reapropriação da “pessoa psicótica” sobre a sua própria história, que geralmente lhe é tirada pela experiência da loucura, ou pela sociedade, ou paradoxalmente pelas próprias práticas de saúde mental que, muitas vezes, não consideram certo grau de autonomia da “pessoa psicótica” como elemento que favoreça ou faça parte do seu tratamento.

Justifico essa idéia pela constatação da carência de espaços que resgatem a possibilidade de escolher e a capacidade de decidir da “pessoa psicótica”, e que possam incluir um campo que justapõe tanto a área saudável como a psicótica, onde, sem negar a sua condição, ofereça um lugar para o desenvolvimento de estratégias identitárias de construção de projetos, através de uma orientação assistida (*holding* qualitativo) o que facilitaria a recriação das relações sociais.

A manutenção da “pessoa psicótica” em instituições (fechadas ou abertas) a leva ao caminho da cronificação, que lhe destitui de qualquer capacidade produtiva; muitas vezes isso é o que é oferecido como espaço de vida, ou então o mecanismo de aposentadoria por invalidez, criado pela sociedade, que garante, por um lado, o sustento financeiro, porém relega, por outro lado, a “pessoa psicótica” a uma exclusão dos fluxos produtivos da sociedade definitivamente.

Os principais pontos que justificam esse trabalho, portanto, são:

- A carência de um modelo de intervenção na atenção à loucura que ofereça um espaço para elaboração de projetos ocupacionais e profissionais, que é terreno da orientação profissional (dimensão teórico-técnica);
- A falta de uma retomada histórica da relação do mundo psicótico com o mundo do trabalho (dimensão histórica);
- A ausência de uma reflexão teórica sobre a construção da identidade profissional da “pessoa psicótica”, que se constitui numa esfera da identidade pessoal (dimensão teórica);
- A importância de pensar a psicose como uma condição psicossocial diferente da dita “normalidade”, que não deve ser corrigida, tratada ou adequada, mas antes encarada com suas especificidades;

- A importância da proposta de modelos de atenção psicossociais (clínico e social simultaneamente) que pensem a psicose, não como um desvio ou um problema, mas sim uma forma relacional de outra espécie (dimensão política);
- A realização de um projeto-piloto para “pessoas psicóticas” de reflexão sobre o trabalho e o trabalhar, nomeado de “Atelier de Trabalho para Psicóticos” (Ribeiro, 1998a), desenvolvido no Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã da Rede Pública de Saúde do Estado de São Paulo durante os anos de 1995 e 1996, e o atendimento individual de “pessoas psicóticas” em orientação profissional no Setor de Orientação Profissional do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (iniciado em 1995 e se estendendo até o presente momento), que apontavam a viabilidade da elaboração do projeto que aqui se coloca.

1.3. Colocação do problema e pressupostos iniciais: uma proposta de trabalho¹⁶

A constatação prática da carência de modelos que se proponham a cuidar do espaço que oferece reintegração social, que na maior parte das vezes mantém a “pessoa psicótica” vinculada a espaços de saúde mental, nos aponta uma situação problemática em termos de estratégias de intervenção, originando uma discordância

¹⁶ Segundo sugestões de Severino (1996).

entre o modelo empregado de reintegração social e as demandas da realidade das “pessoas psicóticas”.

O presente projeto tentará propor saídas alternativas para essa discordância através de uma investigação empírica sistemática, buscando apontar caminhos para o problema apresentado, através da elaboração de um modelo de orientação profissional para “pessoas psicóticas”, que terá como eixo a exploração da importância da construção de projetos ocupacionais e profissionais, do exercício de uma atividade profissional e da elaboração de estratégias identitárias para a estruturação da identidade da “pessoa psicótica” (delimitação do problema).

A *hipótese geral* do projeto é que: “O trabalho, enquanto espaço de vida e ação social, pode ser o espaço de resgate do vínculo eu-mundo e da possibilidade de desenvolvimento de estratégias identitárias de construção de projetos, através de um trabalho de *holding* qualitativo, realizado em oficinas de orientação profissional”.

Alguns pressupostos teóricos (que serão apresentados e desenvolvidos nas articulações conceituais) nortearam nossa temática e sua problematização. São eles:

- O mundo atual se encontra com suas antigas mediações institucionais fragilizadas, o que está gerando um momento de transição no qual antigos modelos não servem e novos modelos ainda não se constituíram, criando uma brecha para que a experiência da loucura e da “pessoa psicótica” possa ser resignificada no espaço das relações sociais, não se configurando apenas como um estigma, mas como uma nova possibilidade existencial dentre tantas outras que poderão surgir nesse momento;
- A psicose pode não se constituir somente numa desestruturação definitiva ou numa doença mental, mas, para isso ter-se-á uma nova organização da relação social diferente da já encontrada, que se encontra cada vez mais diluída;
- A loucura vem sendo auxiliada geralmente pela saúde mental, o que possibilita o tratamento da “pessoa psicótica”, mas nem sempre atinge o objetivo de facilitar seu retorno à vida social, que deve ser trabalhado nas próprias relações sociais, ou seja, a atenção à loucura não deve ser tratada somente no âmbito da saúde, mas atingir a vida social. Isso não significa uma troca de responsabilidades da psicologia clínica para a psicologia social, mas

o reconhecimento de que ambas são complementares e devem atuar em sintonia, inclusive não se restringindo às áreas diretamente ligadas à saúde mental, mas convidando a sociedade a participar desse processo;

- O trabalho ainda é um importante meio de resgate da identidade e de reconhecimento social;
- A possibilidade de fazer escolhas, de tomar decisões e de desenvolver projetos ajuda na reestruturação da identidade da “pessoa psicótica” através do desenvolvimento de estratégias identitárias;
- Os dispositivos grupais são meios eficazes de auxílio na reestruturação identitária e na elaboração de projetos, pois se desenvolvem em relação com a coletividade a que a “pessoa psicótica” faz parte e são espaços artificiais que sustentam externamente os projetos a serem desenvolvidos;
- O papel da orientação profissional é facilitar o processo de reapropriação gradativa sobre si no espaço social e gerar estratégias identitárias para a operacionalização e organização de projetos ocupacionais e profissionais;
- A orientação profissional se constituiria, então, numa formação intermediária, que facilitaria a transição de um espaço de doença (tratamento em instituições de saúde mental) para um espaço de possibilidade de saúde (espaço social, como, por exemplo, o trabalho). O desenvolvimento do indivíduo se dá pela passagem de um estado de dependência absoluta (“pessoa psicótica” em tratamento) para um estado de caminho para a dependência relativa (“pessoa psicótica” construindo projetos de vida profissional): fase que nunca é absoluta e aponta para a busca eterna da independência nunca encontrada, mas sempre buscada.

1.4. Objetivos¹⁷

- Tentar pensar a psicose (ou a loucura) na atual conjuntura social que se encontra instável, fragilizada, dissociada e pouco continente; bem como a atual situação daqueles a quem se habituou chamar de “pessoas psicóticas” ou “loucos”;

¹⁷ Segundo sugestão de Luna (1999).

- Resgatar a história da saúde mental e propor formas alternativas de entendimento e atenção à loucura que integrem a vida social como parte das estratégias de auxílio à “pessoa psicótica”;
- Ampliar o corpo conceitual da orientação profissional, tendo como referência a atual situação de transição do mundo;
- Desenvolver uma abordagem teórico-técnica psicossocial em orientação profissional para “pessoas psicóticas”, reconhecendo que as esferas subjetiva e social são pólos extremos de um mesmo elo de continuidade, sendo, portanto, necessária à oferta de um espaço que crie condições para o desenvolvimento psicossocial das pessoas;
- Propor um modelo de orientação profissional, através de oficinas assistidas, que se constitua em um momento intermediário entre o tratamento e a reabilitação, e prepare a “pessoa psicótica” para a vida (mais especificamente a vida profissional), suspensa temporariamente pela crise.

Diante disso tudo, o projeto de orientação profissional para “pessoas psicóticas” surge como uma possibilidade de refletir sobre o corpo teórico construído acerca da loucura e elaborar uma nova proposta de ação, que desloque seu eixo da saúde mental para a vida social. Pretende trazer uma pequena contribuição e sugerir novos caminhos para a saúde mental e a orientação profissional, tendo ciência da grandiosidade do problema abordado, e que a solução de grandes problemas é fruto de um trabalho de criação coletiva e necessita de um espaço de tempo que transcende aquele de um projeto individual de pesquisa. (Luna, 1999).

II

ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS

2.1. A história da loucura

A loucura sempre foi um tema que fascinou a humanidade desde o princípio, mas que tem muitas modificações no circuito temporal, pois como nos aponta Foucault (1975): a loucura depende de uma significação da cultura na qual ela se mostra. Essa constatação se faz fundamental, pois a loucura seria, então, uma categoria antropológica historicamente construída.

Um bom exemplo da significação cultural empregada aos fenômenos da loucura é o livro de Clément e Kakar (1997)¹⁸, que aponta a trajetória de dois personagens do final do século XIX com um eixo em comum: ambos tinham alucinações e visões. Madeleine, francesa, foi considerada louca, internada e tratada por Pierre Janet; enquanto Ramakrishna, indú, adorador da deusa Kali, foi reconhecido como místico e santo.

Expressões fenomênicas semelhantes, destinos totalmente diversos.

Frayze-Pereira (1982) nos aponta que podemos pensar em duas possibilidades para a loucura:

- a) Loucura como saber (“louco” como iluminado que conhece e desvela a verdade do ser);
- b) Loucura como falha (ausência de lucidez).

Em ambos os casos o “louco” está excluído do universo comum dos mortais, portanto, a definição de loucura depende da definição do ser humano sobre si próprio e não seria uma entidade passível de ser definida em si mesma.

Canguilhem (1982), ao tentar definir o que é normal, nos diz que a norma só é fixada pela possibilidade do anormal, que nada mais é do que a negação da lógica da

¹⁸ CLÉMENT, Catherine; KAKAR, Sudhir. **A louca e o santo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

norma, que visa eliminar qualquer diferença possível e estabelecer um padrão totalizante.

Em suma: se o normal se define mediante a execução de um projeto normativo, este, ao mesmo tempo que engendra o anormal (o anormal é condicionado pelo normal), é acionado por ele (o anormal é condição do normal). Em outras palavras, o anormal é uma virtualidade inscrita no próprio processo de constituição do normal e não um fato ou uma entidade autônoma que definiríamos pela identificação de um conjunto de propriedades delimitadas e imutáveis. O anormal é uma relação: ele só existe na e pela relação com o normal. Normal e anormal são, portanto, termos inseparáveis. E é por isso que é tão difícil definir a loucura em si mesma. (Frayze-Pereira, 1982, p.22).

Ao longo da história, foram várias as formas que a humanidade encontrou para lidar com o que chamamos de loucura, mas um aspecto parece ser constante: a loucura sempre é vista como um desvio, um afastamento das normas, dentro do qual um indivíduo não consegue reconhecer sua humanidade, não consegue utilizar os materiais que a cultura põe a disposição para viver simbolicamente suas experiências e comunicá-las aos outros, e vive um processo de dessocialização e desindividualização.

Ser louco significaria ser des-humanizado e des-culturado.

A loucura seria sempre marcada por essa visão negativa de que algo falta ao indivíduo, por exemplo, na história antiga, na qual havia um predomínio da visão mítica da realidade, uma pessoa ficava louca em função de uma intervenção divina sobre os mortais que desafiavam os deuses, pois eram eles que determinavam o destino dos homens: Belerofonte ao tentar escalar o Olimpo e atingir os imortais teve grave alteração psicológica e recebeu o destino, traçado por Zeus, de vagar sem rumo por um deserto sem fim¹⁹.

¹⁹ A psiquiatria orgânica moderna diria que houve uma descompensação de lítio e Belerofonte teria desenvolvido um transtorno de humor bipolar, estando em estado de mania.

Mas como a história continuou construindo a loucura?

Foucault (1975) diz que a loucura emerge da relação com uma razão que necessita da própria loucura para existir como razão e que o processo de divisão e separação da razão e não-razão, é que colocou a indissociabilidade entre loucura e patologia, pois esse vínculo não é universal, e, por conseguinte, nem tudo que é não razão (diferente) seria patológico.

A suspensão do diálogo entre razão e loucura, a supremacia da razão (normalidade) sobre a loucura (anormalidade) e a tentativa de definição da loucura como um fato em si mesmo, destituindo sua característica relacional (indivíduo em relação a si mesmo e ao mundo), possibilitaram a criação de um monólogo da razão sobre a loucura.

Frayze-Pereira (1982) nos coloca que podemos distinguir três momentos da loucura na fase pós-Idade Média:

a) O período da liberdade (final da Idade Média até o século XVI)

Ao final da Idade Média, a loucura era vivida em estado livre e parte integrante da vida cotidiana, sendo exaltada por suas obras: loucura e sabedoria estavam muito próximas e se interpenetravam.

A loucura traria ao ser humano a possibilidade da experiência trágica com suas fraquezas, mas também a consciência crítica sobre essas fraquezas (moral), mas o século XVI presenciou o começo do domínio da consciência crítica sobre a experiência trágica, em função da ascensão da burguesia e do racionalismo cartesiano.

b) O período das grandes internações (séculos XVII e XVIII)

Tudo aquilo que é obstáculo à ordem do mundo é aprisionado (sabedoria e loucura se separam, pois segundo o pensamento cartesiano, o eu que não pensa, não pode existir, e pelo pensamento o perigo da loucura é afastado); e todos aqueles que ameaçavam a norma social eram colocados nos hospitais gerais, sendo a preguiça apontada como o mal supremo. “*O trabalho é, portanto, moralmente obrigatório.*” (Frayze-Pereira, 1982, p.65).

Com a Revolução Francesa, marco da consolidação das doutrinas liberais no mundo, e com o crescente processo de capitalização da economia, principalmente

pela revolução fabril, o indivíduo passa a ser peça chave na máquina do mundo, que deve produzir para que o mundo possa continuar existindo.

Nesse contexto, qualquer indivíduo que não conseguisse produzir era colocado à margem da sociedade e lançado prisioneiro em grandes instituições fechadas: prostitutas, mendigos, ladrões, aleijados, doentes incapacitados e também os “loucos” faziam parte desse grupo. O “louco” seria, então, um tipo especial dentro da heterogeneidade dos não-produtivos, visto como alguém que não pode habitar a sociedade e sendo excluído das relações sociais.

A loucura passa a ser vista como uma escolha perversa (uma questão da vontade, portanto uma questão ética) pela miséria, pela incapacidade para o trabalho, e pela impossibilidade de integrar-se aos grupos sociais.

O “louco” seria o ser humano despojado de sua humanidade, pois quem não se controla pelo pensamento, não pode ser humano em função de não estar expressando sua humanidade. Dentro desse contexto, começam a surgir instituições especiais (asilos) para a reeducação moral dos “loucos”: a loucura se torna objeto médico e ganha valor de doença.

Os “loucos” seriam pessoas com alterações orgânicas e morais significativas, que deveriam passar por um processo de reeducação moral no interior dos grandes manicômios para retornar a sociedade: os “loucos” se tornam doentes mentais e a doença mental sofre um processo social de estigmatização, ou seja, uma vez apresentado qualquer quadro de loucura, o “louco” ganhava o rótulo de doente mental e estava permanentemente incapacitado socialmente, devendo ficar excluído das relações sociais e permanecer internado nos grandes manicômios.

c) Época contemporânea do domínio científico da medicina sobre a loucura que, capturada, se transforma em doença mental (século XIX até os dias de hoje)

O final do século XIX e a primeira metade do século XX presenciaram a estigmatização da loucura que, transformada em doença mental, se tornou motivo de exclusão social. Essa foi à época do predomínio de uma visão positivista de mundo, na qual existia a necessidade de uma explicação objetiva deste e das pessoas, baseada em parâmetros concretos e comprovados: era a época do certo e do errado, e o certo era que o “louco” era um doente mental que necessitava ser tratado e para isso deveria ser excluído das relações sociais.

A figura do discurso competente do especialista se interpõe entre a loucura e o ser humano através da psiquiatria que transforma a loucura em doença mental e objeto de conhecimento científico com duas origens possíveis (ambas baseadas numa norma de saúde):

- Doença mental como doença cerebral (visão organicista da loucura);
- Doença mental como distúrbio da personalidade (visão mentalista da loucura).

A impossibilidade do diferente se torna fato natural e inquestionável, ocultando a dimensão relacional da loucura, como já nos apontara Foucault (1975). Nesse sentido, a loucura é circunscrita, não pelo conhecimento que se tem dela, mas pelo domínio que lhe é exercido.

Num mundo estável e definido com relações estáveis e, de certa forma, duradouras, a idéia de que o “louco” deva ser excluído por sua incapacidade de melhorar e de produção social, coloca uma concepção de loucura que cabe ao ideário positivista de previsibilidade, pois o prognóstico do “louco”, transformado em doente mental, se tornar normal era pequeno, portanto, nada mais justo do que proteger a sociedade e os próprios “loucos” de uma relação mútua que não beneficiaria ninguém.

Numa visão funcionalista, que dominava a época, o sistema deve ter um comportamento adaptativo a fim de eliminar as possíveis disfunções, e a doença mental era uma disfunção do sistema, pois o doente mental não conseguia “voltar ao normal”, portanto como fator de risco ao sistema, deveria ser excluído.

A loucura é vista como déficit ou desvio, numa visão negativa do fenômeno da loucura. Seria possível outra forma de ver a loucura? Seria possível uma visão positiva da loucura, marcada por características específicas do “louco” e não pela falta de algo? Como explicar o fenômeno da loucura?

2.2. As explicações para a loucura

Podemos dizer que o conceito de loucura historicamente variou pouco: seria a perda da autonomia psicológica (perda do autocontrole e da liberdade), seja pela razão que se perde, seja pelo instinto que invade os domínios da razão. As explicações da loucura percorriam duas trilhas:

- As explicações organicistas, que buscavam a doença constitucional de base (psicoses constitucionais);
- As explicações mentalistas, que buscavam compreender as psicoses endógenas sem necessariamente recorrer a um processo mórbido orgânico de base, mas sim à psicodinâmica do sujeito.

Vimos, ao longo da história, que a loucura, que era um fenômeno único e indivisível originariamente, se torna um fenômeno passível de vários olhares e capturado por várias formas de entendimento – movimento extensível a todo o entendimento da experiência humana, que passou a ser analisado pelo seu lado psicológico, social ou orgânico.

O que cada concepção versa a respeito da loucura?

2.2.1. As explicações orgânicas

As explicações orgânicas assumiam a loucura como doença mental e buscavam encontrar no corpo as possíveis causas do fenômeno da loucura, naturalizando-a e transformando a pessoa acometida de transtornos mentais (nomenclatura mais recente para doença mental) em um fenômeno permanente ou transitório, de acordo com a possibilidade de remissão dos sintomas, que poderiam permanecer para sempre e apenas serem controlados via terapia medicamentosa.

Mas como a medicina entende e aborda o fenômeno da loucura?

Fundamentalmente a medicina trabalha com a promoção da saúde, que se por muitos séculos foi definida como ausência de doença, atualmente teve seu espectro ampliado para um estado de perfeito bem-estar físico, mental e social (Organização Mundial da Saúde), alargando também as esferas de atenção e cuidado para com as pessoas, que por um longo tempo se restringiram à figura do médico.

A saúde seria o estado normal de funcionamento do ser humano, enquanto a enfermidade ou patologia seria a alteração ou transtorno de uma condição vital ou uma perturbação estrutural do ser vivo ou de parte de seu organismo, ou seja, um estado anormal por dano negativo – ausência de algo básico para o bom funcionamento do ser vivo, como, por exemplo, uma deficiência ou por dano

positivo – presença de estados mórbidos de desarmonia do ser vivo, como, por exemplo, uma alucinação visual. (Miranda-Sá, 2000).

O transtorno mental, assim como outra enfermidade qualquer, deve ser identificado e eliminado, portanto, na visão da medicina, a loucura é uma disfunção, do tipo mental, que deve sofrer uma intervenção para a restituição da homeostase do corpo humano.

2.2.1.1. Possibilidades e impossibilidades para o sujeito portador de transtornos mentais

Os transtornos mentais não são uma categoria uniforme no tocante às possibilidades de remissão total da doença, critério fundamental para definir a volta a uma vida normal, ou seja, sem alterações mórbidas prevalentes.

Uma alteração temporária do organismo tem maior chance de remissão, enquanto uma alteração da estrutura ou partes dessa estrutura de funcionamento do organismo teria menor chance de remissão e de vida normal no cotidiano.

A possibilidade ou não de remissão dos sintomas mórbidos de uma dada enfermidade e o grau em que o organismo é afetado, é que determinam a possibilidade para uma vida normal.

- **Uma impossibilidade de vida normal**

Alguns transtornos, como a esquizofrenia residual que tem a classificação F20.5 no CID-10 são descritas como um:

... estado crônico da evolução de uma doença esquizofrênica, com progressão nítida de um estágio precoce para um estágio tardio, que se caracteriza pela presença persistente de sintomas “negativos”, embora não forçosamente irreversíveis. (CID-10, 1997, p.319).

Esses transtornos geralmente perduram e complicam a possibilidade de uma vida normal, mesmo com toda terapêutica medicamentosa da medicina.

A impossibilidade de uma vida normal, com o organismo em equilíbrio e sem uma enfermidade presente, se mostra pela presença persistente de sintomas

mórbidos, que já afetaram a estrutura do organismo, não sendo sintomas passíveis de remissão.

- **Uma possibilidade de vida normal**

Alguns transtornos mentais implicam em desequilíbrios temporários do funcionamento do organismo, como, por exemplo, a hipomania que tem a classificação F30.0 no CID-10, colocando-a como um:

... transtorno caracterizado pela presença de uma elevação ligeira mas persistente do humor, da energia e da atividade, associada em geral a um sentimento intenso de bem-estar e de eficácia física e psíquica. (CID-10, 1997, p.325).

A hipomania complica temporariamente a vida do indivíduo, mas quando cessa sua sintomatologia, pela atuação da terapêutica medicamentosa, ele pode retornar às suas atividades cotidianas normais, com a homeostase orgânica plena.

2.2.2. As explicações mentalistas: a psicanálise

As explicações mentalistas ou psicológicas, das quais destaco a psicanálise, tentaram apontar a construção subjetiva como causa dos possíveis sintomas gerados após uma crise psicótica – termo utilizado para designar a loucura.

Laplanche e Pontalis (2001) dizem que:

... fundamentalmente, é numa perturbação primária da relação libidinal com a realidade que a teoria psicanalítica vê o denominador comum das psicoses, onde a maioria dos sintomas manifestos (particularmente construção delirante) são tentativas de restauração do laço objetal. (p.390).

Freud construiu sua teoria calcada no estudo da histeria, trazendo grandes contribuições para o entendimento das neuroses, mas teve um caminho tortuoso e descontínuo no seu estudo sobre as psicoses, que tem alguns elementos que se

mantém na sua obra ao longo dos tempos, respeitados os momentos de sua elaboração teórica, a saber:

- A idéia de um mecanismo de defesa próprio da psicose que efetuasse a recusa de uma realidade intolerável, que é a realidade da castração (Freud, 1894; 1924b; 1925);
- Um desligamento total ou parcial da realidade intolerável, com um desinvestimento libidinal dessa realidade (Freud, 1911);
- As alucinações e os delírios como tentativas de restauração dessa realidade recusada (Freud, 1895; 1896; 1924a);
- A fixação no narcisismo (onipotência do objeto narcísico). (Freud, 1911; 1914; 1915).

Primeiramente devemos pensar que a psicose se configura como uma ruptura com a realidade da castração, que é o protótipo de todo rompimento posterior entre sujeito e objeto (ego e objeto que constituem a totalidade narcísica).

A realidade que é perdida é a realidade psíquica mediada, ou seja, a realidade do inconsciente (desejos, representação de coisa, fantasias) mediada, pois a distinção entre representação e percepção (existência real do objeto) fica comprometida na psicose.

Na alucinação, fenômeno característico da psicose, o sujeito perde essa relação mediada com o inconsciente e fica imerso na realidade psíquica, preso a seus próprios desejos (representação de coisa): na impossibilidade de uma distinção entre representação e percepção, a representação é apenas Coisa, sem mediação da representação de palavra.

Assoun (1996) coloca que a Coisa seria algo que aparece ao sujeito e que permite, simultaneamente, que o sujeito apareça, ou seja, ela atingiria o sujeito pela representação (algo que aparece ao sujeito) e, ao mesmo tempo, promoveria a possibilidade de um encontro com a verdade desse “ser” (algo que permite que o sujeito apareça): sua invocação coloca o sujeito numa posição de familiaridade e estranheza simultânea, pois ele reconhece a (e se reconhece na) Coisa, ao mesmo tempo em que a ignora e se ignora pela Coisa.

Ele vive a inquietante estranheza de um desconhecido que se conhece bem (a Coisa) e que é apresentado e recusado ao sujeito num mesmo movimento.

*Logo, a palavra é a verdadeira alteridade da Coisa no interior da representação. A dualidade²⁰ do inconsciente e do consciente, mais inteligível para nós, só se identifica em Freud por essa escansão da representação: a Coisa, **depois** a Palavra. (Assoun, 1996, p.115).*

O inconsciente é pensamento puro da Coisa, enquanto o consciente é o seu registro nas representações de palavra, que estão dissipadas nas psicoses.

A segunda relação a ser pensada é a da recusa da castração com o retorno ao estágio narcísico, pois castração e narcisismo estão estreitamente relacionados na determinação das psicoses em função da idéia que a castração nada mais é do que a ameaça à integridade narcísica do sujeito.

O narcisismo pressupõe a satisfação ilimitada do desejo (onipotência imaginária), por isso a castração tem como papel principal operar a passagem da relação ao outro como semelhante (ideal de ego como objeto de amor) para uma relação ao outro como diferente, rompendo com o narcisismo e instaurando as noções de dentro/fora e eu/outro, que possibilitam uma regulação do desejo, através da evitação do confronto direto com a realidade da castração e da ferida narcísica pela renúncia pulsional e pelo investimento em outros objetos.

Na psicose está negada a instância reguladora do conflito entre o ego e a realidade psíquica e o psicótico²¹ é levado a se confrontar imediatamente com essa realidade, sem intermediações, por isso a psicose é resultante da perturbação do vínculo com ela, perda ocasionada pela fragilidade original na construção dessa realidade, devido à recusa da inscrição psíquica da castração.

²⁰ Garcia-Roza (1995) nos aponta que Freud fala em dualidade ao invés de dualismo, pois no dualismo está pressuposto a pré-existência das entidades implicadas, enquanto na dualidade as entidades só existem na e pela relação estabelecida.

²¹ Durante o item 2.2.2. utilizaremos o termo “psicótico” no lugar de “pessoa psicótica”, como anteriormente citado, seguindo a nomenclatura proposta pela própria psicanálise.

A castração pressupõe a superação do narcisismo e da instalação do complexo de Édipo; e na psicose nós temos uma fixação e regressão ao narcisismo, uma recusa dessa castração e uma conseqüente perturbação do vínculo com a realidade psíquica.

Na crise psicótica há um desinvestimento das representações de coisa do inconsciente (elementos constituintes da realidade psíquica), o que impossibilita a percepção das representações e a diferenciação entre percepção e recordação, se tornando tudo percepção, que retorna ao consciente via alucinações.

Com o desinvestimento das representações de coisa (referências que assinalam o limite da subjetividade para o sujeito), o psicótico só percebe sua palavra como proveniente de fora (realidade externa), se configurando a regressão ao narcisismo (estádio de equivalência entre o ego e o objeto).

A defesa psicótica opera uma extinção gradativa das representações de coisa insuportáveis, pois elas fazem pontos de inserção da realidade no psiquismo, processo semelhante à defesa neurótica, que vai exigindo novos e novos recalques das representações associadas aos núcleos do desejo recalcado.

A ausência da inscrição da castração traz a impossibilidade da subjetivação da realidade da diferença, mergulhando o sujeito psicótico na relação com o igual, por isso qualquer confrontação com a realidade produz uma desagregação no psicótico: a diferença entre o próprio e o estrangeiro não existe, pois tudo é sentido como vindo de fora.

Na psicose, com a recusa em dar acolhida, na realidade psíquica, a uma representação tão crucial para a economia subjetiva como a da castração, o processo defensivo ocorre de modo muito mais drástico, numa espécie de reação em cadeia, que, esvaziando o sistema de sua excitação própria, exige a paciente reconstrução do mundo a partir das imagens acústicas que chegam de fora, nesta formação peculiar que é o delírio. (Simanke, 1994, p.233).

Por último, resta-nos pensar no grande enigma da teoria freudiana das psicoses: qual seria o mecanismo responsável pelo desconhecimento da castração (recusa da castração)?

Vários conceitos como *verwerfung* (rejeição), *aufhebung* (cancelamento) e *verleugnung* (recusa), se intercalaram e ocuparam o lugar dessa “recusa da castração” ao longo da trajetória da obra de Freud, mas nenhum foi apontado como definitivo.

Nesse sentido, Freud coloca a psicose como um mecanismo psíquico que guiaria a constituição subjetiva do sujeito, marcado por uma saída alternativa à realidade da castração que, segundo ele, seria o elemento ordenador do psiquismo e o responsável por mediar os processos de internalização da cultura e da ordem social simbólica.

O psicótico recorreria aos delírios e às alucinações como forma de reconstrução do mundo interno, muitas vezes destruído pela impossibilidade de habitar o mundo neurótico de significações.

Os pós-freudianos se dedicaram um pouco mais atentamente às questões psicóticas e propuseram basicamente duas formas de pensá-las: a psicose como estrutura subjetiva (Lacan) ou a psicose como um núcleo que faz parte da personalidade total do sujeito, que pode ou não dominá-lo (Klein, Bion e Winnicott).

- Lacan (1985) coloca a psicose como uma estrutura existencial diferente da neurose, que teria uma impossibilidade de significação do mundo, eminentemente organizado de forma neurótica, ou seja, com leis e regras que devem ser seguidas, mas que ao psicótico faltaria o referencial para essas leis. A psicose não se constitui necessariamente numa desestruturação, num sofrimento ou numa doença mental, pois este seria o estado de crise psicótico; mas antes de tudo é uma outra possibilidade de estruturação psíquica do sujeito e de organização de uma referência que permite a significação e a relação existencial com o mundo;
- Klein (1984a; 1984b) vê a psicose como um núcleo que pode emergir diante de várias situações conflitivas (alteração significativa nas relações objetais – mediação realidade interna e externa) no mundo interno do sujeito, o que acarretaria alterações no ego com um desligamento total ou parcial da realidade interna e com um desinvestimento libidinal dessa realidade;
- Bion (1993), coloca que o sujeito deve criar uma barreira de contato entre a parte psicótica e a não-psicótica da personalidade, pois o psicótico é aquele

que tem a parte psicótica dominando sua personalidade e imobilizando ou destruindo a parte não-psicótica; o não-psicótico teria núcleos psicóticos em sua estruturação que poderiam emergir temporariamente; e os borderlines fariam compromissos entre as partes;

- Winnicott (1983; 1992) apontava que a psicose seria uma falha nos estágios iniciais do desenvolvimento, o que não permitiria que o sujeito se constituísse numa pessoa integral capaz de relacionamentos integrais com pessoas integrais.

As duas grandes marcas diferenciais entre as escolas se constituem pelo fato de que:

- Para Lacan não há continuidade possível entre neurose, psicose e perversão, ou seja, uma vez estruturado por um modo de existir psicótico, para sempre existirá como psicótico, ao contrário do que pensam Melanie Klein e Bion, como já apontado acima;
- Para Melanie Klein, Bion e mesmo Winnicott, o foco da atenção na explicação das psicoses não seria a castração, questão central para Lacan e Freud.

Façamos uma escolha teórica pela psicanálise de Winnicott para tentar traçar a configuração subjetiva da “pessoa psicótica” e refletir sobre suas possibilidades existenciais.

2.2.2.1. D.W. Winnicott

Winnicott (1983) se dedicou ao estudo da infância, em termos do desenvolvimento emocional normal e os obstáculos gerados pela falha ambiental, que redundariam, entre outros fins, em uma psicose, pois ele vê o ambiente como influência fundamental no desenvolvimento emocional do ser humano, que possibilita sua tendência inata a se desenvolver e se unificar pelos processos de maturação – caminho da dependência absoluta à independência relativa com três fases distintas:

a) Fase da dependência absoluta – estado de total dependência do meio (representado pela mãe), de desconhecimento desse estado em que a pessoa não consegue fazer nada sozinha, mas acha que tudo que acontece é criação sua, pois vive imersa na fantasia. (Newman, 1995). Nessa fase operam três funções básicas de forma concomitante:

- *Holding*: sustentação psicológica que visa fornecer pontos de referência estáveis para o bebê necessários para sua integração no tempo e espaço;
- *Apresentação do objeto*: possibilidade do espaço potencial da ilusão de ter criado o objeto de satisfação;
- *Handling*: possibilidade da união psicossomática ou personalização (alojamento da vida psíquica no corpo, tornando esse corpo como um todo a residência do *self*), que como desenvolvimento ulterior gera o dentro, o fora e o esquema corporal (divisão *self* e *não-self*).

b) Fase da dependência relativa – a pessoa percebe que há outras pessoas no mundo e que há possibilidade da experiência da perda do objeto sem cair em agonias impensáveis, sendo toleráveis às falhas de adaptação da mãe, tornando o sujeito capaz de tirar proveito delas para se desenvolver. As agonias impensáveis são ameaças ao existir humano, que podem se manifestar por um medo de desintegração, de não ter conexão alguma com o corpo, de perda da orientação espaço-temporal, de aniquilação e quebra da linha do ser. São vivências absolutamente aterradoras de eternidade e infinito, que lançam o indivíduo num vazio existencial imenso;

c) Fase do caminho em direção à independência – essa fase nunca é absoluta e aponta para a busca eterna da independência nunca encontrada, mas sempre buscada.

O cuidado materno, portanto, é básico, pois permite a experiência de continuidade da vida (sinal de emergência do *self* verdadeiro) pela atualização das tendências naturais, que integra as diversas experiências de si em um *self* ou, como diria Freud, permite a passagem do auto-erotismo (objetos parciais) para o narcisismo (gênese do ego integrado em um objeto total).

O self central poderia ser considerado como o potencial herdado que está experimentando a continuidade da existência, e adquirindo à sua maneira e em seu passo uma realidade psíquica pessoal e o esquema corporal pessoal.
(Winnicott, 1983, p.46).

Winnicott (1990) traz como pontos importantes da constituição do *self* o acontecimento humano, a corporeidade, a temporalidade e a espacialidade, tendo, portanto, como essência de sua construção um padrão de continuidade existencial, que pressupõe uma integração no tempo, no espaço, no corpo e na criação da realidade (criação de objetos). A existência e o existir são condições ontológicas para o acontecer de si pela apropriação do mundo, que está intimamente vinculado à experiência da solidão essencial, na qual o homem pode sentir-se só no meio do mundo e na presença do outro. (Safrá, 1999).

O *self* é a experiência de acontecer do homem no mundo (lugar daquilo que perdura, campo da durabilidade e da permanência) e esse acontecimento humano é possibilitado pelo desenvolvimento maturacional do próprio homem, que necessita estar-no-mundo-com-os-outros para desvelar o sentido de sua existência, que em primeira instância se dá pela descoberta da realidade e pela possibilidade de se estender sobre o mundo - experiência que nasce na corporeidade e povoa o mundo das coisas pela organização espaço-temporal.

Por que uma organização espaço-temporal?

O tempo não é externo ao homem, o homem é tempo; e os vários sentidos desse tempo são acessados pelo porvir do *self* - processo de vir-a-ser do homem, que lhe possibilita várias maneiras de se colocar no mundo e maneiras singulares de se viver angústias, por isso a importância de se compreender a temporalização do ser.

O tempo subjetivo, gerado pela sustentação do ritmo, permite a duração e a continuidade de si, que não se perde na vivência do fluxo constitutivo da vida, que pressupõe o acesso freqüente há um tempo que não é o seu, possibilitando uma distinção eu/não-eu (mundo real da realidade compartilhada), que torna realizável a experiência de viver a não-integração, como algo ordenador, não desintegrador.

Essa distinção permite o não-tempo subjetivo, ou seja, se organizar segundo o tempo subjetivo do outro, muito claro no diálogo, que é o tempo compartilhado, que

acessa o sentido do tempo convencionado, que é o tempo da cultura, do social e da contextualização, o tempo da história que amarra os objetos do mundo. (Safrá, 1999).

Todos esses sentidos de tempo são articulados pelo tempo transicional, que possibilita o tráfego do fluxo temporal e coloca a todo o momento novos enigmas da existência humana, que dão chance da aparição de elementos potenciais de novas formas dessa existência.

Se o homem é tempo, ele é também espaço; transitando do espaço interno para o espaço externo, do espaço aberto para o espaço fechado, deslizamento necessário que permite o processo de se estender sobre o outro, e o estender do outro sobre mim, sem a perda do sentido do *self*, fenômeno assegurado pela supressão da dicotomia e do distanciamento entre sujeito/objeto, operados por uma relação que produz impactos de familiaridade no corpo, transformando objetos do mundo em objetos do *self*, não pela interação com esse objeto, mas pela forma como ele afeta o sujeito no seu *self*.

Esses objetos assinalam enigmas distintos das modalidades de ser, promovendo uma familiarização no corpo geradora de sentidos do *self* (passagem dentro/fora, estranho/familiar, presença/ausência). São objetos aparentados, que representam um estilo de ser ou o seu estilo de ser. Essa familiarização tem lugar no espaço transicional - espaço entre mundos, que permite viver os dois espaços (aberto/fechado, interno/externo).

O espaço transicional seria uma área intermediária de experimentação, que não é nem realidade interna, nem realidade externa, mas que possibilita um estado intermediário entre a inabilidade e a crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade. Emerge do interjogo dentro/fora, que constitui o mundo interno pela experiência de existir em um lugar (noção de acontecer no entorno oferecido pelo outro), pois é somente a partir da não-existência que a existência pode começar. (Winnicott, 1975).

Nesse espaço, a experiência de ilusão tem *locus* e os objetos transicionais são constituídos para dar uma forma a área de ilusão, sustentada pelo *holding* materno, que propicia a oportunidade de ilusão e gera a desilusão gradativa, sendo a continuidade espaço-temporal desse *holding* condição *sine qua non* para que o processo de perda ou frustração, indispensável para a passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade, não seja sentido como uma perda real.

O *self* é tempo, o *self* é espaço, o *self* é corpo, o *self* é criador da realidade, sendo, portanto, importante que ele tome para si o tempo, o espaço, o mundo e o morrer - possibilidades de deixar marcas de sua singularidade na história da humanidade. (Safra, 1999).

A possibilidade de morrer faz parte do processo maturacional, pois coloca o limite do finito e organiza a existência humana. Sem morte não há percurso, não há devir, não há a construção e desconstrução do mundo, não há existência.

Dessa maneira, podemos dizer que o ser humano é transição, faz parte da natureza humana a passagem, a travessia.

Mas, e o que acontece na experiência psicótica?

Em seu artigo de 1952 *Psicose e cuidado infantil*, Winnicott (1992) já apontava que a psicose seria uma falha nos estágios iniciais do desenvolvimento:

Não é tão bem conhecido (e de fato ainda é um tema a ser desenvolvido) que transtornos que podem ser reconhecidos e classificados como psicóticos têm sua origem em distorções no desenvolvimento emocional que emergiram antes que a criança tenha tornado-se claramente uma pessoa inteira capaz de relações totais com pessoas totais. (p.220).²²

A psicose seria um fracasso na experiência da passagem da dependência absoluta para a dependência relativa pelas distorções na relação do sujeito com o ambiente (cuidado materno), ou seja, antes da distinção eu e não-eu.

Essa falha ambiental não é sentida como frustração, pois essa experiência pressupõe as funções do ego, que falham: a falha na *apresentação do objeto* produz a desrealização e a perda do contato com a realidade compartilhada; a falha no *handling* produz a despersonalização; e a falha no *holding* produz a não-integração pelo *splitting*.

²² “It is not so well known (and indeed it is still a matter for proof) that disturbances which can be recognized and labeled as psychotic have their origin in distortions in emotional development arising before the child has clearly become a whole person capable of total relationships with whole persons.” (Winnicott, 1992, p.220).

A psicose é a ameaça da desintegração do *self* unitário, propiciada por falhas no *holding* materno, que se repetem seguidamente, criam um padrão fragmentado de ser no lugar do padrão de continuidade existencial e engendram agonias primitivas, que promovem cortes na continuidade existencial através do(a):

- Desintegração;
- Cair para sempre (falta de sustentação no mundo e sentido existencial);
- Perda da conexão com o corpo;
- Perda do senso do real (geradora de seguidas experiências de irrealidade);
- Perda da capacidade de se relacionar com objetos.

Somente com a experiência do *holding* materno, que empresta seu corpo ao outro em constituição, um desenvolvimento integrador tem lugar, seguido da personalização e do relacionamento objetal. (Winnicott, 1983).

A experiência psicótica relega o ser humano a um tempo sem fim, a uma ruptura da continuidade do ser, à vivência do tempo compartilhado como algo invasor e desintegrador do *self*, que vê qualquer experiência de transição, como uma experiência de aniquilamento, na qual o excesso de quebras na duração do tempo impossibilita a vivência do não-tempo subjetivo.

Essa impossibilidade joga o indivíduo numa agonia impensável da prisão no eterno (experiência de cair no espaço sem fim pela conjugação de traços flutuantes sem um riscado comum), de dispersão de si mesmo e de uma fenda no seu senso de continuidade (perda do *self* alojado no corpo), onde o passado é o eterno presente.

O horror da falta de uma organização espaço-temporal e do impedimento de olhar o mundo a partir da própria corporeidade torna esse mundo terrorífico e gerador de uma vivência eternamente presente de não-ser – reação ante o horror da experiência de falta de contornos e de finitude: ameaça do aniquilamento.

A psicose estaria ligada a ansiedade de aniquilamento, não à ansiedade de castração, pois não estaria remetida ao complexo de Édipo, mas aos estágios iniciais do desenvolvimento, como nos aponta Winnicott (1983):

Isto leva diretamente a meu ponto principal, que é o de que penso que seguimos Freud quando estabelecemos um elo direto entre a infância inicial (isto é, do lactante sob cuidado,

em um estado de dependência absoluta) e as doenças psiquiátricas mais primitivas, que são agrupadas sob a palavra esquizofrenia. A etiologia da esquizofrenia nos leva de volta não ao complexo de Édipo (que nunca foi adequadamente ou totalmente atingido), mas ao relacionamento a duas pessoas, à relação do lactante com a mãe antes que o pai ou qualquer pessoa entre em cena. (p.210-211).

Nesse sentido, portanto, o sujeito não tem a capacidade de estar perceptivo ao cuidado materno ou há uma falha nesse momento, pois seu desenvolvimento está numa fase anterior à consolidação dessa função do ego.

A psicose seria o processo maturacional inicial infantil às avessas, pois a experiência psicótica bloqueia o deslizamento dos espaços e tempos, inviabiliza o fenômeno transicional e torna o mundo invasor e angustiante - fonte de agonias impensáveis (esburacamento no *self*), causando sérios problemas na criação da realidade pela articulação simbólica, que fica barrada e impossibilitada de se tornar consciente: o psicótico não tem consciência da falha que sofreu.

Diante desse quadro duas realidades incomunicáveis se formam: a vida privada (distorções na organização do ego ou esquizoidia) e o falso *self*, que gera uma relação passiva, irreal e especular com a realidade, mantendo o mundo à distância. A psicose, então, é um sofrimento que compromete o viver, seja por alienação da realidade, seja por uma adaptação submissa a ela.

Eu tento mostrar como a tendência a uma cisão de base no estabelecimento indivíduo-ambiente pode se iniciar através de uma falha da adaptação ativa em parte do ambiente nos primórdios. (Winnicott, 1992, p.224).²³

O que fazer?

²³ “I try to show how a tendency for a basic split in the environment-individual set up can start through failure of active adaptation on the part of the environment at the beginning.” (Winnicott, 1992, p.224).

- **Uma impossibilidade de vida mental**

O psicótico necessita a reconstituição de áreas intermediárias nas quais ele possa experimentar o domínio da ilusão, fundamental para o resgate de sua existência e da constituição do seu *self* (entendido como sentir-se real).

Se a realidade for imposta sem a possibilidade que se estabeleça um *holding* e que objetos transicionais possam ser experimentados através da idéia de um ambiente que sustente esse processo, o sujeito continuará mergulhado em um tempo sem fim e misturado espacialmente com o mundo, e provavelmente sucumbirá a agonias impensáveis, permanecendo cindido, sem se autoperceber e perceber o mundo de um modo total.

- **Uma possibilidade de vida mental**

Basicamente o psicótico necessita se (re)apropriar dos enigmas fundamentais da existência, através de um *holding* que estabilize sua corporeidade e torne o mundo (não-eu/presença do outro) algo que o leve em direção ao seu vir-a-ser, e não algo gerador de agonias impensáveis.

É a experiência de viver a não-integração como algo ordenador e não desintegrador, (re)estabelecendo a distinção eu/não-eu, fora/dentro, e permitindo ao corpo a possibilidade da experiência do *self*, na qual ele vai abrigar objetos do mundo como familiares a si, sendo afetado por esses objetos, de maneira que os mesmos se tornem aparentados e restitua a vivência do espaço potencial, no qual a criatividade primária tem lugar.

É a possibilidade da experiência de morte delegar o padrão de continuidade existencial, não gerando, como antes, agonias impensáveis, realojando o ser em sua corporeidade rumo ao devir, que marca a existência humana.

Winnicott (1990) coloca que o psicótico necessita sentir-se real, saindo da vivência da irrealidade e podendo habitar o mundo como espaço transicional, de construção e desconstrução desse mundo, agora familiar e apropriado, como espaço do acontecer humano. Para que tal processo se desenrole, existe a necessidade de que o ambiente seja provedor e possibilitador de áreas intermediárias de experiência, nas quais o indivíduo iria gradativamente reconfigurando sua existência através do *holding* e da constituição de objetos transicionais.

Winnicott (1983) acreditava na possibilidade da cura espontânea da psicose através da regressão assistida ao ponto em que o desenvolvimento do indivíduo havia falhado na primeira infância, mas agora com um apoio, para retomar esse desenvolvimento; e essas alternativas dependeriam do uso que ele pudesse fazer, via regressão, de uma nova provisão ambiental que permitisse viver o estado de dependência absoluta, e prepará-lo para construir o caminho rumo à independência (nunca alcançada, mas sempre desejada).

Vale salientar que o psicótico não refaria sua vida, mas tentaria estabelecer uma espécie de remendo que permitisse habitar o mundo, tornar esse mundo, um mundo com sentido ao encontrar uma maneira adequada de viver ao seu estilo de personalidade.

Tanto as explicações orgânicas como as mentalistas buscavam entender a loucura como manifestação particular e individual, ou seja, o foco era o indivíduo.

Resta-nos, agora, abordar as explicações sociais.

2.2.3. As explicações sociais

As explicações sociais tentam trabalhar o foco do lugar e das possibilidades sociais de indivíduos que, acometidos uma única vez de um transtorno mental, ganham o rótulo de doentes mentais e têm sua identidade estigmatizada, ou seja, o “louco” teria um estigma como doente mental, que avisa os indivíduos normais de quais seriam as possibilidades e as formas de relacionamentos possíveis diante desse estigma, e que geralmente é marcado pelo medo e pelo perigo e, portanto, passível de uma não-relação, o que resulta na sua exclusão das relações sociais. (Miles, 1982).

Goffman (1988) coloca que uma das saídas para o doente mental seria ocultar o seu estigma, se transformando de desacreditado para desacreditável socialmente, ou seja, de um fato consumado em uma possibilidade nova de inserção social.

A expectativa é que a pessoa possa criar novos vínculos sociais que não partam do estigma, que inviabiliza qualquer tipo de relação social diferente, se consolidando pela realização de outros papéis sociais, que possam prevalecer sobre o papel de doente mental.

2.2.3.1. Possibilidades e impossibilidades para o doente mental

A pessoa que ganha o rótulo de doente mental e tem sua identidade estigmatizada, sofre uma restrição social muito significativa, que vai da inclusão social, via o papel de doente mental, até a morte social, pela cronificação.

Teremos que refletir sobre duas situações: a pessoa que está apresentando sintomas mentais e se encontra em tratamento, assumindo o papel de doente mental; e a pessoa que já passou por essa situação e não mais apresenta esses sintomas, se constituindo num ex-usuário de saúde mental.

Quando a pessoa está na primeira situação descrita, ela geralmente é vista pela sociedade como alguém que tem um problema mental, necessita atenção profissional e monitoramento, sendo o tratamento em saúde mental como a saída mais acertada, quer seja pela via da internação (institucionalização visível para o controle social), quer seja pelo atendimento periódico em instituição de saúde mental (institucionalização invisível para o controle social).

Seu papel social, nesse caso, é de doente mental, portanto impossibilitado de desempenhar os papéis sociais cotidianos (exclusão da vida social), mas ainda inserido socialmente.

Mas e quando a pessoa não mais apresenta sintomas mentais?

A sociedade designou alguns caminhos sociais para o doente mental, que vão da inclusão (incorporação *ad infinitum* do papel social de doente mental), passando pela exclusão (seguidas tentativas de retorno aos papéis sociais anteriores desempenhados e uma rejeição da sociedade para tal), chegando até a morte social (processo de cronificação perpetuado pela estigmatização da identidade social).

- **Uma impossibilidade de vida social**

A sociedade tenta a todo custo criar regras de funcionamento, que tendem a generalizar e massificar o comportamento humano, não acontecendo abertura para o diferente, que deve ser normatizado o mais rápido possível, existindo duas formas de fazer isso: transformando o desviante em normal ou normatizando o modo de ser do desviante. Qualquer outra saída distinta dessas duas traz uma reação forte por parte da ordem social, que necessita manter um certo controle sobre as relações humanas.

O doente mental pode ter um lugar social se incorporar o papel de doente mental e não tentar qualquer tipo de movimento, se acomodando nesse lugar de impossibilidade de viver outros papéis sociais, o que torna seu destino

invariavelmente marcado pela cronificação e pelo abandono: some o ator social com possibilidades múltiplas e permanece para sempre o ator social de um papel único, sem chances de mudança, e monitorado e mantido por algum outro ator ou instituição social (família, hospital, instituição de saúde mental ou previdência social através da aposentadoria por invalidez).

A tendência para essa pessoa, se não apresentar mais sintomas mentais, é ser esquecida, pois seus únicos espaços sociais são as instituições de saúde mental, onde pode desempenhar seu papel social de “doente mental”.

Poderíamos chamar esse caminho, outrora chamado de cronificação, ou de prisão na exclusão social (concreta ou simbólica), de uma “morte social”, pois não há nenhuma possibilidade de reconhecimento social, que não seja pela via da doença.

A pessoa vive entre momentos de crise (apresentação de sintomas) e momentos sem sintoma, circulando socialmente pelos espaços de atenção em saúde mental, vendo, como já dizia Goffman (1988), sua vida reduzida ao seu estigma.

Uma vez estigmatizada, a pessoa desenvolve uma auto-imagem de desviante e torna-se tão integrada a esse papel que não mais terá oportunidade de voltar a desempenhar outros papéis sociais, pois as respostas sociais estabilizam esse papel, isto é, certificam que a pessoa continuará a desempenhá-lo e forçam a pessoa a aceitá-lo. A sociedade tem tratamentos diferenciados para cada tipo de papel:

- Trata com piedade a pessoa que vive no papel de doente mental;
- Trata com exclusão a pessoa que vive nesse papel e apresenta sintomas mentais;
- Trata com mortificação àqueles que tentam escapar desse lugar a eles conferidos, pois, qualquer tentativa de desempenhar outros papéis, geralmente encontra uma barreira invisível dos outros atores sociais, até mais concreta do que as paredes do manicômio.

Será que não haveria lugar social para o doente mental a não ser permanecer estigmatizado em seu papel social único?

- **Uma possibilidade de vida social**

Goffman (1988) coloca que uma das saídas para o doente mental seria ocultar o seu estigma, se transformando de desacreditado para desacreditável socialmente, ou seja, de um fato consumado em uma possibilidade nova de inserção social.

A expectativa é que a pessoa possa criar novos vínculos sociais que não partam do estigma, que inviabiliza qualquer tipo de relação social diferente, se consolidando pela realização de outros papéis sociais, que possam prevalecer sobre o papel de doente mental.

Uma possibilidade seria pela via do trabalho, pois trabalhar ainda é uma ação que confere humanidade às pessoas e lhes coloca como seres socialmente integrados e passíveis de reconhecimento. Trabalhar não garante a mudança de *status*, mas pode ser um caminho, assim como as artes, a música, a expressão corporal, entre outras.

Esse movimento pode ser individualizado, geralmente com extrema dificuldade, pelo tipo de comportamento que muitas vezes a pessoa apresenta e que causa uma sensação de estranhamento nos demais, mesmo que eles não saibam do histórico de sintomas mentais da pessoa; ou então, social, como coloca a luta antimanicomial que, mais que uma luta pela extinção dos manicômios, é uma luta para a mudança da visão social sobre a loucura, quebrando ou minimizando gradativamente o estigma a ela associado na sociedade.

Até o momento, em todas as explicações realizadas estamos diante de conceitos que trabalham com a idéia de normalidade, ou seja, a loucura seria algo anormal, no sentido estatístico do termo, por isso dotada de tantas significações de exclusão; ou a loucura seria algo diferente da maioria, e também submetida à exclusão pela sua diferença que a afasta da normalidade.

Mas seria esta a configuração do atual mundo social?

2.3. A loucura no mundo atual

O século XIX e parte do século XX presenciaram a consolidação de um mundo ocidental estável, no qual era possível perceber regularidades e constâncias, ter um bom índice de previsibilidade do futuro e poder designar o que era normal e o

que não era: os padrões de referência pareciam ser estáveis, duradouros e compartilhados pela sociedade, e eram representados pela família, pelo trabalho e pela cultura comunitária que daí se originavam.

Nesse contexto, a concepção do “louco” como doente mental e não pertencente à classe dos indivíduos que podiam habitar o mundo social fazia sentido, pois, se estavam determinadas às formas de existir e de se relacionar socialmente, a identidade do “louco” era: ou ser doente e estigmatizado, ou não ter lugar no mundo dos normais.

A segunda metade do século XX começa a presenciar mudanças significativas na organização e nos padrões de referência mundiais e algumas instituições colocadas como imutáveis começam a não obedecer a uma norma e deixar, gradativamente, de se constituírem em referências sólidas para a vida e para a forma de relação social.

Touraine (1998) coloca que estamos em pleno processo de desmodernização, pois as instituições se enfraquecem no papel de realizar as mediações políticas e sociais que regulam a vida em sociedade. Há uma desagregação das categorias que servem para definir a si e aos outros, pois o passado já não é pertinente e o futuro ainda não está estabilizado: é a transição, que se constitui como dupla transição, pois o meio social e os indivíduos estão reconstruindo suas referências, operando um movimento constante que vai das referências internas para as externas e vice-versa, e que constroem as novas possibilidades de ser indivíduo e de ser sociedade na atualidade. (Dubar, 1997).

Dubar (2000) chama esse processo de crises de identidade, expressas, principalmente, pelas crises na família, no trabalho e na vida comunitária, que eram pilares para a construção identitária, e que agora o mundo vive uma passagem de um modo de vida marcado tradicionalmente pelo comunitário, no qual havia um predomínio da identidade coletiva, para um modo de vida societário (liberal e capitalista), no qual há um predomínio da identidade pessoal.

O social enfraquece o indivíduo ao invés de constituir uma base sólida para o seu acontecer subjetivo, possibilitando contingências circunstanciais com referências fragmentadas e plurais, o que gera mais dissociação do que construção identitária: o homem comum está sob constante ameaça de se tornar excluído, se aproximando dos excluídos tradicionalmente designados como tal.

Como fica o “louco” nesse contexto?

A sociedade começa a lutar pela humanização na atenção à loucura e a tentar processos de inclusão do “louco” na sociedade “normal”, mas como pensar isso num mundo que estava perdendo suas referências?

Justamente pelo fragilização das referências sociais é que pode ser possível quebrar os próprios padrões de significação da loucura, já que o certo e o errado, o normal e o não-normal, começam a não ter mais uma delimitação clara e assertiva. O “louco” não precisa mais se confrontar com uma estrutura social fixa e dominante, portanto, há possibilidade de se estruturar.

As fronteiras institucionais perdem a nitidez pelo enfraquecimento das próprias instituições, o que pode gerar desorganização, mas também a quebra de controles sociais repressivos e novas possibilidades de organização social. (Touraine, 1998).

O “louco”, como modelo de um tipo de significação social, é apenas a exacerbação do social, que tem seu sistema de significação fragmentado: a vida social vive atualmente sob a constante ameaça de viver o mesmo drama que tem vivido a “pessoa psicótica”, caracterizada por uma estrutura que produz descontinuidades, necessita se reconstruir o tempo todo, não gera permanência, nem estabilidade, o que inviabiliza a constituição de uma história.

A atualidade, ao enfraquecer as mediações institucionais tradicionais, produz formas de vida precárias, espaços de exclusão e pode levar ao abandono social; mas, por outro lado, produz oportunidades de emancipação e de constituição de novas formas de relação social. (Dubar, 2000).

Se os padrões sociais não são mais tão estáveis como antes e o mundo se encontra em fase de dupla transição (sociedade e indivíduos em reconstrução), podemos pensar em processos de inclusão ou exclusão?

Não parece ser possível pensar dessa maneira, pois incluir ou excluir “o que” e “de onde”, se o “o que” e o “onde” não estão mais tão delimitados como outrora estiveram?

2.3.1. As explicações psicossociais

As teorias psicossociais parecem tentar responder mais satisfatoriamente as questões da atual realidade, pois concebem o mundo como uma relação de constante

transformação operada entre sujeito e mundo, que não são entidades separadas, mas antes, se constituem como pólos extremos de uma mesma realidade, e são ligados por um elo de continuidade.

O fenômeno psicossocial seria constituído na relação entre sujeito e meio social, se configurando como o mundo das representações sociais e das identidades, e tendo *locus* no espaço público: espaço onde acontecem as relações sociais e se constroem tanto as identidades, quanto às representações sociais, ambos conceitos que são resultantes e mediadores dessa relação dialética.

Identidade entendida como o elo de continuidade entre o sujeito e o meio social, sendo um produto e produtora do mundo num processo constante e incessante, ao possibilitar a objetivação das relações sociais pelo auto-reconhecimento e pelo reconhecimento do outro.

Representação social entendida como a síntese de saberes (cognitivos, afetivos e sociais) que se constrói no processo de relação sujeito-mundo e que são (re)apresentados ao mundo e aos sujeitos que produzem e são produzidos no mundo. (Jovchelovitch, 1995).

Identidade e representação social se constituem no mesmo processo dialético das relações sociais, sendo a representação social a base para a corporificação de uma identidade e esta sendo a base para a perpetuação da representação social.

Mas qual seria o lugar da loucura nesse processo?

A loucura seria produto e produtora de um tipo especial de relação social que provoca fraturas no elo de continuidade entre o mundo subjetivo (sujeito) e o social (meio social) e coloca sujeitos em espaços de impossibilidade de dialetização dessa relação, ou seja, presos em um lugar sem chance de colocarem o processo dialético em movimento: reduzindo-se a produtos e produtores de uma mesma relação *ad infinitum*.

O conceito de exclusão parece responder de um modo bastante adequado ao fenômeno da loucura e sua impossibilidade de dialetização, pois geralmente é entendido como uma explicação consensual e hegemônica para qualquer tipo de desigualdade, discriminação, marginalização ou segregação: esse parece ser o lugar designado para o “louco”.

Sawaia (2001) e Jodelet (2001) apontam que a exclusão é um conceito polissêmico e ambíguo, sendo a explicação usual para qualquer tipo de ator social,

que é segregado (mantido topologicamente à distância no meio social), marginalizado (mantido à parte de um grupo, instituição ou corpo social) ou discriminado (acesso fechado a determinados bens ou papéis sociais), podendo até significar inclusão (uma pessoa que é discriminada e não pode desempenhar determinado papel social, está excluída, mas ao mesmo tempo, se inclui no grupo dos excluídos ao desempenhar aquele determinado papel).

As autoras propõem, então, a troca da idéia de exclusão pela idéia de relação dialética de inclusão-exclusão, na qual todos participam e os que estão à margem da sociedade ainda fazem parte dela, pois, dessa forma, atingiria o nível próprio da psicologia social, ou seja, o nível das relações sociais.

A exclusão seria o processo e a situação conseqüente de uma dada relação social, que gera a emergência do excluído, como ator social responsável por objetivar a relação de exclusão-inclusão. A relação é dialética, pois a ação do sujeito modifica o meio social, assim como transforma o próprio sujeito, sendo sujeito e meio social produtores e produtos dessa relação.

A possibilidade de habitar o mundo se dá pela possibilidade de laborar na construção desse mundo, processo que ocorre na dialética das relações sociais, que podem ser modificadas e o sujeito constitui uma identidade de ator social, podendo dialetizar essa relação. (Carreteiro, 2001).

Por outro lado, o sujeito pode estar impossibilitado de dialetizar nas relações sociais, estando, portanto, impossibilitado de laborar no mundo, o que lhe coloca num lugar de improdutivo socialmente e passível de ser desfilado – estados de despossuir um lugar nas relações sociais, sendo assim impossibilitado de fazer vínculos (Castel, 1993), ou seja, ser colocado “à parte” das relações sociais, apesar de continuar a fazer parte do mundo, reduzindo-se a produtos e produtores de uma mesma relação *ad infinitum*, não apenas desigual, mas não-semelhante, promovendo sua expulsão do gênero social e gerando uma intolerância social extremada (conceito de apartação social de Buarque *apud* Sawaia, 2001).

A principal característica do excluído seria a impossibilidade de estabelecer processos dialéticos, quer seja pela desinserção social (que lhe retira a possibilidade de ser um sujeito social), quer seja pela apartação social (que o transforma em não-semelhante).

O excluído fica sem potência de ação, no sentido que Arendt (1987) lhe dá, ou seja, agir é produzir história e ser reconhecido (e se reconhecer) pelo que produz e pelo produto dessa ação de produzir (relação dialética), engendrando a dimensão da política, da inscrição social e das relações sociais que são geradas a partir disso. A possibilidade de elaborar projetos ou de agir definiria o lugar do sujeito na trama das relações sociais.

O excluído estaria “fora” (desinserido ou apartado socialmente) das relações sociais, aquém da humanidade, sem lugar no processo de produção do mundo, ficando, portanto, preso a um lugar de não-produção (estagnado num lugar único), instalado na precariedade, colocado num estado de inatividade, sem identidade produtiva e transformado em não-força social, o que legitimaria duas reações sociais distintas:

- A colocação do sujeito excluído em um lugar de dependência devendo receber auxílio social e ficando entregue a única possibilidade de relação social com o mundo: a relação assistencial (Paugam, 2001);
- A atribuição de estereótipos de deslegitimação, que visam excluir o sujeito do universo das normas e significações sociais, substituído por uma desumanização que autoriza o desprezo e o medo e justifica a rejeição e as violências que lhe são dirigidas, tornando o sujeito passível de eliminação. (Jodelet, 2001).

A exclusão se instaura e se mantém graças a construção da alteridade, que é produto do duplo processo de construção e exclusão social, que mantém sua unidade pelas representações sociais corporificadas pela identidade social.

O “louco”, como categoria social excluída, estaria separado do normal por um abismo intransponível, que o colocaria numa forma de alteridade psicossocial considerada perigosa, ameaçadora e bizarra, pois como alteridade permanentemente estranha, geraria um sujeito que viveria um papel de morto-vivo social: morto, pois não possibilitado de habitar as relações dialéticas de produção; mas vivo, pois se constitui num produto social, que assusta como um fantasma o meio social, pois não pode dialetizar sua relação com ele; “... *eles vivem na terra, mas são estranhos na terra.*” (Morant & Rose, 1998, p.134).

Seu lugar de morto-vivo social leva, invariavelmente, ao afastamento do espaço público, onde se processam as relações sociais de constituição e (re)constituição do mundo.

A possibilidade de mudança na situação do “louco” e da loucura deve operar no espaço onde as cronificações de sua identidade e das representações sociais sobre a loucura foram produzidas, ou seja, nas próprias relações sociais, que têm lugar no espaço público.

Por que no espaço público?

Porque é nesse *locus* que a pluralidade humana pode expressar suas diferenças e construir o mundo pela ação e pelo discurso (produtores e produtos da identidade e das representações sociais), no terreno do diálogo, que é o processo no qual ação e discurso contenham tanto as diferenças como as semelhanças entre as pessoas, possibilitando a comunicação intercultural que Touraine (1998) aponta como saída para um mundo com instituições reguladoras fragilizadas e dissociadas.

O retorno da circulação do “louco” pelos espaços públicos propicia a recriação da alteridade (eu em relação ao outro) pelos processos de mediação social (trabalho, comunicação, símbolos), gerando novas representações sociais e possibilidades identitárias pelo resgate da potência de ação, na linguagem de Arendt (1987), que coloca que existiriam duas dimensões afetivas na exclusão:

- A dimensão da piedade, que aprisionaria o sujeito em sua situação;
- A dimensão da compaixão, que transformaria o sofrimento pela situação de exclusão em volta à ação social, de caráter público e unificado em torno de um projeto social, que restitui a capacidade de escolher e elaborar projetos.

A possibilidade de elaboração e realização de um projeto, que é sempre social, pois construído na dimensão constitutiva de mundo (dimensão das relações sociais), possibilita a ação do sujeito nas próprias relações sociais, no *locus* do espaço público, pela via de um mediador social, por exemplo, o trabalho.

Os “loucos” se encontram nessa situação de estar fora das relações sociais, quando em crise, mas, após esta, podem retornar a elas e produzir o mundo, assim como podem não produzir e encontram, junto com eles, desempregados, divorciados, desfilados, o que muda sua situação no mundo, pois, se antes existia uma

impossibilidade total, agora, com a instabilidade do mundo, as referências estão se tornando perenes e mutativas no constante processo dialético das relações sociais, o que abre uma nova possibilidade, pois novamente os “loucos” encontram junto a si outros desfiliaados sociais como era a época anterior à captura psiquiátrica da loucura e a sua exclusão totalizante da vida social, abrindo-se novos horizontes: novas intermediações institucionais urgem.

Calligaris (1991) inclusive traz a hipótese que estaria ocorrendo uma mudança no sintoma social, antes marcado por Freud (1930) como um sintoma neurótico e agora defendido por Calligaris como um sintoma perverso, que permitiria uma flexibilização do ordenamento social e dos limites impostos pelas leis simbólicas, sendo bom, por um lado, pois possibilitaria novos atores e relações sociais emergentes e aceitos socialmente (como é o caso do “louco”), mas sendo ruim por outro lado, pois poderia alcançar o caos da falta de regras (sintoma social perverso) – idéia da sedução totalitária.

A passagem do ser para o ter é um fenômeno decisivo da nossa modernidade pela sua implicação: quanto mais o que estamos perseguindo (o nosso ideal fálico) se situa do lado do ter, tanto mais o saber paterno vai poder se apresentar (semblante) como saber sabido e compartilhado. Talvez já estejamos numa transformação do sintoma social dominante – que para Freud é um sintoma social neurótico – num sintoma social perverso. Quero dizer, com perverso, um sintoma no qual o saber paterno não é mais um saber suposto, mas é culturalmente um saber sabido e partilhado. (Calligaris, 1991, p.117).

Portanto, passível de ser rompido e atuado, o que torna as leis simbólicas mais tênues ao colocar o sintoma perverso como nova possibilidade de laço social. A hipótese é que, se o que estava posto como ordenamento simbólico está colocado em suspensão, não determina mais totalmente, ou seja, não deixa de continuar determinando a cultura, mas abre espaço para novas intermediações nesse momento de instabilidade e transição.

Como estaria a sociedade lidando com a loucura atualmente?

2.4. Saúde Mental: a atenção à loucura

A história nos deixa identificar três momentos distintos de atenção à saúde mental.

Um primeiro momento de loucura silenciosa e solta, no qual o “louco” fazia parte da sociedade, que era continente às suas crises e dava conta de resolvê-las no seu interior, sem necessidades excludentes.

Um segundo momento de loucura silenciada e presa (institucionalização do “louco”), que tem duas situações: uma primeira situação na qual o “louco” é simplesmente retirado da sociedade e aprisionado em instituições prisionais; e uma segunda situação, na qual o “louco” é retirado da sociedade, mas para ser tratado em manicômios, onde seria reeducado moralmente.

Seu lugar social era marcado pelo perigo, que se manifestava de forma dupla: um perigo social diante do desconhecido, do ser social que pela sua forma de se apresentar ao mundo causava um estranhamento na maioria, e questionava o conceito e a experiência da normalidade; e um perigo científico, pois a experiência da loucura quebrava a ilusão onipotente da medicina de resolver todos os problemas da humanidade, visto que não conseguia ser normatizada pelos critérios das ciências médicas.

A instituição manicomial teria um duplo papel: clínico e social, posto que tratava a loucura e, ao mesmo tempo, determinava seu destino social, permitindo ou não, que o “louco” voltasse a uma vida em sociedade. (Foucault, 1975).

Esse modelo persistiu até a metade do século XX com pequenas variantes. O hospital psiquiátrico é o baluarte de todo paradigma que enclausurou a loucura, pois é o espaço no qual ela deve habitar e pode estar no seu devido lugar, ou seja, como objeto de estudo e intervenção da ciência.

Como nos apontaria Foucault (1975), a loucura sofre sua mais poderosa exclusão: o olhar e o saber que a dominam, colocando uma barreira entre o normal e o não-normal, que opera o corte simbólico que destitui a loucura de qualquer chance de vida mundana.

E, finalmente, um terceiro momento no qual a loucura tenta ganhar voz por todas as tentativas de desinstitucionalização do “louco”, através de mudanças no tratamento, que iam da desospitalização a tentativas de mudar as concepções sobre o “louco”, visando a sua reinserção social, manifestas pelas comunidades terapêuticas, pela psicoterapia de grupo, pela antipsiquiatria, pela psiquiatria preventiva, pelo movimento institucionalista e pela psiquiatria democrática italiana.

Amarante (1996) coloca que os movimentos ocorridos nas décadas de 50 e 60 tinham um caráter de transformação técnica, enquanto que os movimentos que tiveram lugar nas décadas de 70 e 80, tinham um caráter de crítica ao saber psiquiátrico, apontando, portanto, para uma transformação em nível político.

A desinstitucionalização ganhava várias faces, ora como movimento reformista, ora como movimento revolucionário.

Rotelli (1999) intitulou os movimentos reformistas de psiquiatria reformada, incluindo entre eles as experiências da psiquiatria preventiva, da psiquiatria de setor, das comunidades terapêuticas e da psicoterapia institucional; enquanto que os movimentos revolucionários foram chamados de psiquiatria de desinstitucionalização, incluindo a psiquiatria democrática italiana e a antipsiquiatria.

Acreditamos ser necessário acrescentar uma dimensão intermediária na divisão de Rotelli, intitulando de reformadores idealistas o que ele chama de psiquiatria reformada; de revolucionários o que ele chama de psiquiatria de desinstitucionalização; e entre os reformadores e revolucionários uma dimensão de reformadores internos.

Existiriam, portanto, três dimensões diferentes de movimentos de desinstitucionalização:

- **Reformadores Idealistas**

Dedicam-se à reforma do sistema vigente, alimentados pelo desapontamento intelectual com as práticas e valores das gerações mais velhas. Têm uma missão histórica a cumprir: querem obter êxito onde os mais velhos falharam, ou seja, tentam fórmulas novas para antigos problemas, mas dentro do que está posto como modelo social. (Ribeiro, 1998b, p.102).

- **Reformadores Internos**

Questionam o modelo vigente, mas propõem mudanças a partir do próprio sistema, através de sua reformulação, podendo com isso quebrar ou não todos os paradigmas existentes.

- **Revolucionários**

Caracterizam-se mais pelo que são “contra” do que pelo que são “a favor”. Querem um desmonte do que está aí como sistema social, para implantarem uma nova ordem, segundo seus preceitos. (Ribeiro, 1998b, p.102).

Os reformistas idealistas percebem a problemática da reforma psiquiátrica como uma questão de reorientação das práticas e técnicas psiquiátricas, mas sem um questionamento da instituição psiquiátrica, ou seja, não é ela que está errada, mas a sua utilização que está equivocada. Incluiríamos aqui a psicologia preventiva-comunitária norte-americana e a psiquiatria de setor francesa, assim como todo movimento de trabalhos grupais no interior dos manicômios e das comunidades terapêuticas.

A psicoterapia na rede social (*social networks*) foi mais um movimento de psicologização das relações sociais do que um movimento político, gerando inclusive uma despolitização da questão da saúde mental, se constituindo mais numa reforma sanitária do que social: a desospitalização como movimento de desinstitucionalização. (Delgado, 1987).

A multiplicação das práticas *psi* no tecido social não resolveria a problemática da loucura, havendo a necessidade de mudança da cultura de exclusão que não é natural, foi construída. (Lobosque, 2001).

Os reformistas internos propunham a transformação institucional pelas próprias instituições, como é o caso do movimento institucionalista que, através de uma redefinição das relações e práticas institucionais, visava criar a possibilidade de gerar a produtividade social dos sujeitos envolvidos no atendimento em saúde mental (pacientes e técnicos) pela circulação e não estagnação dos papéis e lugares institucionais. (Silva, 2001).

Os revolucionários propunham a destruição total das instituições numa ruptura teórico-prática com a instituição psiquiátrica como é o caso da antipsiquiatria e da reforma democrática italiana.

A sociedade buscava a humanização na atenção à loucura, mas a resistência de todos era muito grande (da sociedade em geral aos trabalhadores em saúde

mental), pois as regras dentro das instituições estavam postas e quando se decide abrir as portas da instituição ninguém estava preparado para esse movimento de mudança: nem os que estavam dentro, nem os que estavam fora.

Isso gera uma quebra da identidade anterior de “louco”, mas não oferece nada em troca, só uma nova identidade que repete a anterior em seu teor excludente: é a idéia da desinstitucionalização como desassistência. (Amarante, 1996).

Nas instituições fechadas a identidade e o espaço da loucura é mais delimitado, pois esse é o espaço por excelência que lhe foi destinado, mas, tanto nas instituições abertas, quanto na vida social, esse espaço não está delimitado, o que traz confusões e angústias a todos, que não sabem bem como agir ou pensar.

A loucura era uma instituição cristalizada e cronificada e a distância entre “loucos” e sociedade deveria ser mantida pelo bem de ambas as partes, mas uma parte dos trabalhadores em saúde mental insistia nessas mudanças, que primeiramente eram de caráter técnico, para depois se chegar à conclusão de que elas deveriam ser políticas e sociais, pois não adiantava auxiliar o ex-interno a voltar a sociedade, se a sociedade não o queria de volta.

Dessa forma se criaria um novo círculo vicioso, pois o ex-interno volta a sociedade, que não o recebe, ele se desestrutura pela falta de apoio da sociedade e tende a retornar às instituições.

A única saída para os “loucos” seria a mudança na concepção social da loucura, pois sem isso não haveria possibilidades de que ele ingressasse de forma produtiva nas relações sociais.

Muitas dúvidas eram colocadas: teria o “louco” a possibilidade de autonomia? Seria o “louco” um indivíduo que necessitaria estar sob a tutela de um profissional em saúde mental a vida toda? Estaria a sociedade apta a receber de volta os “loucos” ao seio de suas relações depois de anos de negação disso? Teria o “louco” a capacidade de elaborar projetos de vida para si?

A mudança deveria partir das pessoas mais próximas dos “loucos”, ou seja, familiares e técnicos que auxiliavam esses indivíduos, mas a resistência já começava daí, pois as dúvidas acima colocadas transpassavam a todos. Por que modificar instituições já consolidadas que apontavam formas de relação social específicas para o “louco”?

A sociedade deveria mudar e esse processo começou a ser desencadeado na segunda metade do século XX, no qual as principais instituições da estrutura social começaram a ruir e novas estruturas ainda não se consolidaram, o que começou a tornar o mundo um lugar perene, de não-permanência, de não construção de história para muitos, não só para os “loucos”, que já tinham essa problemática há muito tempo.

Como, então, auxiliar o “louco”?

Novas estruturas de atenção em saúde mental são criadas, mas que vivem em eterno conflito entre uma visão institucionalizante de não-autonomia do “louco” e uma visão de que o “louco” deve retornar as relações sociais para conseguir ter uma vida plena de sentido novamente.

Essa tensão gerou movimentos antagônicos de exacerbação da causa orgânica da loucura e da impossibilidade do “louco” viver em sociedade de um lado; e tentativas de que ele retornasse a sociedade a todo custo, independente de sua situação psíquico-orgânico-social, de outro lado.

2.4.1. O movimento antimanicomial

A desinstitucionalização da loucura se torna movimento político e cria militância, que sempre está imersa no tempo longo dos ideais, e, muitas vezes, não consegue vivenciar o processo de mudança, que é lento e gradativo, nem sempre ideal, querendo uma mudança radical, e não conseguindo agir no tempo curto das urgências imediatas do cotidiano.

Como fica o “louco” nessa história?

O “louco” necessita de um espaço para reconstrução de sua vida pelo resgate de sua história, pela resignificação de suas experiências e pela possibilidade de laborar na construção do mundo novamente.

Estariam as instituições de atenção em saúde mental cumprindo esse papel?

As instituições assumem a função social de continência da experiência da loucura, mas parecem se perder quando necessitam promover a transferência dessa incumbência para a própria sociedade, assumindo em caráter definitivo essa tarefa, o que impede a autonomização do “louco”, que continua com esse rótulo, pois o único lugar em que consegue ter uma vida é dentro de uma instituição de saúde, que cuida de doentes: o único espaço de saúde se dá no espaço dedicado à doença.

A idéia que se encontra por trás das mudanças, que devem ser operadas, é a de que qualquer tentativa de avanço no atendimento em saúde mental deve levar em conta a quebra da barreira de exclusão simbólica que a loucura sofre como atitude *sine qua non* para qualquer tentativa de reinserção do “louco” na vida social.

Lobosque (1997) nos aponta que o movimento antimanicomial:

... não apenas não se reduz à clínica, como também é, sob muitos aspectos, independente dela. Trata-se de um movimento em prol da construção da cidadania, cujos militantes - técnicos e usuários, loucos ou não - buscam fazer circular no tecido social as indagações e os impasses suscitados pelo convívio com a loucura. (p.21).

A extinção do manicômio aparece, então, como metáfora da extinção das relações sociais de violência, exclusão e segregação da loucura e do “louco” por parte da sociedade, mas também dos técnicos que atuam em saúde mental, que muitas vezes necessitam de certezas, não agüentam o processo de reconstituição singular operado na loucura e buscam estratégias de normatização do “louco”.

A “pessoa psicótica” se reorganiza pela constituição de um delírio, ou seja, algo advindo da realidade deve ser construído para sustentar novamente sua subjetividade, só que o delírio se torna algo insustentável para o profissional de saúde mental, pois vai mostrar em espelho aquilo que ele, pretendo habitante da “normalidade”, não quer entrar em contato: sua verdade, que pode ocultar sua loucura.

O ideal de normalização, freqüentemente perseguido no trabalho com pacientes psicóticos, talvez seja um ideal de repressão de sua própria referência estruturante; não querer saber nada do que o sustenta como sujeito. (Ribeiro, 2001, p.94).

O que se trata de evitar é que o contato com a loucura, sob qualquer ângulo que seja, tome as formas da violência, do

medo, do nojo, do autoritarismo; tampouco aquelas da confusão, da colagem, da piedade. Este contato, é possível fazê-lo com interlocução. A loucura é uma experiência humana cujas questões se colocam para loucos ou não loucos, situando problemas para a razão; não leva a razão a desistir de operar, mas, pelo contrário, convida-a a ir mais longe, no desenho de formas e figuras de seu exercício. Assim, reconhecemos as experiências da loucura não como aberração ou déficit, mas como experiências legítimas e pensáveis do corpo, da existência, do pensamento. Experiências perturbadoras, sim, porque podem rasgar o sentido; mas podem também, em certos casos, imprimir ao sentido outros cortes, possibilitando inimagináveis refazendas. (Lobosque, 2001, p.22).

O movimento antimanicomial amplia a reforma psiquiátrica no Brasil, até então de caráter teórico-técnico, propõe uma intervenção política na sociedade e aponta a necessidade de que a concepção da loucura seja modificada no espaço onde ela foi gerada, ou seja, nas próprias relações sociais, que têm que começar a ser continentes à experiência da loucura.

Para isso propõe um modelo de atenção em saúde mental estruturado como uma rede de referência e contra-referência, que acolhe o indivíduo nos mais variados momentos de sua experiência com a loucura, da crise até a possibilidade de realizar oficinas em espaços heterogêneos freqüentados por todas as pessoas, não mais só por ex-usuários de saúde mental.

Dessa forma, o movimento antimanicomial é essencialmente político, no sentido de ser basicamente um instrumento de transformação, que deve operar uma intervenção social na cultura e uma intervenção clínica (técnica); nem só um movimento pela cidadania, nem só uma nova prática clínica, mas uma intervenção que leve os dois aspectos em consideração, “... tomaremos como antimanicomial toda clínica que convide o sujeito a sustentar sua diferença, sem precisar excluir-se do social.” (Lobosque, 1997, p.23).

Seria possível?

Guattari (1992) aponta que as estratégias e instituições devem sempre se pautar por revoluções moleculares, ou seja, devem surgir do espaço relacional e não de uma fonte externa soberana. Nesse sentido, qualquer imposição de um saber se configura em autoritarismo e recriação do poder que o saber psiquiátrico (cultura manicomial) detinha sobre a saúde mental.

As novas formas de mediação social não podem ter bases pré-definidas, pois a referência não é mais a uma forma comunitária a qual se deveria assujeitar e obedecer incondicionalmente, mas sim a uma referência que também se constrói no espaço público em relação. (Dubar, 2000).

Na tentativa de traçar alguns elos de similaridade nas experiências antimanicomiais brasileiras, poderíamos dizer que a atenção em saúde mental deve se constituir em uma rede de atendimentos, que possa abarcar a experiência da loucura em seus vários momentos: pré-crise, crise e pós-crise.

Essa rede não é constituída por uma única classe de profissionais, pois nenhum saber esgotaria a questão do trato com a loucura, sendo a interdisciplinaridade um dos princípios norteadores para ela, pois essa rede de atenção em saúde mental deve possibilitar a interlocução com a experiência da loucura em seus mais variados momentos num sistema de referência e contra-referência, ou seja, a idéia de uma rede traz implícita a concepção de que não é possível a atenção localizada à loucura. (Scarcelli, 1998).

A rede deve ser o sistema de referência para a pessoa que dele necessite, e ela não deve ter um espaço, nem um agente em saúde mental prioritário, nem somente profissionais da saúde, mas se constituir num discurso de referência que circula pelos agentes, pelas equipes multiprofissionais e pelos espaços de atenção em saúde mental.

Com esse descentramento, não há uma figura central, mas uma rotina de atividades comuns com tarefas específicas para cada profissional, pois a interdisciplinaridade não significa miscelânea, nem ecletismo, mas sim uma direção comum no tratamento. Se fizermos um paralelo a uma peça de teatro, não há um ator protagonista com seus coadjuvantes, mas sim uma equipe que tem a própria peça como sua protagonista e norte principal.

A questão técnica está sempre vinculada a questão política, pois a questão do trato com a loucura não se reduz a uma questão da saúde, mas também a uma questão sócio-cultural, pois se a luta antimanicomial não possibilitar em sua

operacionalização a reconstrução do convívio entre a sociedade e a loucura, ela não estaria cumprindo seu papel.

Lares abrigados, acompanhamento terapêutico e cooperativas de ex-usuários de saúde mental são tentativas de auxílio no seio da teia das relações sociais, mas ainda de forma protegida. Seria o destino dos “loucos” estar sempre sob tutela? Estaria a loucura eternamente associada somente à dimensão da saúde?

Em um mundo que não é continente à experiência da loucura sim, mas em um mundo que está vivendo um momento de transição e, de certa forma, uma parte das pessoas cada vez mais se encontram desamparados pela estrutura social, parece que se abre uma perspectiva de volta à vida social para o “louco”.

Todos necessitam de um amparo na estrutura social como elemento organizador do acontecer subjetivo; quando a sociedade estava fechada para essa tarefa, ela só poderia ser realizada em instituições designadas pela própria sociedade para esse fim (instituições de saúde mental), mas quando a sociedade está em transição, uma abertura se coloca e o acolhimento da loucura pode acontecer em outros espaços.

Preocupações atuais na atenção em saúde mental estão focadas na representação social da loucura e na atitude das pessoas diante dela; no envolvimento da comunidade (familiares dos “loucos”, voluntários, moradores da região, etc.) como fator produtor no atendimento em saúde mental; na produção laboral e atividade profissional como importantes elos de laço social; e, principalmente, na criação de espaços de livre circular das pessoas, nos quais coexistam os “loucos” e os “não-loucos”, para que cada vez mais um mundo conviva com o outro e, num movimento de aproximação sucessiva, a sociedade possa (re)absorver a loucura, fazendo, num limite do pensar, com que ela perca seu estatuto de impossibilidade de morada mundana e construa um novo estatuto.

A idéia é que se parta do tratamento da crise, que é geralmente realizado de forma intensiva e individualizada (terapêuticas dos profissionais da saúde), para gradativamente ir se transformando num tratamento que ganhe corpo e envolva cada vez mais a articulação às atividades coletivas (psicoterapias de grupo, oficinas, grupos de terapia ocupacional), para ir deixando de ser tratamento e transformando suas ações em espaços de instrumentalização para a reconstrução do projeto de vida, ultrapassando o campo das intervenções *psi*, e alcançando espaços de convivência e

ação gerais: uma micropolítica (trabalho localizado de transformação social, como nos sugere Guattari, 1992).

*“Estes diversos equipamentos e ações se ordenam num **continuum** de progressivo desligamento do campo teórico-técnico, para sustentar-se cada vez mais no âmbito da própria cultura.”* (Lobosque, 2001, p.98).

Uma das instituições em saúde mental que tem essa proposta é o CECCO (Centro de Convivência e Cooperativa), que funciona em espaços públicos (âmbito da própria cultura), não destinados a usuários em saúde mental.

Mas o que seria um Centro de Convivência e Cooperativa?

Seria um espaço de saúde, mas não vinculado diretamente à rede de atenção em saúde mental nas representações sociais; seria um espaço de circulação e de encontro da heterogeneidade, o que possibilitaria a reinvenção do estar-com e do ser-com; seria um espaço instituinte, pois geraria a destituição de saberes preconcebidos e promoveria um exercício de convivência na diferença; seria um espaço de criação grupal, na qual as heterogeneidades se aglutinam em torno de uma tarefa, não em torno de rótulos.

Seria um laboratório de vivências e modelos de vinculação, basicamente um espaço que serviria de intermediário para o exercício de conviver, que teoricamente provocaria gradativas transformações nas instituições cristalizadas sobre a loucura, através de oficinas e cooperativas. (Lopes, 1999).

Tanto as oficinas quanto às cooperativas são espaços coletivos e grupais, laboratórios de experimentação e aproximação com o mundo, que permitiriam a instrumentalização e a elaboração de projetos de vida, que caminhariam para vários lados, mas que aqui poderiam ter como elo central a questão do trabalho, como mediador social produzido e produtor das relações sociais e do reconhecimento social.

O espaço, então, no qual a possibilidade para a reconstrução da vida se daria seria o espaço público de construção social.

Será que uma saída não seria o deslocamento da atenção à loucura do espaço restrito da saúde mental para o espaço público?

2.4.2. As possíveis saídas para o “louco” no mundo atual

As saídas propostas acima trazem o perigo de transformar o espaço público em espaço terapêutico, o que não traria transformação, pois muda-se o lugar, mas permanece a mesma forma de relação social, por isso um novo olhar deve ser conferido ao “louco” na atual realidade para facilitar esse processo.

O “louco” não precisaria mais se relacionar com uma estrutura social fixa, dominante, normativa e excludente, portanto, haveria possibilidade de se estruturar, pois a estrutura social está cada vez mais descontínua e transitória, muito semelhante à experiência psicótica, que fixa o sujeito no presente e impede uma apropriação da vida pela impossibilidade de apropriação do futuro, deixando o “louco” muito sozinho nesse processo.

A solidão psicótica parece ser a solidão social, que enfraquece o sujeito atualmente ao invés de servir de base para a sua vida, pois não parece se constituir mais num sistema de significação e ordenação social, impedindo, pela falta de critérios (instituições) explícitos, se constituir em um sistema de referência, colocando muitas pessoas hoje em dia sob o risco de viver a mesma situação do “louco”, ou seja, tendo que reconstruir sua vida a todo instante, pois nada fica e a identidade não tem espaço para ser construída.

A socialização, pela qual se (re)constrói a vida, a cultura e a identidade, e se faz história, é substituída pela robotização, em que se cumprem rotinas sem sentido, causando um rompimento desse processo pela impossibilidade de fazer história pela ação: movimento de desumanização do mundo, no qual esteve submetido o “louco” por longos anos, e que agora parece atingir a muitos, gerando uma massa de desfiliaados (Castel, 1993), ou seja, pessoas que não conseguem encontrar na estrutura social um espaço para a significação do seu acontecer subjetivo.

Uma boa parte das pessoas se encontra perdida, como outrora estavam os estigmatizados sociais (os “loucos”, por exemplo), tendo que encontrar saídas para a reconstrução da vida, sem defender a ordem passada, nem aceitar a desordem presente, ou seja, todos estão na mesma tarefa, o que pode se constituir numa nova chance para o antigo sujeito chamado de “louco”.

Como escapar do provável destino atual de muitos (destino tradicionalmente apontado como do “louco”) de ficar preso à temporalidade do presente, sem conseguir se dirigir ao futuro, nem organizar uma continuidade experiencial, pela instabilidade e imprevisibilidade a que o mundo está submetido? Estaria o mundo

fadado a não ter estruturas que fossem pontos de referência social? Como construir um projeto identitário num mundo sem projetos?

Touraine (1998) aposta que novas formas de mediação surgirão, mas que não podemos incorrer no erro de utilizar velhas fórmulas para novas realidades. Diz que a atual realidade oferece duas possibilidades extremas: ser invadido pela cultura global ou ser fragmentado pelas comunidades, e ambas levam o sujeito a continuar sem referência, perdido na imensidão do global ou no enclausuramento do singular comunitário.

“Quando estamos todos juntos, não temos quase nada em comum; e quando partilhamos crenças e uma história, rejeitamos os que são diferentes de nós.” (Touraine, 1998, p.11).

A atual realidade do mundo pode levar a constituição de uma falsa identidade, marcada pela invasão social, apontada por Touraine (1998), que coloca o indivíduo preso à ordem da razão instrumental, e que pode constituir um falso *self* (Winnicott, 1983), uma personalidade normótica (Bollas, 1992), um vínculo alienado com o mundo (Bleger, 1972), ou uma estratégia identitária de difusão adaptativa (Kraus, 1998), na qual o indivíduo se adapta a uma situação cultural de incerteza através de relações sociais de descompromisso e sem projetos futuros, minando qualquer possibilidade de integração espaço-temporal, gerando o que Lash (1984) denominou de “cultura de sobrevivência”.

A cultura de sobrevivência reduz a subjetividade humana à sua dimensão real mínima (a dimensão fisiológica) desconectando, então, as dimensões temporais de passado, presente e futuro e impedindo a construção de projetos de vida.

Essa falsa identidade se definiria pela construção contínua de projetos sempre provisórios com estabilidade transitória, sem gerar história. A estrutura social está em crise e a identidade se encontra multifacetada (sem um pólo de referência organizador) e isso pode gerar um processo de despersonalização, que faz emergir no sujeito identidades múltiplas, personalidades híbridas, egos múltiplos ou processos de desidentidade, causados pela dessocialização preconizada por Touraine. (2001).

As crises coletivas deixaram, então, as identidades pessoais também em crise e poderiam levar a idéia liberal de que as soluções estão em cada indivíduo, mas não há como se autoconstruir sem se referir ao outro, não mais como outro significativo,

mas como outro generalizado que se reconstrói no espaço público em relação com cada pessoa.

Se o mundo atual não produz bases fixas, estáveis e duradouras, pode produzir processos de relação com esse mundo que tenham bases estruturadas e estruturantes, que se constituíam em um ponto fixo numa sociedade em movimento.

Como viver em instabilidade e construir identidade?

Kraus (1998) coloca que a constância do eu não consiste em manter uma identidade, mas sustentar uma tensão dialética e se manter diante de crises periódicas, através de estratégias identitárias. Não mais se valoriza o produto a ser alcançado, pois ele não existe mais como um *a priori*, mas a possibilidade de construir estratégias de se relacionar com o mundo, que não ignoram esse mundo, nem lhe aceitam passivamente, ou coadunam com a dissociação entre cultura e economia preconizada por Touraine (1998), que fragmenta a experiência humana, contudo, visam antes, uma possibilidade de processos articuladores entre essas duas realidades dissociadas, que não gerem extremismos.

Extremismos, como nos aponta Touraine (1998), ao falar de uma vida guiada pela:

- **Estratégia instrumental:** domínio da lógica econômica e desaparecimento do sujeito;

OU PELA

- **Estratégia comunitária:** aprisionamento em comunidades ensimesmadas, que negam o mundo e qualquer relação com ele.

Extremismos, como nos diz, de forma semelhante Castells (1997), ao falar de uma:

- **Identidade legitimadora:** identidade introduzida e legitimada pelas instituições dominantes (que tentam ainda se sustentar) para expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais que é representada pela lógica econômica;

OU DE UMA

- **Identidade de resistência:** identidade criada pelos atores sociais estigmatizados ou desvalorizados socialmente, como forma de oposição às instituições dominantes, que age de forma semelhante à estratégia comunitária de Touraine.

Dubar (2000) coloca que as estratégias das formações identitárias são individualizadas, mas não se constituem em individualismos, pois o processo estratégico de produção dessas formações se dá numa relação de tensão entre formas prioritárias de relações sociais (societária ou comunitária) e formas dominantes de temporalidade (passado ou futuro).

Dubar, Touraine e Castells parecem concordar que, como as referências institucionais coletivas já não são uma base tão sólida como foram para as construções identitárias, estas devem ser buscadas através do que Castells (1997) chama de identidade de projeto, que é o reprocessamento da matéria-prima da identidade como forma de construção de uma nova identidade para redefinir sua posição social e buscar a transformação de toda estrutura social; ou do que Touraine (1998) nomeia de sujeito, através do projeto de vida pessoal, como esforço de produzir continuidade experiencial e transformar essas experiências vividas em construção de si mesmo como ator.

O sujeito teria como tarefa produzir a si mesmo e não mais alcançar uma identidade de sujeito pré-determinada, resistindo à fragmentação imposta pelo mundo em movimento.

O sujeito se torna o movimento social possível na atualidade e é “... *a partir desse princípio não social que deve ser construída uma concepção de vida social.*” (Touraine, 1998, p.24).

A sociedade se reconstrói pelo reconhecimento do outro que está no mesmo processo de afirmação da liberdade contra o poder dos estrategistas (identidade legitimadora) e dos ditadores comunitários (identidade de resistência), através de uma combinação de uma memória cultural com um projeto instrumental, que possibilitaria a comunicação intercultural, através da produção do sujeito (identidade de projeto).

Touraine (1998) propõe que a saída é gerar a chance da comunicação intercultural, ou seja, que a diversidade entre os sujeitos não impossibilite a relação social, mas viabilize sua existência.

A relação social, não mais mediada pelas instituições sociais de regulação, deve ser recriada a cada momento, não partindo de um *a priori* determinado, e que esse esforço deve partir da tarefa realizada pelos indivíduos de se tornarem sujeitos através da realização de projetos de vida pessoais.

O projeto não seria uma forma de inserção social, pois a sociedade não teria mais uma estrutura permanente, seria, sim, o esforço de produzir continuidades experienciais e transformar essas experiências vividas em construção de si mesmo como ator social, processo que Bleger (1972) chamou de identidade interiorizada, trabalho imposto pela necessidade de resistir à fragmentação trazida por um mundo instável e em eterno movimento: sem ordem, nem equilíbrio.

O sujeito não teria outro conteúdo que não fosse a produção dele mesmo, e esse esforço coletivo de origem não social, possibilitaria uma nova concepção de vida social e de comunicação intercultural, só gerada pelo reconhecimento do outro que está no mesmo processo.

As relações sociais, anteriormente reguladas por componentes coletivos, hoje deram lugar a transações mais individualizadas. (Demazière & Dubar, 2000).

Dubar (2000) aponta que o indivíduo não substituiria o coletivo, pois um não existe sem o outro, mas haveria um predomínio do modo de vida individual sobre o modo de vida coletivo. A identidade se constitui sempre de forma conjunta e como dinâmicas práticas em eterna reconstrução.

Segue dizendo que:

... a passagem do comunitário ao societário implica, com efeito, uma modificação da estrutura própria da identidade pessoal e a emergência de novas formas de subjetividade. Implica, de fato, uma reorganização das formas identitárias em torno das “identidades para si” e não mais das “identidades para outro”. Implica que as conversões identitárias façam passar os indivíduos de membros

assujeitados (mas também mais ou menos protegidos) a sujeitos atores, mas muito mais expostos e incertos. Esta é a razão pela qual ele não pode ser produzido sem crise e aonde também se enraiza a forma das crises existenciais e subjetivas. (Dubar, 2000, p.224).²⁴

Dessa forma, as estratégias identitárias devem levar sempre em conta crises recorrentes, e que todos estão sujeitos a isso, rompendo com os velhos estereótipos de quem estaria autorizado a ser ator social e de quem não estaria: seria essa uma nova chance para a loucura voltar a habitar o mundo?

O projeto de vida seria uma possível saída para a instabilidade, mas esse projeto tem várias esferas, e, diante de uma sociedade capitalista, o trabalho tem resistido bravamente como possibilidade de espaço de construção das relações e da vida social.

O trabalho tem sido alvo de constantes estudos que apontam que ele não é mais central na estrutura social e que sua função estaria diminuída.

Seria o trabalho uma possibilidade nova para a loucura?

2.5. O mundo do trabalho

Temos geralmente duas definições para o trabalho:

- a) Realização de uma obra que seja expressão da vida humana e traga reconhecimento e permanência, ou seja, inscrição social e possibilidade de construção de uma história;

²⁴ “Le passage du communautaire au sociétaire implique, en effet, une modification de la structure même de l’identité personnelle, l’émergence de formes nouvelles de subjectivité. Il implique, en fait, une réorganisation des formes identitaires autour des “identités pour soi” et non plus des “identités pour autrui”. Il implique des conversions identitaires faisant passer les individus de membres assujettis (mais aussi plus ou moins protégés) à des sujets acteurs mais beaucoup plus exposés et incertains. C’est la raison pour laquelle il ne peut se produire sans crises et que celles-ci prennent aussi la forme de crises existentielles et subjectives.” (Dubar, 2000, p.224).

b) Esforço rotineiro e repetitivo, sem reconhecimento, nem permanência, mera realização de uma atividade que não deixa vestígios, nem produto final, não faz história e que aproxima o homem do animal.

A mitologia faz referência a ambas definições de trabalho, primeiramente no Mito dos Doze Trabalhos de Hércules (Ménard, 1985), que tinham como requisitos para serem realizados: força física, coragem, bravura e inteligência, transformando o trabalho em virtude e representante da vida; assim como no Mito de *Sísifo* (Brandão, 1986), que, por desafiar os deuses, recebeu o castigo de levar uma pedra até o cume de uma montanha, a qual tornava a rolar para baixo depois de terminada a tarefa, e assim sucessivamente, transformando o trabalho em esforço sem sentido.

Seriam esses os dois sentidos básicos para o trabalho no mundo ocidental?

Arendt (1987) nos coloca que essa seria a distinção entre trabalho e labor, mas que essa distinção não fica claramente explicitada na história do pensamento ocidental, que até hoje em dia engloba esses dois significados numa mesma atividade designada como trabalho.

Pode-se constatar que o trabalho está semanticamente associado a sofrimento e se transformou em esforçar-se e, também, em produzir, ou seja, todo trabalho tem uma intenção produtiva e um esforço.

Dejours (2001) coloca que o trabalho vive um paradoxo psíquico, pois pode ser ao mesmo tempo fonte de fadiga ou fonte de equilíbrio.

Partamos daqui, então, para tentar responder à questão: o que é trabalho?

Na nossa visão, o trabalho seria a forma elementar de ação humana (fundamento ontológico da humanidade), que transforma objetos naturais em objetos humanizados, através de um processo mental, seguido de uma realização exterior, por intermédio da criação, utilização e desenvolvimento de instrumentos. Permite ao homem transformar a natureza, se autotransformar e transformar as relações humanas, numa relação dialética que o inscreve na vida humana, como produtor e produto de uma determinada sociedade. Como transcendência, torna concreta e reconhecida a existência humana, se constitui como fonte de prazer e satisfação de necessidades e pode levar a liberdade e a humanização; mas como dominação, retira a singularidade, se constitui como fonte de dor e sofrimento e pode levar a alienação e a desumanização.

O trabalho pode ser fragmentado ou visto em sua totalidade, pois como totalidade pode ser fonte de construção da vida, mas como fragmentação pode ser fonte de eliminação da vida, quando não produz sentido e só repete atividades mecânicas.

Arendt (1987) coloca que o trabalho teria três esferas: o labor (*labour*), que é a atividade mecânica; o trabalho propriamente dito (*work*), que é a produção de bens duráveis e permanentes na vida mundana; e a ação (*action*), que é a possibilidade da construção da história subjetiva e social pelas trocas e laços que o trabalho em sua totalidade possibilita.

O conjunto dessas três atividades configura a possibilidade de uma *vita activa*, ou seja, uma vida dotada de sentido, de possibilidade de transformação e de existência. Não basta ao homem fazer, mas principalmente ser ao fazer.

O sistema capitalista se apropriou das regras de constituição do trabalho e, atualmente, vive uma crise, pois o trabalho parece gerar o oposto do que é sua função, ou seja, pelo trabalho eu laboro na construção da vida e atribuo sentido ao meu fazer (ser ao fazer), garantindo uma história subjetiva a partir da história coletiva, que necessita de permanência e continuidade.

Apontamos parágrafos atrás que o mundo atual está gerando descontinuidade e não permanência, transformando as relações sociais em processos de robotização, ficando o homem moderno semelhante a uma máquina.

Podemos dizer que o processo de robotização fragmentou o trabalho humano pela ênfase no labor e pela impossibilidade de produção de bens duráveis que laborem na construção do mundo, cessando a relação dialética em que o sujeito é produtor e produto do mundo.

Sennett (1998) coloca que o trabalho construído dessa maneira não produz seres humanos, nem identidade, mas relega o indivíduo a um fazer sem continuidade, nem sentido, ficando sua vida à deriva, o que gera uma corrosão do caráter, pois se nada é permanente, como constituir uma estrutura de referência para sua existência, via trabalho?

Touraine (1998) e Guichard (2002) complementam essa idéia ao apontar que a atualidade, ao promover a dissociação do trabalho pela razão instrumental, está produzindo indivíduos com egos múltiplos, pois a flexibilização do trabalho rompeu a unidade que lhes era característica.

O mundo de hoje é marcado pela rapidez das mudanças e das comunicações, quebrando a possibilidade de estabelecer continuidades, o que pode gerar o fenômeno dos egos múltiplos, ou seja, assumir lugares sociais sem compromisso ou engajamento, o que torna a vida uma seqüência de fatos, lugares e pessoas sem ligação, nem articulação, não possibilitando a construção de identidades – fenômeno que Touraine (2001) nomeou de desidentidade.

O capitalismo, com o seu braço de dominação que é a razão instrumental, parece ter destituído o trabalho de um fazer com sentido, transformando-o em um meio para conseguir algo, que nunca chega, com um agravante: antigamente o trabalho era um fazer sem sentido, mas com uma estabilidade e uma continuidade, enquanto agora o trabalho é um fazer sem sentido e ainda descontínuo e instável, ficando todos os trabalhadores à deriva, sem controle de sua trajetória profissional.

A razão seria um instrumento para crítica e aperfeiçoamento da força produtiva, mas também é cooptado pelo capitalismo e se torna a justificção da relação utilitária de produção; enquanto a técnica, inovando os meios de transformação da natureza, justifica a submissão dos homens ao agir-com-respeito-a-fins da lógica capitalista e ao próprio aparato técnico, que amplia as comodidades da vida e aumenta a produtividade do trabalho. (Habermas, 1983).

Há um fetichismo da mercadoria, pois as relações humanas são transformadas em relações entre os produtos do trabalho (valores-de-troca), que provoca uma humanização da mercadoria; e há também uma reificação do trabalhador, que não é visto como um ser humano que tem como valor suas qualidades expressas pelo trabalho, mas sim como alguém que tem algo a vender, ou seja, sua força de trabalho (*labour power*) como uma mercadoria (valor-de-troca): o trabalhador vira uma mercadoria que tem como valor máximo o seu labor, o que gera a desumanização do trabalhador. (Marx, 1980).

Essa é a cultura da sobrevivência, que reduz a subjetividade humana a sua dimensão fisiológica e, no caso do trabalho, a sua dimensão de labor. (Lash, 1984).

Jerusalinsky (2000) conta a história de um relojoeiro europeu do século XV que levou 20 anos para construir um relógio para sua cidade e no dia da inauguração teve seus olhos perfurados pelo prefeito para que não pudesse construir o mesmo relógio para outra cidade.

Essa história representaria o atual paradigma da sociedade, ou seja, o valor do homem está na sua produção, pois, ao construir o relógio, o saber estava no relojoeiro (sujeito), mas ao perder a visão e a possibilidade de construir novas obras, o saber fica no relógio (objeto).

Nesse sentido, reforça-se a tese do trabalhador como uma mercadoria, não como sujeito do seu trabalho. O trabalho como um fim em si mesmo foi camuflado e dominado pela racionalidade instrumental, que o coloca como *algo que se tem*, não *algo que se faz*.

O produto do trabalho não mais pertence ao trabalhador, que se vê numa atividade estranhada e alienada (alienação no duplo sentido que a sua origem no latim apresenta, ou seja, como *alienare* – que pertence a um outro, ou como *alieus* – transferir para outrem o que é seu).

A perplexidade do utilitarismo é que se perde na cadeia interminável de meios e fins sem jamais chegar a algum princípio que possa justificar a categoria de meios e fins, isto é, a categoria da própria utilidade. O “para que” torna-se o conteúdo do “em nome de quê”; em outras palavras, a utilidade, quando promovida à significância, gera ausência de significado. (Arendt, 1987, p.167).

2.5.1. As saídas para o trabalho

Muitas soluções são propostas para essa situação da atualidade, dentre elas a busca do sentido da vida fora do trabalho (no lazer ou na esfera comunicacional, por exemplo) ou então a quebra da racionalidade instrumental como forma de restituir ao trabalho sua possibilidade de atribuir a condição humana ao indivíduo.

De Masi (2001) propõe a acomodação com a subordinação do trabalho ao capital (mundo da produção) e a busca da plenitude emancipatória fora da atividade produtiva (compartilhamento do trabalho fetichizado e estranhado com o tempo livre).

Habermas (1983) sugere o desacoplamento entre sistema (labor/trabalho) e o mundo da vida (ação), e busca da plenitude emancipatória fora da atividade produtiva (na ação comunicativa).

Gorz (1987) sugere a quebra da lógica capitalista (representada pela racionalidade instrumental) gerada de fora desta lógica e posterior transformação.

Adorno (1995) e Marcuse (1986), pelo contrário, apostam na quebra da lógica capitalista (representada pela racionalidade instrumental) gerada de dentro desta lógica e posterior transformação.

Antunes (1999a) concorda que a solução seria a abolição da relação mediatizada e a emergência da relação imediata, possibilitando a experiência de prazer, ou seja, a combinação de uma vida cheia de sentido com uma vida cheia de sentido no trabalho, não promovendo uma dicotomia entre mundo do trabalho e mundo da vida:

... uma coisa é conceber, com a eliminação do capitalismo, também o fim do trabalho abstrato, do trabalho estranhado; outra, muito distinta, é conceber a eliminação, no universo da sociabilidade humana, do trabalho concreto, que cria coisas socialmente úteis, e que, ao fazê-lo, (auto)transforma o seu próprio criador. (Antunes, 1999b, p.82).

Arendt (1987) propõe que a redenção para a vida mantida pelo labor seria a mundanidade, mantida pela fabricação (dimensão do trabalho) e a produção de um mundo com sentido (dimensão da ação).

O que importa é pensar que não é o trabalho que perdeu seu potencial de base concreta para a existência dos homens, mas que a racionalidade instrumental é que desvirtuou essa condição do trabalho de gerar humanidade pela possibilidade das trocas sociais e da construção do mundo, via trabalho.

A *vita activa* é uma totalidade indissociável para o engendramento do humano no homem e qualquer separação em suas esferas pode gerar processos como o da razão instrumental, que desumanizam o homem pela operação de desmembramento da *vita activa*, como nos sugere Touraine (1998) ao falar da dissociação entre cultura e economia.

Dessa maneira, a solução não deve partir de premissas semelhantes às utilizadas pelos mesmos mecanismos que visa combater (a dissociação da *vita activa*), como uma vacina que é feita do próprio agente causador da doença, mas sim

encontrar possibilidades de garantir processos de humanização do homem visto globalmente, que é justamente a comunicação intercultural proposta por Touraine. (1998).

Como ficaria a loucura nesse contexto?

2.5.2. A loucura e o mundo do trabalho

O trabalho ainda pode ser considerado o eixo estruturante existente para o processo de significações e trocas sociais, que garantiria primeiramente a possibilidade de uma estabilidade pela produção de mundanidade (necessidade de reestruturar os laços sociais – operação invariavelmente realizada pelo vínculo ao mundo do trabalho), para depois operar uma atuação na dimensão da ação, que garantiria a possibilidade de intercâmbio intersubjetivo, assegurando a permanência e a chance de fazer história, processo barrado pelo desarranjo das crises psicóticas.

O “louco” necessita voltar a construir uma história que permaneça, e para isso precisa voltar a laborar na construção do mundo através de um papel na relação dialética que o produz e que permita a ele resgatar a dimensão da ação para gerar a socialização, o que significa que não basta ter um trabalho produtivo, há necessidade que o trabalho produza e se produza na relação intersubjetiva, para que o sujeito possa fazer algo (falar algo) e ser entendido naquilo que está dizendo, constituindo um laço social. (Delgado et al., 2000).

Nesse sentido, a atenção à loucura, que por séculos se viu encerrada à saúde, começa a buscar novas intermediações institucionais, pois o mundo transitório da atualidade tornou as referências tradicionais muito perenes; e, se as instituições sociais tendem a não se constituir mais em estruturas estáveis, limitadas e claras, a atenção à loucura não necessita mais estar unicamente associada ao campo da saúde, podendo, dessa forma, ser realizada no seio do próprio tecido social, por exemplo, via trabalho.

Dejours (1994) coloca que:

... o trabalho aparece definitivamente como um operador fundamental na própria construção do sujeito. O trabalho revela-se, com efeito, como um mediador privilegiado, senão único, entre inconsciente e campo social, entre ordem

singular e ordem coletiva (...) não é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, ele é também espaço de construção de sentido e, portanto, de conquista da identidade, da continuidade e historicização do sujeito. Dessa forma, ao lado da economia das relações amorosas, a dinâmica das relações sujeito-organização do trabalho poderá ocupar um lugar significativo no processo de reapropriação e de emancipação. (p.143).

Dejours enfatiza a importância indispensável do trabalho na constituição humana, colocando-o como uma única saída, mas que podemos indicar, sem exageros, como uma possível saída privilegiada, sem ignorar nem desmerecer as demais possibilidades que possam surgir.

Mas, seria o trabalho uma possibilidade para a loucura se reinscrever na intersubjetividade das relações sociais e operar na construção do mundo?

2.5.2.1. Loucura e trabalho na modernidade e na atualidade: restrições e possibilidades

Foucault (1975) disse que *“a loucura é ruptura absoluta da obra”* (p.529); obra entendida como uma produção intersubjetiva que se inscreve na história social e singular em dada época, em dada existência: *“ali onde não há obra, há loucura.”* (p.530).

A loucura seria antagônica à obra, pois alienaria o homem em sua própria verdade, causando um ensimesmamento que impossibilitaria qualquer trabalho de obrar no mundo.

A loucura colocaria o homem *“... retido em sua própria verdade, e, por isso mesmo, afastado dela. Estranho em relação a si mesmo, **Alienado.**”* (Foucault, 1975, p.509).

... a loucura não manifesta nem considera o nascimento de uma obra (ou de qualquer coisa que, com aptidão ou com boa sorte, poderia chegar a ser uma obra); designar a forma vazia de onde vem esta obra, é dizer do lugar de onde não

deixa de estar ausente, no qual jamais se encontrará, porque nunca esteve ali. (Foucault, 1976, p.337-338)²⁵.

Foucault (1975) escreve no e para o mundo moderno em sua “História da Loucura” ainda impregnada pelas regras positivistas da normalidade e da anormalidade, mas será que devemos continuar pensando dessa maneira diante de um mundo em transição que sofre pela fragilização de suas estruturas, como já refletimos anteriormente?

O próprio Foucault (1976) acreditava que não, e dizia:

Tudo que hoje percebemos sobre a forma de limite ou de estranheza ou de ser insuportável, se reunirá com a serenidade do real. E aquilo que hoje designa para nós o Exterior, chegará acaso um dia a designar nós mesmos. (Foucault, 1976, p.328)²⁶.

Dessa forma, Foucault (1976) aponta que a sociedade poderia operar uma reintegração entre loucura e razão, através de uma mutação, que ele mesmo não antecipava de onde viria e como seria, mas acreditava ser possível, com a ressalva de que provavelmente essa mutação não partiria da medicina.

Seguindo os passos arqueológicos que o próprio Foucault preconizou, a hipótese é que em um mundo em transição com suas referências, teorias e significações em crise, brechas e fendas possam se abrir na sua estruturação, que possibilitem novas articulações intersubjetivas entre trabalho e loucura; e, por conseguinte, novas formas existenciais, com o trabalho como mediador privilegiado

²⁵ “... la locura no manifiesta ni cuenta el nacimiento de una obra (o de cualquier cosa que, con genio o con buena suerte, habría podido llegar a ser una obra); designa la forma vacía de la que viene esta obra, es decir, el lugar donde no deja de estar ausente, donde jamás se la encontrará, porque nunca se ha encontrado allí.” (Foucault, 1976, p.337-338).

²⁶ “Todo lo que hoy sentimos sobre el modo del límite o de la extrañeza, o de lo insuportable, se habrá reunido con la serenidad de lo positivo. Y aquello que para nosotros hoy designa el Exterior un día acaso llegue a designarnos a nosotros.” (Foucault, 1976, p.328).

dessas novas articulações intersubjetivas, poderiam restabelecer uma possível dialetização das relações intersubjetivas para a “pessoa psicótica”.

Winnicott (1990) disse que a “pessoa psicótica” não encontrou um *holding* adequado para si e vive imersa numa relação de indiferenciação eu/não-eu, sendo o mundo uma impossibilidade existencial para ela.

Dejours (2001) aponta que o trabalho pode ser o continente necessário para que o sujeito possa realojar seu corpo, dando um significado existencial a si através desse encontro da resistência da materialidade do mundo consigo mesmo.

O contato com a resistência do real faz emergir os limites humanos, mas também a sensibilidade humana e a possibilidade de conhecer o mundo, pois “... *ao transformar o sofrimento em apropriação, o sujeito se emancipa da restrição do real.*” (Dejours, 2001, p.3).²⁷

O sofrimento é a busca do novo ou do “eu” mesmo, perdido ou não alojado em um corpo e do contato com a resistência do mundo é que o homem constitui seu corpo e dessa experiência funda e refunda sua subjetividade.

O trabalho, como obra, permitiria que o sujeito visse a si mesmo pela experiência de sofrimento que o contato com a resistência da materialidade do mundo gera e essa experiência poderia produzir a emancipação.

A falta do trabalho ou a impossibilidade do trabalho constituído como obra, como reconstrução contínua do mundo e de si gera, invariavelmente, uma vida sem sentido, pois “... *o trabalho, é verdade, pode gerar a alienação. Mas também pode ser o mediador, insubstituível, da emancipação.*” (Dejours, 2003, p.27).²⁸

É do confronto prolongado e obstinado com o real, é da experiência de sofrimento e de estar em xeque, que nasce a engenhosidade, ou seja, a capacidade de inventar soluções inéditas para situações até então desconhecidas para o sujeito. Na verdade, o sofrimento se transforma em

²⁷ “... en transformant la souffrance en trouvaille, le sujet s’emancipe de la contrainte du réel.” (Dejours, 2001, p.3).

²⁸ “... le travail, c’est vrai, peut générer l’alienation. Mais il peut aussi être le médiateur, insubstituable, de l’émancipation.” (Dejours, 2003, p.27).

habilidade. É com esse processo que o sujeito se reapropria da experiência de sofrimento. (Dejours, 2001, p.3).²⁹

O poder de transformação desse sofrimento em emancipação é o que permite que o trabalho tenha sua característica de constituir e reconstituir a subjetividade.

Mas o que seria, então, o trabalho na loucura?

E ainda mais: qual seria o lugar da “pessoa psicótica” nesse confronto com a materialidade do mundo, que pode produzir emancipação, mas também perpetuar a alienação em que ele já vive imerso?

As relações trabalho - “pessoa psicótica” nos remetem a duas situações:

- Trabalho como alienação;
- Trabalho como possibilidade de emancipação.

2.5.2.1.1. Trabalho como alienação

A produção pelo trabalho, nesse caso, seria uma construção subjetiva ensimesmante, que não estabeleceria canais de comunicação intersubjetiva sujeito-mundo, podendo se manifestar de duas maneiras:

- a) Trabalho expressivo: produção não aceita pela sociedade, que continua a produzir o ensimesmamento do “louco” e a corroborar a hipótese foucaultiana de que a loucura é a ausência de obra, tendo como finalidade apenas mostrar ao mundo o que o sujeito é;
- b) Trabalho artesanal: produção aceita pela sociedade, se tornando obra para ela, pois permite um contato e um valor social ao autor da obra, mas que não é obra para o “louco”, que não consegue “ser” através dessa obra. A sociedade reconhece as obras da loucura, mas não os “loucos” como construtores do mundo, ou seja, reconhece-se à obra, mas não o autor dessa

²⁹ “C’est de la confrontation prolongée et **obstinée** au réel, c’est de l’expérience de la souffrance et de l’échec que naît l’ingéniosité, c’est-à-dire la capacité d’inventer des solutions inédites à des situations jusque là inconnues du sujet. Ce faisant, la souffrance se transforme en habileté. C’est dans ce processus que le sujet se réapproprie l’expérience de la souffrance.” (Dejours, 2001, p.3).

obra: “... visível, porém absolutamente vazia, ainda sem poder ser nomeada” (Foucault, 1976, p.340)³⁰ como obra. Arthur Bispo do Rosário é um bom exemplo disso, pois sua obra é conhecida e reconhecida por todos, mas ela não se constituía em canal de comunicação intersubjetiva com o mundo, recriando *ad infinitum* o ensimesmamento na loucura. Sua obra não era endereçada ao outro da cultura, mas a Deus, que era a sua verdade. “*Apesar dos adjetivos repetidamente dirigidos a Bispo e sua Obra, ele sempre afirmou que as matérias em revistas e jornais sobre sua pessoa ‘não o reconheciam’.*” (Soares, 2000, p.44).

2.5.2.1.2. Trabalho como possibilidade de emancipação

O trabalho não é só produção, mas permite a possibilidade de viver juntos na diferença, ou seja, uma morada de construção dialética nas relações sociais, podendo se manifestar de duas maneiras:

- c) Trabalho produtivo robotizado: a vida-em-comum pode não gerar comunicação intersubjetiva, apenas a repetição sem relação de um modelo de vida social, que garantiria ao sujeito uma vida produtiva em sociedade, mas não necessariamente o trabalho seria a possibilidade de se constituir como ser ao realizar uma atividade reconhecida no mundo. Há um reconhecimento mútuo entre sujeito e sociedade, mas não a produção contínua de ambos em relação;
- d) Trabalho propriamente dito (emancipatório): a vida-em-comum pode gerar comunicação intersubjetiva com a produção contínua das relações sociais.

Essa última alternativa seria a retomada da experiência da esperança que a brecha que o mundo em transição pode abrir: alguns ousarão atravessar essa porta, a maioria não, sendo, portanto, uma chance para alguns, não para todos, mas uma chance que não existia há algum tempo atrás no mundo moderno de teorias, significações e possibilidades, no qual o “louco” ficava restrito a um lugar de

³⁰ “... visible pero absolutamente vacía, aún no puede nombrarse.” (Foucault, 1976, p.340).

ausência permanente da obra, como apontou Foucault (1975); de ausência permanente de dialetização com o mundo.

Esse trabalho, que nomeio de “trabalho propriamente dito”, acreditando ser essa a função ontológica do trabalho de fundante da subjetividade humana, é o trabalho emancipatório, pois carrega de forma articulada em si as três dimensões do trabalho preconizadas por Arendt (1987): labor, trabalho e ação.

Isso poderia garantir o trabalho como atividade mecânica psicossomática (dimensão do labor), como atividade produtiva geradora de mundanidade ao fabricar objetos que permaneceriam no mundo (dimensão do trabalho) e como a chance de produção e autoprodução de si e do mundo em relação (dimensão da ação), preconizada como possibilidade real que está se abrindo à “pessoa psicótica” nesse momento histórico, que poderá ou não, ser aproveitada, dependendo de quanto cada pessoa irá conseguir arriscar.

É importante não pensar no trabalho como terapêutica laboral, mas sim, pensar o trabalho como construção do mundo e reconstrução contínua do ser em relação com o mundo. Mas só voltar a trabalhar garantiria isso?

Logicamente que não, pois o trabalho tem que ser um fazer que permita o ser, ou seja, tem que ser um espaço intermediário entre a esfera social e a esfera subjetiva, que permita a construção de uma identidade, que faça com que o sujeito se conheça e seja reconhecido através dessa identidade e que não seja apenas algo para o indivíduo se ocupar (fazer), mas sim algo para o indivíduo professar como parte constituinte de si (ser ao fazer).

O sujeito deverá ultrapassar o nível do trabalho produtivo robotizado e tentar alcançar o nível do trabalho propriamente dito e, para isso, um trabalho de reflexão e elaboração de projetos faz-se necessário, justamente o que a orientação profissional pode oferecer ao sujeito.

Diante dessas hipóteses, abre-se espaço para a elaboração de um trabalho de orientação profissional para “pessoas psicóticas”.

2.6. A orientação profissional

A orientação profissional é um campo recente de atuação, posto que as possibilidades de escolha profissional e de inserções diversas no mundo do trabalho só se tornaram uma realidade por conta de três fatores da história da humanidade,

que começaram a ganhar corpo em meados do século XVIII, segundo nos aponta Silva (1996):

- As mudanças no modo de produção – passagem de uma relação manual e mecânica com o trabalho para uma relação especializada e cada vez mais complexa, fruto do avanço tecnológico crescente da revolução industrial;
- As doutrinas liberais – passagem de um modelo social no qual não havia nenhuma possibilidade de mobilidade social para um modelo que valorizava o esforço pessoal como instrumento de ascensão social, iniciado com a revolução francesa;
- Surgimento e desenvolvimento da psicologia – possibilidade de identificar as capacidades individuais e auxiliar no processo de inserção no mundo do trabalho.

A orientação profissional surge, então, como uma necessidade ao final do século XIX, quando muitas pessoas estavam ingressando no mundo do trabalho sem qualquer critério, apenas o de ter de trabalhar, e muitos jovens estavam ingressando nas instituições educacionais também sem critérios definidos. O orientador profissional aparece como profissional responsável pelo auxílio na escolha do futuro das pessoas no mundo do trabalho, mas sem um referencial teórico constituído, pois a urgência da realidade foi mais premente do que o tempo hábil para a elaboração de sistemas teóricos. (Beck, 1977).

Diante disso, os primeiros 50 anos da orientação profissional foram marcados pelo modelo de perfis, ou seja, o orientador traçaria o perfil do indivíduo, através dos testes psicológicos, que cumpriam bem essa designação e combinaria esse perfil com o perfil da profissão que mais se adequasse ao indivíduo: foi a era do “homem certo para o lugar certo” e, uma vez realizada uma escolha profissional, ela era permanente e duradoura.

A psicologia vocacional surge com essa finalidade, ou seja, trazer contribuições na teorização das questões vocacionais.

Mas, o que é vocação? E o que é o comportamento vocacional?

Vocação está associada etimologicamente a palavra latina *vocatio*, que significa chamada interna, tendência ou dom, ou seja, a descoberta de algo que está

dentro de si e que emergirá por um estímulo externo ou mesmo interno. Na língua inglesa está associada também a “... *aquilo que uma pessoa faz para ganhar a vida.*” (Super, 1985, p.1).

Os modelos ocupacionais buscavam a idéia de vocação como algo estável e fixo, que deveria ser descoberto, via orientação vocacional, responsável por traçar o perfil da pessoa, que determinaria sua vida toda. A vocação seria o que a pessoa sente-se atraída para fazer, expressa pelo comportamento vocacional: resposta às demandas vocacionais pela escolha e exercício de uma ocupação. (Super, 1953).

Na metade do século passado, Super (1953) começa a questionar essa idéia dizendo que, se o mundo é estável, as pessoas se desenvolvem, ou seja, o foco da atenção se transfere da escolha para o desenvolvimento vocacional, que seria a seqüência ordenada de etapas pelas quais uma pessoa deve passar durante sua carreira. No modelo de carreira, o perfil é trocado pela idéia de processo e a psicologia vocacional se torna psicologia vocacional evolutiva, pois:

... o indivíduo é visto movendo-se ao longo de um certo número de passagens, desde a posição de sua família no sistema sócio-econômico, passando pelos graus do sistema educacional, até os empregos do sistema de trabalho. (Super, 1972, p.140).

A passagem de uma etapa à outra se dá pela maturidade vocacional entendida como “... *a prontidão para enfrentar as tarefas desenvolvimentais apropriadas para aquele estágio de vida*” (Super, 1985, p.8), ou seja, possibilidade de realizar as tarefas do desenvolvimento vocacional relativas àquele estágio.

A carreira seria a realização vocacional pelo desempenho de uma série de ocupações e profissões, que propiciariam a formação, clarificação, maturação e adequação das tendências vocacionais. Esse processo é intitulado de desenvolvimento vocacional, que é um subprocesso integrante e decorrente do desenvolvimento pessoal, realizado em estágios pelo comportamento vocacional e base para a construção do autoconceito profissional.

O desenvolvimento de carreira se dá pela adaptação contínua diante das mudanças internas e externas através de um esforço de renovação continuada

(atualização constante do autoconceito profissional) e só é possibilitado pela capacidade de ajustamento vocacional, ou seja, a probabilidade de realizar um projeto de vida, que integre a vida pessoal com a vida no trabalho e constitua a identidade profissional do indivíduo.

Bohoslavsky (1983) critica essa forma de pensar dizendo que a idéia do desenvolvimento como progresso é uma idéia liberal e funcionalista, possibilitando a crença na liberdade de escolha, na maturidade e, principalmente, no critério de adaptação a uma ordem de coisas já pré-definidas como sinônimo de desenvolvimento de carreira.

A carreira seria uma trajetória singular, mas que segue uma ordem cronológica de desenvolvimento, portanto, um conceito normativo, que repetiria o modelo ocupacional de adequação de pessoas às ocupações.

Bohoslavsky (1977) substitui a idéia de vocação pela idéia de identidade vocacional, que expressaria as variáveis do tipo afetivo-motivacional e indicaria o tipo de vínculo que o sujeito estaria realizando com o mundo externo através das escolhas que faz. A escolha, por sua vez, seria a expressão de impulsos e pedidos reparatórios, ou seja, pela escolha profissional o sujeito repara um objeto interno danificado, enfrenta seus lutos e restitui os vínculos sadios com o mundo externo.

Silva (1996) coloca que a reparação ainda seria um conceito normativo, pois existe um modelo de reparação que levaria à saúde e a dicotomia sujeito e sociedade permaneceria, agora, como dicotomia entre mundo interno e externo.

Uma grande parte do referencial teórico em orientação profissional era embasado na psicologia, ora na psicologia evolutiva, ora na psicanálise, constituindo-se o que foi chamado de “psicologia vocacional”, sendo o foco de atenção o indivíduo que deveria realizar suas escolhas profissionais, quer seja pela reparação de um objeto interno danificado (referencial psicanalítico), quer seja pelo desenvolvimento da habilidade de escolha (referencial desenvolvimentista).

Muitos autores começam a questionar esse psicologismo da orientação profissional perguntando sobre as sobredeterminações sociais nesse processo de escolha profissional, tendendo, então, para o outro extremo da questão: o extremo social. (Ferretti, 1988 e Pimenta, 1981).

Alzina (1998) coloca que a maior parte das teorias em orientação profissional tem um problema epistemológico crônico: a dicotomia entre sujeito e meio social,

ora pendendo para um lado, ora pendendo para o outro. A pluralidade de enfoques acaba por privilegiar aspectos isolados da questão com destaque realizado em função da disciplina de que são derivados.

A necessidade de uma teoria integradora em orientação profissional, que pudesse explicar teoricamente a influência mútua entre indivíduo e sociedade, não como um campo de dicotomias não integradas, mas sim como um campo estrutural total, se fazia tarefa urgente.

Super (1972) já vinha apontando essa necessidade, explicitada por Bohoslavsky (1983):

Descortina-se uma perspectiva teórica árdua. Nada mais, nada menos que construir modelos que revelem a articulação entre o sistema social imposto aos homens e os sujeitos que o sustentam, o mantêm, o transmitem, mas que – é bom levar-se em conta – também o transformam. Esta é uma tarefa difícil que ora menciono só a título de programa a ser desenvolvido. (p.15).

Essa necessidade só se torna visível quando o mundo, que era uma realidade estável, se torna instável e mutante, sem um direcionamento e uma estrutura contínua e linear, mas ao contrário, se consolidando com características de descontinuidade e de mudança constante.

Touraine (1998) aponta que as idéias de progresso e desenvolvimento, características da modernidade, não definem a atual realidade, pois desenvolvimento não seria mais uma série de etapas seqüenciadas, pois as referências espaço-temporais estão comprimidas e misturadas.

Num mundo instável, o modelo de perfis não atende mais as exigências de uma orientação profissional, pois indivíduo e mundo mudam; nem tampouco, o modelo desenvolvimentista, que pressupunha etapas definidas de carreira; nem também o modelo psicanalítico de reparação, pois todos têm como base à idéia de uma norma e uma estabilidade, que guie as escolhas profissionais.

2.6.1. As propostas integradoras: as abordagens psicossociais

2.6.1.1. A escolha profissional

Bohoslavsky (1977) tentou resolver essa armadilha dicotomizante e normativa ao efetuar uma nova leitura da escolha profissional, que se realizaria na articulação entre o individual e o social pela dialética das identificações e da construção da identidade ocupacional, que expressaria a coerência da percepção social e sua continuidade interior.

A identidade vocacional não seria o agente motivador único e determinante na dinâmica da escolha, mas sim parte desse processo, determinado pela estrutura psíquica de um sujeito, que engendraria a construção de uma identidade ocupacional, aspecto da identidade do sujeito que envolveria uma “... *autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais*” (Bohoslavsky, 1977, p.55), em relação dialética à identidade vocacional.

Nesse sentido, a vocação ou identidade vocacional, é algo que sobredetermina a construção da identidade ocupacional, mas também se modifica nessa relação pelo desempenho de papéis, ou seja, não é algo a ser descoberto, mas algo que se reconstrói a cada momento de integração identificatória.

A identidade ocupacional teria três pontos para sua construção: grupos, processos de identificação e esquema corporal, sendo os processos identificatórios mediadores entre os grupos (sociedade) e o esquema corporal (sujeito).

O conceito de identidade ocupacional seria uma saída para a questão da dicotomia entre sujeito e mundo, pois concretizaria a relação de continuidade entre o indivíduo e o mundo do trabalho, se constituindo numa estrutura mutante, que se transformaria pelas tensões causadas pela relação dialética entre sujeito e mundo, ambos produtos e produtores desse processo, se estabilizando pela identidade profissional (inserção no rol produtivo da sociedade pelo trabalho – Bohoslavsky, 2001).

A identidade ocupacional se transforma pelo comportamento ocupacional (conjunto de processos psicossociais que são mobilizados na relação dialética sujeito/mundo do trabalho) e representaria o momento do desenvolvimento vocacional que o sujeito se encontra.

A ocupação seria o conjunto de expectativas de papel, não como algo fixo e estático, mas de caráter estrutural, pois oriunda da relação sujeito e meio social.

O desempenho de papéis profissionais (seqüência estabelecida de ações apreendidas e executadas por uma pessoa em contexto de interação) através da ocupação faria o processo de continuidade entre o mundo externo e interno, pela integração constante dos processos de identificação (articulação do desejo com as exigências do sistema produtivo – do psíquico ao social numa relação dialética que resultaria na consolidação do vínculo do sujeito com o meio social pela identidade profissional).

A escolha teria, então, como causa, a relação dialética entre as estruturas social e subjetiva, sendo um avanço importante ao incluir a dimensão simbólica na análise tanto do comportamento de escolha (singularidade do sujeito), como nas profissões (trabalho de construção social cristalizado). (Silva, 1996).

Rivas (1988) coloca que o vocacional seria um conjunto de processos psicológicos que uma pessoa mobiliza em relação ao mundo profissional, ou seja, expressa globalmente o processo interativo entre o indivíduo e a sociedade, representada pelo mundo ocupacional. Concorda que esse processo interativo é uma relação dialética, apontando que ambas as partes nunca estão satisfeitas, constituindo-se um eterno campo de tensões.

Silva (1996) complementa essa linha teórica de Bohoslavsky fazendo uma articulação de suas idéias com as de Pierre Bourdieu, através do conceito de *habitus*.

Os *habitus* seriam estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes da história singular de cada sujeito, através da interiorização das condições objetivas de vida (exterioridade), que constituiriam a subjetividade.

A estrutura social seria formadora da subjetividade do sujeito através dos processos identificatórios, que criariam os lugares psíquicos (ego, superego e ideal de ego) e essa idéia ultrapassaria as teorias interacionistas dicotomizantes. Bourdieu (2003) chama os processos de identificação de mimetismo, que seria a aquisição prática das estruturas fundamentais e dos esquemas de expressão próprios a um determinado grupo social.

Dessa forma, pode-se concluir que o sistema de identificações peculiar a cada indivíduo tende a reproduzir simbolicamente a estrutura de relações sociais próprias à classe social a que a família pertence e ainda, os

deslocamentos no espaço social que constituem sua trajetória social. (Silva, 1996, p.59).

O comportamento de escolha profissional seria, então, estratégias que o sujeito utilizaria para ocupar um lugar na distribuição de bens (materiais e simbólicos) de uma formação social, marcada pelo seu *habitus* de classe.

Bohoslavsky (1983) aponta que toda escolha é sobredeterminada por quatro estruturas fundantes da sua condição humana: estrutura social, ideologia, sistema de significações e inconsciente, que não são estruturas separadas, mas antes, partes de um todo, que se articulariam, pois todo homem é produzido em relação.

Vimos, então, que o nível de análise adequado aos fenômenos estudados era o nível psicossocial, entendido como o estudo do “homem produzido em relações”, em situações concretas de sua existência e de sua possibilidade de criação e recriação da mesma. Determinado e determinante ao mesmo tempo. (Bohoslavsky, 1983, p.31-32).

Por enquanto temos um caminho traçado a partir da conceituação do processo de escolha, que seria produzido numa relação dialética do sujeito com o meio social, mas, conforme nos sugere Martins (1978), precisaríamos entender como se constrói a trajetória no mundo do trabalho a partir dessas escolhas.

2.6.1.2. A trajetória no mundo do trabalho: o conceito de carreira

Super (1953) foi um dos pioneiros nas concepções de carreira, definida como a seqüência de atividades ocupacionais e profissionais que uma pessoa executa durante a trajetória de vida, incluindo todos os momentos e papéis que desempenha, numa seqüência singular e intransferível, mas que segue um ordenamento previsível e determinado por estágios de vida: padrão de carreira (resultante da interação entre fatores internos e externos).

Cada estágio envolveria uma série de tarefas vocacionais (respostas às demandas e estímulos internos e externos), que requerem um conjunto de habilidades e competências necessárias para lidar com as experiências que cada estágio de vida requisita.

Essa forma de pensar ainda apresentava o viés da normatividade e da dicotomia indivíduo/sociedade, por isso Super (1985), ciente disso, avança suas teorias e propõe algumas idéias para minimizar essas problemáticas.

Na década de 80 do século passado, Super reformula essas concepções, principalmente pelas mudanças operadas no mundo do trabalho, que se torna algo não estável, mas em eterna mudança.

Se o mundo muda constantemente, como pensar num modelo de desenvolvimento de carreira, que pressupõe fases pré-concebidas?

Super (1985) se faz esse questionamento e propõe um novo modo de pensar a orientação profissional, embasado no conceito de adaptabilidade de carreira, que diz que o mais importante para a pessoa é ter instrumentos para lidar com as crises em sua carreira: reciclagens e descontinuidades constantes que a pessoa terá que enfrentar.

Quando se tinha um mundo um pouco mais estável, as idéias de estágios de vida, maturidade vocacional e ajustamento vocacional faziam sentido, mas num mundo instável, a noção de um desenvolvimento não-linear e descontínuo nos obriga a pensar no conceito de adaptabilidade de carreira, como o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para enfrentar as constantes crises (não-previsíveis) que a pessoa passará durante toda a vida.

O grande problema para a orientação profissional, segundo Super (1988), seria que, num mundo instável fica impossibilitada a construção de modelos de carreira, que ofereçam planos gerais, ou seja, etapas previamente pensadas como projeto de carreira.

A solução seria, diante da impossibilidade de traçar projetos que possam antecipar o futuro (conceito de ajustamento vocacional), desenvolver os instrumentos necessários para lidar com as constantes crises da vida (conceito de adaptabilidade de carreira).

Super (1985) propõe um modelo de orientação profissional que garanta a adaptabilidade de carreira embasado na concepção de que, a cada período de crise, a

pessoa possa estar instrumentada para a realização de uma série de tarefas demandadas para o desenvolvimento profissional, entendido como a percepção do mundo do trabalho, das relações entre autoconceito e mundo do trabalho, e dos passos necessários para a concretização do seu padrão de carreira (projeto de vida profissional).

Pelletier, Noiseux e Bujold (1981) já haviam postulado a idéia de que as pessoas teriam que estar instrumentadas para fazer escolhas e que a orientação profissional deveria oferecer um espaço para o desenvolvimento vocacional, entendido como a instrumentação para as tarefas vocacionais.

Ao internalizar um modelo de como realizar uma escolha, ou seja, de quais seriam as tarefas necessárias para uma escolha adequada, a pessoa estaria em condições de lidar com as constantes crises (necessidade de mudança) em sua carreira. Pelletier, Noiseux e Bujold (1981) indicam quatro tarefas vocacionais fundamentais para a escolha:

- *A tarefa de exploração*, que possibilitaria o desenvolvimento de instrumentos para a exploração de si mesmo e do mundo;
- *A tarefa de cristalização*, que possibilitaria o desenvolvimento de critérios de auto-organização, de organização do mundo e de escolha;
- *A tarefa de especificação*, que possibilitaria a confrontação da pessoa com o mundo e a visualização das possibilidades que daí emergem para uma futura escolha específica;
- *A tarefa de realização*, que desenvolveria instrumentos para a elaboração e realização de projetos de carreira, com todas as dificuldades e etapas necessárias, bem como saídas alternativas para os previsíveis imprevistos:

É na fase da realização que o indivíduo prevê eventuais armadilhas no seu trajeto, planifica esse caminho a percorrer e estabelece uma estratégia que lhe permita realizar seu projeto de carreira. É, pois, a etapa do projeto.
(Leclerc, 2001, p.37)³¹.

³¹ “C’est lors la phase de la réalisation que l’individu prévoit d’éventuelles embûches dans son cheminement, planifie le chemin à parcourir et établit une stratégie devant lui permettre de réaliser son projet de carrière. C’est donc l’étape du projet.” (Leclerc, 2001, p.37).

Bohoslavsky (1977) corrobora essa idéia da etapa da realização ao mencionar que “... *toda escolha implica num projeto e um projeto nada mais é do que uma estratégia no tempo.*” (p.99).

Pelletier (2001) também faz uma crítica aos modelos de carreira que funcionam calcados no tempo de *Chronos* (tempo linear, lógico e previsível) e deram origem ao conceito de maturidade vocacional, que pressupõe uma antecipação das condições básicas para o desenvolvimento da carreira, entendida como uma seqüência fixa e linear em termos cronológicos. Aponta que esse é o mundo pensado e do planejamento, que está estruturado logicamente e é passível de ser conhecido e antecipado.

Existe, a partir de chronos, um tempo pensado, um tempo que faz seu avanço pelo calendário e que existe, a partir de kairos, um tempo vivido, inédito, irreversível, em ruptura, às vezes violenta, com aquilo que se anunciava. (Pelletier, 2001, p.8)³².

Pelletier (2001) coloca que o tempo do mundo atual é o tempo de *Kairos* (tempo descontínuo, inevitável e imprevisível), que se constitui no tempo do mundo que se constrói, não que se conhece, substituindo a idéia do conhecimento pela idéia da ação (no sentido de Arendt, 1987).

*Minha imaginação me fala de uma nova relação das coisas. Ela me diz que o mundo não é para pensar, que o mundo pode ser para agir. Que eu possa aí, estar em situação de agir, como diante de um computador. Eu estou em **inter-ação**; é assim que chamamos as coisas hoje em dia: eu estou numa situação **inter-ativa**. Eu faço qualquer coisa e depois a situação exerce um efeito sobre mim também, do tipo que há um vai-e-vem entre eu e os dados. Contrariamente ao que se*

³² “Il y a, dans chronos, un temps pense, un temps qu’on remplit d’avance avec le calendrier qu’on a, et, dans kairos, un temps vécu, inédit, irréversible, en rupture parfois violente avec ce qui s’annonçait.” (Pelletier, 2001, p.8).

possa pensar, eu não estou a pensar o mundo: eu estou a agir sobre o mundo. (Pelletier, 2001, p.13).³³

Com base na idéia da construção do mundo pela ação, Pelletier aponta que se deve substituir o *time* (automatismo do desenvolvimento previsível e fixo) pelo *timing* (desenvolvimento como fruto da interação sujeito/sociedade, não previsível, mas construído na própria relação), como já nos apontava Bohoslavsky (1983).

A identidade seria, nesse sentido, um empreendimento jamais resolvido definitivamente, pois é fruto da relação indivíduo/sociedade, que não cessa de acontecer e sempre se modifica.

Isto implica, que fique bem entendido, em conceber que as práticas em orientação se proponham a lutar contra todos os aprisionamentos identitários do indivíduo o conduzindo a rejeitar, como não humana, todas as formas identitárias não correspondentes a seus planos identitários subjetivos.
(Guichard, 2001, p.14).³⁴

Super (1985) havia apontado a necessidade da substituição do conceito de maturidade vocacional pelo conceito de maturidade adaptativa, ou seja, a possibilidade de se adaptar a cada crise da carreira.

Pelletier (2001) critica a concepção de maturidade, associando-a ao tempo de *Chronos*, do tempo previsível e do mundo que se conhece e propõe sua substituição pela idéia do *timing* (oportunismo vocacional), que associada ao tempo de *Kairos*, possibilitaria a reconstrução contínua da identidade pela ação sobre o mundo, não

³³ “Mon rêve me parlait d’un rapport nouveau aux choses. Il me disait que le monde n’était pas pense, que le monde pouvait être agi. Que je pouvais, là, être en situation d’agir, comme devant l’ordinateur. Je suis en *inter-action*; c’est comme cela qu’on nomme les choses aujourd’hui: je suis dans une situation *inter-active*. Je fais quelque chose et puis la situation exerce un effet sur moi aussi, de sorte qu’il y a un va-et-vient entre moi et les choses. Contrairement à ce qu’on pourrait penser, je ne suis pas juste en train de penser le monde: je suis en train d’agir dans le monde.” (Pelletier, 2001, p.13).

³⁴ “Cela implique, bien entendu, de concevoir des pratiques en orientation se proposant de lutter contre tout enfermement identitaire de l’individu le conduisant à rejeter, comme non humaine, toute forme identitaire ne correspondant pas à ses cadres identitaires subjectifs.” (Guichard, 2001, p.14).

pelo conhecimento do mundo. Bohoslavsky (1983) concorda com essa idéia ao afirmar que:

*... o conceito de **identidade**, articular entre o plano do social e do individual, é especialmente conveniente para estabelecer-se como unidade de análise privilegiada na investigação da inserção do sujeito na ordem de produção, na medida em que veicula, expressa e conecta as determinações de ordem subjetiva com as determinações de ordem objetiva. (p.63).*

A noção de carreira como *time* (desenvolvimento fixo e linear, no qual já se conhecem as etapas a percorrer e as tarefas a realizar) pressupõe a noção de progresso, de maturidade de carreira e de projeto como antecipação do futuro; enquanto as noções de carreira como *timing* (desenvolvimento descontínuo e imprevisível) pressupõe as noções de processo, oportunismo de carreira e de projeto como estratégia identitária de adaptação.

Messing (2003) nomeia de impulso vocacional à estrutura vocacional de transição, que é permanente e tem como função auxiliar no processo de desenvolvimento da carreira, que seria uma estrutura vocacional de construção perene não-estável em eterno processo de reconfiguração.

A orientação profissional teria como tarefa prioritária auxiliar no desenvolvimento de estratégias identitárias de adaptação, que permitiriam a capacidade de navegar pela vida pelo fornecimento de respostas adaptativas as circunstâncias. (Kraus, 1998).

As respostas e as circunstâncias nunca são as mesmas, por isso o desenvolvimento de carreira pressupõe a capacidade de realizar projetos, que são reconstruídos a cada nova relação com o mundo através das dimensões de tempo, espaço e da relação com os outros, não relegando essas estratégias a simples estratégias ocupacionais de sobrevivência (Lash, 1984), que não constituem o “ser”, mas possibilitando uma reconstrução desse ser a cada nova crise na carreira.

Os objetivos da orientação profissional neste início de século XXI seriam, então:

- Flexibilizar a realidade dura e não passível de ser significada (Dejours, 2001), saindo de uma ideologia da sobrevivência para uma ideologia da esperança (da dessubjetivação e da desidentidade para processos de subjetivação e de construção identitária);
- Minimizar o desencanto atual das pessoas pelo resgate da possibilidade de construir projetos;
- “*Enfim, tentar resgatar um novo imaginário ocupacional – benigno – neste novo contexto do mundo do trabalho sob a Era de Kairos.*” (Lehman, 2003, p.8).

Super, Pelletier e Bohoslavsky têm concepções distintas, mas concordam que a concepção de projeto é fundamental para a orientação profissional.

Mas o que seria um projeto?

2.6.1.3. O que é um projeto?

Existe uma polissemia do termo projeto, que tem sido utilizado para designar:

- Um estado que se pretende atingir;
- Uma identidade que se pretende construir;
- Um conjunto de ações para atingir um fim.

Todo projeto emerge do projeto de vida de cada um. Mas o que é um projeto de vida?

2.6.1.4. Projeto de vida

Carretero (2001) traz duas concepções de projeto de vida: a existencialista e a psicanalítica.

Na visão existencialista, o homem é sempre um vir-a-ser em constante transcendência que é reafirmada por seu projeto, entendido como direcionamento do ser para o futuro: o homem é apenas o que ele projeta ser pelas seguidas escolhas que faz.

Um projeto é o momento de integração no qual passado e futuro se fundem pela afirmação do homem pela ação. A questão da escolha seria a resposta própria que cada um dá, pela ação, às interpelações da existência. Um projeto é sempre um projeto de vida.

Na visão psicanalítica, o projeto seria o mecanismo de negação que permitiria a conciliação entre duas afirmações incompatíveis: a afirmação da dinâmica pulsional (imortal e onipotente) com a afirmação da dinâmica social (mortal e limitante), possibilitando a satisfação na vida.

O projeto de vida seria a transformação do processo de luta contínua no conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte, pela via da ação, que criaria um propósito de vida com horizonte no futuro, na relação com o passado e com a intenção de transformação do presente: projeto como expressão do desejo no mundo, através de uma solução de compromisso.

Pichon-Rivière (1993), embasado nas idéias de Melanie Klein, fala de uma mesma visão psicanalítica de projeto e coloca que ele surge da possibilidade de sair da posição esquizo-paranóide e alcançar a posição depressiva.

O mais importante da posição depressiva é que surge a necessidade de integração: o sujeito é um só, não está dividido, a responsabilidade social, existencial, é integrada, é total; adquire-se a vivência de uma totalidade e de uma identidade particular, o enfrentamento com a morte e a sua elaboração; é o que chamamos de PROJETO. (Pichon-Rivière, 1993, p.183).

Catão (2001) coloca o projeto de vida como possibilitador da compreensão do sentido de vida dos indivíduos na articulação do seu passado, presente e futuro, através da “... organização de meios e recursos concretizadores das aspirações e objetivos dos indivíduos, num campo concreto de possibilidades e limitações.” (p.24).

Seria um ponto de ultrapassagem da oposição sujeito/sociedade aparecendo como uma variável intermediadora das relações de limitações recíprocas entre indivíduo e mundo social, permitindo, então, a articulação dos tempos de vida dos

indivíduos, bem como a construção de representações sobre si e sobre o mundo (autonomia e práxis), pois todo projeto é construído intersubjetivamente e baseado em representações sociais, que orientam o agir e operam suas transformações.

Aparece como uma estratégia de ação dos mecanismos não-formais de representação dos grupos sociais, sendo, portanto, um projeto de identidade ou estratégia identitária.

Possibilita, dessa maneira, a construção da identidade, pois caracteriza a relação dialética através da qual o indivíduo se objetiva pela ação em direção às possibilidades e impossibilidades do futuro, sendo a identidade sempre um produto inacabado dessa relação.

O projeto de vida e a identidade são os princípios organizadores de tomadas de decisão concernentes a si nas relações simbólicas com os outros indivíduos e grupos (comportamento de escolha), se constituindo sempre num saber partilhado, pois se objetiva pela ação, que necessita laborar na construção da civilização.

Não é a vontade subjetiva, nem as circunstâncias objetivas que produzem os projetos de vida, mas sim as relações indivíduo/sociedade, formando e transformando, assim, suas representações sociais.

As representações sociais possibilitam a articulação do projeto de vida, pois permitem o estabelecimento de estratégias de resolução de problemas, a elaboração de planos, a justificação de escolhas, a construção da identidade e a orientação de ações.

Possibilitam isso, pois, como construções da intersubjetividade, permitem ao indivíduo organizar seu projeto de vida no espaço comum e partilhado das representações, passando da representação à ação.

Um projeto de vida seria, então, uma “... *organização multidimensional que evoca dimensões objetivas/subjetivas e aponta a necessidade de análise/intervenção deste objeto num vai-e-vem processual/estrutural entre interior/exterior.*” (Catão, 2001, p.154).

O projeto de vida se constituiria pelas possibilidades de relação dialética entre o projeto do sujeito (vinculado a sua possibilidade de existir no mundo) e o projeto de mundo (que sobredetermina qualquer projeto singular), numa relação de transformação contínua na qual sujeito e mundo se modificam a todo o momento através da dialetização de sua relação.

Barbier (1996) coloca que todo aquele que se envolve na elaboração de um projeto faz três apostas:

- Investigação e desenvolvimento – projeto como produção de representações relativas à condução de uma possível mudança;
- Poder – apropriação sobre seu itinerário temporal de vida: passado como recuo face ao que foi vivido, presente como ambiente da ação e ação propriamente dita, e futuro como antecipação do que pode vir a ser;
- Coerência – articulação entre gestos cotidianos e representações sociais como forma de elaboração de sentido e operacionalização da ação através de um processo gradativo de dialetização.

O projeto deve transitar pelas relações recíprocas entre pensamento e ação, de uma representação orientada do real para uma representação orientando o real.

Mas como acontece a operacionalização de um projeto?

2.6.1.5. A elaboração de projetos de vida

Fonseca (1994) postula que uma definição geral de projeto seria qualquer ação que envolva a participação da pessoa na construção do seu futuro: um projeto individualizado de existência, que não se reduz a simples possibilidade de fazer escolhas.

Seria um processo de relação eu-exterior, no qual a pessoa seleciona e se apropria de determinados objetos em detrimento a outros, se constituindo numa elaboração pessoal na qual ela toma consciência das conseqüências de dada opção particular no momento e no futuro (justamente o que é negado ao sujeito na loucura, pela impossibilidade de experienciar a noção da continuidade espaço-temporal, que permite ressignificar o passado e antecipar o futuro através de ações no presente).

Catão (2001) aponta três dimensões subdivididas em oito classes de operadores para a elaboração de um projeto:

- Dimensão espaço-temporal: antecedentes sócio-ocupacionais; mudança de vida; e práticas institucionais (inserções presentes possibilitadoras de inserções no tempo futuro);

- Dimensão sócio-afetiva: exclusão/inclusão social; trabalho-educação-família; relação com o outro e consigo; e agressão/destruição;
- Dimensão sócio-cognitiva: pensamento/reflexão (diálogo consigo mesmo sobre si e sobre o mundo em relação).

O projeto de vida pode ser visto como:

... um sistema sócio-cognitivo-afetivo, posicionado numa relação espaço-temporal entre o passado e o futuro, entre a reclusão e a liberdade, em nível de transformação do presente no processo de construção do eu e da história de vida. (Catão, 2001, p.153).

Todo projeto de vida é uma recriação de si envolvendo múltiplos operadores interrelacionados que produzem representações e representações das ações a serem desenvolvidas para a consecução desse projeto.

Um projeto pode organizar e estruturar a vida, mas também pode trazer frustrações, pois ele deve ser concretizado, o que, em última instância, é sempre assumir um risco e apostar na dúvida, que são inerentes à vida.

Um projeto vocacional também percorre todas essas vicissitudes, entretanto, para garantir uma possibilidade maior de satisfação, algumas dimensões devem ser bem exploradas, segundo Fonseca (1994):

- Compromisso e vontade de tomar para si o seu futuro pessoal;
- Autoconhecimento;
- Conhecimento do mundo do trabalho;
- Conhecimento do seu processo de escolha;
- Antecipação de dificuldades e obstáculos (emergência de projetos substitutivos);
- Operacionalização de estratégias de realização dos projetos;
- Existência de um projeto de vida global, do qual o projeto vocacional é uma parte;

- Consciência de que nenhum projeto é definitivo.

Um projeto é o elemento motor e significativo do comportamento vocacional, além de ser seu suporte concreto de elaboração e realização, pois deve estar sempre inserido no contexto maior do projeto de vida.

A emergência de um projecto obedece, justamente, a uma necessidade pessoal, sendo importante, contudo, que a pessoa tenha presente que a concretização dos objectivos inscritos num determinado projecto exige o cumprimento de certas condições, de certas etapas, pelo que o projecto se faz acompanhar da presença dos respectivos planos de acção. (Fonseca, 1994, p.55).

Não basta, portanto, somente a elaboração de um projeto, mas também a realização de um plano de ação, que leve em conta a lógica das possibilidades e probabilidades pessoais, mas também a lógica das condições ambientais, que podem ou não estimular tal projeto.

A construção de um projecto de vida é um processo dinâmico e criador em que intervêm múltiplos factores, cuja interacção comporta uma margem de indeterminação e de imprevisto (...) que é sempre um processo único e irrepetível. (Fonseca, 1994, p.57).

Mas como traçar planos de ação ou projetos de ação (no nosso caso específico, projetos profissionais) para colocar em movimento o processo de atualização constante do projeto de vida?

2.6.1.6. A elaboração de projetos de ação

Jouvenet (1995) define projeto como:

... um projeto de ação racional que implica o conhecimento da situação inicial da ação, o objetivo projetado, as

*consequências da ação futura, os diferentes meios necessários e sua compatibilidade diferencial. (p.6).*³⁵

Aponta que todo projeto é um processo evolutivo e seqüenciado, que implica numa conduta de antecipação e em medidas de julgamento dos resultados desejáveis, bem como possibilita a apropriação sobre as coisas, o espaço, o tempo e os outros; trazendo a tona a lógica do ator social.

Diante dessa constatação, Barbier (1996) coloca que temos claramente duas noções de projeto: o projeto de estado e o projeto de ação e faz a tentativa de produzir uma definição de projeto comparando as duas noções.

Acompanhemos seu trajeto, que é produzido pela lógica articulada de cinco enunciados.

- **Elaborar um projeto é reproduzir uma representação**

Todo projeto teria duas funções: uma função elaborativa (produção de representações pela transformação das representações já existentes) e uma função referencial (estabelecimento de um elo de referência entre a realidade representada e a realidade que a representa).

O projeto seria uma representação mediadora entre a representação da planificação e a representação da realização de uma ação.

- **Todo projeto é uma representação finalizante de uma ação singular**

*Um projecto não aparece a propósito de qualquer realidade: aparece a propósito de uma **acção** específica, não repetitiva, com carácter eventualmente experimental, **implicando uma estrutura particular, inédita, de operações que permitem realizá-lo** e para a qual os actores implicados dispõem, portanto, de uma imagem prévia dessa estrutura de operações. (Barbier, 1996, p.44).*

³⁵ “... projet d’action rationnelle qui implique de connaître la situation initiale de l’action, la fin projetée, les conséquences de l’action future, les différents moyens nécessaires et leur compatibilité différentielle.” (Jouvenet, 1995, p.6).

Toda elaboração de projeto está ligada ao envolvimento numa ação particular de transformação do real, que produz uma representação relativa à condução dessa ação singular e ganha forma de uma investigação-ação, pois a representação produzida se processa em duas dimensões: representações-conceituais (saberes teóricos) e representações-processo (saberes método – sistema seqüencial de tarefas para resolução de um problema).

Essas representações produzidas conferem significado ao projeto, sobredeterminam o seu desenvolvimento e se inserem no processo de condução da ação, por isso a idéia do projeto como investigação-ação associada ao desejo de produção de mudanças (projeto de ação tem origem no projeto de vida).

- **Todo projeto é uma representação antecipadora**

O projeto é uma antecipação, pois incide sobre uma ação a realizar e tem como conteúdo uma possibilidade de transformação, não uma transformação efetiva do real, ou seja, não se constitui numa previsão de uma nova realidade, mas sim, numa antecipação possível de uma realidade ainda não dada (relacionada há um tempo a vir e a objetos e acontecimentos não verificados).

*“Não se debruça sobre factos, mas sobre **possíveis**.”* (Barbier, 1996, p.49).

O projeto, como representação possível, seria uma imagem antecipadora, mas para uma representação do possível é necessária uma representação do real existente, que seria a memória ou imagem reprodutora, ou seja, para imagens antecipadoras são necessárias imagens reprodutoras.

Para uma apropriação do futuro, via projeto, é necessário uma apropriação do passado, via memória.

O projeto é uma antecipação que tem efeito operatório, ou seja, não é uma previsão do futuro, mas sim, um futuro a fazer na relação dialética sujeito e sociedade: um “dizer” (projeto como representação, com efeito operatório, ou projeto como imagem efetivadora) que prepara o “fazer” (escolhas e ações finalizadoras).

A possibilidade de reconstruir e ressignificar a história de vida parece ser condição indispensável para a criação e realização de um projeto, portanto, se pensarmos na “pessoa psicótica”, enquanto não for restituída sua capacidade de experienciar continuidades espaço-temporais, ela permanecerá imersa num tempo

sem fim, não existindo passado, presente e futuro, e não conseguirá entrar num processo de fazer seu futuro.

“Dizer” não equivale sempre a “fazer”, mas, por outro lado, “dizer prepara o fazer”; o projecto constitui, com certeza, o modo de representação mais próximo da realização de uma acção. Com efeito, fornece antes dessa acção, àquele que age, uma imagem do seu resultado e da estrutura inédita de operações susceptível de permitir obter esse resultado. (Barbier, 1996, p.52).

- **Todo projeto é uma representação antecipadora que pressupõe a existência de uma imagem antecipadora de estado**

Barbier (1996) processa a diferenciação entre um projeto de estado e um projeto de ação. O projeto de estado produziria uma representação relativa ao estado final (realidade transformada) do que se pretende transformar, se constituindo numa antecipação de um estado.

O projeto de ação produziria uma representação relativa ao processo que permitiria chegar a esse estado final, se constituindo numa antecipação de um processo.

O projecto é, então, definido como a combinação dos meios que permitem atingir o objectivo final fixado. É utilizado como sinónimo de processo a utilizar, de processo a pôr em prática, de acção a desenvolver, de sequência de actividades a realizar. Fala-se também de programas de acção, planos de acção ou planos processuais. (Barbier, 1996, p.57).

A conjuntura histórica atual privilegia o processo, em detrimento ao estado final, pois já não é mais possível a realização de previsões futuras num mundo incerto, como nos apontava Pelletier (2001) ao falar que o mundo ultrapassou o

tempo de *Chronos* (previsível, estável e linear) e vive o tempo de *Kairos* (imprevisível, instável e descontínuo).

O projeto de ação, como dimensão operatória do projeto de vida, seria a possibilidade atual de realização de projetos, pois, ao não visar um estado final, sintoniza com a temporalidade atual e viabiliza ao sujeito um princípio norteador para o seu caminho, não algo pré-determinado a ser alcançado pela elaboração e realização de um projeto.

- **Todo projeto é uma representação antecipadora como imagem antecipatória do processo que conduz**

Todo projeto teria três elementos constituintes: conjunto de dispositivos (operadores-componentes da ação), articulação e organização estrutural das operações através de um processo seqüencial, e ordenamento temporal.

*O projecto ou plano apresenta-se, pois, como um **processo hierarquizado de operações**: tal operação produz tal resultado, que por sua vez é utilizado como componente de tal operação. O todo encontra-se ordenado para a produção do resultado final. Como os elementos compõem um dispositivo ou um sistema estruturado, cada operação só adquire interesse em função da sua ligação com outras operações e em função da sua contribuição para o resultado final. Pode ainda falar-se (...) em **estrutura de operações** ou (...) em **hierarquia de realização**. (Barbier, 1996, p.65).*

A hierarquia de realização traça as vias de acesso (itinerário) que funcionam como etapas (operatórias e temporais) na realização dos objetivos finais do projeto de ação.

O compromisso com o projeto é a sua operacionalização, pois sem isso não há trabalho para “pessoas psicóticas”, visto que não basta planejar, tem que viabilizar seu projeto, o que permitiria o laço social, que vem sendo negado a essas pessoas pela cultura, mas que tem uma abertura possível no momento de transição do mundo.

*Em suma, podemos convir na definição de um **projecto de acção** como um enunciado relativo a uma representação antecipadora e finalizante de uma estrutura ordenada de operações susceptíveis de conduzirem ao estado-final da realidade-objecto do processo de transformação que constitui uma acção singular. É a **imagem antecipadora de um processo de transformação do real**. É uma **representação de operações**. (Barbier, 1996, p.71).*

Indissociável da estrutura de operações que permitem o planeamento da acção (plano representacional), se encontra a estrutura identitária, que viabiliza o delineamento de um processo de transformação contínua e não-previsível da identidade (plano identitário), também não entendida como produto a ser alcançado, mas processo a ser construído, transmutando a idéia de identidade na idéia de estratégias identitárias.

2.6.1.7. Os projetos ocupacionais como projetos de ação

A noção de projeto ocupacional, que terá lugar nesse projeto, é inspirada na idéia acima apresentada de projetos de ação, ou seja, não se constitui num projeto de estado, em algo pré-definido a ser alcançado, mas, antes, na construção de uma estrutura ordenada de dispositivos de ação e de estratégias identitárias, que possam ser ativados e atualizados a cada nova exigência da relação dialética de construção social, que transforma sujeito e mundo na mesma ação e produz a possibilidade de consolidação de uma identidade profissional.

O projeto ocupacional não visaria um fim determinado, mas sim construir um caminho singular e intransferível, que possa auxiliar o sujeito nos diversos momentos de crise (pessoal e profissional) que ele esteja atravessando.

Vimos que a grande questão teórico-técnica da orientação profissional era postular um enfoque que pudesse resolver a dicotomia indivíduo/sociedade, promover uma teoria integradora e propor uma prática psicossocial.

Essa prática tem que tentar dar conta da relação indivíduo/mundo social, norteando a construção da carreira e sendo capaz de auxiliar a enfrentar as crises de identidade pelas quais todos passaremos ao longo de nossa vida profissional,

podendo realizar a dupla transição (das referências externa e interna, numa relação de vai-e-vem contínuo), que Dubar (2000) nos aponta como caminho possível para uma estratégia identitária na atual situação do indivíduo no mundo.

A dupla transição apontada por Dubar (2000) é a possibilidade real que a “pessoa psicótica” tem no momento, pois se o mundo está em transição, suas estruturas simbólicas também estão, permitindo, então, que não se opere somente pelas regras simbólicas vigentes, como já nos indicou Calligaris (1991).

Super, Pelletier e Bohoslavsky trouxeram elementos muito enriquecedores para a elaboração de uma proposta psicossocial de abordagem teórico-técnica em orientação profissional.

Façamos a tentativa de elaboração dessa proposta, pensando nas possibilidades atuais para a orientação profissional em geral, mas não perdendo de vista o foco do nosso trabalho que é propiciar um novo olhar no auxílio à “pessoa psicótica” que possa ser realizado, primeiramente, por uma orientação profissional, para, posteriormente, ter lugar na rede das relações sociais.

Vale também deixar claro que a orientação profissional seria mais um espaço complementar, dentre todas as estratégias no auxílio à “pessoa psicótica” e, de maneira alguma, tem a intenção de substituir toda a atenção à loucura já existente.

2.6.2. Uma proposta de abordagem psicossocial em orientação profissional

A abordagem psicossocial parece dar conta da atual necessidade da orientação profissional acima apontada, pois justamente tem seu foco de atenção não no indivíduo, nem no mundo social, mas, antes, na relação que se estabelece e se transforma continuamente entre ambos de forma dialética: indivíduo e mundo social não são estruturas separadas, mas sim pólos extremos de um mesmo elo de continuidade.

Alguns conceitos parecem apontar novos caminhos.

A idéia de uma **identidade ocupacional** como elo de ligação entre a identidade vocacional e a identidade profissional e que objetivaria a relação entre o mundo social e o indivíduo, num processo dialético de transformação mútua,

possibilitando ser uma identidade de transição para a vivência dos momentos de crise, se consolidando em identidade profissional ao final dessa crise, mas que nunca será um processo acabado, pois crises recorrentes surgirão.

A idéia de escolha, que sempre foi o foco de atenção predominante da orientação profissional, deve ser substituída pela idéia de **projetos**, que envolvem escolhas contínuas e não somente uma escolha profissional única e definitiva, já que estamos imersos na instabilidade.

Não teremos como base a idéia clássica de projeto como uma operação realizada no presente, embasada no passado, como forma de apropriação do futuro, pois isso também pressupõe um certo grau de previsibilidade.

A solução seria, diante da impossibilidade de traçar projetos que possam antecipar o futuro (projetos de estado), desenvolver os instrumentos objetivos e subjetivos necessários para lidar com as constantes crises da vida, através da elaboração de projetos de ação.

O grande problema para a orientação profissional seria que, num mundo instável fica impossibilitada a construção de modelos de carreira que ofereçam planos gerais de carreira, ou seja, etapas previamente pensadas como projeto de carreira.

Quando se tinha um mundo um pouco mais estável, as idéias de estágios de vida, maturidade vocacional e ajustamento vocacional faziam sentido, mas, num mundo instável, a noção de um desenvolvimento não-linear e descontínuo (tempo de *Kairos*) nos obriga a pensar no conceito de **construção de carreira**, como o desenvolvimento de habilidades, competências, estratégias identitárias e modos de significação do mundo necessários para enfrentar as constantes crises (não-previsíveis) que a pessoa passará durante toda a vida e que diz que o mais importante para a pessoa é ter instrumentos (objetivos e subjetivos) para lidar com as crises em sua carreira: reciclagens e discontinuidades constantes que a pessoa terá que enfrentar ao longo da vida.

Guichard (2002) coloca que a grande tarefa da orientação profissional neste início de século XXI será auxiliar os indivíduos a enfrentar às múltiplas transições pelas quais ele irá passar durante o seu ciclo vital.

Faz-se necessário um modelo de orientação profissional que garanta a construção de carreira embasado na concepção de que, a cada período de crise, a

pessoa possa estar instrumentada para a realização de uma série de tarefas demandadas para o desenvolvimento de sua carreira, entendido como a percepção do mundo do trabalho, das relações entre autoconceito e mundo do trabalho, e dos passos necessários para a concretização do seu padrão de carreira (projeto de vida profissional).

Do mesmo modo que, os projetos não se constituem em algo estável e permanente, a identidade ocupacional também não, por isso a necessidade de que o indivíduo tenha, não somente sua identidade ocupacional como elemento de transição para os momentos de crise, mas, antes, **estratégias identitárias de construção de projetos**, ou seja, a cada novo momento de crise, o sujeito teria condições de reconstruir sua identidade profissional pela transição operada via identidade ocupacional.

A identidade seria, nesse sentido, um empreendimento jamais resolvido definitivamente, pois é fruto da relação indivíduo/sociedade, que não cessa de acontecer e sempre se modifica; assim como o projeto que seria elaborado a cada nova situação de crise, por isso falamos em projeto“s”, não em projeto.

Projetos, pois, não é um modelo de projeto que leva a um produto futuro antecipado, mas, antes, a uma estrutura de construção de si-mesmo diante dos momentos de transição, deslocando a importância do futuro para o presente, pois indivíduo e sociedade estão em transição e a operação de desenvolvimento profissional se dá com a elaboração de projetos ocupacionais.

Projetos esses que serão centrados na construção de si e do mundo, ambos em transição, pelas estratégias identitárias de construção de projetos ocupacionais, que terão como fim à consolidação em projetos profissionais, que serão permanentes até a próxima crise da carreira.

O desenvolvimento vocacional, focado no sujeito, deve ser substituído pelo **desenvolvimento de carreira**, focado na relação dialética entre sujeito/mundo social (desenvolvimento como fruto da relação sujeito/sociedade, não previsível, mas construído na própria relação): o desenvolvimento não é mais um ajustamento adequado entre sujeito e mundo social, mas uma construção recíproca operada em relação, já que ambos estão constantemente em processo de mudança.

A orientação profissional teria como tarefa prioritária auxiliar no desenvolvimento de estratégias identitárias de construção de projetos, que

permitiriam a capacidade de navegar pela vida pela construção de respostas às circunstâncias. As respostas e as circunstâncias nunca são as mesmas, por isso o desenvolvimento de carreira pressupõe a capacidade de realizar projetos, que são reconstruídos a cada nova relação com o mundo através das dimensões de tempo, espaço e da relação com os outros.

O conceito de **relação ocupacional-profissional**, ao contrário do conceito de interação ocupacional que pressupõe duas estruturas distintas e delimitadas em interação, pode ser definido como o campo no qual se desenrola a construção do elo de continuidade entre o sujeito (estrutura subjetiva) e o meio social (estrutura social), que não são estruturas delimitadas, nem definidas, mas pólos extremos de uma estrutura global, que é produzida em relação dialética, pois se constitui como produto e produtora da própria relação: relação de dupla transição (da estrutura subjetiva para a estrutura social e vice-versa, num movimento contínuo).

Podemos dizer que a relação entre a estrutura subjetiva e a estrutura social constitui o campo da condição humana (Arendt, 1987) e vive influenciando e sendo influenciada mutuamente pela extremidade dos seus pólos, se objetivando por mediadores dessa relação.

No campo da vida-no-trabalho (dimensão da vida humana) a carreira se constitui como o mediador dessa relação ocupacional, se corporifica na identidade profissional e está imersa no processo de desenvolvimento de carreira, conforme mostra o esquema 1 a seguir:

ESQUEMA 1:

ESQUEMA DA RELAÇÃO OCUPACIONAL-PROFISSIONAL

EXTREMO DA	MEDIADORES DA	EXTREMO DA
ESTRUTURA	TRANSIÇÃO	ESTRUTURA
SUBJETIVA		SOCIAL

A CARREIRA, EM MOMENTOS DE CRISE, SE RECONSTRÓI PELA RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE A ESTRUTURA SUBJETIVA E A ESTRUTURA SOCIAL – EXTREMOS DE UMA MESMA ESTRUTURA – OPERACIONALIZADA PELA AÇÃO (PROJETOS OCUPACIONAIS) QUE GERA O DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA E É OBJETIVADA PELA IDENTIDADE OCUPACIONAL, QUE FUNCIONA COMO ESPAÇO DE TRANSIÇÃO PARA A RECONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL, QUE PERMITE O VÍNCULO COM O SOCIAL, TRANSFORMANDO O FAZER EM POSSIBILIDADE DE SUBJETIVAÇÃO (CONSTITUIÇÃO DO SER).

De um lado temos o extremo da estrutura subjetiva (campo do comportamento vocacional, da identidade vocacional e do desenvolvimento vocacional), que vive em relação dialética com o outro lado do extremo da estrutura social (campo da profissão, da identidade profissional e do desenvolvimento profissional), num elo de continuidade representado pela relação ocupacional-profissional (campo da carreira, identidade ocupacional e desenvolvimento de carreira), campo onde são elaborados e têm lugar os projetos ocupacionais (estratégias de transição).

Do lado da estrutura subjetiva temos:

- Comportamento vocacional: conjunto de processos psicossociais que uma pessoa mobiliza em relação ao mundo profissional/ocupacional e que representam o tipo de vínculo que cada sujeito estabelece com o mundo naquele momento;
- Identidade vocacional: expressa as determinações subjetivas da condição humana;
- Desenvolvimento vocacional: atualização da identidade vocacional realizada pelo comportamento vocacional.

Do lado da estrutura social temos:

- Profissão: espaço institucionalizado de desempenho de papéis profissionais (construção socialmente cristalizada);
- Identidade profissional: expressa as determinações objetivas da condição humana e possibilita o vínculo ao social pelo fazer como possibilidade de subjetivação (constituição do ser);
- Desenvolvimento profissional: atualização da identidade profissional realizada pelo desempenho de papéis profissionais.

No espaço de mediação temos:

- Carreira: realização psicossocial pelo desempenho de uma seqüência de ocupações/profissões (espaço simbólico de relação sujeito/mundo, no qual são desempenhadas as expectativas de papéis profissionais);
- Identidade ocupacional: veicula, expressa e articula as determinações subjetivas (estrutura subjetiva) e objetivas (estrutura social) da condição humana nos momentos de transição gerados pelas crises de carreira;
- Desenvolvimento de carreira: atualização da identidade ocupacional de transição realizada pela elaboração de projetos ocupacionais.

Como se operacionaliza o processo de mediação entre a estrutura subjetiva e a estrutura social?

A elaboração e realização de projetos ocupacionais, entendidos como projetos transicionais provisórios (estabilidade provisória) através da ação sobre o mundo, possibilita a constituição de uma identidade ocupacional (estratégia identitária de transição), assegurando a continuidade da construção da carreira, que pressupõe a instrumentação (objetiva e subjetiva) para os projetos profissionais, que reconsolidam a identidade profissional e permitem o vínculo ao social.

Esse processo ocorre sempre na relação ocupacional-profissional, que é a dimensão da relação social que possibilita a produção constante e dialética do mundo do trabalho (estrutura social) e do sujeito (estrutura subjetiva), pela emergência de um espaço transicional, que permite a constituição, o desenvolvimento e a utilização das estratégias identitárias de construção de projetos.

Quais seriam, então, os objetivos da orientação profissional?

A orientação profissional não deve ser encarada como uma estratégia adaptativa que coloca a ocupação (fazer) como possibilidade permanente, o que deixa a pessoa imersa na cultura da sobrevivência, impossibilitando-a de estar inserida na relação contínua de construção identitária, principalmente se pensarmos no caso da “pessoa psicótica”, que tende a ser vista como alguém sem chance de autonomização, portanto, ficando restrita ao campo ocupacional.

A construção de projetos ocupacionais é um instrumento de passagem que leva a constituição de uma identidade ocupacional, construção identitária transitória, não permanente, que deve possibilitar a reconstrução da identidade profissional, esta sim, propiciadora de vínculos mais permanentes com o social, que só se reconstrói pelas recorrentes crises identitárias operadas pelas relações instáveis entre a estrutura subjetiva e a estrutura social.

A orientação profissional deve oferecer ao sujeito a possibilidade do desenvolvimento e operacionalização permanente de “estratégias identitárias de construção de projetos”, que visariam garantir a instrumentação do sujeito para a elaboração de projetos ocupacionais a cada momento de transição que ele deva atravessar, oferecendo um espaço de mediação que garanta minimamente uma continência inicial, o resgate do vínculo com o social pela identidade ocupacional e a possibilidade da autonomia pela reconsolidação da identidade profissional.

Desenvolvimento, nesse sentido, quer dizer instrumentação.

Que tipo de instrumentação? Instrumentação objetiva e subjetiva.

Instrumentação para quê? Para o desenvolvimento da possibilidade de fazer escolhas e elaborar e concretizar projetos ocupacionais.

Por quê? A cada nova crise, o sujeito estará instrumentado para dar continuidade ao seu desenvolvimento de carreira, entendida como um processo singular e intransferível, em que o sujeito atualiza sua identidade profissional, se transformando e transformando o mundo em que é vivida sua condição humana.

Como colocar essa estratégia de orientação profissional em prática?

Através do trabalho de oficinas permanentes, nas quais as pessoas poderiam participar sempre que sentissem necessidade, onde seriam realizadas atividades seqüenciadas em grupo, visando a instrumentação objetiva e subjetiva para a elaboração de projetos ocupacionais, projetos transitórios que serviriam de espaço para a reelaboração e consolidação dos projetos profissionais.

A idéia central é que, num campo estrutural integrado (estrutura subjetiva em relação dialética com a estrutura social) em constante movimento, onde nada pode ser previsível e que se transforma a cada instante, a orientação profissional pode oferecer aos sujeitos um espaço para instrumentação, elaboração e operacionalização de projetos ocupacionais, não como espaço para construção de projetos, mas como espaço para desenvolver os requisitos necessários para desenvolver as estratégias identitárias de construção de projetos, para que possam ser articuladas e expressas sempre que a relação ocupacional-profissional demandar.

A saída para a orientação profissional em um mundo em constante mudança será possibilitar a constituição de um modelo de construção de projetos ocupacionais, acionado a cada momento de crise, que demanda um processo de transição.

Nesse sentido, estar instrumentado para desenvolver projetos, é mais importante do que elaborar um projeto, pois um projeto sempre é elaborado em um contexto sócio-histórico determinado e com certeza, diante de uma crise, ele deverá ser reformulado ou transformado totalmente, sendo assim ativadas as estratégias identitárias de construção de projetos.

Todas as pessoas que estão impossibilitadas de manter uma relação dialética com o mundo poderiam se beneficiar dessa idéia, mas o objetivo do presente projeto é elaborar um modelo específico de **orientação profissional para “pessoas**

psicóticas”, por isso deve-se sempre ter como pano de fundo que o modelo aqui proposto terá idéias gerais, mas será destinado ao auxílio a essas pessoas.

Esse auxílio visa oferecer um espaço para o desenvolvimento de estratégias identitárias de construção de projetos para “pessoas psicóticas”, que se encontram sem possibilidade de uma relação dialética com o mundo, pois se viram delegadas por muito tempo a uma posição de não-ser no mundo e não dialetizar com esse mundo, ficando em estado de suspensão seu desenvolvimento identitário nas suas mais variadas esferas, como é o caso da identidade profissional.

Mas, se o mundo abriu uma brecha em todos os níveis, será que não seriam possíveis novas formas de configuração subjetiva, social e de transição?

Esta seria a grande chance de uma parte das “pessoas psicóticas” arriscarem novas modalidades de projeto. Digo uma parte, pois muitos ficarão mais perdidos e impossibilitados do que estavam diante de uma fragilidade da referência simbólica vigente que, se impossibilitava uma autonomia, possibilitava ser dependente dela e outros tantos continuarão estabilizados nas saídas que o mundo moderno propunha como, por exemplo, a aposentadoria por invalidez e a incorporação da identidade de doente mental.

Porém, aqueles que ainda conseguem arriscar e fazer apostas para o seu futuro começam a encontrar agora uma possibilidade simbólica concreta de existir e operar por novos caminhos.

A orientação profissional para “pessoas psicóticas” busca a viabilização de um espaço para a elaboração de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos ocupacionais – projetos transitórios que gradativamente reabilitariam a “pessoa psicótica” a laborar na construção do mundo pela via do trabalho, (re)possibilitando investimentos de vínculo com o social, reafirmando sua identidade profissional e reativando o desenvolvimento de sua carreira.

Se a orientação profissional busca construir estratégias de relação dialética com o mundo, deveria ser realizada nas próprias relações sociais, por isso a idéia de que esse trabalho seja realizado através de dispositivos grupais, como opção metodológica, o que não significa dizer que um trabalho mais individualizado não poderia ser realizado ou seria menos eficaz.

Mas por que grupos?

2.7. Os dispositivos grupais

Apontamos parágrafos atrás que o mundo está em constante mudança e que é reconstruído na relação com os indivíduos, que também se reconstroem nessa relação dialética reconfigurando seus projetos de vida através de estratégias identitárias de construção de projetos. Todo esse processo acontece nas relações sociais, que são produto e suporte desse processo.

Nesse sentido, se a orientação profissional visa o desenvolvimento profissional (instrumentação para o desenvolvimento contínuo de estratégias identitárias de construção de projetos) e esse processo ocorre nas relações sociais; a utilização de dispositivos grupais para a realização dessa tarefa é, afinal, uma

possibilidade significativa, pois se a estrutura social está em crise, é nela que podem ser trabalhadas saídas para as crises recorrentes.

Qual seria a função do dispositivo grupal?

Basicamente ser um espaço provisório de sustentação externa, continência e transição, no qual os indivíduos possam laborar no seu desenvolvimento profissional.

Mas por que um grupo cumpriria esse papel?

A realização de projetos e de estratégias identitárias necessita de um suporte externo, pois, *a priori*, as “pessoas psicóticas” nem sempre estarão aptas para tal empreitada. Um grupo cria artificialmente, num primeiro momento, uma sustentação externa, que podemos chamar de ilusão grupal.

Segundo Anzieu (1993), a ilusão grupal promove o intercâmbio entre os inconscientes que levam a construções fantasmáticas (cenários imaginários que realizam desejos de forma substitutiva sendo semelhantes aos sonhos) e utilizam instâncias psíquicas individuais, pois Anzieu não acredita na existência de instâncias psíquicas grupais, como na idéia de um inconsciente grupal. Bion (1975) já pensava dessa maneira ao admitir que:

Temos, assim, uma situação em que os indivíduos comportam-se como se estivessem conscientes, como indivíduos, da suposição básica, mas inconscientes dela como membro do grupo. Isto é como deveria ser: o grupo não possui um consciente e não é articulado; compete ao indivíduo possuí-lo e sê-lo. (Bion, 1975, p.84).

Como ilusão grupal, o grupo cria um estado psíquico transindividual, que é o continente dentro do qual uma circulação fantasmática e identificatória irá se ativar entre as pessoas, numa espécie de envólucro psíquico.

Dessa forma, o grupo se constitui como um espaço transicional de recepção, elaboração e reparação das rupturas sofridas pelo sujeito e contribui para a restauração das atividades de simbolização, que possibilitam a revivência e o reencontro dos laços humanos fundamentais: a vida fantasmática dos grupos tem um estatuto metapsicológico intermediário entre o estado fusional (narcisismo) e a realidade exterior. (Anzieu, 1993).

O grupo seria, então, uma área de experimentação ou espaço transicional, no qual emerge um espaço potencial, que é a área intermediária situada entre o que é subjetivo e o que é objetivamente percebido, que não é mundo interno, nem tampouco mundo externo.

O grupo, como espaço transicional, seria uma zona simultânea de ilusão e realidade, na qual se pudesse resgatar ou desenvolver a capacidade de poder brincar: “... brincar é ousar exteriorizar algo sobre o que não se tem certeza, é fazer; não ainda uma verdade, podendo ser uma vontade.” (Oliveira, 2003, p.157).

O grupo seria um espaço privilegiado para brincar, pois:

... a situação grupal oferece uma área riquíssima de experimentação onde o controle mágico da realidade cede lugar ao controle da manipulação através do confronto de papéis e revivência de situações. (Pedroso, 1991, p.210).

A ilusão grupal é um espaço de mudança espaço-temporal, pois possibilita uma utopia (lugar fora do espaço) e uma uchronia (intervalo fora do tempo), pois o grupo é um espaço de regressão: cronológica (retorno ao narcisismo – período anterior à constituição do sujeito), tópica (prevalência do id e do ego-ideal) e formal (formas primitivas de expressão e comunicação).

A utopia e a uchronia permitem ao sujeito não regredir no tempo e no espaço, o que levaria a uma desagregação do eu, através de um funcionamento grupal regressivo dentro de um espaço de continência, que é o próprio grupo, ou seja, o grupo se constituiria como um espaço intermediário através do qual o sujeito primeiramente tem um suporte para seus déficits narcísicos, para num segundo momento se autonomizar através da realização de uma tarefa em grupo. (Kaës, 2002).

O grupo, em sua evolução, possibilitaria a revivência do desenvolvimento emocional do indivíduo, pois, num primeiro momento se constitui como um depositário da necessidade da pessoa ser contida e mantida (função de *holding*) para depois permitir ao sujeito um brincar compartilhado, testando na prática novas relações objetais, com possibilidade de transposição para a vida social, a partir do que seria possível para uma “pessoa psicótica”.

O dispositivo grupal propiciaria um *holding* qualitativo – sustentação que visa fornecer pontos de referência estáveis necessários para a integração no tempo e espaço – graduando qualidades e continências e gerando a passagem de um estado de dependência absoluta para um estado de dependência relativa. (Lehman, 1996).

Segundo Kaës (1997), o grupo possibilita a construção de um aparelho psíquico grupal que serve de instrumento de passagem para a restituição da ordem simbólica, marcando bem a idéia da transicionalidade, senão o sujeito engancha sua vida na ilusão grupal e não retorna a viver.

*O aparelho psíquico grupal é um “aparelho” irredutível ao aparelho psíquico individual: ele não é nem uma extrapolação. Ele executa um trabalho psíquico particular: produzir e tratar a realidade psíquica do e no grupo. É um dispositivo de ligação e transformação dos elementos psíquicos e não funciona sem a contribuição de seus sujeitos. No grupo, devido ao agrupamento, um certo arranjo psíquico se produz, e esta **aparelhagem** define a realidade psíquica ou a “psiquê” do grupo.* (Kaës, 1999, p.64).³⁶

Há uma relação entre a estrutura dos vínculos intersubjetivos e a estrutura psíquica do sujeito singular com base na idéia de que o inconsciente pode ser construído através do outro: conteúdos inconscientes que transitam de um sujeito a outro pelos vínculos e conteúdos inconscientes que são depositados e abrigados de um outro sujeito.

O inconsciente não teria sua base somente na entidade singular, mas também na intersubjetividade. Kaës (1997) resgata na obra freudiana a idéia de grupalidade psíquica (grupo interno) pensada como capacidade associativa (ligação), que é a base do aparelho psíquico.

³⁶ “L’appareil psychique groupal est un ‘appareil’ irréductible à l’appareil psychique individuel: il n’en est pas l’extrapolation. Il accomplit un travail psychique particulier: produire et traiter la réalité psychique de *et* dans le groupe. Il est un dispositif de liaison et de transformation des éléments psychiques et ne fonctionne que par les apports de ses sujets. Dans les groupes, du fait du groupement, un certain arrangement des psychés se produit, et cet *appareillage* définit la réalité psychique ou la ‘psyché’ de groupe.” (Kaës, 1999, p.64).

O ego, nada mais é do que a construção interna de uma rede intersubjetiva internalizada, via identificação, organização das relações objetais e atividades de fantasiar, aparecendo como figuração grupal em múltiplo (presença organizada de uma pluralidade das pessoas psíquicas – outros – no psiquismo).

O grupo tornaria possível a passagem do singular ao agrupamento, do narcisismo ao vínculo, da identificação a identidade, do indivíduo a série e da série para a cadeia intersubjetiva, que faz circular, transmite e interlaça a matéria psíquica, as formações ao sujeito singular e aos conjuntos de que ele é parte constituinte e parte constituída: sujeito do inconsciente como sujeito do grupo.

O grupo não tem instâncias psíquicas, mas se constitui como espaço extratópico para as encenações inconscientes, ligando, contendo e organizando os conteúdos inconscientes. A realidade psíquica subsistiria fora de sua singularidade, pois há uma transformação da economia individual para uma economia grupal, ou seja, gestão por parte do aparelho psíquico grupal daquilo que não pode ser tratado no aparelho psíquico individual.

... o inconsciente não é nem isótopo nem homogêneo. Uma parte de seu lugar é extratópico, sua economia está associada à de outros sujeitos do inconsciente, sua dinâmica se inscreve no conflito entre o sujeito do inconsciente e o sujeito do grupo. (Kaës, 1999, p.122).³⁷

O aparelho psíquico grupal aponta um modelo estrutural do grupo, mas como se daria a construção e as constantes transformações do espaço grupal?

Kaës (1997) indica que todo grupo tem um processo específico constituído por alguns momentos determinados, que não necessariamente obedecem a uma continuidade linear.

O primeiro momento do grupo seria o “momento fantasmático”, no qual se funda o grupo como construção narcísica comum dos membros do grupo: *narcísica*, pois é uma assimilação imaginária do objeto externo-grupo a um grupo interno de

³⁷ “... l’inconscient n’est ni isotope ni homogène. Une part de son lieu est extratopique, son économie est associée à celles d’autres sujets de l’inconscient, sa dynamique s’inscrit dans le conflit entre le sujet de l’inconscient et le sujet du groupe.” (Kaës, 1999, p.122).

cada um dos membros; e *comum*, pois o efeito dessa assimilação é sobre o conjunto e feito em conjunto (ilusão isomórfica de correspondência imaginária entre o espaço interno e o espaço grupal, que foi nomeada como suposto básico de dependência por Bion, 1975).

O grupo constitui-se como um objeto transicional, mediador entre a realidade intrapsíquica confusa dos participantes e a realidade externa representada pela inquietante alteridade do objeto-grupo e de cada um dos participantes. (Kaës, 1997, p. 214).

É o momento da construção do envólucro psíquico, que Anzieu (1993) preconizava, no qual há um fechamento do espaço e superposição dos limites do corpo e dos limites do grupo pelas identificações com a membrana comum. Esse movimento é uma forma de contenção da angústia de fragmentação gerada pela situação grupal, que promove uma experiência de quebra da unidade do eu.

O segundo momento do grupo seria o “momento ideológico”, no qual o grupo cria a ilusão de não-diferenciação e a manutenção de um sistema de vínculos, que traga a satisfação e inviabilize a frustração, sob pena do grupo não se desenvolver, sendo a estabilidade e segurança as maiores necessidades.

O terceiro momento seria o “momento figurativo transicional” que começa a possibilitar que o grupo se torne um espaço de diferenciações e crescimento.

O quarto e último momento seria o momento “mitopoético”, no qual se inicia a diferenciação entre espaço psíquico interno e espaço grupal e, com a diferenciação crescente, o sujeito, gradativamente, assume novamente sua vida como pessoa (reassumindo uma posição existencial perdida com a psicose) não mais como membro do grupo somente. Nesse momento o grupo pode desempenhar sua função de organização simbólica de relações de diferenciação crescente entre os sujeitos, semelhante ao que propunha Bion (1975) com a idéia de grupo de trabalho.

Sujeito e grupo estão em relação homomórfica, ou seja, por possuírem estruturas parcialmente comuns (organizações grupais), mantém relações que admitem para cada um deles diferentes leis e funcionamentos específicos, gerando relações de complementaridade e antagonismo, o que permite estabelecer novas

trocas por intermédio do grupo entre sistemas subjetivos singulares e sistemas sociais (pólo da diferença ou da ordem simbólica).

Isso só é possibilitado pelas formações e processos intermediários que são:

... as formações e processos psíquicos de ligação, de passagem de um elemento a outro, seja no espaço intrapsíquico (formação de compromisso, pensamento de ligação, Eu, metáfora...), seja no espaço interpsíquico (mediadores, representantes, delegados, objetos transicionais, porta-voz...) seja na articulação entre esses dois espaços. Sua função é tornar possível a continuidade da vida psíquica, sua complexidade, sua regulação, sua representação por ela própria (auto-representação) e sua representação para outros sujeitos (alo-representação). (Kaës, 1997, p.224).

É importante salientar que todos esses momentos são momentos reversíveis de um processo e não constituem uma continuidade linear.

Mas como ficaria a questão do dispositivo grupal na orientação profissional?

2.7.1. A orientação profissional e os grupos

Tradicionalmente, o processo de orientação profissional era realizado de forma individualizada, mas há muito tempo vem sendo realizado através de oficinas, de trabalhos grupais realizados em sala de aula e de processos terapêuticos grupais.

Mas quais seriam as vantagens do trabalho grupal em orientação profissional?

Carvalho (1995) coloca que um grupo propicia uma visão global da situação em que a pessoa está inserida, uma noção de processo social, uma experimentação de papéis e um questionamento de si e de seus projetos.

Foladori (1987) aponta quatro vantagens do trabalho grupal:

- Estimula a cooperação em detrimento à competição;
- Socializa os problemas singulares rompendo com o isolamento em que o indivíduo se encontra quando se sente único e diferente, pois “... a socialização do problema socializa também o indivíduo, que se vê induzido a

interagir com outros para produzir respostas de acordo com as necessidades do grupo que são suas próprias” (Foladori, 1987, p.84)³⁸;

- Facilita a simbolização pela verbalização em grupo ao permitir um autoquestionamento de si e de seus projetos, promover uma instrumentação para (re)elaboração constante desses projetos e possibilitar uma visão mais global da situação ao contextualizar e integrar os elementos que influenciam nesse processo;
- Ajuda a romper com os modelos paternalistas, favorecendo com que os sujeitos se responsabilizem pelas suas decisões e projetos.

Quando realizado no interior de uma instituição, o trabalho grupal tende a questionar os postulados e regras instituídas, promovendo uma análise institucional espontânea e a necessidade de uma mútua adaptação progressiva (grupo de orientação profissional e instituição), pois dialeticamente elas tenderão a se autoinfluenciar e se transformar.

Se a instituição possuir abertura para essa transformação, a orientação profissional pode se tornar um trabalho instituinte de transformação da estrutura instituída, mas se a instituição não conseguir ingressar nessa dinâmica de transformação, irá operar contra o trabalho de orientação profissional, o que, no seu extremo, pode gerar sua inviabilização. (Barembly, 1996).

Por isso a importância de analisar um grupo em suas três dimensões, como nos propõe Pichon-Rivière (1983):

- Verticalidade: dimensão do sujeito em relação;
- Horizontalidade: dimensão das relações grupais;
- Transversalidade: dimensão institucional do grupo.

Podemos concluir, portanto, que um grupo facilitaria a exploração das possibilidades existentes e potenciais, a experimentação de papéis, bem como a

³⁸ “... la socialización del problema socializa también al individuo, quien se ve inducido a interactuar con otros para producir respuestas acordes con las necesidades del grupo que son las propias.” (Foladori, 1987, p.84).

instrumentação e a construção de projetos, contextualizados sócio-historicamente e testados pelas relações grupais.

Um grupo é uma microsociedade, representando, dessa forma, a sociedade como um todo, o que permite a cada sujeito se instrumentar para a construção de projetos dentro de um contexto relacional, possibilitando que esse processo tenha características e formas semelhantes ao que poderá acontecer em suas relações sociais concretas.

Assim, é no que o grupo de orientação vocacional pode se transformar em primeiro lugar, aonde o sujeito se expressa livremente e se autoinstrumenta através da ação do restante de seus companheiros para encontrar saídas realistas para seus problemas vocacionais. (Foladori, 1987, p.86)³⁹.

Um grupo funcionaria no contexto específico da orientação profissional, então, como um espaço transicional de instrumentação para o desenvolvimento contínuo de estratégias identitárias de construção de projetos.

2.7.1.1. Estratégias de trabalhos de grupo em orientação profissional

A prática grupalista, como vimos, remete ao início do século XX, tem diversas vertentes atualmente e podemos dividi-la em dois grandes grupos, segundo seus objetivos: grupos com finalidades operativas e grupos com finalidades terapêuticas. (Fernandes et al., 2003).

Nos grupos com finalidades operativas temos como característica principal ser centrado numa tarefa e promover um aprendizado através do qual a pessoa possa se desenvolver.

³⁹ “Así, en el grupo de orientación vocacional se puede convertir en el primer lugar, donde el sujeto se expresa libremente y se instrumenta a sí mismo, a través de la acción del resto de sus compañeros, para encontrar salidas realistas a sus problemas vocacionales.” (Foladori, 1987, p.86).

Dentro da orientação profissional temos como exemplo o programa de ativação de Pelletier, Noiseux e Bujold (1981), as estratégias decisoriais (Alzina, 1998 e Rivas, 1988), as abordagens educacionais informativas (Ferretti, 1988) e os grupos operativos (Bohoslavsky, 1977; Foladori, 1987 e Müller, 1988).

Foladori (1987) propõe a utilização de grupos operativos em orientação vocacional (baseados nas idéias de Pichon-Rivière, 1983), como grupos de ensino-aprendizagem para a promoção de saúde mental, que promoveriam como tarefa implícita a deuteroprendizagem (aprender a aprender), através das tarefas explícitas de autoconhecimento, conhecimento do mundo do trabalho e do processo de escolha, fazendo, via interpretações, manifesto os conteúdos que estavam latentes e são determinantes do processo de orientação profissional.

As tarefas do grupo seriam aprender a escolher e fazer projetos através de um trabalho grupal, enquanto que as tarefas do coordenador seriam, então, clarificar as tarefas explícitas e implícitas via assinalamentos, pontuações e interpretações das atividades realizadas, facilitando a saída da pré-tarefa, a realização das tarefas e a elaboração de projetos. (Müller, 1988).

Nos grupos com finalidades terapêuticas temos como característica principal ser centrado nas relações intersubjetivas, visando o autoconhecimento e o conhecimento do mundo social e do trabalho, que é produzido nessas relações.

Dentro da orientação profissional temos como exemplo a abordagem grupal que Carvalho (1995) propõe (modalidade de psicoterapia breve focal de grupo), os plantões de orientação profissional (grupos terapêuticos de apoio) e os grupos de orientação profissional que trabalham verbalmente e com atividades, como o trabalho desenvolvido na Universidade de São Paulo. (Silva, 1995).

Carvalho (1995) diz que:

A orientação profissional em grupo tem por objetivo ensinar a escolher e possibilitar uma decisão por meio da discussão dos fatores básicos para uma boa escolha profissional: autoconhecimento, informação ocupacional e de mercado de trabalho. Ela permite a observação de diferentes razões da escolha, tais como, motivações, interesses, valores, etc., que

surtem no grupo levando a uma melhor auto-análise. Possibilita também a desmistificação de falsas imagens e preconceitos, por meio de colocações e conhecimentos objetivos na informação de cursos, ocupações e mercado de trabalho em diversas áreas, enriquecendo a informação pessoal. (p.87).

A nossa proposta é que a estratégia grupal seja com finalidade operativa e possa abarcar atividades e tarefas para que os sujeitos realizem pequenas produções e reconstruam sua vida, suas relações, sua história e suas possibilidades, operacionalizadas através de projetos, que partirão da total diretividade por parte do orientador até atingir um momento de autonomia, no qual o sujeito possa elaborar o seu projeto e desenvolver estratégias identitárias de construção de projetos.

Mas como ficaria a questão do dispositivo grupal para a “pessoa psicótica”?

2.7.2. A “pessoa psicótica” e os grupos

O trabalho com dispositivos grupais para “pessoas psicóticas” não é uma estratégia recente, datando de 1921 os primeiros relatos do uso de técnicas grupais para pacientes esquizofrênicos. (Lazell, 1921)⁴⁰.

Desde então tem se refletido sobre a utilidade dos dispositivos grupais para esse público-alvo, que foi muito utilizado ao longo do século XX e que ainda continua sendo no início do século XXI.

Kanas (1986) realizou uma revisão da literatura sobre pesquisas que estudaram o tema da utilidade e da eficácia dos tratamentos grupais para “pessoas psicóticas” entre 1950 e 1980 e chegou a conclusão de que há uma efetividade nesse tipo de intervenção em 67% dos casos em grupos com pessoas internadas e 80% dos casos em grupos com pessoas não-internadas (o foco da presente pesquisa).

Mais recentemente, alguns estudos confirmaram as mesmas conclusões de Kanas (1986) de que há uma efetividade e uma potencialidade de auxílio às “pessoas psicóticas” através de dispositivos grupais (Cañete & Ezquerro, 1999; Celli & Correale, 1998; Correa, 1998; De Bosset, 1991; Ghirardelli, 2000; Graves, 1993;

⁴⁰ LAZELL, E.W. The group treatment of dementia praecox. **Psychoanalytical Review**, n. 8, p. 168-179, 1921.

Kanas, 1993; McQueeney & Nightingale, 1996; Ribas & Borenstein, 1999; entre tantos outros)⁴¹.

Podemos apontar que as pesquisas não têm uma uniformidade de públicos-alvo, nem de definição do que seja uma “pessoa psicótica”, mas são indicativos importantes de que há a possibilidade do trabalho grupal ser potencialmente válido.

Mas no que um dispositivo grupal contribuiria no desenvolvimento da “pessoa psicótica”?

2.7.2.1. Objetivos dos dispositivos grupais para “pessoas psicóticas”

A questão da “pessoa psicótica” passa pela possibilidade de relação dialética entre o espaço singular (estrutura subjetiva) e o espaço social (estrutura social), que são pólos extremos de um mesmo elo de continuidade.

Ela necessita reorganizar sua possibilidade de dialetização dessa relação subjetiva e social, mas que encontra dificuldades se esse processo é realizado

⁴¹ CAÑETE, M.; EZQUERRO, A. Group-analytic psychotherapy of psychosis. **Group Analysis**, ano 32, n. 4, p. 507-514, 1999.

CELLI, A.M.; CORREALE, A. The model-scene in group psychotherapy with chronic psychotic patients. **International Journal of Group Psychotherapy**, ano 48, n. 1, p. 55-68, 1998.

CORREA, M.R.A. **Grupos de psicóticos crônicos em um centro de saúde: um estudo descritivo sob o enfoque psicossocial**. 1998. 220f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DE BOSSET, F. Group psychotherapy in chronic psychiatric outpatients: a Toronto model. **International Journal of Group Psychotherapy**, ano 41, n. 1, p. 65-78, 1991.

GHIRARDELLI, R. From defense to understanding: the evolution of a group of young psychotic patients and of its leader. **Group Analysis**, ano 33, n. 2, p. 265-270, 2000.

GRAVES, J.S. Living with mania: a study of outpatient group psychotherapy for bipolar patients. **American Journal of Psychotherapy**, ano 47, n. 1, p. 113-126, 1993.

KANAS, N. Group psychotherapy with bipolar patients: a review and synthesis. **International Journal of Group Psychotherapy**, ano 43, n. 3, p. 321-333, 1993.

MCQUEENEY, D.A.; NIGHTINGALE, L.C. Group therapy for schizophrenia: combining and expanding the psycho educational model with supportive psychotherapy. **International Journal of Group Psychotherapy**, ano 46, n. 4, p. 517-533, 1996.

RIBAS, D.L.; BORENSTEIN, M.S. CAPS-Florianópolis: uma experiência de grupo com clientes psicóticos fora dos muros do manicômio durante 10 anos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, ano 52, n. 2, p. 179-188, 1999.

diretamente no mundo social, necessitando, portanto, de um espaço para construir uma organização que permita a realização de tal tarefa.

Esse espaço surge como uma sustentação artificial externa (ilusão grupal) para que o indivíduo possa ir construindo gradativamente a sua própria sustentação psicossocial, através da elaboração de estratégias identitárias de construção de projetos.

O grupo sustenta e produz continência aos projetos e o coordenador do grupo se coloca como guia deste processo, sendo mais ativo no começo dos grupos para, gradativamente, ir delegando autonomia primeiramente ao grupo e em seguida a cada sujeito do grupo.

Winnicott (1983) coloca a psicose como uma defesa altamente organizada frente às ansiedades inimagináveis, que seriam falhas na função do *holding*.

O grupo, por sua vez, remete cada participante a uma fase anterior à constituição do eu, que é o momento fantasmático que Kães (1997) aponta e a angústia de fragmentação (corpo despedaçado) gerada em toda nova situação grupal é combatida justamente pela ilusão grupal (grupo como unidade e como objeto transicional comum), que possibilita a construção de um lugar interno para uma imagem unificada do eu que, gradativamente, permite a passagem do subjetivo puro para a objetividade.

Afetos inaceitáveis e aspectos do self são experienciados primeiramente através de formas projetadas ou deslocadas e, com a ajuda do terapeuta, podem ser gradualmente integradas ao sistema do grupo e ao sistema individual de seus membros. (Cohn, 1988, p.321).⁴²

O grupo sustenta a tensão provocada pela exigência da separação dentro/fora gerada em qualquer relação humana, que poderá ser suplantada pela existência de uma terceira realidade (área transicional do grupo) dentro da área intermediária da experiência.

⁴² “Unacceptable affects and aspects of self are experienced first in projected or displaced form and, with the help of the therapist, can be gradually integrated into the group system and the individual self-system of its members.” (Cohn, 1988, p.321).

Para o paciente psicótico a oportunidade de vivenciar o estar em grupo poderia contribuir como experiência que forja um lugar onde podem sedimentar-se representações internas de grupo. (Maximino, 2001, p.100).

Justamente, o grupo pode exercer essa função de intermediário e de espaço transicional de que a “pessoa psicótica” tanto necessita para (re)construir sua estruturação existencial através da resignificação de sua história.

O dispositivo grupal, como nos apontou Kaës (2002), cumpre algumas funções que são indispensáveis para a reapropriação da vida, entre elas: um espaço de continência para sua forma de ser; um espaço de depósito, mas também de cripta de seus conteúdos; um espaço de apoio transitório para que ele possa reedificar sua subjetividade; um espaço de reconstrução de uma base corpórea para alojar a subjetividade; e um espaço transicional para, gradativamente, ir resignificando a sua vida.

Massaro (1994) coloca os mesmos objetivos e acrescenta a necessidade de que um grupo para “pessoas psicóticas” possa propiciar uma rematrização de suas relações sociais e a criação de projetos de vida.

Com isso há também um auxílio protegido para ir saindo gradativamente do isolamento e ir desenvolvendo uma estrutura para lidar com sua tendência ensimesmante, que possibilite requisitar uma autonomia gradualmente e propiciar a habilidade de relações intersubjetivas com sentido, gerado pela experiência de contatos constantes com outras pessoas no grupo e fora dele, saindo da estagnação (cronicidade psicótica) e arriscando novas relações.

Lancetti (s.d.) coloca como de fundamental importância o que ele chama de clínica grupal para “pessoas psicóticas”, pois o dispositivo grupal cria artificialmente um espaço de:

- *Continência*, no qual a ansiedade é acolhida e transformada pelo “estar-louco-com-outros”, que propicia uma resignificação de sua história: “... o próprio grupo funciona como um necessário ‘continente’ que absorve as

fantasias, angústias e a confusão existencial de cada um” (Zimerman, 2000, p.217), através da troca;

- *Imitação*, no qual é operada uma produção de subjetividade (grupalidade) pela imitação em série, que introduz desvios diferenciais, não simplesmente uma manifestação de uma organização já dada;
- *Grupo como corpo*, que possibilita, através da experiência coletiva, a criação do grupo como espaço corporal (similar ao envólucro psíquico de Anzieu);
- *Transicionalidade*, que permite que o devir grupal produza uma superfície expressiva constitutiva do extra-individual, onde a produção psicótica irá se inscrever e através da qual seja gerado um projeto de mudança que conecte o que acontece no grupo com o campo social;
- *Tarefa*, que contém a idéia de que um dispositivo grupal para “pessoas psicóticas” deva ser um espaço de produção concreta para viabilizar a produção subjetiva (grupos de trabalho ou operativos na versão pichoniana).

O objetivo central dos grupos de trabalho é se tornarem grupos produtivos. Precisam processar a angústia gerada na efetivação de tarefas, realizar seus objetivos, produzir subjetividades emergentes e não buscar mera reintegração social. (Lancetti, s.d., p.169).

A possibilidade que a construção de um aparelho psíquico grupal venha suscitar um processo de reconstrução existencial-subjetiva, através da utilização do dispositivo grupal centrado numa tarefa, se constitui numa idéia frutífera, pois tudo o que a “pessoa psicótica” necessita é a possibilidade de voltar a estabelecer uma relação dialética com o mundo, e o grupo, como intermediário desse processo, pode propiciar esse trabalho entre o extremo subjetivo (sujeito do inconsciente) e o extremo social (sujeito do grupo).

Resumindo: o grupo seria o espaço intermediário necessário para o desenvolvimento de projetos (*holding* qualitativo), que começa no espaço grupal continente (espaço protegido de construção de projetos ocupacionais) para depois ter

lugar na relação dialética sujeito/mundo social: espaço no qual serão concretizados os projetos profissionais.

III

MÉTODO

3.1. A estratégia da pesquisa

A estratégia utilizada foi a pesquisa de intervenção, que visou elaborar uma nova forma de atuação em orientação profissional, utilizando-se de maneira sistemática dos conhecimentos existentes, através de um caminho de fazer e refazer o próprio processo da pesquisa, pois o modelo de intervenção elaborado foi resultado

de aproximações teóricas e testes empíricos, por falta de modelos prévios de orientação profissional para “pessoas psicóticas”.

3.2. Sujeitos

A amostra contou com 17 sujeitos divididos em dois grupos de orientação profissional realizados para o presente estudo e que freqüentavam duas instituições de saúde mental da Rede Pública de Saúde do Estado de São Paulo com a seguinte configuração:

- Grupo 1 – realizado no Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã que contou com 7 participantes, sendo 6 homens e 1 mulher, na faixa etária de 23 a 45 anos;
- Grupo 2 – realizado no Centro de Atenção Psicossocial de Diadema que contou com 10 participantes, sendo 8 homens e 2 mulheres, na faixa etária de 20 a 45 anos.

Tabela 1 – Divisão da amostra por faixa etária

FAIXA ETÁRIA	N
--------------	---

- de 20 anos	2
21 – 25	2
26 – 30	3
31 – 35	3
36 – 40	2
41 – 45	4
+ de 45 anos	1
TOTAL	17

Tabela 2 – Divisão da amostra por gênero

GÊNERO	N
Masculino	14
Feminino	03
TOTAL	17

Participaram desta pesquisa pessoas que tinham a psicose como diagnóstico psicanalítico ou os transtornos mentais psicóticos (esquizofrenias e transtornos delirantes, de humor e psicóticos) como diagnóstico psiquiátrico, conforme consta no CID-10. (Organização Mundial da Saúde, 1993).

Os sujeitos foram convidados a participar de uma reunião na qual explicitaram-se os objetivos das oficinas de orientação profissional, os quais escolheram participar ou não dessas oficinas. As instituições se responsabilizaram pelos sujeitos e pela utilização do material coletado para a presente pesquisa.

Não tiveram seus nomes revelados, segundo acordo firmado primeiramente com a instituição e depois reafirmado com os sujeitos, pois a pesquisa na área da psicologia requisita o sigilo como condição ética *sine que non* para a sua realização,

sendo que foi atribuído um nome fictício a cada um que não correspondia ao seu nome verdadeiro, nem mantinha qualquer relação com ele, pois foi escolhido de forma aleatória.

Os orientandos foram chamados de:

- Grupo 1 – Nivaldo, Sérgio, Élcio, Carlos, Leandro, Marta e Jair;
- Grupo 2 – Laerte, Junior, Alberto, Valdir, Alessandra, Julio César, Samir, Rosangela, Rodnei e Arthur.

3.3. Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para a pesquisa:

- Entrevistas grupais de triagem e de saída;
- Oficinas de orientação profissional.

3.3.1. Entrevistas grupais

As entrevistas foram semi-dirigidas (Contandriopoulos, 1999), ou seja, um livre falar onde o entrevistador tem uma atenção flutuante e pela relação transferencial opera intervenções (interpretações) que possam trazer a tona elementos que não estão conscientemente à disposição e possam esclarecer pontos sobre a investigação desejada (eixos de análise).

A idéia é que cada sujeito possa dar seu depoimento, ou seja, uma versão de quem presenciou algum acontecimento, levando em conta uma mescla das situações vivenciais com as informações, que ganham assim mais vivacidade, realizado através de uma entrevista semi-dirigida, pois deve ter um eixo condutor e a possibilidade de um livre falar sobre temas ao redor desse eixo e possibilitar uma dimensão espaço-temporal de reencontro e recontato do sujeito com a sua história.

A entrevista grupal era justificada pela necessidade de se criar uma rede de suporte para o processo de desenvolvimento dos sujeitos, rede essa que seria a membrana que possibilitaria a criação de um espaço artificial de experimentação.

3.3.1.1. Entrevistas grupais de triagem

As entrevistas de triagem foram realizadas de forma grupal no primeiro encontro das oficinas de orientação profissional e atravessaram três eixos experienciais da vida dos sujeitos:

- Seu histórico profissional;
- A importância e o significado do trabalho para sua vida;
- Expectativas em relação às oficinas de orientação profissional (demanda).

3.3.1.2. Entrevistas grupais de saída

As entrevistas grupais de saída também foram realizadas de forma grupal no último encontro das oficinas de orientação profissional e visaram realizar uma avaliação do processo desenvolvido.

3.3.2. Oficinas de orientação profissional

Foram realizadas oficinas de orientação profissional para “pessoas psicóticas” como espaço de elaboração para o presente projeto. A idéia de oficina traz na sua concepção um espaço para o resgate do fazer através da experimentação de ambas as partes envolvidas no processo: o pesquisador construindo uma possibilidade de modelo de orientação profissional e os sujeitos da pesquisa (re)construindo seus projetos de vida profissional.

Elas partiram do modelo desenvolvido pelo pesquisador (Ribeiro, 1998a), que percebeu na sua experiência profissional e na literatura especializada, que a atenção em saúde mental oferecia dois momentos muito claros e distintos em seus modelos de trabalho:

- Um momento de auxílio à subjetivação do sujeito em crise (doença), focalizado no indivíduo (tratamento) e centralizado numa instituição de saúde;
- Um momento de auxílio a reinserção social (saúde), focalizado no espaço social (reintegração social) e centralizado na própria sociedade.

Os dois momentos do atendimento à “pessoa psicótica” eram quase sempre independentes e sem muita interrelação, inclusive no tocante às equipes responsáveis, tornando o resgate do ser (tratamento) e o resgate do fazer (reintegração social) momentos cindidos: doença e saúde pareciam não manter um elo de ligação.

O modelo aqui proposto visou montar um espaço intermediário que pudesse abarcar ambos os momentos da atenção ao “louco”. Inicialmente, se idealizou um espaço dentro da instituição de saúde mental que pudesse propiciar a reflexão e o contato com as expectativas acerca da vida depois do tratamento, gerando um resgate da identidade pessoal e profissional e a elaboração de um projeto profissional de trabalho subjacente à inclusão na relação dialética de inclusão/exclusão social. As oficinas, *a priori*, tinham como enquadre:

- Periodicidade: encontro semanal para que houvesse um tempo de elaboração das atividades e reflexões realizadas durante os grupos de orientação profissional pelas três partes envolvidas: orientadores profissionais, equipe das instituições de saúde mental e orientandos;
- Tempo: 60 a 90 minutos (tempo tido como suficiente para a realização das atividades e para não tornar a angústia emergente em algo paralisante);
- Duração: em torno de 20 encontros para possibilitar a realização das cinco fases propostas e permitir que o grupo passe pelos quatro momentos do seu processo específico apontados por Kaës (1997), além do que se constituiria como um processo com duração limitada, o que permitiria trabalhar a noção de limite, geralmente perdida na “pessoa psicótica”, propiciando um rearranjo no manejo do tempo, outra questão básica a ser trabalhada;
- Estratégia: dispositivo grupal (conforme justificado no item 2.7.);
- Composição: grupo homogêneo (por conta da especificidade da pesquisa), fechado (pela importância fundamental do processo grupal, do compromisso,

da aposta conjunta e da confiança das partes envolvidas, o que não seria possível se o grupo fosse aberto, acarretando uma quebra do processo a cada novo participante que ingressasse) e composto por cinco a dez pessoas (pela necessidade de um contato mais próximo durante o desenrolar do grupo e por uma maior facilidade no manejo das resistências, que também pode ser operado pelos próprios orientandos);

- Coordenação: sempre em sistema de co-coordenação e de acordo com o tamanho do grupo teríamos um coordenador com 1 ou 2 co-coordenadores, para uma distribuição dos vínculos e para um contato mais próximo entre todos;
- Sistema de triagem: convite a participar de uma reunião inicial com os orientadores para todos os interessados participar, que fossem usuários da instituição de saúde mental que estivesse alocando o projeto, feito através de cartazes e pelos técnicos da própria instituição. Essa reunião teria como objetivo explicar os objetivos do programa e marcar o início do grupo para os possíveis interessados.

As oficinas centraram-se em tarefas e obedeceram a 5 fases:

3.3.2.1. Coordenador da oficina propõe uma atividade para ser realizada em grupo (FASE 1)

No começo a direção do grupo deveria vir dos coordenadores e não dos participantes para, gradativamente, ir se invertendo, pelo movimento do próprio grupo.

Toda discussão se daria em torno das atividades realizadas como forma de estimular o resgate de sua história de vida pessoal e profissional, sem ter que recorrer imediatamente à doença (rompimento com a estereotipia institucional através do suporte do grupo e da atividade desenvolvida, que remetia muito mais a vida antes da doença do que a vida com a doença).

Essa primeira fase seria a mais longa em respeito ao ritmo próprio e às características das “pessoas psicóticas”, que vinham há muito tempo vivendo o papel de doentes mentais e agora estava sendo oferecida a oportunidade da construção de uma nova possibilidade.

3.3.2.2. Coordenador da oficina propõe uma série de atividades e o grupo escolhe uma delas para realizar (FASE 2)

O grupo escolheria uma atividade para realizar através de critérios de escolha desenvolvidos pelo próprio grupo, iniciando o processo gradativo de passagem de um estado totalmente passivo para um outro mais ativo.

3.3.2.3. Coordenador propõe uma série de atividades e cada indivíduo escolhe uma para executar individualmente (FASE 3)

Se num primeiro momento o grupo funciona como suporte, e o trabalho coletivo supre as deficiências e limitações individuais de cada um, nesta 3ª fase vai se configurando as possibilidades de cada participante do grupo, que deve realizar um projeto individualmente. Isso surge como uma tentativa gradual de aproximação e preparação para a fase final do grupo onde cada um desenvolverá seu projeto de vida. (Ribeiro, 1998a, p.24).

Nesse momento as dificuldades começariam a aparecer, pois apesar do suporte do grupo e do processo em que o sujeito estava inserido, ele teria que arcar sozinho com a realização de uma atividade, o que poderia levar a um caminho em direção à dependência relativa, mas também a um caminho de volta à dependência absoluta.

3.3.2.4. Participantes da oficina vão buscar concretamente possibilidades de inserção no mundo de trabalho (FASE 4)

Esta fase serve para investigação das possibilidades reais de conseguir um emprego, ou alguma atividade similar, que gere o movimento necessário para a estabilização do sujeito, guardadas as características de cada um; e também tentar

abrir seu campo de opções de atuação. (Ribeiro, 1998a, p.25).

3.3.2.5. Participantes elaboram seu projeto de vida profissional (FASE 5)

A idéia seria tentar criar representações e ações para saída do lugar em que se encontravam como “doentes” para um lugar em que se relacionassem como indivíduos “saudáveis” com a finalização através da elaboração de projetos de vida profissional.

Além disso, o programa de orientação profissional pretendia ser um espaço diferenciado dos demais espaços e atendimentos institucionais e, para isso, foi nomeado de **Programa Especializado de Orientação Profissional para “Pessoas Psicóticas”** (doravante designado de **PROPEPPSI**) e se calcava em alguns pontos centrais:

- Toda a atividade realizada era seguida de uma reflexão sobre o que havia sido feito, não diretamente sobre a vida ou o cotidiano dos orientandos, ou seja, o processo era de ação e reflexão sobre a ação;
- Teoricamente o sujeito escolheria estar no programa, não seria encaminhado como costuma ser rotina em boa parte dos procedimentos das instituições de saúde mental (valorização da capacidade de escolha);
- Começaria na instituição de saúde mental e terminaria em um outro local escolhido pelo próprio grupo;
- O grupo teria como objetivo principal o desenvolvimento de estratégias de elaboração e realização de um projeto ocupacional, para posteriormente se concretizar em um projeto profissional;
- Não se esgotaria no interior dos limites do grupo de orientandos, sendo a ponte com o externo freqüente, inspirado nas propostas do acompanhamento terapêutico. *“Os projetos nunca se encerram dentro do grupo, mas extrapolam seus limites e atingem a realidade, para retornar posteriormente com elementos do externo que ajudem na consecução da tarefa.”* (Ribeiro, 1998a, p.20);

- O programa exigiu do pesquisador uma definição de sua atuação nas oficinas de orientação profissional, que exercia simultaneamente um papel de coordenador do processo grupal, propiciando que o grupo se constituísse como um grupo e auxiliando no seu desenvolvimento e um papel de orientador profissional, ajudando cada indivíduo na construção do seu projeto profissional, que, diante dessa dupla função, foi nomeado de coordenador-orientador.

Com base nesse modelo anteriormente proposto, foram realizadas novas oficinas de orientação profissional com o intuito de gerar o movimento de construção e reconstrução do modelo, até atingirmos um resultado satisfatório em função dos objetivos da presente pesquisa.

3.4. Procedimentos

3.4.1. Entrevistas grupais

No ato da realização da entrevista grupal os sujeitos foram informados dos objetivos da pesquisa, se concordavam em participar e ter esse material utilizado na redação do projeto final.

O entrevistador registrou as principais idéias colocadas no transcorrer do mesmo, sendo que os depoimentos dos participantes das oficinas de orientação profissional foram utilizados para um acompanhamento individual através de:

- *Entrevista grupal de triagem no primeiro encontro das oficinas:* objetivou colher o histórico profissional e pessoal do sujeito, o porquê escolheu freqüentar esse grupo em específico e suas expectativas com relação a ele;
- *Entrevista grupal de saída ao final do grupo:* objetivou colher informações sobre o processo de cada um no grupo, levantando os auxílios, dificuldades, progressos e vicissitudes enfrentados no desenrolar do projeto.

3.4.2. Realização de oficinas de orientação profissional

Foram realizadas duas oficinas que tiveram lugar:

- No Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã;
- No Centro de Atenção Psicossocial de Diadema.

As oficinas realizadas foram utilizadas como objeto de análise para a elaboração de uma proposta de modelo de “orientação profissional para pessoas psicóticas”.

Os procedimentos planejados e propostos para as oficinas e, posteriormente alterados em função da própria dinâmica grupal, foram os seguintes:

3.4.2.1. Atividades para o PROPEPPSI

Reunião geral com a equipe

- Reunião a ser realizada com a equipe da instituição de saúde mental para apresentação do programa de orientação profissional, esclarecimento das possíveis dúvidas existentes e fechamento do contrato de trabalho.

Pré-Encontro

- Convite feito através de cartazes e pessoalmente pelos técnicos da instituição de saúde mental para o trabalho de orientação profissional.

Reunião geral com os futuros orientandos

- Reunião a ser realizada no espaço de reuniões da instituição de saúde mental, com todos os que atenderam o convite feito e queriam participar do PROPEPPSI, para apresentação da proposta e esclarecimento de todas as dúvidas.

1º Encontro

- Apresentação do grupo;
- Levantamento das expectativas quanto à orientação profissional e do porquê eles escolheram estar nesse grupo, através de uma técnica de colagem;
- Relato da história de cada um dentro do mundo do trabalho com foco na vida laboral, não na crise, procurando diferenciar esse grupo dos demais desenvolvidos na instituição de saúde mental;
- Estabelecimento de um contrato de trabalho.

2º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- 1º projeto (coordenadores-orientadores propõem uma atividade a ser desenvolvida pelo grupo): os coordenadores-orientadores queriam se mudar de moradia e para isso tinham pesquisado e encontrado uma propaganda de um apartamento muito atraente no jornal, com quase tudo que eles queriam. Proposta: os sujeitos teriam que elaborar uma propaganda que convencesse os coordenadores-orientadores de que o que eles ofereciam era mais vantajoso do que a oferta que se encontrava no jornal, se baseando na mesma. A tarefa propunha a transformação da propaganda realizada (parte da realidade estruturada) em algo semelhante e com mais vantagem; e, por conseguinte, convencer os coordenadores-orientadores (representantes da realidade saudável) de que seu produto era melhor que o outro, o que implica uma ação relacional e grupal;
- Discussão sobre a atividade realizada (espaço de reflexão sobre a ação);
- Lição de casa: pesquisa externa sobre condomínios que estavam sendo construídos para obtenção de mais informações para o projeto.

3º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Proposta de criação de um escritório de trabalho (toda vez que eles estivessem trabalhando no grupo, este funcionaria com as mesmas regras de um local de trabalho com horários, divisão de funções e metas);
- Continuação do 1º projeto;
- Discussão sobre a atividade realizada (espaço de reflexão sobre a ação);

- Lição de casa: pesquisa de propagandas sobre prédios de apartamentos como forma de comparação com o empreendimento deles.

4º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Discussão de uma reportagem sobre “os cuidados na hora de comprar um imóvel”.

5º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Ida às ruas e comparação das propagandas planejadas com as existentes ao redor da instituição de saúde mental;
- Discussão sobre a atividade externa realizada (espaço de reflexão sobre a ação).

6º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Finalização e discussão do 1º projeto;
- Levantamento das idéias para o próximo projeto.

7º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- 2º projeto (coordenadores-orientadores sugerem várias possibilidades de ação, mas o grupo coletivamente escolhe o caminho a seguir):
 - Apresentação de dois exemplares da revista "Pequenas Empresas, Grandes Negócios", no qual se encontram várias idéias para montar um negócio, acompanhado de um pequeno texto sobre o assunto, além do que é necessário para a realização do projeto;
 - Exploração de todas as possibilidades de negócios dentro daquelas sugestões oferecidas (a idéia é oferecer algumas possibilidades de projetos para eles dentro daquele material e que eles possam escolher o que mais lhes interessar para fazer);
 - Escolha coletiva de um negócio para abrir que começaria com os recursos advindos dos ganhos do 1º projeto.

- Lição de casa: pesquisa de informações para auxiliar na elaboração do 2º projeto.

8º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Finalização do 2º projeto.

9º e 10º Encontros

- Retomada do encontro anterior;
- Discussão sobre a atividade realizada (espaço de reflexão sobre a ação);
- 1ª parada para discussão dos projetos ocupacionais que serão elaborados no grupo: discussão sobre as experiências de vida de cada um, no tocante ao mundo do trabalho, que foram lembradas durante a realização dos dois primeiros projetos.

11º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- 3º projeto (coordenadores-orientadores sugerem várias possibilidades de ação e cada um, individualmente, escolhe um projeto a ser desenvolvido):
 - Procedimentos semelhantes aos realizados no 7º Encontro;
 - Escolha individual de um negócio para abrir.
- Lição de casa: pesquisa de informações para auxiliar na elaboração do 3º projeto.

12º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Finalização do 3º projeto (individual) com as informações pesquisadas em casa;
- Discussão sobre a atividade realizada (espaço de reflexão sobre a ação).

13º Encontro

- Retomada do encontro anterior;

- Proposta de que o grupo faça uma “sociedade” e transforme cada projeto particular, já desenvolvido, em um único projeto, agora coletivo, e faça uma sociedade (instalação do improviso na realização dos projetos, de forma semelhante ao que acontece no mundo do trabalho);
- Discussão sobre a atividade realizada (espaço de reflexão sobre a ação);
- Proposta de um período de férias como forma de aproximação da realidade concreta do mundo do trabalho (2 a 3 semanas de duração).

14º Encontro

- Discussão sobre o período de férias;
- Retomada da história de vida no trabalho de cada um;
- Proposta de busca de um espaço físico extra-institucional para a finalização do grupo.

15º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Redação de uma lista com os “prós” e os “contras” que todos têm para arrumar um emprego, o que lhes motiva e o que lhes impede de tomar tal atitude;
- Discussão coletiva sobre as listas elaboradas;
- Discussão coletiva sobre as possibilidades e dificuldades de conseguir um espaço físico extra-institucional.

16º Encontro

- Mudança de espaço físico da instituição saúde mental para um outro espaço que acolha o grupo na comunidade (instituições religiosas, centros culturais, escolas, etc.);
- Discussão sobre a atividade realizada (espaço de reflexão sobre a ação);
- Lição de casa: pesquisa do que existe concretamente para eles no mundo do trabalho.

17º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- 4º projeto (pesquisa de possibilidades concretas de ação): investigação das possibilidades reais de conseguir uma atividade laboral, que gere o movimento necessário para a estabilização do sujeito, guardadas as características de cada um; e tente abrir seu campo de opções de atuação:
 - Realização de uma pesquisa em algum “listão de ofertas de trabalho” publicado nos jornais ou alguma outra fonte que ofereça empregos, com o objetivo de assinalar tudo aquilo que interessar, independente da possibilidade de realização ou não, justamente para delimitar a área de interesses de cada um. Esta fase visa operacionalizar os meios de procura de emprego e também configurar a área de interesse dos membros do grupo.
- Discussão sobre as possibilidades e as impossibilidades de cada um no mundo do trabalho e o que existe de concreto para eles.

18º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- 5º projeto: elaboração do projeto de vida propriamente dito através do cruzamento de todas as informações coletadas e experiências desenvolvidas buscando uma resultante da equação entre “o que eu quero”, “o que eu posso” e “o que existe para mim”;
- Discussão coletiva sobre a tarefa;
- Preparação para o encerramento do grupo.

19º Encontro

- Retomada do encontro anterior;
- Finalização do grupo com:
 - Retomada da história do grupo pelo próprio grupo, em cima de todo material produzido, que deverá ser levado pelos coordenadores-orientadores, inclusive informando que eles podem levar para casa o que quiserem, desde que seja um consenso do grupo;
 - Auto-avaliação do desempenho de cada um dentro do grupo, seguida de comentários feitos pelos demais;

- Reflexão sobre as possibilidades de ação de cada um;
- Retomada da história do grupo feita pelos coordenadores-orientadores, que narrarão tudo que observaram e ilustrarão o processo desenvolvido;
- Retorno, por parte dos coordenadores-orientadores, sobre o desempenho, possibilidades e situação atual de cada um individualmente;
- Proposta de atividade final com o intuito de que eles levem algo concreto deste grupo e marque a existência dele para cada um, como uma referência.

3.5. Tratamento dos dados

Foi realizada uma avaliação do processo de cada grupo e, colocado em ação o modelo proposto de atuação em orientação profissional para “pessoas psicóticas”, foram apontadas as conseqüências, efeitos, possibilidades e impossibilidades para esse público específico, através da análise e comentários do material coletado.

Todos esses dados serviram de subsídios para a construção de um modelo teórico-técnico de intervenção psicossocial em orientação profissional para “pessoas psicóticas”, que possa contribuir para a elaboração de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos ocupacionais, que auxiliarão na elaboração e transformação do projeto profissional numa estratégia de suporte no espaço social.

IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Descreveremos e analisaremos os efeitos e conseqüências do modelo de intervenção proposto (vide itens 3.3.2. e 3.4.2.), nomeado de **Programa Especializado de Orientação Profissional para “Pessoas Psicóticas”** (que doravante designaremos de **PROPEPPSI**).

Este programa foi realizado junto a duas instituições de saúde mental, sendo desenvolvido um grupo em cada uma.

Em função do processo dos dois grupos ter uma dinâmica que se repetiu e para efeito de análise, selecionamos os relatos do grupo 1 a partir do qual ressaltamos os dados relevantes da seqüência da sua dinâmica grupal. Mencionaremos os fenômenos específicos constatados no grupo 2 tentando levantar e abordar os temas emergentes e significativos para a presente pesquisa.

Nossa análise abordará as seguintes dimensões:

1. A dimensão institucional;

2. A dimensão relativa aos orientandos;
3. A dimensão do desenvolvimento da dinâmica dos encontros.

4.1. A dimensão institucional

A pesquisa foi realizada em duas instituições de saúde mental: na primeira instituição, em que o próprio pesquisador já havia trabalhado, o contato foi feito diretamente com a direção e na segunda o contato também foi feito com a direção, mas teve a proposta intermediada por um profissional psicólogo, que o convidou para realizar o projeto naquele espaço.

Em ambas as instituições, o primeiro contato foi feito com o diretor da instituição de saúde mental onde foi apresentada a nossa proposta, discutido o projeto e estudada a viabilidade da instituição permitir a sua realização.

Apresentou-se ao diretor a proposta de realização de uma pequena oficina para a vivência da metodologia que se utilizaria, o que não foi permitido nas duas instituições que abriram suas portas para o PROPEPPSI, em função de falta de horário compatível.

Tivemos a aprovação do projeto por parte do diretor que nos sugeriu uma reunião com toda a equipe institucional e que isto se fizesse dentro de uma reunião oficial da própria equipe, sendo que o projeto proposto faria parte da pauta daquele dia para a apresentação do pesquisador e da proposta e esclarecimento de todas as dúvidas possíveis (em ambas as instituições o procedimento foi semelhante).

A reunião ficou marcada para o mês seguinte.

4.1.1. Reunião com a equipe institucional do grupo 1

Num primeiro momento, a equipe se mostra surpresa pela proposta de orientação profissional, pois, para eles, a maioria dos pacientes já não era adolescente e nem expressava o desejo de ingressar em uma universidade.

A perplexidade inicialmente observada demonstrou o quanto seu conhecimento era apenas de um modelo de orientação profissional voltado ao auxílio de adolescentes que estão no final do ensino médio para a escolha de um curso superior.

É clarificada à equipe que a nossa proposta é mais ampla e transcende os objetivos e funções da orientação profissional tradicional já conhecida⁴³ e traz inovações no trabalho de orientação profissional com adultos.

Enfatizamos que a proposta do PROPEPSI seria de auxiliar na construção de projetos profissionais, o que desperta um interesse na equipe em saber mais detalhes sobre esse programa tendo alguns até se interessado em saber a possibilidade de um trabalho de orientação profissional para eles próprios.

Apesar do interesse inicial pela proposta, um segundo momento trouxe a avaliação acerca da possibilidade de ter um novo projeto institucional e pessoal, pois o fato de incluir a dimensão dos projetos profissionais e pessoais coloca em questão a própria relação da equipe com seus pacientes, recoloca, de certo modo, aspectos que pareciam resolvidos tanto para a equipe quanto para seus pacientes e levanta a esperança de inclusão no imaginário deste grupo, renascendo a possibilidade de uma nova identidade psicossocial para estas pessoas.

Se os pacientes, através da construção de projetos profissionais, pudessem ser vistos sob novo enfoque pela equipe, isto implicaria num redimensionamento dos seus próprios papéis como trabalhadores da saúde mental e das possibilidades de mudança nas formas de atuação institucional.

A própria equipe começa a questionar se seria possível ou não que seus pacientes conseguissem elaborar projetos de vida sendo “pessoas psicóticas”.

Observamos duas posições:

⁴³ Seria importante a orientação profissional se questionar porque ainda perdura a visão tradicional de seus objetivos e funções no imaginário social e o que tem sido feito pelos orientadores para uma ampliação dessa visão.

- **Uma parte da equipe apontava a impossibilidade de autonomia da “pessoa psicótica” não acreditando que eles conseguissem elaborar projetos profissionais**

Predominou nos agentes em saúde mental dessa instituição a idéia de que sua prática devia ser paternalista e curativa, considerando que a mudança seria algo quase improvável e a autonomia mais ainda. Qualquer movimento de autonomização era visto com descrença, pois acreditavam que a sociedade não aceita o “louco” e o único espaço dele viver seria assumindo este papel com sua prescrição de estigmatizado social, segregando-o sempre em espaços fechados.

“Os nossos pacientes se sentem melhor aqui, pois a sociedade é muito cruel com eles, além do que nós fazemos um bom trabalho.” (Técnico da instituição de saúde mental).

Esse discurso confirmou o estigma tão arraigado em nossa sociedade sobre o “louco” e que ainda orienta a maioria das pessoas que trabalham na área determinando o seu afastamento da vida social, sendo-lhe prescrito um papel de um ator social único e tutelado por alguma instituição de saúde.

- **Uma parte da equipe apontava a possibilidade de autonomia e reinserção social da “pessoa psicótica” acreditando que eles conseguissem elaborar projetos profissionais**

Frente à postura de não autonomia, aos poucos vai surgindo, através da fala de alguns técnicos, uma atitude que queria investigar novas possibilidades para os seus pacientes:

“Mas será que eles (os pacientes) não merecem uma chance de nossa parte?” (Técnico da instituição de saúde mental).

Essa posição emerge em uma parte da equipe que partilha da visão de que seriam viáveis novos objetivos para uma instituição de saúde mental, pois

demonstram acreditar que existem oportunidades de inserção social para o “louco”, contrastando com a outra parte que acredita na impossibilidade de vida social para seus pacientes.

“Arrumar um emprego ou uma ocupação, mesmo que não remunerada, seria ótimo para os pacientes.” (Técnico da instituição de saúde mental).

Um dos técnicos declara que o trabalho ainda é tido como a grande oportunidade de fazer parte de forma atuante da rede social, portanto, se, seus pacientes arrumassem pelos menos um emprego ou uma atividade qualquer, seriam mais reconhecidos socialmente. Muitos concordam com essa idéia e complementam, dizendo que a qualidade, o tipo ou a característica do trabalho não importam muito, o básico é voltar a trabalhar para se sentir parte da sociedade e ser reconhecido por ela.

Chama a atenção, o simples fato da equipe apontar que conseguir uma atividade “qualquer” já é o suficiente, reforçando a idéia que o “louco” encontra no espaço social apenas ocupações, que servem literalmente para ocupar o tempo, não estando necessariamente integradas a sua vida, ficando a equipe com um modelo de ocupação, não de inserção profissional.

Outro técnico aponta que trabalhar parece ser sinônimo de saúde, mas muitos dos seus pacientes voltaram a trabalhar e continuam “doentes”.

Essa linha de raciocínio leva a equipe a pensar que somente trabalhar não garante nada, há a necessidade de inserir esse trabalho dentro do projeto de vida de cada sujeito, mas existiria a possibilidade de elaborar projetos de vida sendo uma “pessoa psicótica”?

Nesse momento, após um silêncio representativo dos técnicos, surge o comentário de que as instituições de saúde mental, dentro dos parâmetros do movimento antimanicomial, têm estado abertas para novidades, principalmente as que reforcem o compromisso com a inclusão, a cidadania e as saídas sociais para os seus pacientes, propiciando, assim, um espaço em que a sociedade acolha e reconheça esses pacientes não apenas como doentes mentais incapazes, mas agora como atores sociais, nos quais eles deveriam apostar e dar uma chance.

A equipe começa a ressaltar a importância do compromisso deste espaço social para com os seus pacientes, o que modifica a postura inicialmente observada, mas um dos técnicos comenta:

“Nós acabamos adotando muitos sujeitos, que não estão mais em crise, mas utilizam a instituição como único espaço de convívio social e restringem sua vida ao espaço destinado ao tratamento de doenças.” (Técnico da instituição de saúde mental).

Nesse relato vemos a constatação de que o espaço social destinado ao “louco” parecia restrito a ser um espaço de tutela, o que provoca o comentário de um outro técnico que diz que cabe a eles próprios mudarem essa rotina de tutela dos seus pacientes e que a proposta que estava sendo feita pelo PROPEPSI parecia ser uma boa oportunidade deles começarem a perceber o papel de mediação da instituição na busca da autonomia da “pessoa psicótica” e o que deveria mudar era a qualidade do espaço social que estava sendo oferecido.

Esse aspecto introduz uma noção de que a dependência da instituição por parte dos pacientes hoje em dia não é mais a mesma coisa do que era antigamente, pois as pessoas estão mais abertas a coisas diferentes em função de que os padrões sociais não são mais uniformes.

Oficialmente, o discurso formal sobre o “louco” tinha uma definição muito clara e totalizante que apontava para o afastamento social e para a tutela, protegendo a sociedade e o próprio “louco” da loucura.

Começa a surgir no discurso dos técnicos da instituição a idéia que esse rótulo não define mais todos os pacientes que eles tratam e que se, antigamente todos seriam chamados de “loucos”, atualmente, percebemos que existem gradações na caracterização dessa pessoas, rompendo com o rótulo generalizador que lhes era atribuído.

A equipe questiona seus próprios conceitos e indaga que, se, neste momento, o rótulo não esconde mais a pessoa deixando-a por detrás de uma definição totalizante e geral, como é possível tratar de um usuário de instituições de saúde mental que por muito tempo foi visto simplesmente como “louco” de uma maneira diferente?

O ser “louco” encobria a individualidade total do sujeito e essa individualidade deveria ser resgatada.

Começam, então, a operar rupturas no rótulo da loucura e perceber novas possibilidades para seus pacientes, sendo que um dos técnicos aponta claramente que as tentativas de resgate dessa individualidade feita pelas atividades caracterizadas por “reabilitação social” na instituição, como, por exemplo, grupos de atividade, no qual são realizadas oficinas de artes, crochê e artesanato, de certo não traziam a autonomia social, mas perpetuavam a dependência institucional por parte dos pacientes e sua restrição aos espaços sociais.

É reforçada a idéia de que o PROPEPSI tem como meta tentar desenvolver a possibilidade de uma autonomia assistida, ou seja, o resgate da identidade psicossocial da “pessoa psicótica” traz uma nova perspectiva de inclusão social para a equipe sem negar os aspectos patogênicos que a psicose pode gerar.

Muitos concordam com esse comentário e em resposta a ele, os que eram mais reticentes começam a mostrar que poderiam apostar na proposta, pois isto só ajudaria seus pacientes e caso a proposta falhasse, não haveria perdas, pois eles estariam presentes para exercer o seu papel cotidiano como técnicos em saúde mental.

No final da reunião, chega-se a um momento de elaboração da discussão em que um consenso se concretiza e a equipe institucional se mostra receptiva à proposta, o que indica um movimento de se permitir tolerar o seu não-saber e ingressar na proposta do PROPEPSI.

Colocam como sugestão à inclusão de uma pessoa da própria instituição no PROPEPSI, atuando como co-coordenador no grupo de pacientes que seria formado.

Refletindo sobre esta proposta da equipe, pudemos ver a necessidade de um espaço que inclui o dentro da instituição representado pelo co-coordenador (agente de dentro da instituição), o fora da instituição representado pelo coordenador-orientador (agente de fora da instituição) e o PROPEPSI oferecendo um espaço onde se integra uma unidade que se configura como espaço de transição.

Ao final da reunião, após a equipe institucional ter aceitado a realização do PROPEPSI são discutidas as questões operacionais do projeto.

Inicialmente, é explicado à equipe que seria realizada uma primeira reunião com todos os interessados em participar do PROPEPSI para a apresentação da

proposta e esclarecimento das dúvidas dos pacientes, que seriam convidados a participar dessa reunião.

Explica-se a forma de divulgação para essa primeira reunião, sendo que a equipe se compromete em divulgar a proposta colocando cartazes nas paredes da instituição e fazendo convites para seus pacientes. Foi necessário o pesquisador ressaltar que o desejo de participar desse programa teria que partir do próprio paciente, pois isso seria parte fundamental do processo.

É caracterizado com a equipe o perfil dos possíveis participantes desta primeira reunião, marcando que seria importante que eles frequentassem a programação institucional destinada às “pessoas psicóticas”, em função da especificidade da pesquisa.

Após isso, são discutidos os principais itens relativos ao contrato do trabalho, combinando com a equipe o local e o horário de realização das oficinas, os critérios de seleção dos interessados, o número máximo de participantes, a escolha do coordenador e a data de início do trabalho. A sugestão da direção é que fosse marcada essa primeira reunião no mês seguinte para haver tempo hábil de divulgação.

4.1.2. Reunião com a equipe institucional do grupo 2

Nesta reunião vale salientar que o pesquisador era uma pessoa não conhecida pela instituição.

A equipe também se mostra surpresa pela proposta de orientação profissional e começa, então, a tentar investigar melhor o pesquisador, perguntando, inicialmente, sobre sua trajetória profissional.

O pesquisador teve que se apresentar através de um breve relato de sua experiência profissional, ressaltando, principalmente, seus conhecimentos e suas vivências nas áreas de saúde mental e orientação profissional, bem como explicitar como surgiu a proposta de uma orientação profissional para “pessoas psicóticas”.

Inicia relatando que a idéia surgiu quando fazia um programa de aprimoramento profissional em saúde mental multiprofissional, o qual exigia a realização de um trabalho teórico-técnico de conclusão (TCC) e onde foi realizado um workshop de três horas para os pacientes (caracterizados como “pessoas psicóticas”), para levantar elementos para esse trabalho.

Na apresentação do TCC foi sugerido ao pesquisador pela banca avaliadora que o projeto fosse colocado em prática levando assim ao primeiro grupo de orientação profissional para “pessoas psicóticas”, que mostrou efeitos positivos, resultando, então, na realização de muitos outros para aperfeiçoamento do método.

A necessidade de firmar esse modelo de orientação profissional fez com que o projeto se tornasse objeto de pesquisa para o doutoramento do pesquisador, que nesse momento estava lá para colher mais dados para sua pesquisa.

Pereceu que o relato sobre a experiência do pesquisador tinha sido satisfatório e a equipe começa a perguntar sobre a proposta em si, no tocante às técnicas empregadas e nos pressupostos teóricos que constituíam sua base, mostrando uma necessidade de se sentir segura e confiar no embasamento do pesquisador.

O diretor da instituição diz estar satisfeito com as explanações e pergunta se mais alguém gostaria de perguntar algo. A maioria diz que não, alguns se mostram bem desinteressados pelo assunto, mas dois técnicos continuam a sabatar o pesquisador perguntando sobre sua concepção de psicose, sobre seus conhecimentos e engajamento na luta antimanicomial e sobre suas expectativas com o trabalho.

Inicia-se, então, uma discussão mais teórica, na qual cada envolvido tenta mostrar seus conhecimentos sobre os assuntos citados, o que parece aborrecer uma parte da equipe que começa a sair para ir ao banheiro e tomar café.

“Acho que já está bom pessoal, podemos fechar esse assunto para liberá-lo (o pesquisador) e continuar com o restante da pauta, pois o pessoal já está se cansando.” (Diretor da instituição).

O diretor interrompe a discussão, por considerá-la excessiva e pergunta sobre aspectos mais práticos da proposta relativos a seleção dos pacientes, início do PROPEPSI e se o profissional que havia feito o convite para o pesquisador apresentar a proposta na instituição estaria participando do grupo.

O pesquisador explica o processo de seleção, sugere que o grupo comece no mês seguinte e aceita a idéia de que o profissional que o havia convidado para desenvolver o trabalho nessa instituição atuasse como co-coordenador do trabalho,

que, por sua vez, faz a sugestão, como coordenador do estágio em psicologia da instituição, que um estagiário participasse como observador no grupo.

Ao final, são discutidas questões relativas ao contrato do trabalho e o pesquisador se retira da reunião clínica da instituição, que continua com o restante da pauta programada para aquele dia específico.

O diretor fez uma proposta de incluir um agente institucional no processo, provavelmente pelo mesmo motivo citado no grupo 1, ou seja, de funcionar como o agente de dentro da instituição, enquanto que o pesquisador seria o agente de fora da instituição nos grupos de orientação profissional.

Além disso, e como compromisso de troca, foi sugerida a inclusão de um estagiário de psicologia para acompanhar o processo, o que pode ser um indício de que a instituição julgou ser interessante como fonte de aprendizagem a proposta que estava sendo feita. Apesar de ter sido convidado por um técnico da instituição, a equipe iniciou a reunião tentando investigar quem era a pessoa que estava querendo realizar um trabalho com os seus pacientes.

Num segundo momento, a equipe buscou conhecer em detalhes a proposta para verificar se ela estava em congruência com a filosofia institucional, sendo que uma parte dela se mostrou satisfeita, o que incluía o diretor, enquanto que a outra parte queria aprofundar mais a investigação acerca do pesquisador e buscava mais informações sobre seus conhecimentos teóricos.

Uma discussão teórica se desenrolou, mas que foi cortada pelo diretor, que a julgou excessiva naquele momento, aceitando a realização do trabalho com a condição que um dos agentes institucionais participasse também.

Pudemos observar nesta segunda instituição que havia a aprovação do diretor e que isto tinha mais peso do que a própria equipe, pois o trabalho só poderia acontecer se a instituição firmasse um compromisso com o mesmo, pois o sonho da instituição é anterior ao sonho dos orientadores e dos futuros orientandos (seus pacientes atuais) e se, ela não se compromete, impossibilita qualquer chance do trabalho ocorrer. A abertura para a participação de um estagiário de psicologia no grupo parece ter selado o compromisso de troca entre pesquisador e instituição.

O foco da reunião inicial com a equipe do grupo 2 ficou centrado na verificação dos conhecimentos e experiências do pesquisador, bem como do embasamento da sua proposta, para poder estabelecer um vínculo de confiança, que

foi selado com a indicação de um profissional e de um estagiário da instituição para participar do PROPEPSI.

A instituição é que determina o futuro de qualquer trabalho que ocorra em seu espaço, sendo, portanto, esses contatos iniciais fundamentais para o seu posterior desenvolvimento e envolvimento dos orientandos, por isso um cuidado especial com esse momento é indispensável, tanto no contato com a equipe institucional, quanto com o contato posterior com os sujeitos interessados em ser orientandos.

4.2. A dimensão relativa aos orientandos

4.2.1. A primeira reunião de esclarecimento da proposta de orientação profissional com os pacientes do grupo 1

Várias pessoas compareceram a reunião inicial porque viram os cartazes ou ouviram o comunicado dado nos demais grupos que participavam realizando outras atividades na instituição de saúde mental, entretanto observamos que muitos foram “encaminhados” diretamente pelos demais técnicos.

“Recomendaram muito esse grupo para mim.” (Élcio).

“A doutora disse que era bom que eu começasse a pensar em arrumar um emprego, pois já estava na hora.” (Jair).

Apesar da consigna de que os futuros participantes do PROPEPSI deveriam realizar a escolha própria de participar dos grupos, a equipe assumiu esta tarefa de seleção dos pacientes apontando que ainda era de seu domínio decidir o destino de seus pacientes, o que indicava que o encaminhamento ainda era o procedimento mais comum na instituição.

Essa constatação trouxe uma certa frustração para o pesquisador que julgava que o ideal seria que todos escolhessem estar no PROPEPSI, mas que a realidade apontava para o procedimento de encaminhamento.

Esta prática é muito freqüente em instituições de saúde mental, sendo predominante principalmente em momentos de crise, mas que nesse momento, devemos frisar, era feita por motivos não vinculados à doença, mobilizando a equipe para uma atividade em que os pacientes não seriam tutelados totalmente.

Havia indícios de que a equipe estava apostando na proposta, pois do contrário poderiam ter utilizado a triagem como forma de paralisar ou desvirtuar o trabalho que iria começar, não indicando pacientes ou até mesmo encaminhando pacientes que julgassem não ter condição nenhuma de realizar as atividades que seriam propostas.

A primeira reunião foi realizada no espaço de reuniões da própria instituição de saúde mental e visou clarificar os objetivos do PROPEPPSI, tentando esclarecer as dúvidas.

Comparecem nessa reunião, pacientes, familiares e técnicos, sendo que a maior parte desse público veio na expectativa de que fosse participar de um programa para ajudar a arrumar emprego e expressam colocações como essas:

“Você vai me ensinar a fazer alguma coisa para arrumar um emprego?” (Usuário que não participou do PROPEPPSI).

“Você vai ensinar a preencher um currículo?” (Leandro).

Foi necessário clarificar repetidamente que o PROPEPPSI tem como objetivo auxiliar a refletir e construir um projeto profissional, que iria além do que simplesmente ter um emprego, tendo como função tornar o trabalho parte do projeto de vida.

Nesse momento, muitos técnicos e familiares começam a comentar que nunca tinham pensado a respeito dos seus trabalhos e a questionar como é feita *“essa orientação profissional”*, pois sentiam que precisavam repensar suas vidas profissionais.

Constantemente um dos coordenadores-orientadores era abordado antes ou depois dos encontros por técnicos ou familiares dos usuários das instituições de saúde mental que perguntavam sobre como fazer uma orientação profissional, como descobrir se estavam na profissão certa, se era comum não ter vontade de trabalhar, entre outros assuntos afins.

A própria equipe quer usufruir o espaço novo proposto buscando uma orientação de carreira detectando que o PROPEPPSI propõe algo novo e que os atinge questionando suas identidades profissionais de trabalhadores em saúde mental daquela instituição que estava sendo o *locus* da pesquisa.

A proposta tratava dos pacientes caracterizados como “loucos” não como doentes, mas como pessoas capazes de construir projetos, resgatando a idéia de que existe um lado saudável na “pessoa psicótica”, com qual a equipe e seus familiares podiam se identificar.

A proposta do PROPEPSI levantou, então, essas fantasias de mudança e trouxe uma ampliação do espaço dos agentes institucionais como agentes também vinculados a parte saudável da “pessoa psicótica”, que também podia ser vista não mais somente como um doente, mas como uma pessoa em desenvolvimento, o que colocava a questão básica da mudança na forma de ver o “louco”: a psicose seria algo permanente ou temporário?

O simples fato de conceber a psicose como algo permanente resistente a qualquer mudança (rótulo anterior atribuído ao “louco”) sustenta as mesmas práticas institucionais de dependência, mas se rompermos isto e considerarmos a psicose como algo temporário, se rompe a necessidade de rótulos definitivos e todo o trabalho fica centrado no sujeito, operando o resgate de sua individualidade perdida com esse rótulo.

Se pensarmos a psicose como fenômeno definitivo e o sujeito sob o rótulo de “louco”, a chance de construir projetos profissionais diferenciados e singulares é quase inexistente, pois o projeto social já está pronto. Porém se pensarmos a psicose como algo temporário, o sujeito pode resgatar a sua individualidade e tentar construir projetos profissionais para si através de suas limitações e potencialidades, não mais através do rótulo.

Diante disso, estamos falando de todas as pessoas que desejam refletir sobre sua vida profissional, não mais somente nos pacientes estigmatizados em seu papel de “loucos”, por isso a constatação que a orientação profissional poderia ajudar a todos, não só aos pacientes.

A chama da possibilidade de ter projetos sociais reacende e começa a trazer nos pacientes um misto de expectativa com a proposta e um medo de não poder atendê-la, o que provoca um temor muito grande de não conseguirem nada novamente e suscita perguntas como:

“Você acha que meu filho tem condições de trabalhar? Ele tem 21 anos e nunca conseguiu arrumar um emprego.” (Mãe de um paciente que não participou do grupo).

“É possível trabalhar com essa doença que nós temos?” (Jair).

A concepção da doença sendo associada à impossibilidade de trabalhar aparece de forma intensa, alguns presentes passam a relatar o seu histórico de como adoeceram, mas é assinalado a todos de que seria possível, pelo menos, tentar construir projetos profissionais.

Esse comentário provoca novos questionamentos sobre a característica do trabalho da proposta:

“E como serão esses grupos?” (Élcio).

“Esse grupo vai ser igual aos outros que tem aqui no Ambulatório?” (Carlos).

Todo esse questionamento parece ter por trás um único receio: o PROPEPSI seria algo diferente do que eles já conhecem e existe na instituição em que eles freqüentam?

Alguns vêm nessa reunião com a esperança de encontrar algo novo que possa fazê-los sair do lugar em que estão e tentar novos projetos que incluam mais autonomia, como, por exemplo, conseguir um trabalho.

Élcio comenta:

“Com a minha doença eu já sei conviver, conheço essa história de cor, quero agora fazer algo diferente.” (Élcio).

Tivemos que explicitar que o PROPEPSI traria algo de novo e diferente do que eles já estavam acostumados e clarificar isto aos interessados em nele participar era uma condição necessária para ter algum tipo de certeza sobre essa diferença e para fazer também sua parte na aposta conjunta de resgatar a esperança e capacidade

de poder pensar um lugar na vida distinto daquele destinado ao “louco” pela sociedade.

Ao final da primeira reunião é aberta uma listagem na qual os interessados em participar se inscrevam para o grupo sendo comunicado a eles que o começo do PROPEPPSI se daria em 15 dias.

Conferimos, de certa maneira, que os inscritos obedeciam aos critérios de inclusão descritos no capítulo III através do nosso contato no grupo e pela leitura do prontuário de cada interessado.

Foi possível formar o grupo após 15 dias, obedecendo aos critérios de seleção descritos no método que se configurou da seguinte maneira:

- O Grupo 1 é composto por pacientes do Ambulatório de Saúde Mental do Jaçanã (Instituição 1) e conta com sete participantes (Nivaldo, Sérgio, Élcio, Carlos, Leandro, Marta e Jair), sendo seis homens e uma mulher, na faixa etária de 23 a 45 anos.

A característica da vida profissional de cada participante é a seguinte:

- Nivaldo, Carlos e Jair estavam afastados por problemas de saúde dos seus respectivos empregos, sendo que Nivaldo era funcionário da farmácia do Carandiru, Carlos era pintor de automóveis de uma montadora e Jair era funcionário de uma repartição pública;
- Sérgio trabalhava como engenheiro da prefeitura;
- Élcio e Leandro estavam aposentados por invalidez;
- Marta estava aposentada por tempo de serviço e trabalhava como babá na parte da manhã.

Vejamos agora como transcorreu a primeira reunião com os pacientes (futuros orientandos) no grupo 2.

4.2.2. A primeira reunião de esclarecimento da proposta de orientação profissional com os pacientes do grupo 2

Os pacientes estão todos sentados na sala de espera da instituição de saúde mental, são chamados pelo coordenador-orientador para se dirigirem à sala aonde se realizaria o trabalho, mas demoram um pouco a atender, só se levantando após o pedido do técnico da instituição que participaria do grupo como co-coordenador-orientador.

Logo que entram na sala, Laerte pergunta:

“Você é o professor que vai nos ajudar a voltar a trabalhar?” (Laerte).

“O que vocês acham que faremos aqui?” (Coordenador-orientador).

No começo, o grupo fez tentativas de conhecer o coordenador-orientador e poder estabelecer um vínculo de confiança com ele e com sua proposta, mas um tipo de vínculo que o colocava como alguém externo à instituição e com um papel diferenciado, pois o chamavam de professor, que é um papel não associado diretamente a um agente de saúde mental.

O grupo fica em silêncio e alguns estão cabisbaixos, até que Junior comenta:

“Não sei muito bem o vamos fazer aqui, mas a doutora falou que vai ser bom eu pensar nessas coisas.” (Junior).

Outros pacientes se manifestam dizendo que também haviam sido encaminhados pelos técnicos responsáveis pelas outras atividades que realizavam na instituição, mas não sabiam muito bem o que iriam fazer nesse grupo em específico, só achavam que seria bom voltar a trabalhar.

Da mesma maneira do que ocorreu no grupo 1, a maioria dos pacientes foi encaminhado pelos técnicos da instituição de saúde mental para participar do PROPEPPSI, o que nos faz, aqui também, constatar que a equipe institucional estava apostando e auxiliando no trabalho que seria ali desenvolvido.

Diante de um novo silêncio, Laerte conta brevemente sua história profissional, diz que está afastado por estar doente e gostaria de voltar a trabalhar, mas acha que precisa se curar primeiro.

“Sou esquizofrênico e esquizofrênicos não podem trabalhar.” (Laerte).

A incerteza diante do trabalho que seria desenvolvido se unia com um misto de esperança e de impossibilidades pelo estigma associado à doença.

Diante disso, o coordenador-orientador faz apresentação da proposta do PROPEPSI frisando bem que a idéia não é se curar de uma doença, mas pensar e elaborar projetos profissionais mesmo com a doença, tentando passar uma concepção de que eles não são somente “doentes” e apontar a possibilidade do resgate do lado saudável de cada um que pode se vincular ao meio social, via trabalho, por exemplo, justamente a proposta que se apresenta.

Uma aura de dúvida paira no ar, até que Julio César comenta:

“Espero que a gente consiga e, com um grupo legal como esse, eu acho que a gente vai conseguir.” (Julio César).

Ele faz um voto de esperança na proposta e chama o grupo para apostar com ele. Alguns reagem positivamente, enquanto uma parte do grupo se mostra distante, mas ao final todos dizem que virão ao 1º encontro marcado para dali 15 dias.

“Posso convidar mais gente?” (Julio César).

Diante dessa indagação, o co-coordenador-orientador intervem dizendo que havia sido feita uma listagem com 15 nomes pela equipe dos técnicos da instituição e passa a citá-los ao grupo, reforçando que esses eram os possíveis participantes, iniciando a apresentação do contrato de trabalho do grupo.

O coordenador-orientador também fala do enquadre ao grupo apontando o horário, tempo de duração, frequência e o tipo de trabalho que seria desenvolvido através de atividades e projetos.

Ao final do grupo, muitos se mostram satisfeitos, alguns receosos, outros não mudam seus comportamentos, mas alguns já verbalizam o seu desejo de não continuar no PROPEPSI.

Alberto mostra um papel que estava dizendo que ele era esquizofrênico e fala:

“Aqui está um xerox dizendo o que eu sou, esquizofrênico, eu mostro para as pessoas e peço dinheiro, pois essa é a única maneira de eu conseguir sobreviver. Acho que eu não sirvo para esse grupo, boa sorte a todos e até breve.” (Alberto).

O grupo de inscritos obedecia aos critérios de inclusão levantados no capítulo III observados através do contato direto com o grupo e da leitura posterior do prontuário.

Após 15 dias o grupo foi formado e se configurou da seguinte maneira:

- O Grupo 2 é composto por pacientes do Centro de Atenção Psicossocial de Diadema (Instituição 2) e conta com dez participantes (Laerte, Junior, Alberto, Valdir, Alessandra, Julio César, Samir, Rosangela, Arthur e Rodnei), sendo oito homens e duas mulheres, na faixa etária de 20 a 45 anos.

A característica da vida profissional de cada participante é a seguinte:

- Laerte estava afastado por problemas de saúde do seu emprego de controlador de produção;
- Samir, Valdir e Julio César estavam aposentados por invalidez;
- Alberto estava desempregado e pedia dinheiro em cruzamentos de ruas;
- Alessandra, Arthur, Rodnei, Júnior e Rosangela nunca haviam trabalhado.

Apresentaremos agora desenvolvimento da dinâmica dos encontros realizados, tomando como base o grupo 1 e utilizando o material do grupo 2 como complemento dos aspectos diferenciados.

4.3. A dimensão do desenvolvimento da dinâmica dos encontros

Para melhor compreensão da leitura, dividiremos a análise dos encontros pelas 5 fases indicadas no item 3.3.2., trazendo, primeiramente o grupo 1, e, na seqüência, o grupo 2 quando surgirem aspectos e dinâmicas diferenciadas, salientando que as atividades desenvolvidas foram semelhantes.

4.3.1. PROPEPPSI: Fase 1 do grupo 1

4.3.1.1. Grupo 1 - 1º encontro

O início do PROPEPPSI tem como objetivo o conhecimento mútuo entre os participantes, a formação da membrana grupal (espaço de continência), o levantamento das expectativas e a reafirmação da proposta de trabalho (desenvolvimento de estratégias para a elaboração e realização de um projeto de vida profissional).

As pessoas chegaram um pouco desconfiadas e se dirigiram ao espaço reservado ao PROPEPPSI com um semblante de dúvida, mesmo após participação na primeira reunião na qual foi apresentada a proposta de trabalho.

Diante de um grande silêncio inicial, os sujeitos começam a fazer perguntas sobre o programa (muitas delas já respondidas durante a primeira reunião), que não foram respondidas para não interferir no depoimento de cada um sobre seu histórico profissional.

As primeiras perguntas tentam localizar as pessoas dentro do *setting*:

“O que nós vamos fazer aqui?” (Carlos).

“Esse grupo é igual a algum que eu já participei?” (Élcio).

“Você não trabalha aqui, né?” (Leandro).

Como estratégia de trabalho e para fazer emergir as fantasias e angústias relativas ao PROPEPPSI, o coordenador-orientador não fez nenhuma intervenção, apenas requisitou que cada um falasse de seu histórico profissional.

Diante dessa ansiedade inicial, portanto, opta-se pelo início do grupo com a apresentação de cada um, mas nenhuma informação adicional é dada, somente é feito o pedido de que cada um fale um pouco de suas experiências no mundo do trabalho e de suas expectativas quanto ao PROPEPPSI, potencializando as angústias e permitindo a emergência e verbalização de fantasias.

Aqui se correu o risco do grupo continuar paralisado ou entrar em crise diante do silêncio, mas os coordenadores-orientadores tiveram que garantir uma certa continência para a expressão das fantasias, geralmente de aniquilamento, o que começou a possibilitar que cada membro do grupo também pudesse ser continente às fantasias alheias.

Essa continência estaria diretamente relacionada com a proposta do PROPEPPSI e com os contatos feitos na primeira reunião, e, inicialmente, deveria ser assegurada pelos coordenadores-orientadores para que, gradativamente, os próprios membros do grupo pudessem se constituir como objetos transicionais para o grupo também.

No início do grupo, o coordenador-orientador é visto pelos orientandos, como sendo alguém semelhante aos demais técnicos institucionais, que os acolhem e os tutelam nos momentos de crise psicótica e no seu desenvolvimento pós-crise.

A experiência psicótica transformava qualquer experiência de transição em uma situação de desestruturação e a vivência do tempo compartilhado como algo invasor e desintegrador do *self*, o que afastava o sujeito de qualquer tentativa de mudar essa situação, que pode ser traduzido como uma dúvida existencial básica:

“Minha vida eu já sei como é, não adianta repetir, mas dá para ser diferente?” (Élcio).

A atitude inicial do coordenador-orientador, então, foi de romper com estas fantasias de dependência, sem entrar na superproteção, por isso que, diante das inúmeras perguntas feitas pelo grupo inicialmente, que demonstraram uma angústia muito intensa, o coordenador-orientador opta por não respondê-las, o que configuraria um preenchimento do vazio gerado pela angústia e pede a cada um que conte sua história no mundo do trabalho.

O grupo não é colocado em um lugar de dependência, mas também não é abandonado, pois lhe é atribuída uma tarefa.

O coordenador-orientador oferece, então, a criação de um espaço transicional possibilitador da construção de pontes entre todos os envolvidos, sem deixar de expressar o seu desejo, mas não impondo este sobre o grupo e sobre a instituição, para que o espaço potencial possa se constituir e o brincar se torne possível, incluindo também a incerteza, o imprevisível, a paralisia e a crise como partes inerentes ao processo.

A idéia não é impor algo para os orientandos, mas viver juntos fenômenos transicionais sem reivindicar explicações e antecipações.

- **A história profissional de cada um**

Diante da proposta inicial, as pessoas começam a contar suas histórias profissionais que resumem as principais características da realidade do sujeito e perfazem as condições objetivas de suas possibilidades existenciais.

Carlos inicia falando:

“Sou pintor de carros e me sinto muito feliz com isso. Sempre trabalhei nisto desde muito pequeno, tenho muitos amigos na área, mas nenhum quer me empregar, não entendo muito bem porquê, acho meu serviço muito bom, quero entender porque as pessoas não me querem e quem sabe se voltar a trabalhar, elas voltam a me querer, me sinto muito ocioso, pois faz muito tempo que estou parado.” (Carlos).

Carlos teve uma crise no ambiente de trabalho, mas ainda não conseguiu elaborá-la, inclusive sem citar que foi demitido porque quebrou tudo no seu trabalho⁴⁴, desta maneira, demonstrou não compreender porque foi demitido, nem porque não o queriam de volta, mas atribuindo a volta ao trabalho como condição para retomar as amizades (a vida laboral como possibilitadora de uma vida social).

Seu relato mostrou que ele teve uma quebra na carreira e na sua identidade profissional constituída de pintor de carros (*“Sou pintor de carros e me sinto muito feliz com isso”*) devido à doença sem ter feito essa associação, que estava eclipsada.

Carlos tinha uma carreira, que nunca mais teve uma continuidade depois da primeira crise psicótica, mas não conseguia identificar o motivo.

Diferentemente disso, Élcio relata que teve uma ruptura na carreira, mas conseguia identificar o motivo:

“Comecei cedo, trabalhando em estabelecimento comercial (adolescência), depois trabalhei na firma de um cunhado, em uma outra fábrica como niquelador, depois como técnico químico (estava no último ano da faculdade de engenharia química), enfim, me tornei um engenheiro químico e comecei a trabalhar numa outra fábrica, onde o cheiro e o barulho me fizeram mal e comecei a ouvir vozes e fui internado, colocado na caixa e aposentado por invalidez três anos depois, isso há doze anos atrás. Depois de aposentado trabalhei num sítio que meu pai tinha, ajudando no plantio (sem remuneração), até que ele o vendeu, alegando muitas despesas e trabalho. Trabalhei ainda, nesse meio tempo, de frentista e administrador de um posto de gasolina de um cunhado, mas não consegui trabalhar por causa do excesso de remédios que eu tomava, pois era muito Haldol na cabeça.” (Élcio).

⁴⁴ Essa informação foi passada pelo próprio orientando durante o transcorrer do PROPEPPSI, num momento em que ele já podia falar sobre isso.

A doença e os remédios ministrados para combatê-la eram os principais motivos da impossibilidade de retomar a carreira:

“... o cheiro e o barulho me fizeram mal e comecei a ouvir vozes e fui internado, colocado na caixa e aposentado por invalidez três anos depois, isso há doze anos atrás.” (Élcio).
“... mas não consegui trabalhar por causa do excesso de remédios que eu tomava, pois era muito Haldol na cabeça.” (Élcio).

O grupo, através do relato de Élcio, está dizendo a Carlos, que as pessoas, provavelmente, não lhe oferecem uma oportunidade de trabalho, pois teve uma crise psicótica, mas ele parece não conseguir entender isso nesse momento.

O trabalho para esses orientandos é fonte de identidade profissional e o seu resgate garantiria a continuidade de suas carreiras, que já tinham uma trajetória estabelecida.

Vários orientandos animados com os relatos iniciais de seus colegas de grupo começam a contar suas histórias:

“Eu também já tive alguns trabalhos (office-boy, lava-rápido, mecânica), mas depois que se fica doente tudo fica mais difícil.” (Jair).

“Sempre trabalhei desde os 14 anos. Comecei como balconista, fui demitido em menos de um ano, depois fui office-boy, também fui demitido, fiquei um ano parado na época do exército, apesar de não servir, e há pouco tempo prestei concurso e ingressei como funcionário público no atual emprego. Tive minha primeira crise há seis meses atrás, estou de licença médica e não sei se volto.” (Nivaldo).

Todos apontam para a existência de um espaço de trabalho descrito pelas atividades que eles já fizeram ao longo da vida, mas que foi rompido com a crise

psicótica e nunca mais voltou a ser o mesmo, talvez por causa da doença (causa essa de conhecimento de todos):

“... e agora faz muito tempo que estou parado, não consigo arrumar um emprego por causa da doença.”

“... mas depois que se fica doente tudo fica mais difícil.”

Talvez por causa dos remédios que são ministrados para combatê-la:

“... mas depois que fiquei doente, a moleza pelos remédios não me deixava trabalhar e depois de seguidos períodos de afastamento, fui afastado definitivamente.”

Esses relatos confirmavam a hipótese de que é muito difícil retomar uma vida laboral depois de uma crise psicótica por causa da doença em si e dos remédios.

O grupo segue contando suas histórias:

“Já trabalhei em jardinagem e em vendas e nunca consegui fazer nada direito.” (Leandro).

Todos sempre tiveram várias ocupações (muitos colocam que só tiveram “bicos”), mas nunca conseguiram se manter em nenhuma, o que indica uma dificuldade muito grande para sua inserção no mundo do trabalho e que torna sua vinculação ao mundo do trabalho algo flutuante e sem um traçado comum, possivelmente não sendo uma dimensão que traga sentido ou esteja integrada ao projeto de vida de cada um.

A constante tentativa de ingressar no mundo do trabalho e a dificuldade de estabelecer vínculos parecem ter sido a rotina desses sujeitos que, somados ao estigma de “louco”, apontam o destino de uma vida sem grandes projetos, nem envolvimento social e nem muita motivação.

Essas seguidas tentativas de estabelecimento de vínculos no mundo do trabalho, mas que invariavelmente falhavam ou não eram duradouros, são exemplos que nos permitem apontar que a psicose pode não se constituir somente numa

desestruturação definitiva ou numa doença mental, mas uma estrutura psicossocial diferenciada, que encontra sérios obstáculos em se relacionar com a sociedade estabelecida.

Apesar disso, apostam no PROPEPSI como uma nova saída para suas vidas, pois ainda tinham como meta continuar tentando conseguir “algo” na vida, mas para que isto acontecesse, ter-se-ia que conceber uma nova organização social diferente da já encontrada, o que já é possível, pois o mundo atual se encontra com suas antigas mediações institucionais fragilizadas, que são o suporte para a vida, o que está gerando um momento de transição no qual antigos modelos não servem e novos modelos ainda não se constituíram, criando uma brecha para que a experiência da loucura e da “pessoa psicótica” possa ser resignificada no espaço das relações sociais, não se configurando apenas como um estigma, mas como uma nova possibilidade existencial dentre tantas outras que poderão surgir nesse momento.

Esse quadro não é o único possível, pois também aparecem no grupo posições que apontam o oposto:

“Trabalho como fiscal da prefeitura, antes em serviços externos, agora só em internos, gosto do que faço e com mais dois anos vou me aposentar integralmente, pois tenho ainda, além deste emprego, contribuições como autônomo e também de quando trabalhava em uma fábrica (sou engenheiro civil). Fui demitido na onda de demissões durante o governo Collor. Parei de trabalhar como engenheiro por causa das crises, pois não consigo mais chefiar ninguém (era chefe de setor), agora trabalho como subalterno e me sinto tranquilo quase sempre, tendo ‘crises’ de vez em quando, mas que não sou internado.” (Sérgio).

“... hoje em dia, que eu aprendi a conviver com a doença e com os remédios, tudo é mais fácil” (Élcio).

Sérgio tinha uma trajetória profissional como engenheiro, mas devido a uma crise psicótica, mudou de cargo (passou de chefe a subalterno), mas isso não o fez

interromper sua carreira, ou seja, é um exemplo de que é possível trabalhar, mesmo tendo crises psicóticas e tomando remédios, como nos aponta o relato de Élcio.

Frente a esta idéia, o grupo fica perplexo e assustado diante da posição que está sendo ressaltada a eles de que a possibilidade de elaborar projetos independe da doença ou de ser caracterizado como uma “pessoa psicótica”.

Nesse momento, Élcio pergunta:

“E como fico eu que sou aposentado por invalidez e não posso mais trabalhar?” (Élcio).

Diante da dinâmica do grupo que apontava o caminho das possibilidades, emergiu no seu interior novamente as saídas que a sociedade lhes havia oferecido e a aposentadoria por invalidez parecia ser uma delas.

Dos sete orientandos, que iniciaram o PROPEPSI no grupo 1, tínhamos dois que eram aposentados por invalidez (Élcio e Leandro), o que trazia as mais diferentes reações.

Leandro responde a pergunta de Élcio sobre a situação de aposentado por invalidez dizendo:

“Quero descobrir alguma atividade que me faça sentir com vida, podendo ser um emprego remunerado ou alguma atividade qualquer, de preferência ligada às artes⁴⁵, mas com uma única condição: que não seja registrado, pois eu estou aposentado por invalidez e foi muito difícil conseguir, demorou seis anos e eu não quero confusão nem com o governo e nem com a justiça, não quero fazer nada de errado, muito menos com as autoridades. Sempre trabalhei como balconista de estabelecimento comercial e não quero mais, pois foi lá que minha crise surgiu pela primeira vez, quebrei tudo que tinha em volta. Comecei a trabalhar cedo, sempre trabalhei, mas agora estou parado. Minha última

⁴⁵ No momento freqüentava o grupo de teatro oferecido pela própria instituição de saúde mental.

empreitada foi durante um grupo de teatro de marionetes que estava participando e o coordenador resolveu tornar isso uma atividade lucrativa, oferecendo em escolas apresentações do seu teatro, me empolguei, mas como sou aposentado, meu nome nunca pode constar na lista de funcionários deste teatro e eu sempre recebia pouco pelos trabalhos.” (Leandro).

Para Leandro é uma conquista a não ser perdida: *“acho melhor não arriscar e perder o que eu já tenho”*, pois, por um lado garante um rendimento: *“pensando bem, eu já tenho um fixo”*, mas, por outro lado inviabiliza qualquer tipo de produção no mundo do trabalho: *“... minha principal preocupação agora é que em qualquer lugar que eu trabalhar, meu nome não pode aparecer, e eu vou sair perdendo, alguém vai ficar com uma parte do que eu ganhar (...) acho que eu não quero um novo emprego e sim uma atividade, para não ficar sem fazer nada.”*

Apesar disso aponta que apenas se fecham às portas do emprego formal, mas continuam abertas as possibilidades de ter um trabalho remunerado ou apenas uma atividade sem remuneração, já que a aposentadoria garantiria a questão de sobrevivência financeira.

Temos, então, que a aposentadoria por invalidez pode representar:

- Uma conquista na vida desses sujeitos, ou seja, algo estável que garantiria a sobrevivência e que poderia gerar duas outras reações:
 - Uma reação de segurança por ter uma remuneração fixa, que trás uma certa estabilidade financeira e permite a busca de novas atividades remuneradas ou não no mundo do trabalho (relação de vida com a aposentadoria);
 - Uma reação de descompromisso social, ou seja, assumir que a sociedade o coloca como “inválido” para o trabalho e não buscar nada para fazer como atividade laborativa (relação de morte com a aposentadoria).
- Uma impossibilidade para esses sujeitos que, a partir de então, não podem mais desenvolver atividades laborais formalmente, o que leva o sujeito a não

perceber outra alternativa a não ser ficar parado, como um morto-vivo social, pois trabalhar pode significar uma transgressão das regras sociais, que ele acredita não ter estrutura para suportar.

Diante do silêncio de Élcio, Leandro se dirige novamente a ele e diz:

“Lembra que nós já participamos de um grupo juntos, eu lembro que você faz coisas maravilhosas em artesanato.”
(Leandro).

Élcio concorda com Leandro e pergunta ao coordenador-orientador:

“Você (se dirigindo ao coordenador-orientador) conhece a psicóloga que fazia o grupo de artesanato que eu e ele participávamos?” (Élcio).

Ambos tentavam se aproximar através do resgate de uma memória social perdida (tanto em relação aos orientandos, quanto aos coordenadores-orientadores), o que podia significar uma garantia de que valeria a pena participar do grupo com aquelas pessoas que estariam com eles, embora nem todos tenham participado, pois Nivaldo, Marta e Jair ficaram um pouco alheios a esse movimento só se dirigindo aos coordenadores-orientadores como se não houvesse mais ninguém no grupo, somente eles.

As colocações falam da trajetória de cada um, mas indicam em sua maior parte as impossibilidades e o estigma com que todos são tratados socialmente em função de serem “pessoas psicóticas”.

“Depois que se fica doente, tudo fica mais difícil.” (Jair).

“... mas não consegui trabalhar por causa do excesso de remédios que eu tomava, pois era muito Haldol na cabeça.”
(Élcio).

É, então, iniciada uma discussão de como é difícil arrumar um emprego e, até mesmo, trabalhar por conta da doença e dos remédios, que impossibilitam qualquer inserção ou desenvolvimento profissional.

A conclusão é que com a doença não daria para trabalhar, seria necessária a cura para voltar a trabalhar e a produzir socialmente:

“Preciso primeiro me curar para depois voltar a trabalhar.” (Jair).

E o coordenador-orientador intervém lançando a idéia:

“Seria possível trabalhar mesmo com a doença?” (Coordenador-orientador).

O grupo fica em silêncio e pensativo, diz que o ideal seria a cura, mas que quem sabe não daria para trabalhar.

O coordenador-orientador não propôs a cura, que parecia ser uma meta distante e complicada, mas propôs uma aposta conjunta sem expectativas pré-definidas, numa relação de complementaridade em que se dividiriam as tarefas, ou seja, ninguém teria que fazer tudo sozinho.

Cada um teria a chance de deixar sua marca do seu jeito e dentro de suas possibilidades (o que eles poderiam ser naquele momento) e, se não deixasse, a coisa continuaria viva, pois naquela hora alguém do grupo assumiria a tarefa, numa tentativa de organizar o trabalho que seria realizado e amenizar as angústias que estavam emergindo de forma maciça: esse era um dos motivos primordiais do PROPEPPSI ser realizado através de um dispositivo grupal.

Nesse sentido, o dispositivo grupal seria um espaço provisório de sustentação externa, continência e transição, no qual os indivíduos pudessem laborar no seu desenvolvimento pessoal e profissional.

No geral, podíamos constatar que alguns orientandos aceitariam a proposta do PROPEPPSI, enquanto outros teriam uma dificuldade maior, seja pela questão da

aposentadoria, seja pela falta de suporte familiar, seja por dificuldades internas, ou ainda por dificuldades relacionais.

Essa é uma vicissitude desse projeto, ou seja, nem todos conseguirão realizá-lo, alguns desistirão no começo, outros no meio, outros farão todo processo, mas sem se comprometer realmente com seus objetivos, enquanto que alguns aceitarão a aposta conjunta e seguirão experimentando ao longo dos encontros, dentro de suas possibilidades.

Essa é a capacidade discriminatória que os coordenadores-orientadores deverão ter ao longo do PROPEPPSI: não exigir mais do que todos consigam agüentar (coordenadores-orientadores, equipes das instituições de saúde mental e orientandos) e manter aberto o espaço de experimentação.

- **Principais expectativas quanto ao PROPEPPSI**

Depois de feita a proposta de elaborar projetos profissionais, mesmo com a doença, são oferecidos jornais velhos e uma cartolina e pedido que eles coloquem no jornal suas expectativas individuais com relação ao PROPEPPSI.

Cada um levanta e começa a colocar individualmente na cartolina recortes oriundos de uma pesquisa bem breve e individualizada nos jornais, sem nenhum tipo de discussão ou diálogo entre os participantes.

O grupo trabalha de uma forma tranqüila e rápida, apenas alguns orientandos se mostram perdidos, mas são prontamente auxiliados pelos outros orientandos, o que indica o início da formação da membrana grupal.

Durante a atividade, vários comentários e conversas paralelas demonstram que as pessoas começam a tentar estabelecer vínculos, principalmente pelo resgate da memória de pessoas conhecidas e atividades realizadas em comum:

“Você conhece o J. que trabalha no mesmo setor que você na prefeitura?” (Élcio).

“Você lembra da psicóloga que fazia o grupo de terapia ocupacional?” (Leandro).

Após um intervalo de tempo, o coordenador-orientador vê que a maioria já havia terminado a colagem e pede que cada um apresente sua produção sobre as expectativas em relação ao PROPEPSI.

“O que me trouxe ao grupo foi uma dúvida: volto ao meu emprego de encarregado da farmácia no presídio do Carandiru ou tento alguma coisa diferente?” (Nivaldo).

Nivaldo inicia dizendo que está com uma dúvida concreta em relação ao seu atual emprego e gostaria que o grupo o auxiliasse a resolvê-la, mostrando que não colou nada, apenas fez um ponto de interrogação no cartaz.

“Quero tentar descobrir o que eu realmente gosto de fazer, acho que tenho um grande sonho, mas que não sei qual é ainda.” (Sérgio).

Sérgio, de imediato, também diz que tem uma dúvida que gostaria de esclarecer.

“Minha vontade é arrumar uma outra ocupação para o resto do dia, pois quero ganhar ‘um a mais’ e não ficar tanto tempo sem fazer nada. Não pretendo voltar ao que era antes, pois, além de estar aposentada, acho muito perigosa a lavanderia de hospital agora por causa da AIDS, tenho medo de ser infectada.” (Marta).

Marta completa explicitando o seu desejo de se afastar definitivamente da doença obtendo um trabalho diferente, pois não gostaria de voltar ao que era antes.

“Não espero com esse grupo arrumar um emprego, mas pelo menos reencontrar um novo incentivo para viver e quem sabe até não ter mais crises (fala sobre isso de maneira irônica e dando risada, pois não acredita muito, apesar de repetir

sempre esta idéia e até ter esperanças quanto a isso).”
(Élcio).

Élcio diz que não espera conseguir um emprego, mas resgatar a vontade de reencontrar um sentido na vida pelo trabalho, no que é acompanhado por outros orientandos que falam na sequência:

“Quero descobrir alguma atividade que me faça sentir com vida, podendo ser um emprego remunerado ou alguma atividade qualquer...” (Leandro).

“Me sinto muito encostado, não consigo entender porque não tenho vontade de trabalhar, quero reencontrar esse desejo durante o grupo.” (Nivaldo).

Élcio complementa:

“Quem sabe uma atividade, um ‘bico’ talvez, não me traga ânimo para batalhar pela vida de novo e não ficar só dormindo e tendo ‘crises’ anuais.” (Élcio).

Todos estão relatando os seus desejos de resgate da esperança de uma vida com sentido e concordando que um trabalho poderia reintroduzir essa esperança:

“Com a minha doença eu já sei conviver, conheço essa história de cor, quero agora fazer algo diferente...” (Élcio).

Élcio repete o que já havia dito na primeira reunião da busca de um caminho diferente daquele a que eles estão acostumados e todos comentam de novo que a vitória seria primeiro sobre a doença e depois seguiria a tentativa de conseguir um trabalho, sendo refeita a proposta de que seriam realizadas várias atividades ao longo do grupo e que no final cada um faria o seu projeto pessoal, fechando-se o contrato.

Nivaldo, nesse momento, aponta que no lugar que trabalhava era muito comum quebrar as regras:

“Isso é muito comum lá, romper com as leis é que é lei.” (Nivaldo).

A partir desse comentário, o grupo fica em silêncio, provavelmente refletindo sobre as inseguranças e medos que estariam surgindo ali diante da proposta feita pelos coordenadores-orientadores, que poderia ser interpretada como um rompimento das “leis naturais” da sociedade, que dizia que eles eram “loucos” e não podiam trabalhar como antes, ou, então, um receio de que não fosse cumprida a proposta feita ao grupo.

O 1º encontro é encerrado com a renovação do contrato combinado na primeira reunião (horário, local, período de duração, faltas e tipo de atividades que seriam desenvolvidas) e do convite para que eles assumam o PROPEPSI como participantes oficiais do grupo que ali começava a se configurar.

4.3.1.2. Preliminares do 2º encontro: as primeiras desistências

Antes de iniciar o 2º encontro recebemos a notícia pela equipe da instituição de algumas desistências (motivadas pelas mais variadas razões) diante da proposta feita, o que implicaria se mover do lugar que estavam ocupando no momento. Para alguns, realizar essa mudança era a proposta que esperavam há um bom tempo, enquanto que para outros seria um risco muito grande que não gostariam de correr, preferindo a situação atual.

Foram duas situações diferentes de desistências iniciais no grupo 1. Os desistentes foram:

- **Caso 1 - Nivaldo**

Nivaldo encontrava-se em crise (tinha tido sua primeira crise há seis meses), portanto não era ainda o momento de retomar sua vida laboral.

“O que me trouxe ao grupo foi uma dúvida: volto ao meu emprego de encarregado da farmácia no presídio do Carandiru ou tento alguma coisa diferente? Sempre trabalhei desde os quatorze anos. Comecei como balconista, fui demitido em menos de um ano, depois fui office-boy,

também fui demitido, fiquei um ano parado na época do exército, apesar de não servir, e há pouco tempo prestei concurso e ingressei como funcionário público no atual emprego. Tive minha primeira crise há seis meses atrás, estou de licença médica e não sei se volto.” (Nivaldo).

Ele ainda estava em processo de entender e elaborar a crise que o atravessava, ficando, portanto, difícil pensar no futuro laboral nessas condições, pois se encontrava no momento de tratamento.

*“Não me senti bem com o grupo, não pelo grupo e pelas pessoas, que eu achei legal, mas porque eu ainda não entendi o que aconteceu comigo, eu achei que dava para pensar em voltar a trabalhar, mas eu tive a minha crise no trabalho e não quero pensar nisso o tempo todo agora. Queria poder participar se tiver um grupo de novo.”*⁴⁶ (Nivaldo).

Não se sentiu bem no grupo, nem tanto por causa de sua dinâmica, mas porque ele ainda estava em fase de constituição do seu delírio e, justamente, ele associava sua crise com seu trabalho, que lhe remetia ao medo e ao vazio do desconhecido que a crise trouxe, e contra o que ele estava lutando, ficando neste momento improdutivo participar de um grupo que a todo tempo lhe traga concretamente essa situação e sem necessidade de ser vivida neste momento, mas abrindo uma possibilidade de participação em futuros grupos.

Podemos fazer a hipótese de que Nivaldo havia buscado o PROPEPPSI baseado no raciocínio de que, se realmente trabalho aparece como sinônimo de saúde, quem sabe se a participação em um programa como esse não iria propiciar a volta ao mundo do trabalho e, conseqüentemente, o retorno a uma vida normal sem crise.

Parece que a proposta feita lhe assustou, pois ele deveria estar governado por uma relação de ambivalência: de um lado, um desejo de voltar rápido a realidade, via

⁴⁶ Essa conversa foi realizada antes do 2º encontro, o qual ele não participou, mas veio para dar uma satisfação para todos e pedir desculpas por não poder ficar.

trabalho (busca pelo PROPEPPSI) e, de outro lado, um medo muito grande de voltar a realidade e ter uma crise novamente (sua crise aconteceu no ambiente de trabalho), que pareceu ter sido mais forte naquele momento.

- **Caso 2 - Sérgio**

Sérgio havia conseguido fazer uma solução de compromisso com o mundo do trabalho e permanecia trabalhando, apesar das crises recorrentes, estava estabilizado e também não queria sair desse lugar (trabalho como possibilidade de emancipação do tipo produtivo robotizado, segundo a classificação apresentada no item 2.5.2.1.2.).

“Trabalho como fiscal da prefeitura, antes em serviços externos, agora só em internos, gosto do que faço e com mais dois anos vou me aposentar integralmente, pois tenho ainda, além deste emprego, contribuições como autônomo e também de quando trabalhava em uma fábrica (sou engenheiro civil). Fui demitido na onda de demissões durante o governo Collor. Parei de trabalhar como engenheiro por causa das crises, pois não consigo mais chefiar ninguém (era chefe de setor), agora trabalho como subalterno e me sinto tranquilo quase sempre, tendo ‘crises’ de vez em quando, mas que não sou internado.” (Sérgio).

Não julgava estar bem, mas sentia que faltava pouco tempo para sua aposentadoria integral, não por invalidez, mas por tempo de serviço, o que tem um significado diferente, há um reconhecimento social para essa situação, não estando, portanto, com o desejo de correr riscos, mas deixar a vida seguir seu rumo dessa maneira.

Os demais sujeitos prosseguiram no PROPEPPSI, uma parte de forma assídua, enquanto que o restante dos orientandos transitou pelo grupo, não assumindo ou não podendo assumir o compromisso de estar nele plenamente.

4.3.1.3. Grupo 1 - 2º encontro

O grupo tem seu início sendo informado das desistências de Nivaldo e Sérgio, o que causa alguns comentários:

“Vamos continuar sem eles?” (Jair).

Um silêncio se instala no grupo, até que Élcio comenta:

“Sempre alguém desiste nos grupos que participamos.”
(Élcio).

Podemos observar que, primeiramente, o grupo denota um medo de que a saída de alguns membros pudesse destruí-lo, mas um dos orientandos aponta que isso é uma situação comum em início de um trabalho de grupo, trazendo a história dele na instituição de saúde mental como suporte naquele momento.

“Inclusive eu achei que o Nivaldo não estava bem, acho melhor ele se tratar antes de vir no nosso grupo.” (Élcio).

“O Sérgio parecia muito bem, não sei porque queria participar desse grupo, é uma pena, ele ia ajudar a gente bastante.” (Carlos).

O grupo tenta achar os motivos das desistências e uma pequena discussão se inicia, cujo tema levantado pelo próprio grupo foi a expectativa de como seria complicado o PROPEPSI e que nem todos conseguiriam fazê-lo, tanto que ao final foi dito:

“Alguém mais vai desistir? A gente tem que se ajudar, num pode dar pra trás.” (Carlos).

Esse comentário aponta um medo latente no grupo: *em quem eu posso confiar?*

Essa era a primeira questão a ser resolvida, pois o passo inicial seria criar o envólucro grupal e ingressar no “momento fantasmático” do processo grupal.

Esse movimento era uma forma de contenção da angústia de fragmentação gerada pela situação grupal e pelas primeiras desistências, que promoveram uma experiência de quebra da unidade do eu e de angústia diante da aposta conjunta em que iria se comprometer cada um, fazendo emergir o outro medo associado: *eu posso confiar em mim? Será que eu darei conta dessa tarefa?*

Essa ambivalência angustiante entre o medo de fracassar e a aposta no processo grupal se mostrou bem presente na fala de um dos orientandos que telefonou avisando que não poderia ir naquele dia, mas que não queria perder sua vaga de jeito nenhum.

Desistir ou continuar? Será que eu dou conta da tarefa? Será que o grupo dá conta da tarefa? Será que os coordenadores-orientadores dão conta da tarefa?

O grupo precisaria de uma segurança de que tudo iria correr bem dali em diante e o envólucro grupal garantiria a ilusão isomórfica de correspondência imaginária entre o espaço interno e o espaço grupal pelas identificações com a membrana comum.

Os orientandos que aceitaram a proposta do PROPEPSI teriam que ter uma certeza de que valeria a pena investir nesse grupo, pois não queriam se reinaugurar no vazio de um espaço, no qual nem todos estivessem no mesmo compromisso, nem houvesse uma continência por parte dos orientadores.

• O orientador como suporte primordial

Após esse início cheio de dúvidas e reafirmado o compromisso grupal, é pedido ao grupo que relembresse o encontro anterior e relatasse o que havia sido feito como forma de estabelecer um elo de continuidade entre os encontros e garantir minimamente que se constituísse uma história grupal, fundamental para a reapropriação da história de vida individual de cada um.

A maioria dos orientandos diz que não lembra de quase nada do encontro anterior, mas alguns começam a falar:

“Nada ficou, só me lembro de minha história em relação ao trabalho e das marcas que as experiências deixam na vida das pessoas, são marcas eternas.” (Élcio).

Alguns concordam dizendo que apenas se lembram que contaram suas histórias no mundo do trabalho, um silêncio se fez e Carlos comenta:

“Foi muito bom poder recordar de pedaços de minha vida, coisa que eu não consigo e não tenho vontade de fazer sozinho, pois isso serve para pensar no futuro.” (Carlos).

Carlos inicia o resgate da sua história indicando a importância de fazer isso, mas aponta que seria muito difícil de fazê-lo sozinho, por isso a necessidade da ajuda de alguém, no caso, os coordenadores-orientadores. Há um silêncio e Jair diz:

“Tudo é muito difícil.” (Jair).

E Leandro responde:

“Você viu o jogo ontem? O Brasil jogou muito bem e o Ronaldinho ⁴⁷ fez um golão, queria ser que nem ele.” (Leandro).

O grupo parece dizer que ser igual ao Ronaldinho (representante do sucesso e do reconhecimento social) é muito difícil e o coordenador-orientador intervém:

“Mas será que todo mundo tem que ser famoso como o Ronaldinho?” (Coordenador-orientador).

O grupo fica pensativo e diz que poucos conseguem ser iguais ao Ronaldinho, pois ele é muito bom no que faz, mas que eles, de forma oposta, não conseguem fazer nada direito.

“E não é para isso que vocês estão aqui?” (Coordenador-orientador).

O coordenador-orientador refaz a proposta do PROPEPPSI indicando que eles estão ali justamente para tentar recriar seus lugares sociais e reassegurar a necessidade e a possibilidade dessa tarefa sem ficar presos a modelos pré-existentes, que pareciam rejeitar a “pessoa psicótica”, como o exemplo de sucesso do jogador Ronaldinho.

Eles pareciam começar suas idéias e projetos: *“Foi muito bom poder recordar de pedaços de minha vida (...), pois isso serve para pensar no futuro”*, mas não conseguiam sustentá-los sozinhos: *“... coisa que eu não consigo e não tenho vontade de fazer sozinho”*, sendo esse o pedido expresso dirigido naquele momento aos coordenadores-orientadores e também ao grupo, de reafirmar que era possível ser e fazer diferente do que eles estavam acostumados.

As dificuldades impostas pela doença e já vividas na história de cada um e a aposta num caminho diferente eram duas possibilidades antagônicas, mas presentes o tempo todo. Ora um apontava uma, ora outro apostava noutra, essa foi a dinâmica do grupo em seus primeiros encontros, por isso que os coordenadores-orientadores tiveram que assumir uma postura mais estruturada e com uma maior diretividade, oferecendo um espaço no qual pudesse ser experimentada a transicionalidade para instalar a ação e tentar minimizar a repetição no grupo, que parece ser o cotidiano de uma “pessoa psicótica”.

O coordenador-orientador não nega as dificuldades dos sujeitos nesse início de grupo e a necessidade da dependência em relação aos coordenadores-orientadores que eles demonstravam, ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de uma continência do *holding* grupal que estava se tentando criar.

Diante disso, o coordenador-orientador fornece ao grupo uma folha de jornal com uma propaganda de um conjunto de apartamentos e propõe a primeira atividade que consiste na elaboração de uma nova propaganda baseada naquela oferecida à eles.

O objetivo da tarefa é convencer os coordenadores-orientadores de que o que eles iriam oferecer seria mais vantajoso do que a propaganda que se encontrava no jornal.

Nesse sentido, entra em ação a “Fase 1” do PROPEPPSI, na qual o coordenador-orientador propõe uma atividade estruturada e pré-estabelecida para ser

⁴⁷ Famoso jogador brasileiro de futebol, que é considerado um dos melhores do mundo.

realizada em grupo, que consiste na transformação de uma realidade existente e apresentação ao mundo, representado pelos próprios coordenadores-orientadores.

Com essa tarefa eles teriam que transformar a propaganda que já estava feita e era parte integrante da realidade, construir algo parecido, contudo mais vantajoso; e, por fim, convencer os coordenadores-orientadores (representantes da realidade saudável) de que seu produto era melhor que o outro, o que implicaria, nesse caso, numa ação.

Tudo isso seria realizado em grupo para reforçar a construção da ilusão grupal e a emergência do espaço potencial, no qual é possível resgatar a capacidade de brincar de forma compartilhada, inclusive com pessoas tidas como “normais” (os coordenadores-orientadores), auxiliares nesse processo.

- **O resgate gradativo da história através dos projetos**

No começo há muita confusão dos papéis e uma mistura muito grande entre o que é ser construtor, o que é ser vendedor, o que é ser comprador, os papéis sociais não estão muito delimitados na cabeça deles, havendo a necessidade de uma estruturação externa.

Élcio, então, assume a organização e diz:

“Eu tenho vários contatos e já conheço um pouco do ramo, já trabalhei em obras com meu pai quando era mais jovem e por ser engenheiro eu entendo da parte técnica. Eu estudei engenharia, deixa que eu organizo esse trabalho (...) Fazia tempo que eu não lembrava dos meus tempos de faculdade.”
(Élcio).

Após esse comentário, o grupo fica em silêncio observando Élcio esboçar um rascunho de sua idéia dizendo que iriam oferecer casas ao invés de um apartamento (a propaganda de jornal era de um apartamento dentro de um condomínio fechado), que vão ser construídas em um loteamento e que eles seriam os donos.

Todos acham a idéia muito boa e se oferecem para ajudar:

“Eu já trabalhei no ramo de venda, acho que tenho o dom de vender, por isso posso organizar as vendas dos apartamentos.” (Carlos).

Os orientandos começam a se reapropriar de suas habilidades e o grupo segue trabalhando, mas no meio da tarefa Jair comenta:

“Eu queria ser o Felipão⁴⁸, pois ele é que sabe organizar tudo.” (Jair).

Imediatamente Élcio reage dizendo:

“Para de viajar, vamos continuar fazendo, senão não dá tempo.” (Élcio).

Élcio, então, assume o papel de líder focando o grupo em torno da tarefa sempre que acontecia uma dispersão.

O grupo trabalha concentrado, cada um fazendo uma parte do projeto que Élcio propôs, quando Carlos comenta:

“Sabe, eu estou vendendo camisetas para ganhar algum e minhas vendas estão aumentando, não é o que eu gostaria mais de fazer, mas estou feliz.” (Carlos).

Élcio responde:

“E eu recebi há pouco tempo uma proposta de emprego em Itu e eu tenho uma casa em Salto, que é cinco minutos de Itu, mas que eu não aceitei, não tinha certeza do retorno financeiro, meus pais não queriam e também por causa dos remédios, tomando dois Haldol Decanoato por mês e três

comprimidos de Haldol por dia, não dava para aceitar.”
(Élcio).

Élcio e Carlos puderam, nesse momento, contar histórias de seu passado profissional recente, não ditas no primeiro encontro, que apontavam caminhos, mas ainda presos a impossibilidades.

O importante era que a história de vida deles começava a ressurgir sem a necessária referência à crise ou às impossibilidades que eles vivenciavam e o grupo parecia se reforçar, inclusive com a inclusão de pessoas que haviam faltado, mas não tinham dito que estariam desistindo.

Todos trabalham assumindo um lugar diferenciado em função de habilidades e características pessoais, desde a liderança até a esquematização no papel, passando por habilidades de negócio e de marketing, o que denota a necessidade de que todos pudessem fazer parte do grupo.

Élcio comenta:

“Eu sou o encarregado do projeto, o Leandro (que não veio no grupo) da construção e você (se dirigindo ao Carlos) das vendas, o resto ajuda na propaganda.” (Élcio).

Carlos e Élcio desenham uma planta para as casas, que logo fica pronta e começam a pensar nas vantagens que teria essa casa para atrair compradores citando o fato de ser perto do centro, ter segurança, não incluir condomínio, oferecer uma infraestrutura próxima às casas (escola, posto médico e transportes).

Jair fica mais na observação do trabalho e Marta dá algumas sugestões.

Finalizam o esboço da propaganda dizendo que seria feita por um artista famoso e o cachê dele seria o valor de uma das casas, ou seja, R\$ 60.000,00. Comparam o seu projeto com o anterior dado pelos coordenadores-orientadores para conferir se o deles realmente oferece mais vantagens e ficam satisfeitos com o resultado.

⁴⁸ Felipão era o apelido de um famoso técnico de futebol, que estava obtendo sucesso em sua carreira.

Diante disso, fazem o cartaz da propaganda, que consta da planta da casa e de uma chamada (propaganda que seria veiculada no rádio, TV e jornal), contando com os seguintes dizeres:

“Chegou o mais novo lançamento da ‘Grande Chance’. Local situado em Thermas de Santa Bárbara. Casas com dois dormitórios sendo uma suíte por apenas 10.000 de entrada e 1.000 por mês - valor do financiamento em 50 meses com todos os melhoramentos (água, luz asfalto, esgoto e escola).”

Vale salientar o nome atribuído para o projeto: “Grande Chance”, que provavelmente apontava de forma explícita o desejo e a esperança que o grupo estava depositando no PROPEPSI, o que era um indício de que a proposta de experimentar juntos começava a ser aceita pelo grupo.

Outro indício era que o grupo não parou na proposta inicial de somente redesenhar a propaganda de um conjunto de apartamentos, mas fez uma proposta maior de estabelecer uma sociedade e construir um condomínio, no qual cada um teria uma função com tarefas estabelecidas.

Para encerrar, cada um fala um pouco sobre a atividade realizada no movimento proposto pelo PROPEPSI de ação e reflexão sobre a ação realizada, começando a fazer associações com suas vidas: é a ação atingindo a vida de cada um e promovendo uma reapropriação sobre si.

“Atualmente jamais faria isto na realidade, eu preferia ser empregado numa fábrica do meu ramo, que é a química, mas no momento acho que não posso, quem sabe mais para frente.” (Élcio).

“Essa atividade é justamente o que eu gostaria de fazer se tivesse um dinheiro sobrando, montar um negócio próprio no ramo de funilaria e pintura de carros, que eu acho que dá muito dinheiro.” (Carlos).

Alguns estavam dispostos a experimentar, enquanto outros ficaram a parte das atividades, não contribuindo de forma mais significativa para sua execução, apenas ficando como observadores, o que não significava que eles não tinham aproveitado.

O trabalho em grupo facilitou a execução da tarefa, pois quando alguém não conseguia ir em frente outro lhe auxiliava, ou seja, as deficiências eram minimizadas e as potencialidades maximizadas, em contraposição houve uma maior tranquilidade para a exposição de idéias respeitando o tempo interno de cada um, que teriam mais dificuldades se a atividade fosse individualizada.

O encontro termina com a pergunta:

“O projeto vai continuar?” (Carlos).

Essa era a esperança do grupo, que parecia ter aceitado, pelo menos *a priori*, a proposta do PROPEPSI, pois a construção desse espaço representou para o grupo um momento de extrema importância ao confirmar, pela realização das tarefas requisitadas, que eles tinham recursos e condições de criar um novo produto e um novo espaço social que os aceitasse.

A possibilidade da criação conjunta de novos processos de relação com o mundo (resgate da contratualidade social perdida) permitiria a construção gradativa de estratégias identitárias (bases estruturadas e estruturantes num mundo em movimento), que dariam a chance ao sujeito da constante produção de si em relação, sem a antecipação de um produto pré-determinado (identidade de projeto), transformando-os de membros sociais assujeitados (protegidos) em sujeitos atores (expostos e incertos, mas produtores da e na relação).

Ao final do encontro é pedido a todos que prestassem atenção nas construções que eles passavam perto e que perguntassem, se possível, sobre o empreendimento e, quem quisesse pesquisar mais para comparar com o que eles haviam realizado, poderia fazê-lo.

4.3.1.4. Grupo 1 - 3º encontro

Antes do 3º encontro, alguns técnicos vêm perguntar se ainda podiam ingressar novas pessoas no grupo, pois os orientandos, que participavam de outros

grupos na instituição, contavam muito animados sobre o PROPEPPSI, o que despertou a curiosidade de muita gente, inclusive sendo pauta de reunião clínica.

Outras pessoas demonstraram um desejo de participar deste grupo, mas ainda não conseguiram comparecer por não se sentirem preparados, tendo explicitado este medo em seus respectivos grupos de psicoterapia.

O diretor da instituição questiona os motivos das desistências ocorridas e se não seria possível forçar um pouco mais a presença dessas pessoas no grupo, tendo como resposta que, se eles não conseguiram estar no grupo nesse momento, algo não permitiu e a escolha pessoal era condição básica para a participação no PROPEPPSI, não o encaminhamento forçado.

Uma estratégia para potencializar o impacto do programa na instituição seria a participação dos coordenadores-orientadores em reuniões gerais ou clínicas de forma periódica, no intuito de tornar o programa parte da rotina institucional e não transformá-lo em uma atividade estranha, o que, invariavelmente, gera uma reação de boicote por parte dos agentes institucionais.

O grupo se inicia, como era feito a todo encontro, com a retomada do que havia sido realizado no encontro anterior e Leandro, que não havia comparecido neste encontro, começa a justificar sua ausência, seguindo, então, com o relato do que havia sido feito.

“Vocês trouxeram uma propaganda de um prédio de apartamentos de um jornal e pediram que o grupo fizesse uma oferta melhor do que aquela, então, nós criamos um loteamento de casas com todos os benefícios e uma propaganda também.” (Carlos).

Leandro inicia uma série de questionamentos acerca do projeto e também dá algumas sugestões de melhorias dele, se oferecendo para ajudar, provavelmente como forma de se desculpar pela falta e de garantir seu lugar no grupo em formação.

Como essa era justamente a idéia de atividade para o encontro, é proposto que aperfeiçoassem o projeto, contando agora com a ajuda de mais sujeitos.

O grupo fica um pouco reticente e pergunta:

“Você vai agora assumir as atividades sem faltar?” (Élcio).

O medo e a insegurança voltam ao grupo diante do descompromisso de alguns sujeitos e se fazia necessária uma reafirmação do contrato de trabalho estabelecido para seguir adiante. Todos se comprometem e sugerem a continuação das atividades da forma mais séria possível.

- **A criação de um escritório de trabalho**

Observando a *gestalt* do espaço em que o grupo acontecia, tinha-se a nítida impressão que aquilo era um escritório de trabalho, com uma mesa central e muitas coisas espalhadas, além do fato deles estarem incorporando seus papéis e configurando uma cena, quase uma dramatização, que incluía um líder, um ajudante geral, um secretário, um vendedor, entre outras funções.

A recriação, via dramatização, de um ambiente de trabalho é uma maneira de se aproximar da realidade, não só em termos de espaço físico, como também pela rotina de trabalho, distribuição de funções e cobrança da realização de tarefas. Essa dramatização não fugia do contrato estabelecido de que esse era um espaço de experimentação, portanto, todos poderiam utilizá-lo para se autodesenvolver, mas sempre dentro de suas possibilidades.

O grupo utiliza o restante do tempo fazendo a relação de tudo o que seria gasto na construção de cada casa (material e mão-de-obra), com um detalhamento ímpar, para no final serem somados os gastos. Como não tinham noção de preços é sugerido que se fizesse uma pesquisa de preços em lojas e se trouxesse o valor aproximado de cada item. O líder sugere que o ajudante geral executasse esta tarefa, que concorda, mas faz uma ressalva:

“Terei que ir até a Uemura em Santo André para ver preços?” (Leandro).

O grupo o acalma, dizendo:

“Não tem necessidade disto tudo, é só para ter uma base, pode olhar em jornais também, que sai tabela de preços.”
(Carlos).

As aproximações com o mundo externo trazem muito medo e insegurança aos orientandos, mas novamente o suporte grupal foi fundamental para minimizar as dificuldades e potencializar as saídas.

Em função da proximidade do término do grupo e tendo em mente a idéia de trazer elementos do mundo externo na construção que estava sendo feita, é sugerido que eles trouxessem propagandas de loteamentos e prédios de apartamentos, como forma de comparação com o empreendimento deles. O líder comenta:

“Mas tem que ser daqui da região, senão não adianta, porque os preços variam.” (Élcio).

Jair pergunta:

“Como eu faço para arrumar propagandas se eu não tenho carro para passar em cruzamentos, onde eles dão as propagandas?” (Jair).

Carlos completa:

“Procura em jornais, ou então passa a pé e pega a propaganda no cruzamento, não precisa ter carro.” (Carlos).

Com a inclusão de uma atuação no externo, saindo um pouco do protegido da instituição, começam a surgir as dificuldades e os medos, o que justamente se quer trabalhar neste grupo, sendo que novamente o suporte grupal operou.

4.3.1.5. Resumo do trajeto percorrido

O grupo já era um grupo e estava constituído como tal, pois havia uma tarefa coletiva e um trabalho que estava sendo vivido como real. Os orientandos entravam na atividade efetivamente e queriam produzir algo concreto, mas começaram a emergir angústias quanto a essa possibilidade de falhar ao entrar o elemento externo, mas que também seria o único modo desta aproximação ser feita de forma gradativa, pois sem essa aproximação e essa ponte freqüente com o mundo externo o PROPEPSI não funcionaria (esta era a nossa hipótese).

A pesquisa de preços, que foi uma sugestão advinda do interior do próprio grupo, era um possível indício de que eles também pediam uma aproximação com o mundo externo, por isso a proposta de pesquisa com as propagandas que eles trariam na semana subsequente para a comparação com as que eles fizeram, somada a pesquisa de preços, forneceriam estes elementos concretos ao grupo, diferenciando-o dos outros que eles já freqüentaram e podendo trazer as limitações e as potencialidades de cada um.

4.3.1.6. Grupo 1 - 4º encontro

Nesse encontro, parece que o núcleo que assumiria o compromisso estabelecido no contrato de trabalho havia se estabilizado em torno de três pessoas: Elcio, Carlos e Leandro, lembrando que dois já haviam desistido (Nivaldo e Sérgio).

Isso se constatou diante da falta recorrente de algumas pessoas e da assiduidade das demais, portanto, o grupo tem início novamente com ausência de algumas pessoas, sendo que algumas delas estavam responsáveis pela pesquisa de preços combinada.

A idéia era que eles concluíssem a obra nesse encontro com a realização da planilha de custos advinda da pesquisa de preços que deveria ter sido feita e também tivessem trazido propagandas de jornais para serem comparadas às que eles haviam feito, numa relação imediata da produção do mundo interno (grupo) com o mundo externo (propagandas oferecidas em jornais) para, na semana subsequente, ser feita uma visita a uma obra real nas ruas, concluindo a ponte com o externo.

O grupo acerta os últimos detalhes no projeto final da obra, mas alguns orientandos se mostram, ao mesmo tempo, frustrados e com raiva, pois os responsáveis pela pesquisa não compareceram com os preços e emperraram a

conclusão da obra, surgindo angústias de aniquilamento, o que causa uma paralisia e uma sensação de ruptura no grupo.

A ausência dos responsáveis pelas pesquisas de preço provoca dois movimentos antagônicos no grupo: um movimento de estagnação e, posteriormente, um movimento de ação.

- **A dificuldade de experimentar: o movimento de estagnação**

Carlos fala desanimado:

“Não tem mais nada para fazer.” (Carlos).

O grupo fica com uma sensação de destruição e de estagnação, conforme é verbalizado, e mostra como é difícil experimentar, que vem representada pela falta dos responsáveis pelas pesquisas que, provavelmente, devem ter tido dificuldades para realizar a pesquisa, mas também pela dificuldade de lidar com os imprevistos da vida, situação pela qual o grupo como um todo estava passando.

O grupo fica em silêncio aguardando uma resposta do coordenador-orientador que pontua ao grupo que se essa situação era sentida como ruim por um lado, pois trazia à tona todo sentimento de que eles estavam parados na vida que eles tanto reclamaram no 1º encontro, por outro trazia uma contingência real da vida cotidiana e de grupo, pois muitas vezes algo poderia falhar e emperrar ou atrasar seus projetos.

“Cabe a vocês decidir que caminho seguir: abandonar o projeto ou esperar um pouco, agüentar a frustração e concluí-lo num momento seguinte.” (Coordenador-orientador).

Instantes de silêncio cercam a pergunta inicial e Marta questiona:

“O que vamos fazer, então?” (Marta).

A sensação de “*Não tem mais nada para fazer*” tinha sido substituída pela pergunta “*O que vamos fazer?*”, ou seja, o movimento de estagnação havia dado lugar a um questionamento ao grupo das possíveis alternativas diante do imprevisto, o que apontava para um princípio de movimento de ação grupal tentando sanar a dificuldade do colega que havia faltado.

O grupo, no “momento fantasmático” de ilusão grupal, funcionava como um todo, sendo que a paralisia de um era sentida como uma paralisia de todos e o movimento de um como o movimento de todos.

- **A continência do grupo: o movimento de ação**

Élcio ocupa o lugar de suporte para os demais e com uma reportagem de jornal em mãos, fala:

“Trouxe uma reportagem do jornal de domingo que fala dos cuidados na hora de comprar uma casa que devemos ter para vermos se a nossa construção está boa.” (Élcio).

Diante do imprevisto, teria que se estar preparado para fazer o que fosse possível e um dos orientandos cumpriu esse papel nesse encontro e, como suporte para o grupo, pôde permitir que o mesmo seguisse sua trajetória, sem paralisar, nem estagnar.

O grupo estava em desenvolvimento e ingressava no segundo momento do seu processo, que era o “momento ideológico”, no qual a necessidade maior é a estabilidade e a segurança, gerada pela ilusão de não-diferenciação e pela consolidação de um sistema de vínculos, que impede o domínio da frustração e luta pela satisfação o tempo todo.

O grupo começa a ler a reportagem, na qual vários fatores eram apontados na hora de uma boa compra, podendo verificar que várias sugestões lá contidas como vantagens já estavam em seu projeto, o que trouxe uma certa confiança no que tinha sido feito.

A idéia da ponte freqüente com o mundo externo estava gradativamente sendo internalizada por alguns que validavam sua eficácia ao utilizá-la num momento delicado como esse que o grupo havia passado.

Voltam, então, a discutir sobre os últimos detalhes do projeto, quando alguém diz:

“Mas nós continuamos sem a lista de preços, e agora?”
(Carlos).

Um novo instante de silêncio acontece e os coordenadores-orientadores decidem assumir o papel de provedores grupais, lembrando que o grupo ainda se encontrava dependente.

Com base nisso e tendo ciência de que as aproximações ao mundo externo são parte indispensável ao trabalho e, no início, que teriam que ser feitas de forma gradativa e protegida, o coordenador-orientador sugere que no próximo encontro todos fossem a uma loja especializada em materiais de construção para fazer pesquisa de preços e auxiliar o ajudante geral, que não tinha conseguido realizar a tarefa para ele designada.

É bom ressaltar que as saídas acompanhadas, baseadas na proposta do acompanhamento terapêutico, requisitariam várias repetições deste trajeto, com um gradativo aumento nas aproximações a serem realizadas, que parte do dependente e caminha rumo à dependência relativa e parcial.

Essa situação alivia um pouco a ansiedade do grupo, que começa a perceber a importância do trabalho coletivo nesse momento, pois sempre poderiam contar com ajuda de algum membro do grupo (coordenadores-orientadores e orientandos), caso necessitassem.

• Ressurge a doença e nasce outro projeto

Segue-se alguns instantes de silêncio novamente que são interrompidos, porém, com uma pergunta dirigida aos coordenadores-orientadores:

“Você acha que a gente vai conseguir? Acha que a gente é capaz? Já teve gente que desistiu e gente que não consegue fazer o que é pedido? O que você acha?” (Jair).

O coordenador-orientador responde:

“Vocês não encontraram uma solução hoje?” (Coordenador-orientador).

Élcio complementa:

“Agora que acabou essa construção, nós vamos fazer outra?” (Élcio).

A pergunta formulada queria saber o que seria do grupo após terminar aquele primeiro projeto, que é a dúvida e a rotina de vida que eles tinham: tudo acabava e nada ficava, será que isso aconteceria novamente?

A força de vontade existia e a aposta do grupo era que não iria acontecer mais isso, mas a mudança era árdua e a insegurança e o medo ainda eram grandes, pois estava sendo oferecido um outro caminho que indicava possibilidades, ao invés da única certeza representada pela crise.

A aposta, desde o início, era tentar inverter a máxima de que a única certeza era a crise, apostando que existia uma possibilidade de poder fazer diferente.

“Nós vamos iniciar outro projeto depois de acabar esse, mas sempre iremos nos remeter a esse projeto em nossos próximos encontros.” (Coordenador-orientador).

A promessa de um novo projeto e a lembrança do projeto já realizado traziam o início do retorno da permanência e da possibilidade de produzir trabalhos duradouros, e começavam a trazer de volta a experiência da continuidade existencial e da criação de objetos perdida com a crise psicótica.

Essa era a função dos projetos como estratégia espaço-temporal, ou seja, reinaugurar a noção de processo, de desenvolvimento, de permanência e de produção, operando a (re)apropriação gradativa sobre si e auxiliando na operacionalização e organização do projeto individual de vida de cada um.

4.3.1.7. Grupo 1 - 5º encontro

Leandro, que havia faltado na semana anterior, vem a esse encontro e novamente chega se justificando e dizendo que teve problemas de saúde.

“Eu faltei na semana passada porque estava com um problema na perna e não estava conseguindo andar direito, fui ao médico e ele sugeriu repouso absoluto durante uma semana, pelo menos, por isso eu não vim, mas trouxe a lista de preços que eu tinha que fazer.” (Leandro).

A doença continua sendo para alguns a justificativa para a impossibilidade de ação, inclusive com a confirmação do mundo “normal” feita pelo médico, mas a promessa de permanecer tentando era refeita.

Como já foi apontado, o PROPEPPSI se constituiria, para alguns, em um trajeto árduo e angustiante, pois pressupunha o movimento e a saída do lugar em que eles estavam estagnados com alguma segurança e rotina.

A previsão era de que alguns desistiriam prontamente (como realmente ocorreu), outros se comprometeriam totalmente e alguns ficariam transitando esporadicamente pelo grupo, ou desistindo no meio do caminho, ou concluindo o programa, mas sem conseguir se envolver e se desenvolver.

“Nós vamos a loja de materiais de construção?” (Carlos).

Após esse momento inicial de explicações sobre as faltas, o grupo relembra da atividade programada de ida a uma loja especializada em materiais de construção, mas antes de falar sobre isso, o coordenador-orientador sugere uma retomada do encontro anterior.

O grupo, então, descreve o ocorrido no encontro anterior, deixando bem claro que eles não haviam concluído a obra pela falta da planilha de custos, o que se configurou como uma bronca ao responsável pela pesquisa que tinha faltado.

“Aqui está a pesquisa de preços, mas faltam alguns itens que eu não soube explicar ao vendedor o que era, vocês me ajudam?” (Leandro).

Leandro dá como exemplo que na lista de materiais estava escrito “dois metros de barra de cano” e o vendedor lhe fez uma pergunta sobre o tipo de cano, que ele não soube responder, o que também ocorreu com outros materiais, mesmo assim, a lista veio quase completa.

“Eu também fui a uma loja e trouxe uma lista, vamos juntar as duas, que aí fica bom.” (Carlos).

Apesar das dificuldades o responsável pela pesquisa fez seu trabalho e contou com o suporte do grupo que havia feito outra pesquisa caso ele não viesse novamente. Ambos comentam que não tiveram nenhuma dificuldade em conseguir esta listagem, a não ser os detalhes técnicos que um deles não conseguiu especificar ao vendedor. Contam este fato com muita tranquilidade, sem transparecer nenhum sinal de ansiedade, parecendo mesmo ter sido uma tarefa sossegada para ambos.

“Ainda temos de ir na loja de materiais de construção?” (Carlos).

Como forma de realizar a primeira atividade externa é dito ao grupo que seria importante que todos fossem a uma loja de materiais de construção para conhecer como era e tomar ciência dos produtos e preços, para depois comparar com as listas já prontas.

Os coordenadores-orientadores já haviam feito uma sondagem prévia sobre as lojas de materiais de construção mais próximas e, por sorte, havia duas delas na avenida próxima à instituição de saúde mental, mas caberia ao grupo decidir aonde ir. Dessa forma, o coordenador-orientador pergunta ao grupo aonde eles iriam e, prontamente, alguns dão várias sugestões, inclusive com a necessidade de utilizar ônibus, mas decidimos ir a mais próxima para facilitar para todos.

- **A primeira atividade externa: visita a uma loja de materiais de construção**

De posse da lista de materiais de construção para pesquisar, fomos à loja todos juntos e alguns orientandos ficaram responsáveis por pedir a lista de preços, o que é realizado de forma tranquila e sem nenhuma intercorrência, a não ser a expressão de felicidade no rosto de todos por estarem nas ruas realizando atividades.

Como já era tarde, decidiu-se não voltar à instituição de saúde mental e todos foram embora, ficando a discussão da atividade externa para o encontro seguinte.

4.3.1.8. Grupo 1 – 6º encontro

Todos chegam muito animados e satisfeitos nesse encontro e relatam que tinha sido ótimo ter ido todos juntos à loja de materiais de construção e que muitos nunca tinham feito nenhuma atividade externa nas instituições de saúde mental que já haviam frequentado.

“Achei muito bom termos ido todos juntos, é difícil ir sozinho.” (Leandro).

A ponte com o externo, feita de forma protegida, parecia ter sido um bom reforço de confiança e segurança para todo grupo, que percebe novamente que poderia contar com o auxílio do outro e dos coordenadores-orientadores sempre que fosse necessário.

De posse da lista de preços, é completada a planilha de custos, comparando os preços das duas listagens e perfazendo o seu total, conferidos os últimos detalhes da obra. A planilha de custos chega ao preço de R\$ 18.500 de custo por casa, incluso material, mão de obra e propaganda, o que configurava um lucro de em média 200%, visto que cada casa seria vendida a R\$ 60.000, sendo que a previsão do tempo de vendas era de três anos. Élcio, que era engenheiro, comenta:

“É essa mesmo a margem de lucro esperada para uma obra.” (Élcio).

O grupo se anima com esse comentário, que representava uma comprovação de alguém que entendia do assunto e acrescenta mais um dizer na propaganda,

realçando que seu loteamento *“iria favorecer a saúde do comprador e de sua família”*.

O grupo, metaforicamente, estava falando de si próprio ao reforçar o caráter de promoção de saúde da obra em questão, pois parecia que ter concretizado esse projeto tinha trazido de volta muitas coisas perdidas, principalmente a possibilidade de resgate da esperança, não de forma vazia e somente no registro do discurso, mas através de uma construção realizada na e pela relação, que incluía o mundo externo.

Falando sobre o projeto, o grupo comenta:

“É de mentirinha.” (Élcio).

“Mas parecia de verdade.” (Carlos).

O projeto que desenvolveram não era real, não seria colocado em prática, mas era sentido como real, pois resgatava a possibilidade de desenvolver coisas novas e utilizar experiências já vividas de suas histórias, que estavam apagadas e bloqueadas pela doença.

- **O imprevisto como fator a ser desenvolvido: dificuldades e soluções**

Diante do clima de alegria e segurança expresso pela finalização do 1º projeto, o coordenador-orientador pergunta ao grupo:

“Como ficaria a fachada externa da casa que vocês criaram?” (Coordenador-orientador).

Novamente o silêncio invade o grupo substituindo o clima de confiança que havia se estabelecido pela finalização do 1º projeto, mas esse tipo de intervenção deveria acontecer sempre que o grupo necessitasse exercitar a sua habilidade de improviso, pois precisava desenvolver estratégias para lidar com as situações imprevisíveis que aconteciam na vida a todo o momento e que eles tinham dificuldade de enfrentar.

“Não havíamos pensado nisso, alguém sabe desenhar?”
(Élcio).

Diante da continuidade do silêncio, é sugerido que o grupo fosse às ruas novamente para que eles pudessem mostrar uma casa que se parecesse com a deles. O tempo parecia ter ficado suspenso por alguns instantes, todos trocam olhares, até que Jair, muito atrapalhado, se levanta e fala andando, pois diz não conseguir ficar mais parado:

“Só quero a alta e voltar a trabalhar, mais nada.” (Jair).

Finalmente ele senta, mas pede a todo momento para ir embora e pergunta sobre medicação e sobre sua “doença”, que eram colocações descontextualizadas diante do momento grupal, mas o grupo, apesar de assustado por ver a crise que tanto eles buscavam amenizar se mostrar explicitamente, tenta acolhê-lo de toda forma, mas não é possível e ele pede para se retirar.

O grupo começa a comentar que já conheciam bem essa história e que tinham medo que isso acontecesse de novo com eles, principalmente agora que estavam se sentindo melhor.

A ponte com o externo parecia trazer confiança para continuar se desenvolvendo ou, então, trazer medo e paralisia, provocando a volta da crise. Esses eram os dois caminhos possíveis, conforme já apontado.

A única forma de realizar esse contato, sem gerar a experiência de invasão do externo, era pela estruturação de uma área de experimentação que possibilitaria a transicionalidade fundamental para a reapropriação sobre si pelo resgate da mediação interno/externo operada pelos objetos transicionais.

Durante esses comentários, Élcio se levanta e se dirige para a janela da sala onde o grupo estava acontecendo, que tinha uma vista enorme, já que a instituição é situada em um local bem alto, começando a olhar ao redor.

Todos ficam assustados com essa atitude por acharem que mais um poderia estar entrando em crise, mas ele se vira para o grupo e diz:

“Aquela casa não parece a que nós colocamos no projeto? Assim não precisamos ir lá fora, daqui mesmo da para fazer a tarefa que ele pediu (se referindo ao coordenador-orientador).” (Élcio).

Novamente alguém do grupo assume o lugar de suporte grupal na tentativa de colocá-lo para trabalhar e não se render à crise de um dos orientandos.

Todos se levantam, pesquisam pela vizinhança na tentativa de identificar uma casa semelhante à do projeto deles, conferem a planta da casa e, por sorte, bem em frente à janela, encontram uma casa que realmente tinha o mesmo formato da projetada por eles. Todos olham e decidem que a casa seria semelhante aquela, inclusive com as mesmas cores.

A idéia, então, para esta primeira fase do grupo era tentar desenvolver atividades, que comesçassem no ambiente protegido do grupo, gerassem uma criação, trouxessem alguns elementos do exterior, para finalmente ir a rua e conferir as semelhanças e diferenças entre o que eles produziram e o que eles viram no externo, na tentativa de atender o pedido que eles faziam a todo o momento: *“me ajude a agir diferente”*.

- **A realidade bate à porta: uma oportunidade de trabalho**

Enquanto completavam os detalhes finais da obra, Élcio traz o assunto da oportunidade de emprego que lhe havia recebido do seu irmão, mas que já tinha dado uma resposta negativa, embora o seu irmão tenha voltado a insistir no assunto e agora ele estava em dúvida, porque sentia que estava melhorando com o grupo.

“O que vocês acham que eu faço?” (Élcio).

Ele conta que o emprego era de químico responsável de uma fábrica de pequeno porte, cujo dono era um dos patrões do seu irmão que trabalhava numa firma de grande porte. Diz que realizaria o serviço que sabia fazer e só teria que ir uma vez por mês para fiscalizar a produção e os materiais e assinar os documentos, pois ele tinha diploma e formação para tal, se constituindo em um cargo de extrema responsabilidade.

O receio que ele traz e que havia levado à rejeição da proposta que lhe foi feita é a oposição de sua mãe e o medo de perder sua aposentadoria, que era o seu sustento.

“É um fixo, né?” (Élcio).

O grupo faz uma série de perguntas para ele, pede para que ele não diga não e pense mais a respeito, que, se fosse necessário, eles o ajudariam. O grupo opina sobre o assunto e todos chegam à conclusão que o importante seria poder escolher, independente da resposta ser “sim” ou “não”, e ambas soluções deveriam refletir uma escolha pessoal e não uma resposta viciada, que era o que vinha acontecendo com todos eles.

É importante ressaltar que Élcio estava refletindo sobre o assunto, avaliando os prós e os contras, sem dar uma resposta negativa de imediato, e, mesmo que não aceitasse este emprego, seria um “não” diferente do anterior, um “não” com consciência, com reflexão e não um simples ato reflexo, como comumente ele descrevia suas ações.

“Será que nós também vamos receber propostas de emprego?” (Marta).

Ao final do grupo surge esta questão e o coordenador-orientador, com o intuito de retomar os objetivos do PROPEPSI, pergunta quais eram os objetivos do grupo e a maioria das respostas, com algumas exceções, indica que o objetivo principal seria se preparar para o mundo do trabalho.

“O importante não é sair empregado deste grupo, mas sim sair com a certeza de que podem escolher o que querem para as suas vidas, resgatar a confiança perdida em si mesmos e desenvolver estratégias para fazer projetos profissionais, como vocês já estão fazendo com esse 1º projeto.” (Coordenador-orientador).

É retomado o que cada um vinha trazendo sobre suas vidas e reforçado que esta era apenas a primeira atividade a ser desenvolvida, que eles não precisariam ter pressa, pois o objetivo no grupo era que cada um, individualmente, pensasse no seu projeto em particular, apesar de algumas atividades serem realizadas em grupo, como esta primeira.

Para encerrar, e seguindo a idéia da ação e da reflexão sobre a ação, é discutida toda a dinâmica do 1º projeto através da retomada da trajetória que eles trilharam, que começou com uma atividade de transformação de uma realidade trazida de fora (a venda de um imóvel) e a posterior criação de algo no interior do grupo (o loteamento com suas casas).

No momento seguinte, a proposta foi de aperfeiçoar o projeto e tentar pensar mais detalhes sobre ele, inclusive com a ajuda dos que faltaram para, na seqüência, trazer elementos do exterior (busca do próprio grupo) para acrescentar a essa obra (sugestões advindas de propagandas de outros loteamentos, conjuntos residenciais e prédios de apartamentos, além da pesquisa de preços na loja de materiais de construção) para finalizar com a comparação do que eles pensaram e planejaram com o que a realidade oferecia, tentando demonstrar que era possível a realização de coisas reais, não só na fantasia.

“O que vamos fazer agora?” (Carlos).

O grupo teve dificuldades em falar explicitamente sobre o projeto que desenvolveram, perguntando a todo momento o que seria feito depois, questão que foi devolvida para o grupo com o pedido de que trouxessem idéias sobre o que queriam desenvolver, em grupo ou dentro do projeto particular que cada um desenvolveria ao longo dos encontros.

É apontada, então, a dificuldade de falar das experiências vividas, no caso o projeto desenvolvido dentro do grupo, mas também de como eles se envolveram e pediam mais, pedido este de uma nova atividade ainda dirigido aos coordenadores-orientadores, mas que deveria ser alterado ao longo do grupo, ou seja, que eles passassem de uma posição totalmente passiva para uma que os implicasse de forma direta e ativa nas atividades e, quem sabe, alcançando suas vidas, tanto a laborativa, como a pessoal.

Diante disto, se pensou numa próxima atividade na qual seriam oferecidas várias revistas da série "Pequenas Empresas, Grandes Negócios", que traziam dicas de como montar seu próprio negócio nas mais diversas áreas, o que se constituiria numa sugestão dos coordenadores-orientadores, que trariam as várias possibilidades de atividade, mas numa decisão dos próprios orientandos de como prosseguir.

Se, num primeiro momento, o coordenador-orientador teve um papel totalmente ativo e o grupo aceitou, neste segundo momento o coordenador-orientador ofereceria possibilidades de ação e o grupo escolheria o caminho para, num terceiro momento, o grupo trazer a atividade e realizá-la, com supervisão dos coordenadores-orientadores, conforme proposto no projeto inicial.

- **Novas desistências**

Ao final do encontro, Jair, que saiu confuso no meio da atividade, chama o coordenador-orientador de canto e pergunta se poderia não vir mais ao grupo, no que recebe uma resposta positiva com a explicação que estar nesse grupo era uma escolha e não uma imposição.

“Então não virei mais, mas avisa minha doutora para ela ficar sabendo.” (Jair).

O sujeito se encontrava em crise e, semelhante ao caso de Nivaldo descrito no item 4.3.1.2., parecia ter procurado o PROPEPPSI em busca da volta ao trabalho, que estaria associada à volta à saúde, mas ele ainda estava em processo de entender e elaborar a crise que o atravessava, ficando, portanto, difícil pensar no futuro laboral nessas condições, pois se encontrava no momento de tratamento.

Provavelmente, pelo pedido expresso para *“avisar a doutora”* que ele havia desistido do grupo, a opção de participar no PROPEPPSI não havia partido dele, mas sim de um possível encaminhamento feito pela médica responsável, que apostou no seu paciente, que não conseguiu sustentar essa tarefa, tendo que desistir no meio do caminho.

4.3.2. PROPEPSI – Fase 1 do grupo 2

O grupo 2 teve uma dinâmica muito semelhante ao grupo 1 nessa primeira fase, apenas com alguns dados do 1º encontro que complementavam o que havia ocorrido no grupo 1.

No 1º encontro surgiram relatos que apontavam a ruptura da vida profissional pela crise psicótica e confirmavam a hipótese de que era muito difícil retomar uma vida laboral por causa da doença em si e dos remédios:

“Trabalhei muito na vida e agora faz muito tempo que estou parado, não consigo arrumar um emprego por causa da doença.” (Valdir).

“Já trabalhei em várias coisas, meu último emprego foi de controlador de produção, era eu quem controlava a saída de material e a entrada e saída de funcionários, mas, depois que fiquei doente, a moleza pelos remédios não me deixava trabalhar e, depois de seguidos períodos de afastamento, fui afastado definitivamente.” (Laerte).

“Não dá para trabalhar por causa da moleza causada pelos remédios.” (Laerte).

Outros relatos indicavam uma dificuldade de estabelecer vínculos no mundo do trabalho, tornando a trajetória profissional em algo descontínuo e perene:

“Já tentei trabalhar, nada fixo, mas agora estou parada e ajudo em casa.” (Rosangela).

“Já tive vários empregos (mecânica, vendedor, borracharia), mas não consigo me manter em nenhum. Penso atualmente em trabalhar numa revendedora de produtos de cozinha, mas tenho dificuldade de dar brindes aos clientes.” (Alberto).

No grupo 2, inclusive, muitos relatam a dificuldade que sempre existiu em trabalhar:

“Nunca trabalhei.” (Alessandra).

“Estou estudando, mas falto muito por causa do tratamento, tenho dificuldade de tomar iniciativa, mas também gostaria de trabalhar.” (Arthur).

“Procuro emprego há anos, mas nunca consegui nada.”
(Rodnei).

Os sujeitos indicam a extrema dificuldade em se relacionar socialmente, pois todos eles relatam em sua história uma superproteção familiar⁴⁹, ressaltando uma fragilidade, que não os permitia ousar, nem apostar em nada.

Relatam que qualquer iniciativa em suas vidas era podada de imediato, o que restringia suas chances de construir projetos, pois a continência e o apoio familiar são condições *sine qua non* para a possibilidade de desenvolvimento de estratégias identitárias de construção de projetos, sendo suporte fundamental da permanência no mundo do trabalho.

Essas tentativas seqüenciadas indicam, como no grupo 1, a dificuldade de se vincular ao mundo do trabalho que se constituíam como vínculos temporários e sem sustentação, apontando que a psicose pode ser uma forma diferenciada de identidade psicossocial.

Dos dez orientandos, que iniciaram o PROPEPSI no grupo 2, tínhamos três na condição de aposentados por invalidez (Samir, Valdir e Julio César).

Os comentários finais desse encontro indicam que a vitória sobre a doença é anterior à realização de projetos profissionais, não transparecendo a possibilidade de elaborar projetos como idéia independente da doença.

“Vamos conseguir a vitória sobre a doença e no mercado de trabalho.” (Laerte).

“Eu quero uma vitória.” (Alessandra).

“Primeiro a vitória sobre a doença e depois arrumar um trabalho.” (Julio César).

⁴⁹ Essa informação também foi passada pelos próprios orientandos durante o transcorrer do PROPEPSI, num momento em que eles já podiam falar sobre isso.

Tanto que ao final do encontro, Alberto diz que não viria mais, provavelmente porque ele não aceitou a proposta do PROPEPPSI, que implicava mudanças, optando por permanecer na condição de “esquizofrênico”, como ele mesmo se auto-intitulava.

- **Caso 3 - Alberto**

“Já tive vários empregos (mecânica, vendedor, borracharia), mas não consigo me manter em nenhum. Penso atualmente em trabalhar numa revendedora de produtos de cozinha, mas tenho dificuldade de dar brindes aos clientes. É muito difícil arrumar um emprego, pois na hora do exame médico, quando descobrem que eu tenho problemas mentais, eu não consigo o trabalho.” (Alberto).

“... a prefeitura tem que fazer alguma coisa por nós, é sua obrigação.” (Alberto).

“Aqui está um xerox dizendo o que eu sou, esquizofrênico, eu mostro para as pessoas e peço dinheiro, pois essa é a única maneira de eu conseguir sobreviver. Acho que eu não sirvo para esse grupo, boa sorte a todos e até breve.” (Alberto).

Alberto optou por assumir sua condição de “louco”, culpando a prefeitura por não tirá-lo dessa situação (atitude que ele julgava não ser possível fazer sozinho e alguém deveria fazer por ele, pois seu lugar era de tutelado, delegando a responsabilidade sobre si para outro), não queria sair desse lugar e ganhava a vida como pedinte (trabalho como alienação do tipo expressivo, segundo a classificação apresentada no item 2.5.2.1.1.).

A aposta do PROPEPPSI foi uma aposta na qual ele avaliou que poderia perder mais do que ganhar, não confiando nela e não acreditando na sua viabilidade, se fechando novamente em uma condição existencial de “louco”, já sabida, sem grandes vitórias, mas também sem grandes riscos.

Retomemos a análise do grupo 1.

4.3.3. PROPEPSI - Fase 2 do grupo 1

4.3.3.1. Grupo 1 - 7º encontro

O grupo comparece dizendo que estava bem, mas que estava difícil arrumar uma oportunidade real de emprego, transparecendo que esta era a tarefa que eles mesmos se incumbiram ao participar deste grupo. Eles se percebiam tentando, porém não se sentiam capazes ainda de serem reconhecidos pela sociedade como sujeitos ativos e passíveis de trabalhar e ter um emprego como todo mundo.

O trabalho, que apareceu no discurso através da idéia de *“arrumar uma oportunidade real de emprego”*, ainda despontava como o objetivo do grupo, ou seja, ser reconhecido socialmente ao conseguir um emprego e retornar a trabalhar.

Havia a necessidade de passar por todo o processo, pois, se eles se sentissem aptos no momento, poderiam pular etapas e correr risco de ter ameaçadas as conquistas que eles já tinham conseguido.

Trabalhar sem ter desenvolvido o processo ilusão-desilusão das áreas intermediárias da experiência significaria se confrontar com uma realidade externa que deveria ser internalizada, poderia gerar um comprometimento da consciência do limite interno/externo e uma invasão externa maciça, o que poderia levá-los à emergência da crise psicótica.

Carlos comenta que algumas pessoas, provavelmente, não iriam permanecer no grupo, pois faltavam muito e seriam eles mesmos que estavam ali naquele momento, os que iriam até o final:

“Tirando o Leandro, que falta de vez em quando, eu e o Élcio nunca faltamos.” (Carlos).

Apesar disso, afirma que irá até o fim, pois tem esperança de voltar a alguma atividade. Segue relatando que sempre olhava no jornal para ver se aparecia alguma

oferta de emprego em sua área, mas que nesta semana não havia nenhuma, e que a última que foi anunciada era muito distante de sua casa.

Leandro diz que assim que arrumasse um capital maior iria começar a vender incensos, que ele gostava e achava lucrativo.

Élcio, que havia recebido a oferta de trabalho no último encontro, diz que ainda estava refletindo sobre o que fazer.

Todos estavam preocupados em dar uma satisfação para o grupo, mostrar que faziam parte dele e se empenhando para o desenvolvimento de todos sentindo no grupo um suporte fundamental para os seus objetivos.

O grupo era uma referência que sustentava a tensão provocada pela exigência da separação dentro/fora gerada pela busca de um emprego que ocorre nas relações sociais através da sua função de transicionalidade dentro da área intermediária da experiência.

“E o que faremos hoje? Outro projeto? Por que as casas já estão começando a vender e que já está entrando algum, portanto já dá para começar um novo investimento.” (Élcio).

Neste momento, é proposto ao grupo o início da fase 2 do PROPEPSI na qual seriam oferecidas algumas possibilidades de projeto para o grupo e eles poderiam escolher coletivamente o que fazer.

Entrega-se ao grupo novos exemplares da revista “Pequenas Empresas, Grandes Negócios” na qual se encontravam várias idéias para montar um negócio, acompanhado de um pequeno texto sobre o assunto, além do que seria necessário para a realização do projeto.

Num primeiro lugar, individualmente, deveriam dar uma olhada em todo material e separar o que mais lhes interessasse durante uns 20 minutos, para depois, em grupo, escolher qual eles iriam desenvolver.

Élcio separa dois itens: “loja de carros” e “cópias de chaves”, mas descarta a segunda idéia por achar não-rentável.

“Eu entendo muito de carros, principalmente ver se é roubado, se está com o chassi adulterado.” (Carlos).

Carlos, então, também separa “loja de carros” e diz:

“Sou um ótimo vendedor, vendo qualquer coisa, acho que vou escolher essa loja de peças de carro.” (Carlos).

Além disso, escolhe o negócio de “camisetas promocionais”, que é o que ele faz atualmente, o que indicava que a pesquisa propiciava o surgimento de fragmentos de sua história de vida:

“Poderia abrir uma oficina de serigrafia, gosto de pintar camisetas, fazia isso em um grupo aqui do ambulatório e depois comecei a vender.” (Carlos).

Como última escolha mostra o item “máquinas de pequeno porte”, que são maquinários modernos, sendo alguns relativos aos materiais que ele usava para pintar carros, apontando novamente o seu desejo de voltar a trabalhar com pintura de carros.

Leandro escolhe muitas coisas, dentre elas “cursos de música”, “redes de proteção” e “bolsas de nylon e emborrachadas”, justificando que este último parece ser fácil e rentável, apontando que Élcio poderia ajudá-lo com o negócio, devido às suas habilidades manuais, novamente por ele ressaltadas.

Leandro inclui o grupo em suas escolhas o tempo todo, havendo uma explicitação do que sentia de que o grupo era uma referência de suporte e continência.

As escolhas são discutidas pelo grupo verificando-se a sua viabilidade ou não, sempre com comentários pertinentes e realistas do mercado de trabalho, não se constando deformações da realidade.

Foi proposto ao grupo pelo coordenador-orientador que eles escolhessem um negócio para abrir em grupo e que se apoiariam nos recursos advindos da venda das

casas (1ª atividade), encadeando às atividades desenvolvidas na realização dos projetos.

O grupo escolhe a “loja de carros”, mas Leandro comenta:

“Não entendo nada de carros, mas teria uma vaguinha de lavador ou polidor dos carros em sua loja?” (Leandro).

Diante do comentário de Leandro, o coordenador-orientador ressalta que esta escolha seria coletiva, mas que eles continuassem pensando no seu projeto individual.

Sentam ao redor de uma mesa e começam a pensar tudo que seria necessário para o começo desta loja, como local, tipos de carro que iriam vender (novos ou usados), marca de carro e preços.

Escolhem a marca Volkswagen para vender baseados numa informação que Élcio trouxe:

“Já é o terceiro ano que o Gol 1000 é o carro mais vendido do ano.” (Élcio).

Optou-se por trabalhar com carros novos e usados, fazendo vendas à base de troca também, elaborando uma lista dos carros da Volkswagen, que iriam completar em casa, assim como seus respectivos preços, ficando essa atividade como lição de casa para que a ponte com o externo seja freqüente e elementos da realidade fossem utilizados na construção dos projetos.

Um dado interessante a ser citado foi que o grupo lembrou mais dos carros antigos do que dos novos lançamentos, o que pode indicar que o resgate do passado é uma parte importante para o trabalho deles.

Como o tempo estava acabando Élcio fala que o expediente está encerrado e o coordenador-orientador sugere que todos pesquisem em casa e tragam todas as informações que conseguirem para ajudar neste projeto.

Élcio faz uma lista dos carros para cada um pesquisar seus respectivos preços e o encontro é finalizado.

4.3.3.2. Grupo 1 - 8º encontro

O grupo começa com Carlos comentando que havia recebido uma oferta de emprego na área dele (pintura de carros) e que não sabia se viria mais ao grupo se fosse bem sucedido e tivesse muito trabalho.

“Estou muito feliz... e muito assustado, será que vai dar certo?” (Carlos).

A confiança para fazer tentativas estava começando a ficar mais forte, tanto que Carlos já se aventurava no mundo do trabalho, apesar da insegurança que toda nova empreitada desperta, pois nunca se tem certeza se vai dar certo ou não.

Alguns orientandos já estavam conseguindo começar a experimentar fora do grupo, da mesma maneira que estavam fazendo no interior do mesmo, sinal de que a esperança de construir lugares diferentes para si no mundo estava emergindo gradativamente.

Uma vantagem dessas tentativas era que cada orientando sabia que poderia experimentar no mundo externo de uma forma mais autônoma, mas, qualquer coisa que acontecesse, eles teriam o suporte do grupo para ajudá-los e incentivá-los.

Nesse momento, Élcio, que estava refletindo sobre uma oferta de emprego, aproveita a oportunidade e diz que pensou muito, mas não aceitou, pois ainda não se sentia em condições de assumir um compromisso como esse.

Diante desses dois relatos, os demais orientandos trazem palavras de incentivo e de apoio, apontando que eles estavam mais fortes naquele momento e poderiam mesmo começar a experimentar incursões no mundo do trabalho.

No encontro passado havia sido pedido pelo coordenador-orientador que o grupo trouxesse dados que complementassem o projeto novo da “loja de carros” que eles haviam escolhido e Carlos e Élcio trouxeram um jornal com tabela de preços e propagandas de revendedoras de automóveis como contribuições para esta empreitada, enquanto que Leandro havia faltado novamente e Marta não tinha feito nenhuma pesquisa, mas se oferecia para ajudar.

O grupo começa a desenvolver a tarefa e se mostra mais comunicativo e objetivo em sua consecução, tanto que fizeram a empresa de acordo com o que estava escrito nas indicações da revista.

Executam esta atividade com muito mais rapidez e muito mais clareza, reforçado pelo maior senso de grupo e justificam o rápido desempenho pelo fato de que uma loja de carros é um empreendimento mais simples, portanto demandando menos detalhes, contudo, pareciam satisfeitos com seus resultados.

Ao final do grupo encerram a atividade e fica combinado que discutiríamos sobre o projeto na semana seguinte, além das propostas de emprego que estavam recebendo, assunto que surge constantemente no grupo.

4.3.3.3. Pré-encontro: inclusão ou não da família no projeto?

A psiquiatra da instituição de saúde mental estava esperando pelos coordenadores-orientadores antes do início do grupo para dizer que uma das participantes (Marta) havia sido internada, não por estar em crise, mas por conta de uma dinâmica familiar que ela intitulou de “louca” e que estaria providenciando sua alta para que ela pudesse voltar ao grupo. Disse que sua internação não tinha relação com o grupo, nem com ela própria.

Podemos hipotetizar que Marta possivelmente deveria estar realizando mudanças positivas para o seu desenvolvimento, mas que poderiam ter assustado sua família que, provavelmente, não conseguiu captar o que estava acontecendo, interpretou como uma crise e mandou interná-la, como é ainda a saída mais relatada pela sociedade em geral.

Devemos marcar que, se não houver um compromisso de todas as partes envolvidas de experimentar novas saídas, a chance da “pessoa psicótica” conseguir se beneficiar do PROPEPSI diminui consideravelmente.

Nesse caso, a dinâmica familiar parecia ter complicado o processo de desenvolvimento de Marta, o que nos faz pensar se não seria necessário algum tipo de trabalho com as famílias associado ao PROPEPSI (que não foi realizado), ficando como sugestão para os próximos grupos.

Élcio deixou um recado dizendo que não viria, pois tinha extraído um dente e estava com muitas dores.

4.3.3.4. Grupo 1 - 9º encontro

O recado das ausências dos dois membros é dado ao grupo, e, imediatamente, Leandro, que não era muito assíduo, começa a justificar que muitas vezes era difícil

vir ao grupo, pois muitas coisas aconteciam, desde problemas de saúde, como era o caso dos dois que faltaram, até problemas mais concretos como a greve de ônibus ou a falta de dinheiro para a condução.

O grupo fica alguns instantes em silêncio e parecendo estar paralisado, até que Carlos diz:

“A vida é assim mesmo, um dia acontece coisas ruins, outro dia coisas boas, semana passada eles começaram a participar dos projetos e hoje Marta é internada e Élcio tem dor de dente, vamos continuar nosso projeto, o que vamos fazer hoje?” (Carlos).

O grupo novamente se mostrou continente e disposto a caminhar, apesar das crises estarem acontecendo e provocando ausências e desistências, que eram vicissitudes previstas pelo PROPEPSI.

Leandro, ausente na semana anterior, comenta:

“Eu queria saber como ficou a loja de carros que eu não vim semana passada.” (Leandro).

Carlos relata que o projeto havia sido concluído, mas ele não fica satisfeito e começa a fazer perguntas sobre o projeto, com a finalidade de expor suas idéias a respeito, pois quase não tinha opinado. Propôs que o letreiro da loja fosse bem colorido para que mesmo à noite todos pudessem vê-lo.

Leandro buscou novamente assegurar o seu lugar no grupo, apesar das constantes faltas e, além disso, queria que o projeto ali desenvolvido fosse visto por todos a todo momento, afinal era a vida deles que estava em jogo e eles gostariam que todos vissem como podiam ser capazes de fazer projetos no mundo do trabalho.

Carlos, então, apresentou-lhe o projeto, mas Leandro continuou fazendo uma série de perguntas, as quais Carlos respondeu com muita calma, mostrando que ele sabia e tinha confiança no que havia sido realizado.

Carlos comenta que toda loja de carros tem uma oficina para reformar e consertar os carros que compra e Leandro sugere que ela seja na parte de trás da loja,

porém Carlos questiona essa idéia dizendo que é melhor que a loja e a oficina não sejam juntas para evitar que a clientela veja os carros sendo reformados e sugere que a oficina seja perto da loja, mas não na loja.

“Este é o próximo projeto?” (Carlos).

A questão ficou no ar, pois seria trabalhada na semana subsequente.

Leandro, ainda, ficou um bom tempo questionando o tipo de construção que eles utilizariam para a loja, tentando pensar suas dimensões e quantos carros caberiam dentro, ficando satisfeito com a idéia de um galpão, mas dizendo que deveriam calcular as dimensões deste galpão, tarefa que deveria ser feita por Élcio, pelo fato dele ser engenheiro, ficando difícil em sua ausência.

“Por que você mesmo não faz isso?” (Carlos).

“Será que eu consigo? Acho que eu não sei” (Leandro).

“Tenta que eu ajudo e, se não conseguirmos, semana que vem o Élcio ajuda.” (Carlos).

O movimento do grupo caminhava no sentido de resolver problemas, não de criar impossibilidades, como sugere o “momento ideológico” do processo grupal, sendo que Leandro foi chamado a fazer parte desse movimento, ou seja, não ficar trazendo problemas, mas sim experimentar possíveis soluções como todos diante das situações postas.

No caso acima descrito, a ausência de um engenheiro não era motivo para a paralisação do projeto, pois ele deveria ser realizado de acordo com as possibilidades e habilidades do grupo naquele momento, o que tornava claro o começo da realização de mais um objetivo do PROPEPSI: desenvolver estratégias identitárias de construção de projetos.

Ao final, os membros do grupo presentes calculam as dimensões do galpão da loja de carros e ficando satisfeitos com os resultados.

A idéia para esse encontro era de discussão acerca do projeto realizado, que se concretizou diante do questionamento de um orientando ausente (Leandro), promovendo um movimento de apresentação e explicação do projeto da loja de

carros para alguém que não o conhecia, transformando a tarefa em algo mais concreto e real.

- **A continuação da tentativa de aproximação com a realidade: o surgimento de novas ofertas de emprego**

Antes do seu término, o grupo relata as possibilidades profissionais que estavam surgindo e Leandro comenta que estava tentando abrir um negócio de incensos, mas que não deu certo, pois, apesar de achar a idéia muito boa, o incenso que tentaram lhe vender não era de boa qualidade e ele exigia um mínimo de qualidade no que vende.

Diz que pensou em vender incenso, pois teve uma passagem pelo movimento “*Hare Khrishna*” (ele esteve por 18 anos neste movimento), sendo uma época em que ele se sentia feliz. Achava que tinha experiência no assunto e mostrou todo seu conhecimento na área para o restante do grupo, se mostrando muito satisfeito em relatar estas experiências.

César aproveita e comenta sobre uma oferta de emprego que havia recebido, dizendo que tinha aceitado e que ele só estava aguardando o outro rapaz que ele iria substituir acabar o serviço que faltava para ele assumir.

Aparentava estar muito satisfeito, pois vinha tentando voltar a sua função de pintor de carros há oito anos e não conseguia. Tinha muito medo, pois tinha tido sua crise trabalhando numa montadora de automóveis, na qual havia quebrado vários carros com suas ferramentas.

“Acho que as pessoas não me arrumam emprego por causa disso, né?” (Carlos).

É bom lembrar que Carlos chegou ao PROPEPSI dizendo que não entendia porque não lhe empregavam:

“Sou pintor de carros e me sinto muito feliz com isso. Sempre trabalhei nisto desde muito pequeno, tenho muitos amigos na área, mas nenhum quer me empregar, não entendo muito bem porquê, acho meu serviço muito bom, quero entender

porque as pessoas não me querem e quem sabe se voltar a trabalhar, elas voltam a me querer, me sinto muito ocioso, pois faz muito tempo que estou parado.” (Carlos).

Mas naquele instante parecia que ele tinha tido um *insight* sobre a sua dúvida inicial ao apontar que não lhe contratavam por conta das recorrentes crises que teve no ambiente de trabalho.

Carlos também relata suas experiências como pintor de carros ressaltando o fato de que sempre tentou obter registro em carteira de trabalho para ter uma segurança se algo acontecesse, e que só conseguiu agora, pois estava na “caixa”.

Diz que nem todos os lugares que trabalhou lhe registraram e nesse período ele pagou como autônomo o INSS, tendo agora um salário para receber. Ele não estava aposentado por invalidez, mas poderia se aposentar por tempo de serviço, o que o faria ganhar bem mais do que ganhava na “caixa” ou na aposentadoria por invalidez.

O grupo tentou levantar as várias possibilidades de inserção no mundo do trabalho, seja pelo trabalho formal com registro em carteira, seja pelo trabalho autônomo, ou ainda através do trabalho informal, demonstrando uma preocupação com aspectos concretos da realidade do trabalho.

Carlos e Leandro travaram um diálogo muito produtivo sobre suas experiências com trabalho e sobre seus conhecimentos, apontando qualidades em si próprio e conquistas feitas ao longo da vida.

Toda experiência era elaborada ao ser relatada e podia ter um retorno no presente. Este momento de reflexão estava se mostrando muito produtivo e deveria tomar sempre parte neste tipo de trabalho, num ir e vir constante de ação e reflexão.

4.3.3.5. Grupo 1 - 10º encontro

Carlos ligou avisando que não viria mais ao grupo, pois estava trabalhando. Ficamos de entrar em contato com ele para garantir sua presença pelo menos em alguns grupos até o final do prazo combinado para que se configurasse um processo, que não terminaria com a concretização de um emprego, mas sim com o cumprimento dos objetivos do PROPEPSI.

Imediatamente após o recado de que Carlos não viria, pois tinha começado a trabalhar, Élcio e Leandro fazem comentários sobre as possibilidades de trabalho que estavam tendo. Élcio relata não havia aceitado a oferta de emprego que tinha recebido porque não lhe era favorável (assunto que retornaria mais adiante) e Leandro que não havia tentado mais vender incenso.

Perguntam, então, se não haveria mais projetos, pois estava sendo cada vez mais fácil fazê-los dentro do grupo.

Pode-se perceber duas reações diante da possibilidade concreta de regressar ao mundo do trabalho: a primeira apontando que eles não estariam em condições de tentar, apesar das ofertas estarem aparecendo; e a segunda que eles necessitavam fazer mais projetos dentro do grupo, o que poderia significar duas coisas:

- Não estar se sentindo preparados ainda e demonstrar a necessidade de experimentar mais no ambiente protegido do grupo;
- Não se julgar capazes de experimentar fora do grupo, como Carlos estava fazendo.

O grupo, então, faz uma pequena retrospectiva de sua vida profissional e pessoal, até que Élcio comenta:

“Não aceitei a oferta de emprego porque eu teria que assumir um compromisso, e como ficaria se a crise viesse? Não queria também perder minha aposentadoria.” (Élcio).

Como o grupo estava finalizando, é proposto que eles fizessem uma retomada de tudo que já haviam realizado e discutido para começar a pensar juntos as possibilidades de atuação diante das condições atuais deles.

4.3.4. PROPEPPSI - Fase 2 do grupo 2

Como forma de acrescentar elementos para a nossa análise, faremos uma pausa na análise do grupo 1 e iremos descrever o que ocorreu nos 7º, 8º e 9º encontros do grupo 2.

4.3.4.1. Grupo 2 - 7º encontro

Ao ingressar na fase 2 do PROPEPPSI, os orientandos do grupo 2 estavam num movimento de reapropriação gradativa da vida e, como forma de aproximação real com o que ocorria no mundo externo, o próprio grupo sugeriu que a próxima atividade fosse feita tendo como tema a Copa do Mundo, que era o assunto mais falado naquela época⁵⁰.

A sugestão dada pelo grupo é aproveitada e o coordenador-orientador pede à eles para imaginar que a Copa do Mundo seria no Brasil e elaborar o próximo projeto acontecendo nessa Copa.

O grupo fica em silêncio por algum tempo, mas começa a desenvolver a atividade e é redigida uma lista com tudo que poderia ser feito na Copa e os profissionais que trabalhariam nela, alguns oriundos do cotidiano (policiais de trânsito, faxineiros, camareiras, nutricionista) e outros oriundos de suas próprias experiências profissionais (jardineiro, camareira, segurança, ajudante de cozinha).

O grupo fica surpreso com a quantidade de pessoas que tinham que trabalhar numa Copa e percebem que poderiam trabalhar em algumas delas.

Após terem lido tudo que listaram, é pedido que pensem o que eles gostariam de fazer.

Cada um faz sua escolha e é dito ao grupo, então, que eles tinham acabado de se tornar sócios e que iriam ter que abrir um negócio, aproveitando o evento da Copa, afinal a fase 2 do PROPEPPSI propunha que o coordenador-orientador oferecesse alternativas de projetos e o grupo escolhesse coletivamente uma delas para executar. Discutem um pouco e decidem abrir um restaurante, já que comida é algo que todos necessitam sempre.

⁵⁰ Vale salientar que o grupo 2 foi realizado durante a Copa do Mundo de Futebol de 2002 e que a seleção brasileira estava muito exposta na mídia, sendo um modelo de vitória naquele momento.

“Eu já estou com fome, pois está na hora do almoço, não sei se conseguirei ficar até o fim, mesmo porque não sei ler nem escrever, não dá pra fazer nada.” (Samir).

Samir era um participante assíduo, mas pouco participativo, trazendo ao grupo o medo de não conseguir realizar os objetivos do programa ao dizer que não sabia ler nem escrever e por isso não podia ajudar em nada.

Depois desse comentário, o grupo fala para ele:

“Agüenta firme, que você consegue ir até o final.” (Julio César).

O grupo, por estar no “momento ideológico” do seu processo, se oferecia para sustentar qualquer um de seus membros a cada movimento de paralisia explicitado, o que fortalecia cada vez mais a coesão grupal e os sujeitos individualmente, cumprindo, dessa maneira, um dos objetivos centrais de um dispositivo grupal.

Começam, então, a listar o que cada um faria no restaurante, levando em conta suas preferências e experiências em restaurantes, mas repentinamente mudam de negócio e decidem abrir um ginásio de esportes para treinar a seleção brasileira, sugestão logo questionada pelo restante do grupo:

“O que vocês entendem de ginásio de esportes? Vamos fazer o restaurante, que muitos aqui já têm experiência e podem fazer dar certo.” (Laerte).

O grupo intercalava momentos de foco e momentos de dispersão para temas não tão pertinentes à atividade, mas sempre alguém o fazia retornar para a tarefa, apesar de que nesses deslizes alguém contava algo de sua vida, geralmente não contaminado pela doença, inclusive o coordenador-orientador do grupo continuava sendo chamado de “professor”, que se constituía em um agente social que não representava o fato deles estarem em uma instituição de saúde mental, permitindo,

talvez, que vissem esse grupo de uma forma diferente das demais atividades institucionais.

Como o tempo estava acabando, Junior fala que o expediente está encerrado, assumindo concretamente o controle sobre o *setting*, o que se constituía numa atitude ativa muito significativa e é dada a sugestão para que todos pesquisassem em casa e trouxessem todas as informações que conseguissem para ajudar neste projeto do restaurante através da observação de restaurantes no seu dia-a-dia.

O trabalho em grupo continuou e agora lhes foi pedido que experimentassem montar um negócio numa realidade atual (Copa do Mundo), para que pudessem enfrentar todas as dificuldades que o mundo lhes impunha, só que de uma forma diferente, pois essa tarefa eles poderiam realizar, apesar das dificuldades.

4.3.4.2. Grupo 2 - 8º encontro

Após esses relatos iniciais, é feita uma retomada do encontro anterior, na qual cada subgrupo recorda os problemas que haviam levantado para organizar um projeto durante a Copa do Mundo e novas idéias começam a surgir.

Alguns comentários sobre a Copa do Mundo, que estava realmente acontecendo, são feitos, mas, para não ocorrer uma dispersão, pois esse era um assunto que prendia a atenção de todos, é requisitado que apresentassem o que tinham pesquisado sobre a Copa.

Apenas dois orientandos, Alessandra e Arthur, que nunca tinham mostrado uma participação mais ativa durante os encontros anteriores, haviam realizado pesquisas, trazendo reportagens da Copa sem muita ligação com o que havia sido pedido, mas com entusiasmo por terem trazido.

O grupo estava provocando reações em todas as pessoas, seja de aproximação com o mundo do trabalho, seja de realização das tarefas requisitadas, ou ainda de não agüentar o PROPEPSI e pedir para sair.

O objetivo inicial do PROPEPSI (possibilitar o resgate da esperança) parecia estar sendo cumprido para aqueles que tinham condições de fazer essa aposta conjunta no momento, enquanto que os demais iam desistindo aos poucos ou não assumindo o compromisso com o grupo apesar de sua presença.

Alessandra e Arthur, então, apresentam o que tinham pesquisado e perguntam se seria guardado o material, pois queriam que isso acontecesse, provavelmente para

garantir que o seu trabalho não fosse embora, como as coisas que faziam na vida, onde nada parecia ficar.

Além das funções de continência, de alojamento do corpo e da subjetividade e de transicionalidade, um dispositivo grupal cumpre também um papel de depósito, mas também de cripta dos conteúdos de seus membros, que necessitam uma formação extratópica artificial para guardar esses conteúdos e produções que parecem não permanecer de forma durável em sua subjetividade, promovendo um esvaziamento constante, que impede qualquer tipo de memória e permanência, relegando a “pessoa psicótica” a uma dimensão espaço-temporal sem limites.

A pesquisa externa realizada por esse dois orientandos e o pedido de cuidado e de permanência das coisas pesquisadas (conteúdos) apontava para um início de confiança na proposta do PROPEPSI de duas pessoas que ainda estavam distanciadas das atividades.

Apesar das pesquisas não terem trazido elementos pertinentes ao projeto que se iniciava, o grupo acolhe esses dois membros, elogiando o fato deles terem pesquisado, cumprindo a função de continência que já vinha sendo realizada e promovendo a satisfação ao invés da frustração (momento ideológico do processo grupal).

“Vamos montar nosso restaurante, então?” (Laerte).

Diante do pedido expresso pelo próprio grupo, eles foram deixados mais soltos para desenvolver a tarefa e se mostraram mais comunicativos e mais objetivos em sua consecução. Dividiram tarefas, sendo que cada um ficou com uma dupla e fizeram o projeto de acordo com o que estava escrito nas indicações da revista, de um modo compenetrado e com muita seriedade, seguindo o modelo proposto pelo mundo externo.

Depois de passado o tempo estipulado para a atividade, o coordenador-orientador pergunta ao grupo se faltava algo, o qual responde que iriam fazer as duas tarefas que ainda restavam, ou seja, o cardápio e o material da divulgação, principalmente o que estaria escrito no panfleto que eles iriam distribuir para a população nas ruas.

O grupo inicia junto à atividade, mas depois decidem se dividir em dois subgrupos: um faria o panfleto (Laerte, Julio César e Alessandra) e o outro o cardápio (Júnior, Samir e Valdir).

O grupo do panfleto começa a ter idéias, além de procurar inspiração nos jornais sobre o que escrever e cada um fala uma frase, que foi anotada por Julio César. Percebem que era necessário colocar um endereço no panfleto, pois não havia um e Valdir, nesse momento, sugere que inventem um endereço, o que provoca a reação de Laerte:

“Se é para inventar, melhor não colocar, senão o trabalho fica uma brincadeira.” (Laerte).

Esse assinalamento apontava que eles já estavam saturados da ilusão, querendo, portanto, projetos mais concretos e reais e para isso pesquisaram nos jornais um terreno para o restaurante, próximo ao Estádio do Morumbi, onde seriam os principais jogos da Copa do Mundo de Futebol (pesquisa feita por Rosangela no encontro passado).

O grupo, então, aponta a importância de ter um telefone e, como o restaurante não tinha nenhum, Valdir oferece o de sua casa como telefone provisório de recados, assim como Samir e Júnior (necessidade de marcar presença na atividade).

Executaram esta atividade com clareza e rapidez, reforçado pelo maior senso de grupo. O grupo justificou seu bom desempenho pelo fato de que o restaurante era um empreendimento familiar, no qual muitos ali já haviam trabalhado ou tinham habilidades que facilitaram a elaboração do projeto.

Pareciam satisfeitos com seus resultados, pois, mais uma vez, conseguiram resgatar suas experiências de vida, tanto pessoais, como profissionais, percebendo quantas habilidades e conhecimentos eles tinham ou poderiam desenvolver, saindo do lugar anterior de que não podiam ou não sabiam fazer nada. Esse movimento foi representado por um comentário feito por Alessandra que nunca havia trabalhado:

“Nunca pensei que saber cozinhar podia servir para trabalhar.” (Alessandra).

Ao final do grupo, encerram a atividade e uma discussão sobre o projeto fica combinada para a semana seguinte.

4.3.4.3. Grupo 2 - 9º encontro

O grupo tem seu início com a retomada do encontro anterior e o coordenador-orientador inicia perguntando sobre o projeto do restaurante que, segundo o grupo, era uma tarefa já realizada e com sucesso.

Nesse momento, Julio César diz:

“Me lembro do meu emprego de ajudante de cozinha, que era muito bom, só que eu tive que largar por causa do meu problema.” (Julio César).

Para reafirmar a aposta conjunta que havia sido feita, o coordenador-orientador pergunta:

“É possível trabalhar mesmo com problemas?”
(Coordenador-orientador).

Alguns dizem que esperam que sim, outros permanecem em silêncio e o coordenador-orientador aponta que esse era o objetivo principal desse grupo e que todos estavam experimentando a sua maneira e no seu tempo.

Laerte, então, pergunta ao coordenador-orientador:

“Você é professor da USP?” (Laerte).

Ele complementa dizendo que já havia ido lá quando era office-boy e que não gostava de estudar, mas que, se fosse na USP, ele gostaria, demonstrando uma mistura de confirmação de autoridade e expressão de um desejo, que ainda necessitava do crivo de alguém que representasse o mundo externo.

“Estudar também pode fazer parte do projeto de vida profissional de vocês.” (Coordenador-orientador).

O grupo discute brevemente sobre essa idéia, que eles ainda não haviam parado para pensar, pois ficavam muito presos ao objetivo de arrumar um emprego de qualquer maneira e se esqueciam de que havia a necessidade de se preparar para isso e estudar era um dos caminhos possíveis.

Valdir pergunta ao coordenador-orientador se não seria possível que eles formassem um grupo e montassem um pequeno negócio para ganhar dinheiro, que a devolve para o grupo, o qual fica em silêncio e um pouco assustado.

Diante do silêncio, o coordenador-orientador comenta que um dos objetivos desse grupo era pensar formas e alternativas de elaborar projetos de trabalho, sendo uma delas montar uma “sociedade”, como estavam fazendo aqui no grupo, mas agora na realidade de forma concreta.

Os projetos no PROPEPSI tinham como objetivo a reapropriação gradativa sobre a história profissional, mas também gerar elementos para auxiliar na operacionalização de projetos de vida profissional, justamente o que estava ocorrendo nesse momento com a idéia da “sociedade” para montar um negócio.

Todos concordam, Valdir fica feliz com a idéia, mas alguns ficam assustados. Samir comenta novamente em tom de desânimo:

“Minha mentalidade é fraca, não consigo ler, nem escrever, não tenho nada para contribuir.” (Samir).

Valdir, então, lhe diz:

“Você pode fazer outras coisas que não necessite ler, o que não pode é ficar desanimado, você não ajuda nós aqui? Por que não pode ajudar lá fora também?” (Valdir).

Chama a atenção a mensagem do panfleto que eles iriam distribuir para fazer propaganda do restaurante a ser aberto pelo grupo, o qual refletia a necessidade do grupo em ser um espaço de satisfação naquele momento:

“Restaurante Morumbi: o melhor da capital. Restaurante Morumbi, se vir aqui vai se divertir.”

4.3.4.4. Uma pausa para reflexão

Fazendo um breve resumo do caminho já traçado, vemos que, num primeiro momento, cada um mostrou seus desejos com relação ao grupo, desejos que seguiam um caminho que pedia uma ação. Diante disto, as atividades foram sendo propostas:

- Na primeira fase, os coordenadores-orientadores apresentaram uma propaganda da venda de apartamentos retirada de um jornal (mundo externo) e pediram que o grupo propusesse algo melhor (o que resultou no loteamento de casas), sendo que a proposta foi feita pelos coordenadores-orientadores, mas foi rejeitada e transformada pelos orientandos;
- Na segunda fase, os coordenadores-orientadores sugeriram várias idéias de atividades para o grupo escolher uma e realizar o 2º projeto coletivamente (o que deu origem à loja de carros);
- Na terceira fase, que iria se iniciar, os coordenadores-orientadores trariam possibilidades de projetos para que cada um do grupo escolhesse uma, desenvolvesse seu projeto individualmente e, depois, unisse esse projeto com os dos outros membros, perfazendo um trabalho coletivo.

4.3.4.5. A proposta da fase 3 do PROPEPSI: a realização de um projeto de forma individual

A proposta da fase 3 pressupunha a realização de um projeto de forma individual e escolhida pelo próprio orientando, atividade que eles já estavam esperando há alguns encontros e verbalizavam através de perguntas e comentários que denotavam ansiedade e dificuldade diante dessa tarefa.

No grupo 1 Leandro tinha faltado alguns encontros seguidos, enquanto que Élcio dizia claramente que sua crise estaria chegando.

No grupo 2 Samir já havia apontado suas deficiências; Arthur e Alessandra estavam mais calados do que de costume; Junior, ao contrário, estava falando muito mais que o normal e, na maioria das vezes, assuntos desconexos e descontextualizados; Laerte se mostrava assustado, agressivo e parecia estar tendo

alucinações auditivas, pois estava muito disperso e algumas vezes falava sozinho durante o grupo.

Esse era o momento crucial do PROPEPSI, pois, pela primeira vez e, de forma concreta, eles teriam que realizar um projeto de forma individual, sem o auxílio do grupo, que até então estava sendo constante e fundamental.

A esperança se concentrava no fato de que o grupo já havia reforçado de maneira significativa a capacidade de cada um e agora seria o momento deles experimentarem estar um pouco mais sozinhos, ingressando no “momento figurativo transicional” do processo grupal que começaria a possibilitar que o grupo se tornasse um espaço de diferenciações e crescimento.

Cada orientando, individualmente, teria que passar de uma dependência total para uma parcial e, gradativamente, ir reassumindo suas habilidades, possibilidades, deficiências e impossibilidades, entrando num estado de dependência relativa, na qual a pessoa começaria a perceber que existiam outras pessoas no mundo e que havia possibilidade da experiência da perda do objeto sem cair em agonias impensáveis, sendo toleráveis às falhas de adaptação ao mundo, tornando o sujeito capaz de tirar proveito delas para se desenvolver.

Esse momento era crucial no sentido de se reapropriar de seu caminho e de si mesmo, o que poderia levar a duas situações:

- Uma situação de crescimento, de desenvolvimento e de maior autonomia e confiança com possibilidade de experimentação no mundo do trabalho (como Carlos já vinha realizando);
- Uma situação de regressão ao estado de dependência absoluta do “momento fantasmático” do processo grupal, o que impossibilitaria a experimentação no mundo do trabalho (como parecia ser o caso dos medos explicitados por Élcio e Leandro).

Retomemos a análise do grupo 1.

4.3.5. PROPEPSI - Fase 3 do grupo 1

4.3.5.1. Grupo 1 - 11º encontro

Inicia-se o grupo com Carlos contando um pouco sobre a experiência de voltar a trabalhar. Diz que, infelizmente, não deu certo, pois a oficina era muito pequena e ele teve que parar seu trabalho por falta de material, em função dos donos não terem dinheiro para comprá-lo. Apesar disso, relata que voltar a desempenhar seu ofício lhe trouxe uma energia muito grande e lhe reanimou demais, pois pode comprovar na prática que ainda sabe e pode exercer sua profissão.

Parecia muito feliz e confiante com a perspectiva de voltar a trabalhar, ainda mais agora que havia tido uma experiência positiva e concreta de que essa perspectiva não estava impossibilitada por sua “doença”.

O relato de Carlos causa um choque no restante do grupo, pois demonstrava de forma concreta que era possível experimentar no mundo do trabalho, não conseguir e ficar tranquilo, mesmo sem ter obtido êxito: a possibilidade de estabelecer uma relação permaneceria mesmo diante de uma experiência de frustração.

Esta experiência da frustração se mostrava como uma vicissitude da vida, não somente algo que era equacionado como aniquilamento, mas podendo também ser uma experiência que trazia aprendizado e confiança.

Essa era uma prova de que um projeto pode ou não dar certo e que não desencadearia necessariamente uma crise por conta disso, mas serviria para utilizar essa experiência como forma de agregar as outras já vivenciadas em sua vida, prosseguindo com uma história, a qual permite uma continuidade existencial que com a condição psicótica fora perdida.

Ninguém consegue comentar nada, pois ficam meio atônitos pela felicidade de Carlos diante do que, à primeira vista, seria um fracasso total.

Carlos continua falando, estava mais comunicativo do que o habitual (essa experiência no mundo do trabalho realmente fez Carlos dar um salto qualitativo em sua vida) e comenta que ser demitido foi o que atrapalhou sua vida e fez com que suas “crises” pudessem aparecer, perguntando, então, ao grupo se alguém já havia sido demitido, no que Élcio responde com muita naturalidade:

“E quem nunca foi demitido? Faz parte do trabalho; quem trabalha está sujeito a ser demitido, só quem nunca trabalhou, nunca foi ou será demitido.” (Élcio).

Carlos fica surpreso com a resposta de Élcio e esta parece lhe aliviar naquele momento. A idéia de que se achava o único a ser despedido, sendo a falta de capacidade o motivo, transparece, o que Élcio refuta totalmente ao dizer que:

“Às vezes, você é demitido por corte de pessoal, o que é muito comum em fábricas e não está relacionado com a sua capacidade, mas com contenção de despesas.” (Élcio).

Esse comentário de Élcio, associado à experiência vivida de resgate da confiança na sua capacidade de trabalhar (autoconfiança e confiança alheia daqueles que lhe ofereceram um trabalho), fizeram muito bem a Carlos, que parecia se sentir muito mais esperançoso e fortalecido a partir daquele momento, bem como serviram de exemplo para o próprio grupo que agora tinha uma experiência concreta sobre a qual refletir e se basear para tomar futuras decisões.

Em seguida, o coordenador-orientador apresenta a proposta para esse encontro pedindo ao grupo que pesquisasse, de forma individualizada, o material trazido pelos coordenadores-orientadores no qual se encontravam idéias de negócios que eles poderiam começar.

O grupo lê atentamente todo o material por uns 20 minutos. Carlos escolhe rápido, mas espera Élcio e Leandro escolherem para começar seu projeto. Ambos demoram um pouco, reclamam, mas, afinal, escolhem.

Nesse ínterim, Carlos conta que saíram no jornal duas propostas de emprego na sua área de pintura de carros as quais ele foi verificar, sendo que uma era na Lapa, mas ele achou longe demais, por isso julgou não ser vantajosa, e a outra era na Vila Guilherme, a qual ele ficou interessado, mas não chegou nem a preencher ficha, pois eles não queriam ninguém que estivesse na “caixa” (caso de Carlos).

Apesar dos insucessos seguidos, Carlos continuava feliz, pois o mercado de trabalho estava oferecendo vagas no seu ramo, o que não acontecia há muito tempo.

Enquanto isso, Élcio vivia o dilema de não voltar a trabalhar porque tinha medo de ter uma crise por estar trabalhando, sendo uma situação que ele não queria passar novamente.

Ele não queria arriscar, pois um risco implicava entrar em crise, o que ele dizia estar sentindo próximo, já que começava a ouvir as vozes lhe dizendo que ele tinha que pagar uma dívida, mas que não tinha como pagá-la.

Leandro, por sua vez, demonstrava seu medo diante da possibilidade de voltar a trabalhar faltando muito aos encontros.

Apesar desses medos, conseguem discutir essa questão da oferta de oportunidades no mercado de trabalho e o grupo se encerra com os coordenadores-orientadores comunicando que haveria um período de férias para que todos descansassem e pudessem pesquisar mais e refletir sobre seus projetos profissionais futuros, pois o PROPEPSI estava acabando (restando em torno de oito encontros ainda).

A possibilidade de ser oferecido ao grupo um período de férias era a vivência da ausência, que, possivelmente, com o desenvolvimento que eles já haviam alcançado durante o processo grupal, poderia não ser mais vivenciada como uma experiência engendradora de agonias impensáveis geradoras de cortes na continuidade existencial.

Fica combinado que a questão das férias seria discutida no próximo encontro e é pedido a todos que pesquisassem e trouxessem informações sobre os seus projetos individuais.

4.3.5.2. Grupo 1 - 12º encontro

O grupo começa com uma pequena discussão sobre o que havia acontecido no encontro anterior, na qual Leandro e Élcio verbalizam suas dificuldades de elaborar os seus projetos, mas decidem reorganizar o escritório de trabalho e continuar tentando fazer um esboço dos projetos individuais.

Cada um tinha uma forma de escolher, Carlos pesquisa muito, Élcio pesquisa menos e Leandro não consegue pesquisar nada. Contam brevemente sobre suas escolhas, na qual, basicamente, foram levadas em conta suas experiências anteriores, exceto no caso de Leandro que não escolhe nada.

Élcio escolheu uma loja de vassouras, que ampliou para rodos e espanadores para ganhar mais dinheiro, pois já havia trabalhado em mercadinho e conhecia um pouco do material para venda.

Carlos escolheu comércio de parafusos e arruelas, pois quando pintava carros sempre fazia compras de peças que estavam faltando, principalmente parafusos e arruelas, portanto conhecia bem o ramo.

Carlos iria trabalhar sozinho, como autônomo e vendendo de loja em loja pelas ruas, enquanto que Élcio iria abrir um pequeno escritório onde produziria e venderia seu produto para revendedores.

Antes de continuar a realização do 3º projeto, o coordenador-orientador retoma com o grupo a questão da realização de um período de férias e coloca a idéia em discussão.

- **A questão das férias**

A proposta das férias tinha o objetivo de oferecer uma pausa para a retomada do momento de cada um dentro do PROPEPSI e para que pudessem pesquisar elementos para o projeto individual, mas principalmente demonstrar que as relações, construções e conquistas não morrem, pelo contrário, podem sobreviver na ausência e se tornar parte constituinte da história de vida.

O período de férias requisitaria mais um passo em direção a autonomia, pois nesse intervalo de tempo estariam novamente sozinhos, embora com o grupo presente em sua memória para auxiliá-los quando necessário: era a possibilidade de desligar-se da situação de dependência e experimentar uma dependência relativa no mundo externo, o que já vinha ocorrendo com o terceiro projeto.

O grupo, nesse momento, teria que investir suas forças na tentativa de experimentar no mundo externo como vinham realizando no interior do grupo, caracterizando uma etapa a mais para desenvolver projetos.

O PROPEPSI oferecia cada vez mais intensamente a oportunidade do teste de realidade dos projetos desenvolvidos no grupo, que eram projetos de transição, aqui nomeados de projetos ocupacionais por terem a característica de serem transitórios e se constituírem em um laboratório de experiências que resgataria a história de vida de cada um e proporcionaria o desenvolvimento gradativo de

estratégias identitárias de construção de projetos: capacidade básica para habitar em um mundo do trabalho em transição, que demanda constantes mudanças e recriações.

Fica combinado que a duração das férias seria de 15 dias e começariam após o término do terceiro projeto. O grupo acaba com o comunicado de que na semana seguinte seriam finalizados os projetos e seria realizada uma nova atividade, não sendo especificado ao grupo o que seria.

4.3.5.3. Grupo 1 - 13º encontro

O grupo foi informado que Leandro entrou em contato com a co-coordenadora-orientadora durante a semana dizendo que estava com dificuldades de frequentar o grupo, não especificando quais eram estas dificuldades. Leandro foi avisado das férias do grupo e de que poderia voltar quando quisesse, que ele ainda fazia parte deste.

Leandro já apresentava dificuldades de compromisso com o grupo desde o seu início, quando apontou que:

“... meu nome nunca pode constar na lista de funcionários deste teatro e eu sempre recebia pouco pelos trabalhos.”
(Leandro).

“... minha principal preocupação agora é que em qualquer lugar que eu trabalhar meu nome não pode aparecer e eu vou sair perdendo, alguém vai ficar com uma parte do que eu ganhar (...) acho que eu não quero um novo emprego e sim uma atividade, para não ficar sem fazer nada.” (Leandro).

Trabalhar era algo “proibido” para si, pois estava aposentado por invalidez e seu nome não podia mais aparecer, ficando em destaque a sua condição de “louco”, não reconhecido e com receio das autoridades.

Sair dessa condição parecia ser uma transgressão, assim assumia esse lugar social que lhe era designado ao dizer que não queria um emprego. Almejava uma atividade para não ficar sem fazer nada, algo não oficial socialmente, através da qual

assumia que a sociedade o colocava como “incapacitado” para o trabalho, o que gerava uma condição de descompromisso social.

Suas constantes ausências, suas dificuldades de realizar pesquisas externas e sua necessidade de reafirmar seu lugar no grupo o tempo todo, demonstravam sua sensação de não poder frequentar esse grupo, por não ser digno.

Nesse sentido, sua condição só lhe permitia experienciar situações de trabalho que confirmassem a sua loucura, tendo como finalidade apenas mostrar o que o mundo dizia que ele era, ou seja, “louco” (trabalho como alienação do tipo expressivo, segundo a classificação apresentada no item 2.5.2.1.1.).

Havia possibilidades para Leandro, entretanto ele não estava autorizado nem formalmente (sociedade dizia que ele era “louco” e não podia trabalhar), nem internamente (“... *acho que eu não quero um novo emprego e sim uma atividade, para não ficar sem fazer nada*”), pois havia um padrão de relação dialética sujeito/mundo rompido que permitia apenas que ele fosse “louco”.

O grupo após uma breve discussão sobre a saída de Leandro, pede uma mesa para colocar no centro da sala para começar as atividades, dramatizando essa atividade ao dizer que estavam em seu escritório de trabalho.

Élcio diz que não estava bem, andava muito esquecido e distraído, provavelmente em função do momento do PROPEPSI que exigia uma autonomia e um envolvimento individual mais profundo, o que não tinha sido exigido até então, pois as atividades estavam sendo realizadas de forma grupal.

Ressalta a impossibilidade de constituir memória (andava muito esquecido) e de explicitar um compromisso de maior autonomia e de aposta que estava acima do que ele poderia e estava acostumado (andava muito distraído).

Diante disso, é solicitado ao grupo que retomasse o que já havia sido realizado do projeto individual para, depois, sugerir que eles formassem uma “sociedade” em que fossem inclusos todos os projetos individuais, de modo a propor uma continência maior nesse momento mais delicado do processo.

Ficam um pouco irrequietos, mas conseguem contar o que havia sido realizado no encontro anterior, dizendo que começaram um projeto novo de forma individualizada e que estava muito difícil fazê-lo sem a ajuda do grupo, apesar de que haviam feito pesquisas em casa e trazido informações para complementar os seus projetos.

O coordenador-orientador aponta para o grupo que a lembrança estava presente e o envolvimento existia, pois eles haviam trazido as informações para o seu projeto ser terminado, portanto não estando tão esquecidos e distraídos assim.

O grupo sorri, se anima um pouco e tenta começar a atividade.

Élcio comenta que naquela semana tinha sido a comemoração do dia da revolução constitucionalista de 32, dizendo que havia visto na TV um desfile que lhe chamou a atenção e chamou a atenção dos coordenadores-orientadores sobre o fato de que ele estava ligado no que acontecia no mundo externo, não se mostrando alienado.

Élcio inicia sua atividade muito compenetrado, enquanto Carlos se mostra relutante em começar, até que pede ajuda ao coordenador-orientador:

“Não consigo começar, me ajuda?” (Carlos).

Este pedido parecia ser mais amplo do que a simples ajuda para iniciar este projeto específico, era um pedido de ajuda para o seu projeto de vida *“Como começar?”*, que foi o pedido feito no primeiro dia do grupo.

O co-coordenador-orientador se oferece para ajudá-lo, sugerindo que ele comesse com a listagem de coisas que necessitaria em seu projeto (o que ele já havia feito no encontro anterior). Carlos concorda e diz:

“É verdade, agora já posso começar.” (Carlos).

Reinicia seu projeto com bastante lentidão e dificuldade, mas amparado na ajuda do grupo e dos coordenadores-orientadores, o que lhe dá segurança que parecia ter sido perdida em função da consecução de uma atividade individual.

“Então meu negócio vai se chamar Brasil Parafusos, afinal essa semana é da revolução.” (Carlos).

Permaneceram por um período de tempo finalizando seus projetos, que foram apresentados com alguma hesitação, mas um tentava dar algum tipo de sugestão para

o colega de grupo, numa forma explícita de demonstração de auxílio e suporte nesse momento que estava sendo vivenciado com extrema dificuldade.

Élcio apresenta sua loja de vassouras que seria num galpão enorme, fazendo questão de salientar essa informação. A loja se localizaria em Guarulhos (perto de sua casa), contaria com vários funcionários e seria um negócio de porte médio, tendendo a crescer.

Carlos planeja um negócio modesto, oferecendo de loja em loja o seu produto, mas que teria um pequeno escritório no Brás e um ajudante. Iria vender parafusos, arruelas e porcas de todos os tipos e tamanhos, mas basicamente aquelas usadas em automóveis.

É importante marcar que todos esses projetos incluíam os desejos e vontades de cada um, mas apontavam também para um resgate de sua história de vida, pois os projetos tinham relação com suas experiências profissionais anteriores.

O coordenador-orientador pontua ao grupo que, mesmo trabalhando em projetos individuais, eles demonstravam vontade de auxiliar o colega, pois sabiam da dificuldade em realizar projetos na vida.

Diante disso, para reforçar o suporte grupal e introduzir a dimensão do imprevisto no grupo (modo de funcionamento do mundo atual, que está imerso na mudança constante e repentina), lhes é apontada a vontade demonstrada em retomar a “sociedade” que tinham e que deveriam unir seus dois negócios em um só para ficarem juntos novamente.

Olham-se por alguns instantes, sorriem, mas começam a nova atividade.

Élcio propõe que Carlos monte uma pequena produção de parafusos no seu galpão, pois lá tinha muito espaço, inclusive ele poderia contratar um torneiro mecânico para fazer o material, que ensinaria o ofício a alguns ajudantes da sua fábrica. Conversam sobre o que seria necessário para tal (um torneiro, um torno, ferro tratado e embalagens para o material pronto) e selam um acordo.

Na “sociedade” ambos continuariam seus projetos individuais, mas com o dinheiro do loteamento das casas, investiriam na produção de parafusos, para terem mais lucros. O grupo se mostra mais seguro nesse momento dizendo que agora continuariam seus projetos individuais com mais confiança.

É realizada uma breve reflexão sobre os projetos, principalmente pensando a idéia do individual e do coletivo. Élcio diz se sentir mais à vontade no individual,

pois conseguia resolver os problemas com rapidez; Carlos, pelo contrário, sentia mais dificuldades no trabalho solitário, agindo melhor com o auxílio de alguém.

Élcio diz que jamais trabalharia com vassouras, ao contrário de Carlos, que achava a idéia do comércio de vassouras atraente e factível, e comenta:

“Tivemos que improvisar, né? A vida é assim.” (Élcio).

Carlos comenta que era isso que o assustava, pois nunca tinha garantia de nada. O coordenador-orientador pergunta o que seria necessário para ter alguma garantia e eles respondem que tendo o apoio dos amigos, da família e da instituição de saúde mental, as pessoas dando uma chance de trabalho para eles e tendo paciência, seria possível arrumar um emprego.

O pedido verbalizado pelo grupo era de que a sociedade (família, amigos e mundo do trabalho) tivesse uma maior tolerância com eles e o trabalho fosse um espaço de continência, não gerador de crises.

A garantia viria não só da tolerância externa, mas também de um esforço pessoal de cada um em tentar trabalhar.

O grupo, então, pergunta das férias e lhes é comunicado que teriam 15 dias de férias, mas que, durante esse período, eles não ficassem parados, devendo já ir pensando no seu projeto de vida, última atividade que iria ser desenvolvida neste grupo, sendo esta sua finalidade maior.

Antes de encerrar, o coordenador-orientador faz a proposta, que já havia sido apresentada ao grupo no início do trabalho, de que o PROPEPSI tinha como uma de suas atividades a pesquisa externa, realizada pelo próprio grupo, de locais na comunidade em que eles poderiam fazer o encerramento do grupo, sendo que os quatro últimos encontros seriam realizados nesse espaço extra-institucional.

Como tarefa adicional, caberia a eles pesquisar locais em que o grupo pudesse realizar o seu encerramento, que tinha como objetivos gerar o contato e a negociação direta da possibilidade do grupo ser aceito em um espaço não dedicado à saúde mental, bem como a concretização da troca de um espaço dedicado à saúde para um outro espaço social qualquer onde não existisse a associação direta com a saúde mental.

Essa mudança promoveria concretamente a desvinculação da referência da “doença” e a passagem para o investimento diretamente relacionado ao desenvolvimento de projetos profissionais.

4.3.6. PROPEPSI - Fase 3 do grupo 2

No grupo 2 a exigência de uma maior autonomia individual e de uma desintensificação da continência grupal trouxe um efeito de regressão, ao invés de desenvolvimento e um orientando entra em crise.

Vejamos como isso ocorreu durante o 11º encontro.

4.3.6.1. Grupo 2 - 11º encontro

Diante da proposta de atividade feita pelos coordenadores-orientadores na qual cada um deveria pesquisar possibilidades de projetos de trabalho para si, o grupo fica em silêncio, pesquisando o material e alguns começaram a escrever, enquanto o coordenador-orientador e os co-coordenadores-orientadores passavam de pessoa em pessoa para ver o que estavam fazendo e se existia alguma dúvida.

Laerte comenta de uma forma agressiva:

“Isto aqui está maçante.” (Laerte).

Todos olham para ele, mas não comentam nada, quando um dos co-coordenadores-orientadores (o técnico que trabalhava na instituição de saúde mental) pergunta a Laerte se não queria fazer a atividade, ele responde que não, o co-coordenador-orientador insiste e ele reage de forma violenta e em pé aos berros diz:

“Você está tentando tirar minha liberdade, você está tentando tirar minha individualidade, eu gosto de tudo, da amplidão do mundo, minha vocação é essa e você quer tirar. Você é uma v..., uma f..., você tem medo de ser incompetente? Eu te conheço viu.” (Laerte).

Logo em seguida, sai da sala batendo a porta.

Diante dessa cena, o coordenador-orientador pede a todos para continuar fazendo suas atividades que ele iria conversar com Laerte para ver o que tinha acontecido.

O coordenador-orientador, por ser uma pessoa de fora da instituição, aponta que seria melhor que ele tentasse dialogar com Laerte, que havia atacado o coordenador-orientador dizendo que ele o conhecia, o que provavelmente significaria um ataque à instituição de saúde mental por não conseguir fazê-lo melhorar.

Encontra Laerte parado do lado de fora da porta da sala na qual o grupo acontecia e tenta se aproximar dele, mas ele estava muito arisco, não queria conversar, quando repentinamente desaba a chorar e diz que não era justa a perseguição que estavam fazendo com ele e que ninguém o ajudava.

O coordenador-orientador tenta argumentar que o grupo estava do lado dele, que se ele não conseguia fazer a atividade determinada não haveria problema, mas que seria importante ele retornar ao grupo para, então, tentar ajudar os seus colegas.

Ele reluta, mas acabou voltando, pedindo desculpas ao grupo e perguntando se poderia ficar no grupo mesmo sem fazer nada, no que o grupo concorda e o acolhe se oferecendo para ajudá-lo quando necessitasse.

Laerte nesse momento diz:

“Não gostaria de falar nada.” (Laerte).

Esse foi o comentário que Laerte fez até o final dos encontros, ficando calado durante todo o tempo, mas sem faltar nenhuma vez, só comentando algo em outros encontros. Ele precisava do grupo, mas sentia que não estava preparado para cumprir todos os objetivos estabelecidos pelo PROPEPSI. Em contrapartida, o grupo o

acolheu de forma significativa, pois também necessitava que ele agüentasse firme para manter a segurança grupal.

Valdir comentou:

“Esse grupo é que nem jogo de futebol, pois você pode ganhar, mas também pode se machucar feio, e até empate tem.” (Valdir).

Valdir fez um bom resumo do momento do grupo fazendo uma analogia com uma partida de futebol, que você joga e está sujeito a tudo, inclusive se machucar, numa alusão ao Laerte que nada comentou, ou então estar em campo, mas sem uma participação ativa.

Após esse acontecimento, o restante do grupo trabalha mais um pouco e cada um faz uma proposta individual de projeto.

Júnior iria abrir uma escolinha de futebol e disse que Arthur seria seu sócio, numa tentativa de incluir o colega que havia faltado e não ter que realizar sozinho o projeto.

Rosangela queria ter uma vendinha pequena, pois entendia de comida, já que era ela que fazia as compras de alimentos e preparava as refeições em sua casa.

Julio César queria um barzinho para trabalhar na cozinha, em função de já ter sido ajudante de cozinha.

Alessandra iria abrir uma escola de inglês.

Samir disse que iria ajudar no projeto do Júnior, pois já havia sido gandula em uma escolinha de futebol.

Valdir, Rosangela e Júnior seriam empreendedores; enquanto que Samir, Julio César e Alessandra seriam funcionários nos seus projetos.

Esse era o momento crucial no grupo, sendo que Valdir, Julio César e Rosangela pareciam estar conseguindo realizar o 3º projeto de uma forma mais segura e confiante, inclusive dando sustentação e continência aos demais, que, ou estavam paralisados e não conseguiam fazer (Alessandra, Samir, Arthur e Rodnei, este último se mostrando estagnado desde o começo do grupo), ou então se mostravam agitados e desestruturados, caso de Laerte (em crise), e Júnior, que estava acelerado e desconexo.

Julio César era assíduo, enquanto que Valdir e Rosangela nem tanto, mas todos estavam conseguindo elaborar projetos individuais para si, que envolviam suas possibilidades e chances naquele momento.

Retornemos à dinâmica do grupo 1.

4.3.7. PROPEPSI – fase 4 do grupo 1

4.3.7.1. Grupo 1 - 14º encontro

Se, por um lado, os que não estavam conseguindo assumir o grupo e faltavam muito se amedrontaram com a possibilidade do seu término, por outro lado, os assíduos, que da sua maneira estavam assumindo o compromisso com os objetivos do PROPEPSI, cada vez mais sentiam a possibilidade de vida em sua ausência e o período de férias se constituiu numa estratégia de vivência dessa experiência.

Com relação às férias alguns comentários são feitos apontando as principais sensações que ficaram nesse período:

“É bom estar afastado do Ambulatório porque você sente que está melhor, até minha esposa comentou isso.” (Carlos).

Carlos mostrou alegria e satisfação por ter conseguido passar bem esse período, inclusive tendo o apoio familiar que era constante em sua vida. Isso pareceu indicar que havia possibilidade de vida sem a frequência periódica a uma instituição de saúde mental.

“Continuei vindo aos outros grupos, mas pensei muito sobre o grupo de trabalho durante estas férias.” (Élcio).

Por outro lado, Élcio continuou freqüentando outros grupos institucionais, mas não perdeu de foco o grupo de orientação profissional, que ele nomeou de “grupo de trabalho”, pois considerava diferente dos outros grupos da instituição que

dizia “*tratar da cabeça dele*”, enquanto que o PROPEPSI trataria do seu futuro profissional, mas ele dizia precisar dos dois.

Todos, de alguma maneira, ficaram ligados ao PROPEPSI durante o período de férias, o que se constituiu numa experiência concreta de permanência de objeto, que indicava haver a possibilidade de vida na ausência e a contenção da angústia diante da falta e representava um desenvolvimento de algumas pessoas do grupo que já conseguiam viver sem a dependência deste, tentando construir projetos no mundo externo, que era o objetivo do “momento mitopoético” do processo grupal.

- **A retomada do processo: o pedido de reflexão sobre o futuro**

Após uma breve discussão sobre o relato das experiências vividas durante o período de férias, Élcio pergunta:

“Nós continuaremos a fazer projetos ou será só bate-papo?”
(Élcio).

O coordenador-orientador pergunta o que o grupo preferia e ele próprio diz:

“Acho que agora será mais um bate-papo.” (Élcio).

O grupo dizia que era o momento de falar de si e de suas experiências, pois já se sentiam mais fortalecidos e dispostos para tal, sendo feita, então, a sugestão de retomar o que já havia sido realizado até aquele momento.

Começam numerando os projetos já realizados e dizendo que acharam muito boa a realização dos mesmos, pois os ajudaram a obter mais confiança, mas que ainda tinham muito medo de encarar um novo trabalho, não conseguindo especificar o que lhes afligia.

Tem início, então, um bate-papo (como eles mesmos intitularam a discussão que se seguiu) no qual são colocadas as dificuldades que eles já enfrentaram durante suas vidas no trabalho:

“Os lugares que trabalhei eram sempre sujos, as coisas nunca estavam em ordem, eu recebia muitos chapéus do

patrão, além deles reclamarem que meu serviço era muito demorado, eu tinha fama de embrulhão, mas é que sou perfeccionista demais.” (Carlos).

“O ambiente da fábrica onde trabalhava era muito sujo também com muita fumaça e cheiro forte, mas vivo sonhando com estes tempos que não voltam mais por várias vezes ao dormir, meu sonho é voltar a trabalhar em uma fábrica.” (Élcio).

Começam a falar das dificuldades externas que enfrentaram durante suas vidas no trabalho, reclamando do mercado de trabalho, dos baixos salários e das suas idades neste momento (ambos estavam na faixa etária dos 40 anos), o que dificultava arrumar um outro emprego em fábricas.

A história de vida profissional e as dificuldades que o mundo apresentava pareciam ser, naquele momento, mais facilmente discutidas do que no início do grupo, onde tudo se mostrava mais difícil e sem possibilidades para eles.

Élcio pela primeira vez no grupo expressa o seu desejo, que era voltar a uma fábrica, mas que não conseguia ainda, pois havia recebido uma oferta de trabalho em uma e tinha rejeitado.

Carlos consegue falar mal do seu ambiente de trabalho, que era algo que, até então, aparecia como perfeito em seu discurso e diz que achava o ambiente de seu antigo trabalho muito ruim, pois relata ter “*engolido muito sapo*” para manter seu emprego e que era muito bonzinho, por isso os patrões abusavam dele, mas nunca reclamava, mesmo quando não concordava.

Relata que o dia que reagiu foi desastroso, pois quebrou um carro da oficina, fato que aconteceu algumas vezes, sendo este o motivo para que seus antigos amigos não lhe arrumassem um novo emprego, pois eles tinham medo de que isto acontecesse de novo.

Completa dizendo que estava muito calmo e que a possibilidade disto acontecer era muito pequena, mas que também era muito difícil provar isto para os outros, pois ele próprio tinha muito medo de tentar de novo, faltando coragem de sair de casa e enfrentar o mundo.

Élcio diz que sua família também tinha medo que ele entrasse em crise novamente caso voltasse a trabalhar e que ele próprio tinha medo de tentar de novo, não pela crise, que acontecia independente de estar trabalhando ou não, mas pelo comodismo em que ele se encontrava hoje e pelo receio de ter que enfrentar a família que não queria que ele voltasse a trabalhar.

Carlos complementa dizendo que não agüentava quando sofria uma injustiça ou crítica sem motivo em seu trabalho, pois necessitava muito de um reconhecimento, que parecia estar na base dos seus problemas.

Sentia este reconhecimento por parte de sua família nuclear, mas achava que não havia conseguido conquistar nada nos seus 20 anos de trabalho, pois não teve nenhuma melhora de vida em comparação aos seus irmãos e primos.

Surge, nesse sentido, em seu discurso a consciência da perda de muitas coisas em sua vida em função da “doença”, que estava apagada por um pensamento inicial de que nada havia se modificado com a “doença”: o pensamento mágico de que ele não tinha relação nenhuma com sua “doença” e que nada tinha sido perdido no intervalo da vida em que esteve submetido a constantes crises psicóticas é substituído por um pensamento objetivado de que a vida mudou com a “doença” e perdas haviam acontecido.

Ambos estavam tendo uma visão mais total de suas experiências e não de forma fragmentada como no começo do grupo, quando, por exemplo, Carlos dizia que não sabia porque não arrumavam um emprego para ele numa montadora de automóveis, afinal ele tinha competência para tal.

Ele já falava de sua crise no ambiente de trabalho e do medo que ele e seus antigos colegas tinham de que isso acontecesse novamente caso voltasse a trabalhar.

Élcio falava do comodismo em que vivia, apesar do seu desejo de voltar a trabalhar, e do medo de enfrentar a família que, ao contrário de Carlos que a tinha como um suporte fundamental, era o maior obstáculo à vida de Élcio.

Carlos estava animado e confiante, enquanto que Élcio parecia estar mais descrente.

Diante disto tudo, a proposta era que eles separassem as coisas em três níveis: o que eles queriam, o que eles podiam e o que existia concretamente para eles no mundo do trabalho, para depois considerarem suas possibilidades de sucesso, que

advinha do cruzamento destes três fatores. Feito este trabalho, restaria decidir qual seria a escolha de cada um: enfrentar a situação ou ficar parado.

A questão inicial do grupo sobre as atividades que seriam desenvolvidas dali para frente foi respondida por eles mesmos, que deram a idéia de como prosseguir, pois agora não estariam mais falando de projetos fictícios, mas sim de suas vidas e projetos.

É interessante notar como os projetos iniciais cumpriram bem o duplo papel de aquecer o grupo para falar de si e trazer idéias de operacionalização e organização do projeto de vida de cada um, tornando a parte mais difícil, que é o falar de si, num momento de mais confiança e ação, um dos objetivos do PROPEPPSI.

Resumindo: o grupo começou perguntando sobre a seqüência do próprio grupo, conseguiu falar de si através de um resgate de suas vidas e da história grupal, primeiramente falando das dificuldades externas, depois chegando em suas angústias internas, para, no final conseguir sozinho traçar um plano de ação para conclusão do grupo.

Antes de encerrar, o coordenador-orientador pergunta se eles haviam procurado locais na comunidade para a finalização do grupo, que entra num grande silêncio, mas consegue dizer que não havia feito isso.

É refeita a proposta da pesquisa externa de locais na comunidade em que eles pudessem fazer o encerramento do grupo, sendo que as possibilidades deveriam ser apresentadas no próximo encontro.

4.3.7.2. Grupo 1 – 15º encontro

Élcio chega dizendo que sua semana não havia sido boa, pois seu pai tinha sido internado, mas que agora já estava em casa e passava bem, só que o problema era que ele precisava arrumar um ânimo extra para procurar um emprego, assim como Carlos tem feito.

Carlos, pelo contrário, diz que estava tudo bem e que apareceram novas ofertas de emprego em sua área no jornal, e isso o deixou feliz, indicando a Élcio que as oportunidades iriam aparecer.

Carlos, então, diz a ele que não precisava cobrar tanto de si, pois cada um estava fazendo o que era possível e que ele deveria aproveitar o restante do processo sem ficar repetindo que necessitava tanto de um emprego.

O emprego se constituiu na meta central para todos no início do grupo, mas, com o decorrer do processo, foi possível perceber a proposta do PROPEPSI de que o desenvolvimento de estratégias identitárias de construção de projetos seria mais importante do que arrumar “simplesmente” um emprego, o que não garantiria nada para o futuro deles.

Embora isso tenha acontecido com Carlos, ele também necessitava de um retorno concreto imediato para se sentir melhor e para dar uma satisfação ao seu círculo social, que incluía, principalmente, o núcleo familiar.

Élcio, então, prontamente lembra que o grupo havia ficado de pensar os “prós” e os “contras” que tinham para trabalhar, refletindo sobre o que lhes motivava a trabalhar e o que lhes impedia de tomar tal atitude.

Lembram também que o grupo tinha se comprometido a discutir como seria um emprego ideal, que era bem diferente do que existia, além de pensar as limitações de cada um.

A idéia era tentar mostrar o que eles podiam concretizar no momento ou quais metas traçar para o futuro, o que surgiria do entrecruzamento do gostar, das possibilidades e do que concretamente existia.

O grupo pede, então, uma folha de papel e começam, individualmente, a colocar os motivos que os levavam ou não a trabalhar.

Levam uns 15 minutos para fazer as listas, dizendo que era fácil pensar nas dificuldades e que sempre faziam isso, mas que agora conseguiam pensar em alguns facilitadores para voltar a trabalhar, que antes pareciam não existir para eles.

Eles já estavam em processo de resgatar a vida não somente pela “doença”, mas também pelas características positivas que eles tinham e que poderiam ajudá-los no mundo do trabalho.

Alguns itens das listas, que apontavam os motivos para trabalhar, eram muito parecidos como: salário, confiança em si próprio, maior círculo social de relações e, principalmente, satisfação pessoal e reconhecimento social, pois apareceu nas duas listas, afinal “*quem trabalha todo mundo respeita.*” (Élcio).

A busca do reconhecimento pelo trabalho era uma meta clara para todos, como, por exemplo, no caso de Carlos, cujo principal objetivo parecia ser, desde o começo, recuperar o valor que tinha de si próprio e ser reconhecido por este valor, o que viria com um trabalho, mostrando que ele poderia desenvolver bem suas

atividades, ajudar sua família e, também, adquirir mais bens, que ele achava que faltava em sua vida:

“A minha família eu consegui formar, falta agora ter alguns bens, como casa, carro, telefone, outra televisão, para ser reconhecido e sentir meu dever cumprido.” (Carlos).

No caso das dificuldades para trabalhar, dizem que a falta de empregos e a “doença” eram as maiores dificuldades e Élcio complementa com a falta de apoio da família, pois sua família era o principal empecilho para que pudesse conseguir algum trabalho. No caso de Élcio, ficava nítida a dependência que ele tinha dos pais, o que estava explícito em seu próprio discurso:

“Meus projetos são somente para o futuro, depois da morte dos meus pais, antes disso não dá.” (Élcio).

Élcio teria muita dificuldade de conseguir autonomia suficiente para tentar algo na vida sem o controle da família.

Nesse sentido, reforçava a hipótese de que, sem o suporte da sociedade e da família, as possibilidades da “pessoas psicótica” conseguir desenvolver estratégias para criar lugares diferenciados para si no mundo seriam quase nulas, no nosso caso representado por Élcio.

Dessa maneira, Élcio era o representante da doença familiar, diferentemente de Carlos, que vivia um drama particular, mas com muito apoio da família, o que tornava a conquista de uma possível autonomia mais factível.

Debatem um pouco sobre a lista feita e percebem os aspectos em comum e os díspares.

Em dado momento, Carlos pergunta o que ele precisava para deixar de viver numa eterna indecisão, pois não conseguia dar o primeiro passo para tomar as atitudes que desejava, sentia que isso era da “doença”.

Élcio diz novamente que não voltaria a trabalhar porque tinha medo de ter uma crise e que não desejava passar por esta situação, por isso não poderia arriscar, pois suas tentativas implicariam toda sua família e eles não queriam ter problemas a

esta altura de suas vidas, por conta disto ele não arriscava um centímetro em sua vida.

O grupo, então, coloca que a “doença” existia, mas que eles tinham que conseguir coisas na vida apesar dela, que era a proposta inicial que lhes foi feita.

Carlos diz que achava que era possível e se sentia bem melhor e mais confiante em poder conseguir, mas que ainda carregava o estigma de “nervoso” entre os amigos, que podiam lhe oferecer uma nova chance, mas ficavam com medo que ele quebrasse tudo de novo, como já fez quando entrou em crise.

Relata que teria que provar ao mundo inteiro que ainda era capaz, mas que, como foi dito no começo do grupo, a sociedade também teria que lhe dar uma chance.

Ao final do encontro, perguntam sobre o fim do grupo, e o coordenador-orientador faz uma questão:

“Vocês não estão se esquecendo de nada?” (Coordenador-orientador).

Um grande silêncio se faz no grupo, todos ficam cabisbaixos, até que Élcio lembra:

“Era para achar outro lugar para o grupo, mas eu não entendi direito, não pode mais ser aqui?” (Élcio).

O coordenador-orientador pergunta ao grupo se haviam procurado e todos ficam calados novamente, mas Carlos responde:

“Pode ser na igreja perto de casa?” (Carlos).

Diante da resposta afirmativa do coordenador-orientador, o grupo começa a dar sugestões que envolviam igrejas, escolas, salões e centros culturais e se dispõe a ir aos lugares que escolhessem e perguntar se poderiam fazer uma atividade lá.

Fica combinado que no próximo encontro seria realizada a mudança. Essa tarefa implicava pesquisar no mundo externo e negociar espaços para a continuação dos encontros, o que, provavelmente tenha causado dificuldades.

É importante salientar que esse encontro marca uma divisão nas possibilidades dos projetos de vida dos orientandos entre um estado em que os sujeitos estavam totalmente sobredeterminados pela “doença” e suas impossibilidades e um estado em que há uma consciência da “doença”, que não torna a vida restrita a ela, havendo a abertura para novas possibilidades existenciais.

Os sujeitos deixam de ter uma visão fragmentada da vida, na qual operava exclusivamente o estado dominado pela “doença” e passam a perceber as conseqüências que a “doença” ocasionou, mas também entram em contato com aspectos positivos e possibilidades de desenvolvimento de suas vidas, gerando uma integração de seu *self* e iniciando uma desconstrução da concepção de “louco” que tinham de si próprios.

4.3.7.3. Grupo 1 – 16º encontro

O grupo inicia falando da dificuldade de entender o porquê eles teriam que sair da instituição de saúde mental e de que não tinham conseguido pesquisar.

O coordenador-orientador explica que uma das etapas do PROPEPSI era negociar espaços sociais que eles pudessem freqüentar e realizar esse programa, para desvinculá-lo da instituição de saúde mental e promover uma inserção em um espaço social que não estivesse estigmatizado como sendo um lugar para “loucos”.

Gostam da idéia, ao mesmo tempo em que ficam amedrontados com a possibilidade da autonomia, o que aponta que a fantasia de exclusão continua.

“Eu não vou mais poder vir aqui no Ambulatório?” (Élcio).

O medo era de exclusão total, o que assustava e fazia emergir fantasias de ficar sem espaço, ou seja, de perder tudo que tinham naquele momento, não conseguindo representar uma proposta de mudança gradativa.

O coordenador-orientador explica que essa era uma tarefa do PROPEPSI e que as outras atividades que eles tinham na instituição de saúde mental continuariam normalmente.

“É verdade, você (se referindo a Élcio) veio aqui no grupo de terapia nas férias desse grupo.” (Carlos).

Observamos dois movimentos antagônicos no interior do grupo: um movimento de busca da autonomia e um outro de não permitir o desenvolvimento para evitar a frustração, Carlos estava atuando na tarefa e em busca do projeto, que seria transcender a realização da tarefa primordial no interior do grupo de circulação de papéis e quebra de estereótipos para realizá-la nas próprias relações sociais, enquanto que Élcio estava preso na pré-tarefa e no medo de ter de sair do lugar protegido em que se encontrava.

Depois da discussão sobre os objetivos da tarefa, Carlos diz que tinha pesquisado e havia conseguido levantar possibilidades.

“Fui na igreja aqui perto e eles queriam conversar com vocês (se referindo aos coordenadores-orientadores), pois disseram que comigo eles não poderiam resolver nada.” (Carlos).

Esse relato traz o descrédito social que os “loucos” costumam passar ao serem considerados pessoas com quem não se pode discutir, sendo requisitada a presença de um tutor como representante da “sociedade saudável” para resolver a situação.

Ficou combinado, então, que o grupo iria ao local que Carlos havia pesquisado, juntamente com os coordenadores-orientadores, que seriam o suporte para mais essa atividade externa, novamente no modelo de acompanhamento terapêutico.

Encerramos o grupo com essa tarefa a ser realizada, além da proposta de que eles fizessem uma pesquisa nos classificados dos jornais e separassem tudo aquilo que havia lhes chamado à atenção.

4.3.7.4. O período entre os encontros

O grupo não conseguiu se articular e a reunião conjunta não foi realizada, entretanto Carlos deixou um recado dizendo que havia conversado com o padre da igreja em que tinha ido e que ele disse que eles poderiam utilizar uma das salas da paróquia para o trabalho.

4.3.7.5. Grupo 1 – 17º encontro

O encontro tem início com o relato do sucesso na busca de um espaço extra-institucional para a realização dos encontros finais do grupo. Carlos tinha falado com um padre que havia concedido um espaço na igreja próxima à instituição de saúde mental para ser realizado o término do grupo.

Ele já tinha combinado com o padre de irmos lá nesse encontro, o que realmente aconteceu e teve lugar numa pequena sala de aulas que existia na igreja. Carlos estava muito feliz com o que tinha conseguido e Élcio acompanhava sua felicidade ao dizer que:

“Vai ser muito bom fazer atividades fora do ambulatório.”
(Élcio).

Após o período inicial, é realizada uma pequena retomada do encontro anterior e, conforme sugerido no último encontro, o grupo verificaria as possibilidades de cada um e, principalmente, os meios de conseguir o que buscavam.

Começam a falar das pesquisas nos jornais:

“Achei um monte de coisas para mim.” (Élcio).
“Eu também tenho algumas coisas para mim. Eu trouxe um monte de jornal para a gente pesquisar.” (Carlos).

Diante disso, é sugerido que todos partissem para a ação dando uma olhada nos jornais e marcando tudo aquilo que lhes chamasse a atenção para posterior discussão.

Enquanto fazem isso, iam contando mais fatos de suas vidas profissionais, estimulados pela leitura, novamente ocorrendo a reapropriação gradativa de suas vidas, que era um objetivo central do PROPEPPSI.

Pensaram em alternativas para suas vidas e relacionaram em uma folha de papel algumas idéias, sendo que as escolhidas foram: curso para motorista de ônibus (Carlos) e extrusor (Élcio).

Todas as alternativas eram passíveis de serem realizadas, o que demonstrava que eles não estavam fugindo de suas realidades, pois a instrução da atividade dizia apenas para que eles anotassem tudo que lhes interessasse.

“A gente tem que procurar o que nós podemos fazer, não é?”
(Carlos).

A pergunta é devolvida ao grupo que diz que agora não adiantava *“ficar viajando”*, tinham que pensar em coisas *“de verdade para fazer.”* (Carlos).

Carlos dá uma olhada no jornal e diz que estava disposto a procurar outras coisas que não fossem exclusivamente de sua área de pintor de carros, pois já havia trabalhado em outros serviços, como motorista e lava-rápido.

Comenta cada oferta de emprego anotada e diz que sentia falta de não ter estudado, começou a fazer um curso de alfabetização⁵¹, mas parou na metade. Um dos seus objetivos no momento era aperfeiçoar seus estudos, tanto que para isto pedia informações de lugares onde pudesse procurar por estes cursos.

Élcio mostra cada item do que anotou, dizendo que tem condições de trabalhar em qualquer um deles, pois preenchia os requisitos pedidos, se mostrando um profissional qualificado.

Conversamos brevemente sobre suas escolhas, Élcio explica a função de cada coisa escolhida e diz que teria, hoje em dia, vontade de começar tudo de novo, apontando uma oferta no jornal para *“extrusor”*, função que ele diz dominar, mas que era de *“peão”*, apesar de ganhar muito bem.

Relata que gostaria de um emprego onde não houvesse nem compromisso, por causa das crises, nem registro, para não perder sua aposentadoria, mas chega novamente ao ponto que parecia ser crucial em sua vida:

⁵¹ Carlos conseguia escrever, mas cometia inúmeros erros significativos na escrita.

“Mas não vou arrumar emprego enquanto tiver meus pais vivos.” (Élcio).

No geral foram aparecendo não só as dificuldades em voltar a trabalhar, mas também as possibilidades de trabalho e os caminhos para se conseguir isso, não por saídas mágicas e milagrosas, e sim por caminhos concretos e reais, como o que apontava Carlos ao falar em fazer um curso de serigrafia e vender camisetas em seu bairro.

Carlos estava buscando saídas factíveis para a sua vida no trabalho, já estando preparado para a última fase do PROPEPPSI, que era a elaboração de um projeto profissional individual para si.

Élcio estava cada vez com mais clareza de sua impossibilidade no presente e parecia resignado a ficar com a família e não voltar a trabalhar no momento.

Fica marcado para, na semana seguinte, o grupo continuar pensando nos meios de conseguir o que se quer e começar a pensar no encerramento do PROPEPPSI.

4.3.8. PROPEPPSI – fase 4 do grupo 2

4.3.8.1. Grupo 2 – 14º encontro

Um fato interessante aconteceu no retorno das férias do grupo 2 com Rosângela, que havia faltado algumas semanas seguidas e por isso não sabia do início das férias.

Ela chega ao grupo dizendo que tinha vindo durante o período de férias, pois não sabia que elas já tinham se iniciado e ficara muito assustada com a constatação que o grupo havia acabado sem ela ter tomado conhecimento.

“Morri de medo do grupo ter acabado e eu não ter participado do fim.” (Rosangela).

A dificuldade de participar e de assumir o compromisso com o grupo era enorme, por muitos motivos, mas o medo de perdê-lo era maior, pois passava uma idéia de ficar sem aquilo que estava dando uma esperança naquele momento.

A tarefa designada pelo PROPEPPSI era difícil de assumir, contudo o desejo de conseguir realizá-la em algum instante do processo grupal ainda existia. Participar era complicado, mas ficar sem o grupo era pior ainda, pois a existência do grupo mantinha uma esperança.

O grupo conta que utilizou esse período para pesquisar possibilidades no mundo do trabalho, alguns orientandos trazendo relatos de oportunidades:

“Estou pesquisando bastante e acho que vou voltar a estudar, tem uma escola técnica do lado de casa que eu não conhecia e fui lá ver quais cursos que tinha e acho que vou estudar lá, é muito bom lá.” (Julio César).

“Fui ver se eu arrumava um emprego na escolinha de futebol do São Paulo que tem lá perto de casa e preenchi uma ficha para ajudante geral, achei legal, disseram que vão me chamar se precisarem.” (Junior).

Outros trazendo relatos de obstáculos para a concretização de seus projetos:

“Fui olhar um galpão para alugar para montar um pequeno negócio, mas é muito caro, meu dinheiro num dá não.” (Valdir).

Alessandra, Samir e Rodnei falaram que não fizeram nada de diferente, enquanto que Laerte não veio e Arthur disse que estaria pensando em não concluir o grupo, pois ele estava tendo um rendimento não satisfatório na escola e precisava ter aulas de reforço e estudar mais para não repetir o ano.

Arthur realmente não voltou mais, pois priorizou a resolução de um problema mais imediato, que era sua formação educacional, adiando para o futuro o investimento no seu projeto profissional.

Alguns orientandos estavam no quarto e último momento do processo grupal, buscando projetos individualizados para si, enquanto que outros ainda permaneciam entre o segundo e terceiro momentos, no qual a dependência é maior, provocando uma cisão no grupo, que tinha pessoas que haviam conseguido se desenvolver mais do que outras.

Um dos subgrupos iria ditar os rumos do processo grupal, ou promovendo um processo de desenvolvimento e empurrando o grupo para frente, ou gerando uma regressão grupal e puxando o grupo para trás.

4.3.8.2. Grupo 2 – 15º encontro

O grupo tem seu início com a retomada da discussão de como seria um emprego ideal do jeito que eles gostariam, além de levantar quais seriam as vantagens e desvantagens que teriam ao conseguir uma atividade no mundo do trabalho.

A idéia, como no grupo 1, era pesquisar o que eles podiam concretizar no momento e quais projetos traçar para o futuro, o que surgiria do entrecruzamento entre os interesses, as possibilidades e competências e do que concretamente existia.

Levantam muitos pontos em suas reflexões, mas o mais importante era o reconhecimento e a valorização social, exemplificadas no relato de Júlio César:

“Querida ir no bar da esquina de casa todo dia e bater um papo contando meu dia de trabalho e depois chegar em casa e dizer para minha esposa que estava cansado de tanto trabalhar e ela me elogiar.” (Julio César).

Esse relato apontava a importância do reconhecimento social em suas vidas e reforçava a hipótese de que, sem o suporte da sociedade e da família, as chances de conseguir projetos de vida diferenciados daqueles destinados aos “loucos” eram quase nulas, experiência intensamente vivida por Alessandra, Arthur (desistente), Samir e Rodnei, que sofriam uma superproteção familiar que os impedia de sair do

lugar em que estavam, boicotando todos projetos que envolvessem alguma autonomia.

O coordenador-orientador aponta isso ao grupo, que se subdivide em duas partes, sendo que uma parte concorda com o fato de que eles precisam buscar projetos que envolvam mais autonomia e diz estar se esforçando para se desenvolver, enquanto que a outra parte diz como é difícil sair dessa situação, pois eles perderiam muito se mudassem suas vidas.

A cisão grupal entre o subgrupo que era dependente e o subgrupo que estava tentando se desenvolver, novamente se faz presente e parece determinar a dinâmica grupal nesse momento.

O grupo tem seu encerramento com o coordenador-orientador lembrando que eles deveriam pesquisar locais alternativos para os últimos encontros do PROPEPPSI, como já havia sido explicado e todos se comprometem a pesquisar.

4.3.8.3. Grupo 2 – 16º encontro

O grupo tem início com a ansiedade de alguns orientandos em querer relatar os contatos que haviam tido com pessoas dos locais que escolheram para o encerramento do grupo.

“Fui na igreja e eles queriam saber mais do trabalho e quando souberam que era para pacientes de saúde mental, eles falaram não.” (Rosângela).

Rosângela apontava a dificuldade da loucura sair de um lugar estigmatizado socialmente e que tinha apenas os espaços da atenção em saúde mental para ocupar, e estar em locais destinados à sociedade em geral, se queixando da não disponibilidade e abertura do padre da sua igreja.

“Falei lá na escola e eles disseram que tudo bem, só que só podia ser de dia de sábado, que não tem ninguém lá.” (Junior).

Junior, ao contrário, foi na escola em que havia se formado no ensino médio e eles pareceram ser mais receptivos, abrindo uma possibilidade, ressaltando que o grupo só poderia ser realizado em um dia em que não houvesse ninguém lá, que se, por um lado apontava para uma questão prática de disponibilidade de espaço físico, por outro dizia da impossibilidade de misturar os membros desse grupo com os alunos regulares da escola.⁵²

O grupo fica feliz e frustrado simultaneamente, pois percebem uma abertura social, representada pela escola de Júnior, ao mesmo tempo que, se deparam com uma rigidez social, representada pela igreja de Rosangela e pela disponibilidade de horário da escola de Júnior.

A discussão sobre esse assunto se estende por todo o encontro intercalando relatos de otimismo com relação à possibilidade de habitar novos lugares sociais e exercer papéis sociais diferenciados, com relatos de pessimismo, apontando que a sociedade jamais os aceitará, pois eles são “loucos”.

Temos que lembrar que havia dois subgrupos que estavam em movimentos diferentes no grupo, pois o primeiro operava um movimento em direção a autonomia e o segundo procurava evitar esse movimento e sempre buscava fugir de qualquer situação que o colocasse em situação de frustração, como era a tarefa do presente encontro de busca de um espaço social para o grupo ter seu encerramento.

Fica combinado que cada um que fez o contato inicial com os responsáveis pelo local pesquisado para o possível término do grupo iria marcar uma reunião para irmos conversar com eles (uma comissão de orientandos e o coordenador-orientador) e avisar os demais membros do grupo, sendo que o encontro é encerrado em seguida.

4.3.8.4. Grupo 2 – 17º encontro

O grupo inicia com várias ausências e todos perguntando se as reuniões combinadas nos último encontro haviam sido feitas ou não.

Junior não havia conseguido falar na escola e Rosangela, que tinha ido à igreja, não havia chegado ainda, portanto, nenhuma reunião tinha sido realizada.

⁵² Hipótese baseada em outras informações que Júnior trouxe ao grupo posteriormente.

O grupo fica frustrado, ao mesmo tempo em que fica aliviado de não ter que mudar de lugar. O movimento era buscado, mas o medo era muito grande e, diante de tudo isso, decidiu-se permanecer na própria instituição de saúde mental.

A tarefa para esse encontro era pesquisar possibilidades de atividades profissionais para si no mundo do trabalho, que foi realizada com muito esforço, pois o grupo se mostrava frustrado com a impossibilidade de mudar de local para o encerramento do PROPEPPSI.

No subgrupo que mostrava mais dificuldades e não conseguia buscar uma maior autonomia estavam:

- Laerte, que tinha entrado em crise no meio do processo, mas não havia abandonado o grupo, possivelmente tendo algum ganho nisso;
- Junior, que estava tentando, mas parecia tender a acomodação também, pois tinha dificuldades enormes de se desenvolver;
- Samir que não queria sair do lugar acomodado em que estava;
- Rodnei, que quase não fez nada no grupo.

No subgrupo que buscava se desenvolver estavam:

- Alessandra, que apesar de repetir o mesmo desejo do primeiro encontro estava mais comunicativa;
- Rosângela e Valdir, que estavam tentando novos projetos;
- Julio César, que falava em estudar na escola técnica perto de sua casa e estava pensando em um curso de eletrônica, assunto pelo qual se interessava, pois sempre resolvia pequenos problemas na sua casa.

“Eu poderia oferecer trabalho no meu bairro e fazer nas outras casas o que eu faço em casa, pequenos consertos, né? Só preciso estudar mais.” (Julio César).

Nesse exemplo, ele voltaria a freqüentar um ambiente que não fosse uma instituição de saúde mental, conseguiria iniciar uma atividade de trabalho

remunerada e reconhecida socialmente, além de não ter problemas judiciais por ser aposentado por invalidez.

O grupo se encerra com a apresentação das pesquisas sobre oportunidades para si no mundo do trabalho e todos se comprometem a pesquisar mais para os seus projetos de vida profissional individuais.

Voltemos à análise do grupo 1.

4.3.9. PROPEPSI – fase 5 do grupo 1

4.3.9.1. Grupo 1 – 18º encontro

Élcio chega dizendo que estava pressentindo que sua crise iria voltar, apesar de ainda não estar sentindo os sintomas, que lhe eram tão familiares.

“Minha crise nunca cessa totalmente, mas já me acostumei.”
(Élcio).

Complementa, então, dizendo que quando algo lhe incomodava muito ele procurava evitar e que se a crise voltasse não havia problema, porque ela era transitória, o importante era pensar o que fazer nos períodos sem crise.

No momento o que o incomodava era o desejo de querer voltar a trabalhar e a impossibilidade de tal projeto pela pressão familiar no sentido oposto, ou seja, a família desejava que ele ficasse o mais parado possível para não entrar em crise, e como ela surgiu enquanto Élcio trabalhava, qualquer movimento em direção ao trabalho era barrado pela família, inclusive pela família alucinada que surgia via vozes, que lhe diziam para pagar uma dívida, mas que ele não tinha como pagá-la.

Provavelmente essa dívida era com sua família, por isso Élcio afirmava só ser possível realizar projetos no mundo do trabalho após a morte dos pais. Élcio lutava por sair da condição social de “louco” que a sociedade e a sua família lhe impunham e sofria psicossocialmente com isso, pois entrava em crise tendo alucinações auditivas e não conseguia transitar e produzir no espaço social.

Vale salientar o fato de que, todos terem participado do PROPEPPSI apontava uma tentativa de sair do lugar psicossocial que ocupavam, mas que alguns estavam conseguindo criar novos espaços para si, enquanto outros não: essa era uma das vicissitudes do programa, ou seja, oferecer a possibilidade de mudança, contudo, caberia a cada um o esforço para tal atitude, que não dependia somente dos orientandos, mas de uma disposição para experimentar novos lugares e relações de todos os envolvidos, principalmente da família e da sociedade.

Carlos chega atrasado ao grupo portando uma sacola e muito ofegante, dizendo com um sorriso estampado no rosto:

“Acho que eu voltar a jogar futebol.” (Carlos).

Iniciamos a retrospectiva da semana anterior e Élcio fala que tinha sido feita uma lista numerando as possibilidades de trabalho encontradas por eles em jornais.

Carlos tinha sempre uma dificuldade de se lembrar, mas começa comentando que discutiram um pouco sobre as dificuldades de cada um, sobre os progressos deles, que estavam se sentindo bem e que ele, em particular, estava muito empolgado e precisando voltar a uma atividade.

Relata que voltou a procurar um local para jogar futebol, mas que era muito difícil conseguir uma vaga, contudo iria tentar. Neste momento, abre uma revista de esporte na qual colou fotos dos times em que ele jogava e contou um pouco de sua história no futebol.

Essa parecia ser uma tentativa de aproximação com o mundo externo de uma forma mais branda, ou seja, a busca de um lazer, anteriormente realizado, poderia ser uma forma de experimentar novas relações com o mundo.

Disse, então, que com a “doença” ficou muito tímido e inseguro e não conseguia sair de casa para ir atrás das coisas que queria, mas que recebia muito apoio da família e tentava realizar pequenas tarefas.

Carlos parecia estar reconstruindo sua história aos poucos depois das crises (oito, no total) que já não aconteciam há algum tempo, inclusive ele não tomava mais medicação forte.

Tinha quase certeza que a crise não voltaria mais, mas faltava coragem para sair de casa, o mundo era muito violento, temia pela sua vida (comentou a história de dois parentes que foram brutalmente assassinados) e achava seu lar mais protegido.

Vivia o dilema de:

- Sair para a rua e tentar alguma coisa, enfrentando o mundo;

OU

- Ficar em casa, parado, mas protegido.

Élcio confirma que vivia esta situação também e dizia que estava trabalhando no jardim de sua casa fazendo uma pequena horta, mas ressalta que sua família não lhe incentivava a nada, pois só ficavam felizes quando ele estava em casa sossegado.

“Como será quando eles morrerem?” (Carlos).

Élcio relata que se mudaria para Salto, onde tinha uma casa e arrumaria alguma ocupação por lá, apesar de que não havia Ambulatório de Saúde Mental, sendo o hospital mais próximo em Sorocaba, mas que seu irmão morava em Salto e poderia ajudá-lo se entrasse em crise. Relata isto de forma tranqüila, sem nenhuma tristeza ou preocupação.

Ambos debatem um pouco sobre suas crises, contam das vozes que apareciam nesses períodos, mas dizem se sentir melhor depois de começarem este grupo, pois percebiam um progresso, o que os deixava muito felizes. Gostariam de melhorar cada vez mais e agora estava faltando a coragem de vencer os “medos”, ir para as ruas e tentar coisas para si.

Falam também do desprezo com que as pessoas lhes tratavam e que agora eles estavam começando a recuperar a autoconfiança, contudo, ainda havia o medo de cair e não conseguir se levantar, pois estavam um pouco sozinhos nesta caminhada, embora agora já daria pra começar a tentar, só restando saber por onde começar.

Era interessante notar que naquele momento eles já falavam das crises, mas de um jeito tranqüilo, sem ser uma coisa que os desesperava e deixava sem saídas, e

sim como uma vicissitude concreta de suas vidas com a qual eles teriam que conviver.

O grupo assumiu não só a necessidade de cuidados, mas também que uma parte deles não estava o tempo todo na “doença” e que era possível experimentar no mundo externo novos caminhos sem, obrigatoriamente, transitar pelos caminhos conhecidos e reservados para o “louco”.

O grupo passava uma idéia de desenvolvimento e a cura (discurso dominante no início dos grupos) parecia, naquele instante, dar lugar às possibilidades de ação mesmo com a “doença”, que era a proposta inicial feita pelo PROPEPSI que eles internalizaram e se comprometeram, cada um elaborando projetos, segundo suas possibilidades.

Élcio diz que esteve pensando em sua vida, olhou algumas coisas no jornal e estava com vontade de fazer um curso de computação. Conta que aprendeu um pouco de linguagem de computador na faculdade, mas que era muito antigo aquilo, hoje em dia tudo estava muito avançado e ele queria se atualizar:

“Não dá para ficar para trás, né?” (Élcio).

Carlos conta que, quando trabalhava numa grande montadora, havia um colega dele que tinha muita habilidade, “já era um profissional”, segundo suas palavras, e que estava com vontade de montar um pequeno negócio só precisando de um “empurrãozinho” e Carlos havia lhe dado esta ajuda. Gostaria muito que isto acontecesse e que alguém lhe desse um “empurrãozinho” também.

“É o que eles (se referindo aos coordenadores-orientadores) estão fazendo aqui no grupo, você não acha?” (Élcio).

Carlos comenta que gostaria que os coordenadores-orientadores fizessem uma avaliação dele para saber como ele estava indo no grupo e disse ser muito importante. Relata que se sentia melhor, mas precisava da confirmação externa para ter a certeza que necessitava para colocar em prática o seu projeto.

É dito a todos que o próximo encontro seria o último, que essa avaliação seria feita e eles concluiriam seus projetos individuais nesse dia.

O final do grupo deveria trabalhar:

- Retomada da história do grupo pelo próprio grupo de orientandos através do material produzido nas atividades e a realização de uma síntese do caminho percorrido, inclusive informando que eles poderiam levar para casa o que quisessem, desde que fosse um consenso do grupo;
- Retomada da história do grupo pelos coordenadores-orientadores;
- Auto-avaliação do desempenho de cada um dentro do grupo;
- Avaliação de cada um realizada pelos próprios orientandos;
- Avaliação individual sobre o desempenho, possibilidades e situação de cada um realizada pelos coordenadores-orientadores;
- Proposta de atividade final com o intuito de que eles levassem algo concreto deste grupo e marcasse a existência dele para cada um, como uma referência;
- Avaliação final do processo como um todo (entrevista grupal de saída).

4.3.9.2. Grupo 1 – 19º encontro

Vieram nesse último encontro: Carlos e Élcio, sendo que Nivaldo, Sérgio, Leandro, Marta e Jair eram desistentes.

O grupo, no geral, disse que estava mais tranquilo e que havia percebido outras saídas para suas vidas, que não passavam somente por ter um emprego, mas também pela volta ao estudo, pelas tarefas domésticas, por serviços autônomos de pequeno porte e também pelo emprego.

Ao mesmo tempo em que estavam mais confiantes, continuavam com medo e sabiam que teriam que continuar a ter a ajuda de outros, seja da instituição de saúde mental, seja da família ou ainda da própria comunidade em que estavam inseridos.

O grupo fala que, se a família não apoiasse e acreditasse na potencialidade de cada um, não daria para fazer nada e que seria importante que eles viessem na instituição de saúde mental para uma orientação sobre como agir com seus familiares.

Carlos aponta que todos teriam que fazer uma escolha, que era a aposta conjunta proposta pelo PROPEPSI: ou experimentar novos lugares sociais e tentar

ser mais autônomo, ou, então, permanecer onde estava, ficando protegido, mas dependente.

Seria possível experimentar, apesar da “doença”, porém, deveria haver uma abertura social mais ampla e tolerante através da oferta de espaços de trabalho não deveriam estar determinados por um sentimento de piedade por um “louco”, mas por uma aposta na sua autonomia e na sua capacidade de trabalhar, da maneira que fosse possível para cada um.

Os objetivos de reapropriação sobre sua vida e de operacionalização para os projetos de vida profissional pareciam ter se realizado para uma parte do grupo, pois novas alternativas apareciam, sua condição existencial de “pessoa psicótica” era algo que dificultava, mas não impossibilitava totalmente a vida laborativa, e a esperança para alguns ressurgia, enquanto que a consciência de que estavam optando pela dependência e pela não autonomia se tornava mais clara para outros.

4.3.9.3. Grupo 1 – A avaliação de cada orientando

4.3.9.3.1. Alguns conseguiram experimentar e fazer projetos

- **Carlos**

Carlos teve um desenvolvimento gradativo durante o processo, tinha o apoio familiar e conseguiu se reapropriar de sua vida ao perceber que sua crise tinha causado sua demissão e a desconfiança dos colegas em empregá-lo novamente, e também que pintura de carros em uma montadora era o seu desejo, mas que para realizar um projeto profissional, teríamos que fazer as escolhas possíveis no momento.

Estava vendendo camisetas e conseguindo um retorno financeiro com essa atividade, que não era considerada um trabalho, pois sua identidade profissional era de pintor de carros.

Ao longo do PROPEPSI pôde perceber que tinha objetivos na vida, como mostrar a família que tanto confiava nele de que ele era capaz de conseguir o que os seus parentes haviam obtido (como, por exemplo, um carro ou um telefone), e que esses objetivos poderiam ser conquistados das mais variadas maneiras, não só como pintor de carros numa montadora.

Carlos havia ampliado suas possibilidades e buscava saídas para sua vida laborativa de várias maneiras, tanto que, depois de um ano após o término do grupo, relatou que prestava serviço como pintor de carros em uma funilaria pequena de bairro, onde estava satisfeito com seu trabalho, enquanto que havia ampliado a venda de camisetas e que sua esposa e filhos o estavam ajudando nesse projeto.

Ele parecia ter resgatado a esperança e desenvolvido estratégias identitárias de construção de projetos para lidar com as constantes situações que a vida ia lhe impondo, conseguindo ter uma resultante satisfatória entre seu desejo (ser pintor de carros numa montadora), suas possibilidades (ser pintor de carros, mas não num esquema de empresa) e as oportunidades concretas que lhe apareciam (ser pintor de carros numa funilaria de pequeno porte).

Além disso, continuou sendo vendedor, que era algo que ele apontava como sendo um “dom” que tinha, que trazia um bom retorno financeiro e ainda o fazia produzir conjuntamente com sua família. Deixou essa mensagem⁵³ ao final do grupo:

“Estou contente, pois estou com o pensamento em voltar a vender, e praticar esporte Vou me desembaraçar mais pôs as coisas parece está melhorando Estou melhor de saúde e minha mente com os remédio já está controlada Com Jesús quero sêr e servilo. Pósso me esforçar e sêr útil. Sinto quê pode haver reconhecimento se tratando tendo mas esportividade se alegrando e ficando – mais calmo.” (Carlos).

4.3.9.3.2. Alguns não conseguiram experimentar e tiveram clareza dos motivos

- **Élcio**

Élcio, ao contrário de Carlos, já tinha uma clareza enorme de sua situação, mas tinha dúvidas se deveria ou não tentar voltar a trabalhar. Era bem preparado e qualificado, tinha um bom currículo, mas faltava a autorização externa para poder experimentar no mundo do trabalho novamente.

⁵³ A mensagem foi reproduzida com todos os erros de escrita cometidos por Carlos.

Contribuiu muito com o desenvolvimento do processo grupal, reafirmando para si próprio as várias características e habilidades que possuía, o que lhe trouxe muita confiança e satisfação, pois voltava a se sentir útil, não assumindo o adjetivo “imprestável” que a família lhe atribuía.

Tinha um bom autoconhecimento e enfrentava sua crise com muita serenidade, mas o grande nó de sua vida era o lugar de “doente” que estava destinado a ele no projeto de sua família e que não conseguia se desvencilhar.

Terminou o grupo reafirmando seu futuro projeto de vida, que era a dimensão temporal no qual qualquer projeto que ele fizesse seria colocado, ou seja, no futuro.

“Meu projeto é para o futuro, só para depois que meus pais morrerem.” (Élcio).

Disse que pretendia se mudar para Salto, onde tinha uma casa perto de seu irmão, arrumar uma atividade em sua área e, se precisasse, tinha uma instituição de saúde mental que ele poderia freqüentar em Sorocaba. Deixou essa mensagem ao final do grupo:

“Para ser franco eu gostei de todo grupo, pois, exigiu muito empenho de mim e do grupo. O projeto que mais me chamou a atenção foi o projeto ‘Thermas de Santa Bárbara’, que exigiu como fazer uma planta de casa, fazer propaganda, como fazer projeção de custos, lucros e até idealizar clube no local. Para mim foi ótimo todas estas experiências, não só o projeto ‘Thermas de Santa Bárbara’, como também a loja de automóveis, a fábrica de vassouras, pois descobri que ainda posso ser útil.” (Élcio).

4.3.9.3.3. Alguns desistiram

Segue uma lista daqueles que não conseguiram ou não expressaram o desejo de experimentar novas saídas no mundo com os respectivos motivos das desistências sinteticamente, pois já foram descritos ao longo do capítulo 4.

- **Nivaldo e Jair:** estavam em crise e não conseguiam pensar em projetos futuros;
- **Marta:** fazia parte de uma dinâmica familiar que a impedia de se desenvolver;
- **Leandro:** optou por permanecer na condição de “louco” que a sociedade lhe impunha e não conseguiu (ou não quis) experimentar;
- **Sérgio:** havia estabelecido uma solução de compromisso satisfatória com o mundo e permanecia trabalhando, aguardando sua aposentadoria por tempo integral.

4.3.10. PROPEPSI – fase 5 do grupo 2

4.3.10.1. Grupo 2 – 19º encontro

Vieram nesse último encontro: Laerte, Junior, Alessandra, Julio César e Samir (Valdir, Rosangela e Rodnei faltaram), sendo que Alberto e Arthur eram desistentes.

O grupo chega com um comportamento ambíguo de felicidade e medo pelo término do PROPEPSI, pois, se muitos conseguiram se desenvolver e estavam em condições de tentar novos projetos de vida profissional e pessoal, alguns não tinham se desenvolvido tanto e sentiam o final do grupo como algo fragmentador e de perda do objeto de satisfação.

A cura não era mais o objetivo primordial, pois o grupo parecia ter conseguido internalizar saídas que levariam em conta suas características psicossociais, que não se constituíam apenas em obstáculos, como apontado logo no início do grupo.

O grupo indica que o apoio da família seria fundamental, pois se ela não acreditasse na potencialidade de cada um, a autonomia para a realização de seus projetos estaria prejudicada.

“Sem a ajuda das pessoas não dá. Vê ele (se referindo ao Samir), a mãe traz aqui e leva todo dia, não deixa ele fazer nada sozinho, como ele vai fazer para trabalhar, a mãe dele vai junto?” (Julio César).

“Mas é complicado brigar com a minha mãe. Ela é que faz tudo para mim.” (Samir).

Samir coloca a dificuldade em ser autônomo, pois, se por um lado traria liberdade, por outro traria obrigações e responsabilidades sobre sua vida, pois as consequências dos seus atos seriam somente suas.

“Mas se você não começar a fazer as coisas para você mesmo num vai sair do lugar.” (Julio César).

Julio César aponta que todos teriam que fazer uma escolha de ser menos dependentes, mas também menos protegidos, poder experimentar novos lugares sociais e tentar ser mais autônomo, arcando com as consequências dos seus atos, ou, então, permanecer onde estavam ficando protegidos, mas perpetuando uma dependência.

“Mas os patrões têm que dar chance para a gente, senão fica difícil.” (Junior).

Seria possível experimentar, apesar da “doença”, porém, para isso acontecer, teria que haver uma tolerância e uma abertura social mais ampla, tendo também que ocorrer uma experimentação social, que não precisaria ser geral, mas, pelo menos, que algumas pessoas pudessem abrir pequenos espaços sociais de trabalho para as “pessoas psicóticas”.

4.3.10.2. Grupo 2 – A avaliação de cada orientando

4.3.10.2.1. Alguns conseguiram experimentar e fazer projetos

- **Julio César**

Teve uma boa passagem pelo grupo e se desenvolveu, conseguiu pensar alternativas para a sua vida profissional, além de ter recuperado a autoconfiança, que era o mais importante para ele.

“No momento quero aperfeiçoar meus estudos, vou fazer eletrônica numa escola técnica lá perto de casa e começar a oferecer serviço no meu bairro, minha família achou ótima a idéia e está me apoiando, disseram que foi ótimo eu ter participado desse grupo, que eu melhorei muito.” (Julio César).

Estava tendo o reconhecimento e o apoio familiar em seu projeto de vida profissional, além de estar muito confiante que conseguiria, dando um novo rumo para sua vida.

4.3.10.2.2. Alguns conseguiram experimentar e se desenvolveram

- **Alessandra**

Alessandra tinha uma superproteção familiar, nunca tinham trabalhado e demonstrava dificuldades para sair da condição de acomodada em que se encontrava.

Permanecia repetindo que gostaria de ser balconista ou atendente de loja, mas tinha tido um desenvolvimento, pois em vários momentos fez tentativas de agir diferente do seu habitual, principalmente quando tentava expressar suas opiniões sobre as atividades que estavam sendo realizadas.

Seu grande desejo era ter voz ativa e falar para os outros o que sentia e o que achava das coisas, para poder ter sua vida de volta, pois sempre alguém decidia por ela, seja na família, seja na instituição de saúde mental.

“Gostei do grupo porque eu consegui falar mais aqui, não fiquei só quieta como nos outros grupos.” (Alessandra).

Esse era o passo que Alessandra deveria dar antes de qualquer tentativa de fazer projetos profissionais, ou seja, experimentar um lugar social diferente do destinado para si no projeto de sua família.

Durante o processo grupal, inclusive, chegaram algumas reclamações de que Alessandra estava mais agressiva, pois ela estava respondendo para a mãe, atitude que nunca tinha tido antes e a família estava pensando em interná-la.

Alessandra teria que viver o papel de “louca”, pois qualquer atitude diferente disso era considerada pela família como o início de crise, e ela estava começando a tentar, mas com a pressão familiar certamente sua tarefa seria muito difícil.

- **Laerte**

Laerte teve um desempenho excelente no início do grupo, coordenando a maioria das atividades e tentando ajudar a todos. Mostrou-se qualificado, também, e com um desejo de voltar a trabalhar, mas só conseguiu se desenvolver no grupo enquanto se mantinha o sistema de atividades coletivas, que dava suporte a todos.

No momento em que lhe foi requisitado um trabalho individual, Laerte entrou em crise e começou a ter alucinações auditivas dizendo que ele era um inútil que não servia para nada, portanto nem adiantava tentar construir nenhum projeto.

Depois da crise, que inclusive emergiu durante uma cobrança por realizar a atividade feita por um dos co-coordenadores-orientadores durante o 11º encontro, Laerte deixou de produzir no grupo, mas não o deixou, pois permaneceu assíduo até o último momento, o que se pode dizer que era um desenvolvimento em sua vida, pois, segundo relatos da equipe institucional que o tratava, ele sempre desistia quando lhe era cobrada uma atitude ou a produção de algo.

“Ainda não tenho condições de trabalhar, mas vocês me fizeram ver que tem gente que me agüenta mesmo eu estando em crise, e isso foi muito bom, me fortaleceu e me fez continuar vindo aqui com vocês, apesar de que, às vezes, eu tenho uma recaída, mas estou começando a lidar com isso. Vão ter mais grupos como esse? Acho que gostaria de participar de novo mais prá frente.” (Laerte).

Laerte também colocava que seu projeto era para o futuro e que no momento necessitava se fortalecer mais para poder experimentar novidades em sua vida.

4.3.10.2.3. Alguns não conseguiram experimentar e optaram em permanecer acomodados

- **Valdir e Rosangela**

Ambos foram orientandos muito oscilantes, pois faltavam bastante e às vezes se mostravam muito dispersos.

Em contrapartida sempre traziam dados de realidade quando o grupo começava a falar de objetivos impossíveis, mas pareciam não ter maiores ambições para seus futuros, mostrando-se acomodados na situação (Valdir era aposentado por invalidez) e, apesar de indicarem o desejo de novos projetos, não tomavam nenhuma iniciativa, inclusive faltando ao último encontro do PROPEPPSI.

Fizeram uma tentativa ao participar desse programa, mas pareciam ter confirmado a eles mesmos que deveriam permanecer acomodados na condição em que estavam naquele momento.

Ambos contavam, além disso, com a descrença familiar, que não apostava mais nada em nenhum dos dois e sustentava suas vidas.

4.3.10.2.4. Alguns não conseguiram experimentar e não tiveram clareza dos motivos

- **Samir e Rodney**

Ambos tinham uma situação de vida muito parecida: eram superprotegidos pela família, nunca tinham trabalhado formalmente de forma constante, inclusive Samir estava aposentado por invalidez, e demonstravam uma dificuldade muito grande em sair da acomodação em que se encontravam.

Samir reafirmou o tempo todo suas impossibilidades e não conseguia pensar nenhum projeto para si, enquanto que Rodney, apesar de ser assíduo, não expressou nada em nenhum momento do grupo, permanecendo alheio ao movimento desse em quase todo processo, inclusive só faltando no último dia, o que poderia representar uma necessidade de não conclusão ou de não querer ouvir ou fazer avaliações no grupo.

Eram assíduos, mas não conseguiram (ou não quiseram) sair do lugar em que se encontravam, apenas atendendo a demanda institucional e do próprio grupo de estar participando do PROPEPSI.

- **Junior**

Junior participou ativamente em todos os projetos, sempre trazia as pesquisas que fazia, ajudava a todos, mas se mostrava muito distante da realidade na maior parte das vezes.

Toda vez que era solicitado que ele pensasse em saídas concretas para sua vida, se perdia, começava a falar coisas desconexas e se afastava das atividades que estavam sendo realizadas. Tinha muita dificuldade de ouvir o que as outras pessoas falavam durante os encontros e qualquer comentário parecia não ser assimilado.

Era jovem (20 anos), nunca havia trabalhado, mas nesse último encontro relatou que sempre fazia “*bicos*” auxiliando seu tio a fazer entregas (o tio tinha um pequeno serviço de entregas) e seu pai no bar em que ele trabalhava.

Colocou como projeto de vida profissional continuar estudando e pensava em fazer um curso técnico.

4.3.10.2.5. Alguns desistiram

Segue uma lista daqueles que não conseguiram ou não expressaram o desejo de experimentar novas saídas no mundo com os respectivos motivos das desistências sinteticamente, pois já foram descritos ao longo do capítulo 4.

- **Alberto:** optou por permanecer na condição de “louco” que a sociedade lhe impunha e não conseguiu (ou não quis) experimentar;
- **Arthur:** estabeleceu como prioridade o investimento na finalização da formação educacional.

V

ANÁLISE DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

O **Programa de Orientação Profissional Especializado para “Pessoas Psicóticas”** (intitulado de **PROPEPSI**) partiu de pressupostos inovadores e da inclusão do eixo do trabalho como espaço social, enfocando o “fazer” ou o pensamento operatório como elemento fundamental de inclusão social.

Este foco, de certa maneira, foi evidenciando, a partir da experiência profissional em orientação profissional do pesquisador e da literatura especializada, que neste espaço há transição de aspectos mágicos para probabilísticos e reais pela passagem de aspectos identificatórios para a possibilidade de objetivação.

O trabalho leva, de certo modo, a uma inscrição numa perspectiva espaço-temporal constante e duradoura, sendo assim, um aspecto fundamental da socialização do indivíduo.

Para que isto acontecesse, o PROPEPSI teve cinco etapas que nem todos os sujeitos conseguiram acompanhar:

- Fase 1 – Formação da membrana grupal, aceitação da exclusão de pessoas tendo como fator determinante a sua “doença” e fortalecimento do *self* pela reapropriação gradativa sobre si através do relato da sua história de vida e pela oportunidade da construção de uma nova possibilidade de ser;
- Fase 2 – Passagem de um estado passivo para um estado ativo pela sustentação em um projeto, com a inclusão dos aspectos vitais e não doentes de cada um;
- Fase 3 – Tentativa individualizada de construção de projetos, buscando a construção de estratégias operatórias;
- Fase 4 – Pesquisa de possibilidades concretas de ação pela integração de todos os aspectos do indivíduo inserido em um contexto sócio-cultural;
- Fase 5 – Elaboração de um projeto de vida, inserido em um projeto social, através da intermediação do trabalho, partindo da participação ativa individual e social.

Diante das duas realidades institucionais distintas pesquisadas, vários de nossos pressupostos foram confirmados ou refutados, sendo que novas variáveis emergiram no processo.

Analisemos o que aconteceu nos processos grupais desenvolvidos.

Nossa expectativa era que a proposta feita às instituições seria bem aceita, afinal era uma alternativa para o processo de saída institucional dos pacientes, identificado como uma grande dificuldade das instituições da saúde mental.

Inicialmente, não foi verificada essa aceitação e percebemos que as instituições tinham mecanismos oficiais para a abertura a novos projetos, independente do grau de conhecimento que se possuía do autor da proposta, que em uma instituição era uma pessoa conhecida e na outra não, sendo ressaltado a importância da figura do diretor, como elemento intermediador entre o intra e o extra-institucional.

As instituições resistiram em aceitar a metodologia do PROPEPSI para ser aplicada à equipe, mas em troca ofereceram a participação do pesquisador na reunião clínica e o PROPEPSI como parte da pauta, se configurando numa entrada controlada e oficial na instituição.

Na reunião com a equipe institucional do grupo 1, na qual o pesquisador já era conhecido, a apresentação da proposta de auxílio na elaboração de projetos profissionais ampliava a visão dos técnicos, pois colocava em jogo a ampliação da própria proposta de uma instituição de saúde mental, que deveria começar a repensar sua identidade e suas práticas.

A transformação trouxe a necessidade de ter que abandonar todas as propostas que se tinha em prol das novas, num pensamento fragmentado e desintegrado, que indicava que transformar significaria abandonar tudo que já se tinha em detrimento aos novos projetos.

No momento seguinte, a dissociação da equipe deu lugar a uma nova integração quando constataram que poderiam acolher novas possibilidades (PROPEPSI), sem abandonar as antigas (práticas de tratamento em saúde mental), num movimento de se permitir tolerar o seu não-saber e apostar na transformação.

A resistência inicial da equipes institucional transformou-se, posteriormente, em uma aceitação com a modificação do modelo proposto através da inclusão de um

membro da equipe no PROPEPPSI, que seria o representante institucional no processo, sendo que o pesquisador seria o representante extra-institucional e o PROPEPPSI o espaço intermediário entre o interno e o externo, fundamental para a passagem entre esses dois espaços que parecia estar interrompida nas suas práticas institucionais em saúde mental.

Na reunião com a equipe institucional do grupo 2, na qual o pesquisador era desconhecido, a equipe teve que criar uma certa confiança, tanto na proposta, quanto no pesquisador, para avaliar quem estava querendo entrar na instituição através de um questionamento acerca de sua história profissional, metodologia de trabalho, conhecimentos teórico-técnicos e posição política dentro do movimento da saúde mental.

A sabatina parecia ter sido uma apresentação formal do pesquisador à equipe institucional, pois já havia o aval anterior do diretor, que determinou a possibilidade de realização do PROPEPPSI nessa instituição.

Ao contrário da instituição 1, na qual a equipe assumiu a realização do PROPEPPSI, na instituição 2 o aval foi feito pelo diretor que fechou a reunião ao dizer:

“Acho que já está bom pessoal, podemos fechar esse assunto para liberá-lo (o pesquisador) e continuar com o restante da pauta, pois o pessoal já está se cansando.” (Diretor da instituição).

O diretor, através dessa fala, abriu a possibilidade de realização do projeto colocando também como proposta à inclusão de um membro da equipe no PROPEPPSI e, além disso, foi sugerida a inclusão de um estagiário de psicologia para acompanhar o processo, possivelmente como compromisso de troca.

Na reunião com os pacientes, ao contrário da expectativa do pesquisador de que os pacientes escolheriam participar do PROPEPPSI, a maioria seguiu a dinâmica usual e foi encaminhado, o que trouxe primeiramente uma frustração associada a uma idéia de que os agentes institucionais estavam boicotando a proposta, mas logo seguida de uma constatação de que as transformações demandavam tempo e que a equipe e os pacientes estavam se aproximando gradativamente do PROPEPPSI, pois

havia encaminhado o público-alvo requisitado pelo pesquisador, ou seja, “pessoas psicóticas”, que, por sua vez, vieram a essa reunião inicial.

Os pacientes confirmaram nossa hipótese de que eles viriam buscar auxílio para conseguir um emprego, ficando perplexos com a necessidade de sua participação ativa no processo após a apresentação da proposta de auxílio na construção de projetos profissionais enfatizando a visão de que a psicose não era só “doença”, mas um modo diferenciado de existir, que trazia crises, mas também possibilidades de produzir socialmente (por exemplo, trabalhar).

Inicialmente, houve uma reação de entusiasmo com a nova possibilidade, mas seguida de um medo de não conseguir, que foi reforçado pelo relato de algumas histórias de vida dos pacientes que traziam somente limitações e impossibilidades pela “doença”.

Alguns pacientes diziam não ser possível fazer nada sem se curar de sua “doença”, ou seja, assumindo o rótulo de “louco” e indicando uma visão de que a loucura impossibilitava qualquer ação no mundo.

Entretanto, outros pacientes demonstravam estar mais dispostos a buscar novos caminhos, mas sentiam medo também e verbalizavam o pedido de que o PROPEPPSI fosse diferente e pudesse gerar relações diferentes com suas vidas.

“Com a minha doença eu já sei conviver, conheço essa história de cor, quero agora fazer algo diferente.” (Élcio).

No grupo 2, inclusive, os pacientes marcaram a diferença do PROPEPPSI com as outras propostas institucionais e do pesquisador como alguém de fora, chamando-o de professor.

A hipótese de que, alguns aceitariam apostar no PROPEPPSI e outros não conseguiriam, parecia se confirmar.

Com relação ao perfil do público que buscava o PROPEPPSI, tínhamos como pressuposto inicial que seriam pessoas que haviam sofrido crises psicóticas, tinham passado por tratamento e agora se encontravam em momento de retomar seus projetos de vida.

Houve uma confirmação parcial dessa hipótese, pois os interessados no PROPEPPSI eram em sua maioria pessoas que estavam com dificuldades de retomar

suas vidas profissionais e se encontravam afastados do trabalho por doença ou desempregados.

Mas também, a proposta atraiu uma população diversificada, que era composta por pessoas aposentadas por invalidez e por tempo de serviço, que buscavam encontrar atividades no mundo do trabalho, pessoas que estavam trabalhando e buscavam orientação para suas carreiras e um outro grupo de pessoas que nunca tinha trabalhado, mas desejavam isso.

Embora na instituição eles fossem iguais, sua história pessoal era diversa e todos sentiam a necessidade de se inserir profissionalmente, o que pode apontar para percepção de que havia uma abertura maior do mundo do trabalho para eles, conforme tínhamos colocado como pressuposto para a presente pesquisa de que o mundo estaria em transição, portanto, mais aberto a novos papéis e novos atores sociais.

Esse primeiro contato apontou uma reação ambivalente por parte dos pacientes, pois eles achavam que seriam colocados numa participação passiva no processo e não foram, o que os fez oscilar tanto no sentido da esperança, quanto da desesperança, pois a proposta do PROPEPPSI incluía uma participação ativa e foi frente a isso que este movimento de oscilação ocorria.

Formados os grupos, teve lugar o desenvolvimento da dinâmica dos encontros através da divisão em cinco fases, conforme anteriormente proposto.

A fase 1 do PROPEPPSI tinha como objetivos:

- O conhecimento mútuo entre os participantes;
- A formação do grupo como espaço de continência e criação;
- O levantamento das expectativas;
- A reafirmação da proposta de trabalho de auxílio para a elaboração e realização de um projeto de vida profissional.

O grupo, inicialmente, demonstrou uma necessidade de segurança, tentando instalar um estado de dependência, no qual estivesse protegido, repetindo o modelo a que estava submetido.

Porém, como o PROPEPPSI buscava recriar as relações das “pessoas psicóticas” com o mundo, a hipótese caminhava no sentido de propiciar uma continência inicial por parte dos coordenadores-orientadores, mas sem dependência

total, para ir gradativamente gerando autonomia, na qual o grupo não seria colocado em um lugar de dependência, mas também não seria abandonado, pois lhe seria atribuída uma tarefa.

A troca de experiência através do relato da história de cada um no mundo do trabalho serviria para construir a membrana grupal e iniciar o processo de transformação de cada orientando em suporte para o outro e durante os relatos, o grupo percebeu semelhanças em suas histórias, principalmente a idéia de que a “doença” e os remédios ministrados para combatê-la eram os principais motivos da impossibilidade que eles tinham de voltar a trabalhar.

Entretanto, um dos relatos contradizia essa hipótese, pois o orientando trabalhava apesar de tomar remédios e ter crises recorrentes, o que assustou e, ao mesmo tempo, animou o grupo, pois era um exemplo concreto de que era possível trabalhar com a “doença”.

O medo pareceu prevalecer, pois emergiu a situação da aposentadoria por invalidez, que era vista pelo pesquisador como uma condição de vida limitante e paralisante.

Os primeiros relatos apontavam para essa concepção, mas outros relatos diziam que ser aposentado por invalidez poderia ser um limitante parcial, pois apenas impossibilitava o trabalho formal, porém, além disso, era a garantia de uma remuneração financeira fixa e uma saída para aqueles que não queriam apostar mais em seus projetos de vida, sendo autorizados socialmente a se descompromissar pela situação de aposentados por invalidez.

Esses relatos permitiram um repensar da condição de aposentado por invalidez, que poderia ser algo paralisante (experiência de morte social), como poderia ser algo que sustentaria parcialmente ou totalmente a vida dos sujeitos, podendo se constituir como uma experiência de vida.

O grupo oscilou entre a aceitação da proposta de apostar na vida com a “doença” e com projetos profissionais (expectativa de resgate da esperança de uma vida com sentido) e o medo de que ter um trabalho era romper com as leis que estavam designadas para eles.

Essa situação gerou as primeiras desistências, que justificavam não agüentar a aposta em saídas alternativas, ou mesmo acreditar que seria possível mudar a sua

situação atual, ou ainda, por uma dificuldade de ingressar no processo sugerido pelo PROPEPPSI, optando-se assim em escolher não fazê-lo.

Os outros participantes do grupo demonstraram certa fragilidade pelas desistências, mas, ao mesmo tempo, apontaram que deveriam continuar e perguntaram ao coordenador-orientador pelo 1º projeto que havia sido anunciado e que objetivava a transformação de uma propaganda (parte da realidade estruturada) em algo semelhante e com mais vantagem; e, por conseguinte, convencer os coordenadores-orientadores (representantes da realidade saudável) de que seu produto era melhor que o outro, o que implicaria uma ação relacional e grupal.

Desde o início, o grupo aceitou a proposta de saídas alternativas, apesar dos obstáculos que iriam aparecendo como: a dificuldade de lembrar o que havia acontecido no encontro anterior, que parecia ser uma dificuldade de retomar a sua história; as desistências que abalavam a membrana grupal que se formava; a necessidade de buscar modelos idealizados no mundo externo como forma de exemplo do que estavam buscando (comparação com modelos de sucesso do mundo) e sentimentos ambíguos e alternados de possibilidade e impossibilidade.

Diante disso, sua relação com o coordenador-orientador era idealizada, demonstrando um vínculo de dependência em relação a ele, que, de certo modo, teve que oferecer a possibilidade de uma continência do *holding* grupal que estava se tentando criar.

Na execução do 1º projeto a proposta inicial dos coordenadores-orientadores de criar uma propaganda foi alterada pelo grupo e em seu lugar foi proposta a construção de um loteamento de casas, o que podia ser interpretado como a expressão de uma necessidade anterior a uma propaganda, que mostrava ao mundo quem você é, ou seja, a necessidade de ter um novo lugar para habitar, inaugurado por eles próprios.

O grupo foi criativo e trouxe a proposta de criar simbolicamente um espaço para si no mundo, ao mesmo tempo que, apontou que precisava ter uma base (casa) antes de mostrá-la ao mundo (propaganda). Decidiram, dessa maneira, ampliar o 1º projeto, revelando ao pesquisador a importância desse aspecto fundante como base estrutural para o restante do processo.

A permanência da casa como primeiro produto criado era a oportunidade de resgate da continuidade existencial, que foi reforçada com a utilização do 1º projeto

como elemento para os demais projetos, sendo um pedido verbalizado pelo próprio grupo.

Pudemos verificar que a nossa hipótese inicial de que o trabalho em grupo facilitaria a execução das tarefas parecia ter se confirmado, pois toda vez que surgia uma impossibilidade ou limitação de algum orientando, outra pessoa do grupo assumia sua tarefa e o ajudava, mostrando como era possível enfrentar o medo do fracasso e da paralisia, tendo o outro como suporte.

Essa postura diferenciada do grupo teve um impacto na instituição de saúde mental, que requisitava saber maiores detalhes do processo já no seu início, demonstrando uma necessidade de manter contato periódico com o pesquisador, aspecto não planejado pela proposta, mas que nesse caso foi sanado pela intermediação do co-coordenador-orientador, que era técnico da instituição e levava o relato dos encontros às reuniões clínicas.

O papel do co-coordenador-orientador foi importante, pois este intermediava as pressões que a própria instituição fazia para saber do projeto e da dinâmica do grupo e amenizou essas possíveis pressões mantendo assim o apoio institucional constante.

Uma dimensão importante a ser analisada era a dimensão do imprevisto que poderia ser planejado (como constava em alguns momentos do PROPEPSI), mas também acontecia sem previsão do pesquisador, que deveria preparar o grupo para essas situações.

O imprevisto se constituía em situações não-planejadas, que ocorriam espontaneamente no grupo, como quando Leandro não fez a pesquisa de preços para a construção das casas e o grupo teve que encontrar uma solução alternativa para isso, ou então, pela introdução previamente planejada pelo coordenador-orientador do imprevisto, como quando requisitou ao grupo que fosse às ruas verificar se existiam casas semelhantes às que eles haviam idealizado para realizar uma comparação entre o que havia sido produzido e o que já existia.

O grupo oscilava entre tentativas (movimento) e resistências (estagnação), ora prevalecendo uma dimensão, ora prevalecendo a outra, sendo ambas reforçadas pela introdução do imprevisto, que quebrava a acomodação, possibilitava não sentir esse imprevisto como destruidor e permitia o desenvolvimento de estratégias identitárias de transição.

Nas primeiras vezes, frente a qualquer obstáculo ou frustração, o grupo demonstrava medo do fracasso e se paralisava (movimento de estagnação), mas na maior parte das situações algum orientando surgia com uma saída e oferecia suporte ao restante do grupo, e, quando isso não acontecia por parte dos orientandos, os coordenadores-orientadores buscavam incentivar oferecendo uma saída ao impasse e recuperando o movimento de ação com projetos substitutivos.

A hipótese era que, quanto mais o grupo vivenciasse situações de desafio e conseguisse encontrar saídas alternativas, maior possibilidade deles reforçarem suas estratégias identitárias de transição.

Alguns conseguiram vivenciar esse processo, mas outros tinham uma dificuldade de se vincular (conforme apontava nossa hipótese inicial) e os desafios (imprevistos) eram sentidos como uma situação propícia para a emergência da crise, como realmente ocorreu no grupo 1.

As lições de casa, as atividades externas e as situações de imprevisto eram experiências que pareciam levar a três caminhos:

- Desenvolvimento de estratégias identitárias de transição;
- Presença na atividade, mas sem envolvimento;
- Emergência de crises.

Os orientandos que conseguiram lidar com estas situações de imprevisto demonstravam uma alegria de poder mudar as rotinas institucionais sem grandes dramas ou conseqüências, confirmando nossa hipótese.

Além disso, acrescentavam elementos às atividades, transitando assim por um movimento espontâneo de comparação dentro/fora, explicitando o pedido de que existisse uma relação de continuidade entre os projetos e a possibilidade de refletir sobre as possibilidades de trabalho que estavam recebendo, sem responder negativamente *a priori*.

Esse relato de alguns orientandos que diziam estar recebendo ofertas de trabalho provocou uma surpresa, alterando um pré-julgamento que eles não tinham abertura para ingressar no mundo do trabalho, o que parecia demonstrar que o mundo estava se mostrando mais flexível aos antigos “excluídos”.

A reflexão sobre a atividade trouxe relatos de que o resgate gradativo da história estava acontecendo através da discussão sobre a atividade realizada, ou seja, um espaço de reflexão sobre a ação. A história de vida de cada um começava a ser reapropriada e compartilhada não ficando a identificação com a “doença” como única possibilidade existencial.

Na fase 2 do projeto, o coordenador-orientador ofereceu possibilidades de projetos para o grupo que coletivamente selecionasse um para realizar, mostrando ao grupo que eles estariam numa tarefa de avaliação, comparação e seleção, incentivando a passagem de um estado totalmente dependente para um outro em que haveria uma relativização gradativa dessa dependência, acreditando que a primeira fase teria cumprido o papel de resgatar a história de vida dos sujeitos e reforçar seu *self*.

O grupo iniciou essa fase realizando uma auto-avaliação, na qual apontava quem possivelmente iria continuar no PROPEPSI e quem iria desistir, numa maneira de explicitar com quem eles poderiam contar para realização dos projetos.

O modo que o grupo encontrou para fazer essa auto-avaliação foi constatando a presença dos participantes nos encontros e, principalmente, quem estava buscando um emprego e quem não estava. Todos os orientandos tiveram a preocupação em dar uma satisfação para o grupo e mostrar que faziam parte dele.

Muitos orientandos relataram suas tentativas para conseguir um trabalho, mas todas ainda esbarravam no rótulo de “louco” como fator impossibilitante. Eles estavam tentando relativizar a condição de “loucos” que viviam, mas ainda tinham uma intensa oposição interna (seu autoconceito) e externa (sociedade) nesse processo.

Nesta etapa em que o grupo deveria criar critérios de escolha de um negócio para abrir, começou a aparecer à discussão da viabilidade ou não de cada sugestão feita, seguida de comentários pertinentes e realistas sobre o mercado de trabalho, levando em conta a história profissional de cada um. No grupo 1 foi idealizado uma “loja de carros” e no grupo 2 um “restaurante”, que foram escolhas que conseguiram aglutinar o máximo de experiências anteriores orientandos.

Houve reações em todos, seja de aproximação com o mundo do trabalho, seja de realização das tarefas requisitadas, ou de afastamento da tarefa, ou ainda de não agüentar e pedir para sair.

Observamos que o grupo intercalava momentos de concentração com momentos de dispersão, mas sempre alguém assumia a tarefa de trazer o grupo de volta à atividade que estava sendo realizada. A nossa hipótese inicial foi confirmada, pois o grupo começou a operar como um espaço intermediário de continência e de experimentação.

Ambos os grupos já estavam conseguindo integrar os projetos, tanto que diziam que os ganhos com o 1º projeto seriam utilizados na realização do 2º projeto. No grupo 1, por exemplo, a garantia da casa (segurança de um espaço de experimentação) trouxe o pedido do movimento através da idealização de uma loja de carros, que, ao contrário da proposta inicial (abortada pelo grupo) na qual a propaganda não era o objetivo principal, eles já podiam mostrar a todos o que estavam fazendo (letreiro da loja de carros aceso dia e noite para que todos vissem seu projeto).

Foi concomitantemente discriminada e delimitada a fronteira entre o que os orientandos estavam fazendo no PROPEPSI (reabilitação social) e o que era realizado na instituição de saúde mental (tratamento), representado pela idéia expressa no grupo 1 de que a revendedora de automóveis não poderia estar no mesmo espaço físico da oficina de reparo de carros para não gerar confusões na interpretação social.

As atividades começaram a ser executadas com muito mais rapidez e muito mais clareza, descolando-se da “doença”, não vendo nesta mais sinônimo da vida deles e o seu projeto de vida começou a ser traçado, desconstruindo o conceito de “louco”, vivenciando e experimentando aqui no grupo e compartilhando isto com todos.

A desidentificação interna estava passando pelo grupo e se consolidava como uma passagem do desejo individual para o desejo do outro (grupai), condição para que o PROPEPSI não caísse no vazio ao ser sustentando pela passagem pelo projeto social.

A “doença” começou a ser vista como uma parte da vida, rompendo com o conceito total, não sendo negada, nem pedindo a sua cura, mas podendo integrar uma parte não doente ao seu projeto de vida, sendo respeitado que o projeto deveria ser realizado de acordo com as possibilidades e habilidades do grupo naquele momento.

Isto possibilitou a passagem de um pensamento mágico para um pensamento objetivado: da fantasia passa-se para a realidade, expresso num comentário feito no grupo 2:

“Se é para inventar, melhor não colocar, senão o trabalho fica uma brincadeira.” (Laerte).

Alguns orientandos já estavam conseguindo começar a experimentar fora do grupo, da mesma maneira que estavam fazendo no interior do mesmo, recebendo ofertas de emprego, mas também pensando outros caminhos para os seus projetos profissionais, como voltar a estudar.

Esse movimento estava sendo vivenciado por algumas pessoas no interior dos grupos, assim passamos para a terceira fase do projeto, que teve como proposta uma maior autonomia com a idealização de um projeto individualizado, mas nem todos estavam conseguindo acompanhar o processo, o que ficaria nítido nesta fase.

A fase 3 do projeto foi considerada um ponto central do PROPEPPSI, pois tivemos como proposta que cada orientando, individualmente, teria que idealizar um projeto, sem o auxílio do grupo, com suas possibilidades e deficiências.

A hipótese feita era que as fases anteriores já haviam reforçado o *self* de cada um e a elaboração de um projeto individual seria uma experimentação para a elaboração do seu projeto de vida profissional.

Esse momento poderia levar o grupo a duas situações:

- Uma situação de crescimento e desenvolvimento, firmando de vez a possibilidade de realizar projetos no mundo;
- Uma situação de regressão ao estado de dependência absoluta, impossibilitando a realização de projetos e, possivelmente, gerando paralisia ou até crises.

Esta fase realçou as dificuldades de cada orientando, mas também, fez surgir e incentivou uma ousadia maior no projeto de alguns, como era o caso de Carlos e Julio César, que traziam a idéia de que o sucesso ou não de um projeto não era o

mais importante, sendo para eles primordial a possibilidade de poder experimentar e aprender com isso.

O grupo conseguiu perceber a importância do suporte social e também que a realização de projetos não viria somente da tolerância externa, mas também de um esforço pessoal de cada um.

O suporte social ficou claro quando Laerte, apesar de ter entrado em crise, pôde ficar no grupo, percebendo que era possível conviver socialmente apesar da crise e isto se constituiu em um salto qualitativo para a sua vida. Ou então, quando Alessandra pôde, da sua própria maneira, começar a se expor mais no grupo e na sua casa.

A idéia inicial de possibilitar a construção de projetos profissionais que o PROPEPSI teve como objetivo central para o grupo, de fato era um objetivo parcial, porque o que mais predominou foi a desconstrução do conceito de “louco” e a retomada da possibilidade de estabelecer uma relação dialética rompida nestes pelas crises psicóticas e pela incorporação de um papel de fracassado social.

Laerte e Alessandra tinham realizado um grande progresso em suas vidas através do PROPEPSI e conseguiram conquistas individuais significativas resgatando a possibilidade de se relacionar com o mundo de uma forma diferenciada.

O período de férias foi vivenciado como uma possibilidade de experimentar a “ausência” e não entrar em crise, dando possibilidade de uma separação como a chance de uma experiência de vivência positiva, dentro das possibilidades de cada um. Foi considerado como uma experiência significativa e fundamental de uma separação sem desintegração e da possibilidade de carregar dentro de si o seu lugar e o do grupo, apesar de separado do grupo, havendo a possibilidade do reencontro.

Na fase 4, o objetivo do PROPEPSI foi a investigação das possibilidades reais de operacionalizar os projetos profissionais no mundo do trabalho através de uma avaliação que incluía o entrecruzamento entre o que eu gosto, o que eu quero e o que existe para mim.

Nesse momento os grupos apresentavam movimentos muito semelhantes, ou seja, uma cisão grupal entre aqueles que continuavam dependentes e não estavam conseguindo experimentar e aqueles que buscavam sua autonomia pela experimentação constante, seja no interior dos grupos, seja no próprio meio social.

Esse movimento não era esperado, pois se acreditava que aqueles que não estavam conseguindo acompanhar o processo grupal iriam desistir, o que realmente não aconteceu, pois muitos estavam se beneficiando a sua maneira, e outros permaneciam no grupo ainda vivenciando as primeiras etapas do PROPEPPSI.

O subgrupo que não conseguia se desenvolver, alcançar e evoluir nas seqüências das etapas do PROPEPPSI requisitou certa tutela tanto do grupo, quanto dos coordenadores-orientadores.

O subgrupo que estava acompanhando o determinado pelo PROPEPPSI pôde alcançar os seguintes objetivos:

- Falar de si e de seus projetos, pois já se sentiam mais fortalecidos;
- Fazer uma seqüência de projetos realizados e perceber que estavam encadeados;
- Retomar sua história profissional de uma forma mais consciente e crítica, separando o que era responsabilidade deles e o que era responsabilidade dos outros, tendo uma visão mais total de suas experiências e não de forma fragmentada como no começo do grupo;
- Ter uma maior consciência da perda de muitas coisas ocasionada pela “doença”;
- Visualizar os obstáculos e as possibilidades para o seu futuro projeto;
- Assimilar a proposta do PROPEPPSI de integração da “doença” com a vida; colocando que a “doença” existia, mas que eles tinham que conseguir coisas na vida apesar dela, que era a proposta inicial que lhes havia sido feita.

A fase 4 marcou a consolidação da possibilidade de resgate da identidade psicossocial prejudicada pela crise e pelo rótulo da loucura, recuperando uma visão integrada da vida, não mais fragmentada em “doença” e saúde, o começo do processo de conscientização acerca das conseqüências que a “doença” lhes havia trazido, e, ao mesmo tempo, o contato com aspectos positivos e possibilidades de desenvolvimento de suas vidas, que foram suspensas, levando a uma integração de seu *self*, que contribuiu, de maneira significativa, para **a desconstrução da concepção de “louco” que tinham de si próprios.**

Foram aparecendo não só as dificuldades em voltar a trabalhar, mas também as possibilidades de trabalho e as probabilidades e os caminhos para conseguir isso, deixando de lado as saídas mágicas e milagrosas, transformadas em caminhos concretos e reais, saindo de uma onipotência narcísica e considerando as suas limitações e deficiências de uma forma mais consciente, incluindo a experiência das crises e as perdas sofridas com essas crises psicóticas.

Assim passamos para o confronto real na busca por um local extra-instituição para conclusão do grupo que marcava concretamente esse movimento de possibilidades e impossibilidades, as quais constituem as vicissitudes da vida.

Na fase 5 tivemos como objetivo a finalização da elaboração do projeto individual de vida profissional de cada um, bem como a avaliação do processo.

Obtivemos como resultado uma gama variada de possibilidades, pois nem todos alcançaram os objetivos iniciais pré-estabelecidos para essa fase (Carlos e Julio César cumpriram os objetivos do PROPEPSI), mas conseguiram aproveitar à sua maneira, utilizando-se do espaço para: ter clareza que deveriam adiar o seu projeto para o futuro em função dos seus pais, como era o caso de Élcio; conseguir perceber que apesar das crises as pessoas os aceitavam, como era o caso de Laerte; conseguir se desenvolver e começar a ter opinião, como era o caso de Alessandra; escolher permanecer acomodados, como era o caso de Valdir, Rosangela, Samir e Rodnei; ou ainda, desistir do processo por conta de estar em crise (Junior, Jair e Nivaldo), da dinâmica familiar que não suportou o processo e boicotou (Marta), de assumir a condição de louco (Alberto e Leandro), de estabelecer uma solução de compromisso com o mundo do trabalho (Sérgio), ou então, de investir inicialmente na formação educacional (Arthur).

O PROPEPSI possibilitou a todos conquistas individuais ou, pelo menos, a avaliação e a percepção da situação em que o seu projeto de vida se encontra neste momento, propiciando gerar a possibilidade da reconquista de um espaço para a reconstrução da dialética relacional rompida com a crise psicótica e um resgate da identidade psicossocial resgatando a possibilidade de construir projetos, fundamentada, a nosso ver, principalmente, na desconstrução da concepção de “louco” que tinha de si.

Nesta desconstrução, houve a possibilidade de constatar a existência de novas possibilidades de inserção social, além da repetição *ad infinitum* do papel de

“loucos” estabelecido pelo rótulo como uma morte social, que está sendo agora colocado em dúvida tanto por este momento de transição que o mundo atravessa, como por este nosso trabalho.

Assim, o PROPEPSI abre uma nova possibilidade de intervenção para a “pessoa psicótica”, que, vivendo num mundo em transição, pode resgatar a esperança de criar espaços diferenciados para si tendo como foco o “trabalho” como suporte.

Encontramos dificuldade de alcançar esse objetivo, entretanto percebemos que o que foi importante foi à expectativa do que esse programa propôs aos sujeitos: tentativas de sair da condição em que se encontram, da maneira que podem naquele momento, mas sem depender só de si, pois houve um projeto social para eles no qual outros estão envolvidos e, principalmente, um compromisso da sociedade em reabrir um espaço de experimentação, pois sem isto, o efeito da ação desse programa seria apenas de um esforço subjetivo (psicológico).

Enfatizamos como mais importante à abertura de espaços comunitários, que, na condição de espaços intermediários, permitem a troca dialética entre o social (objetivo) e o individual (subjetivo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁵⁴

ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALVARES, Maria Ralston. **Representação da doença mental entre indivíduos de classe baixa**. 1990. 137f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALZINA, Rafael Bisquerra. **Modelos de orientación e intervención psicopedagógica**. Barcelona: Praxis, 1998.

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. Introdução. In: **O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. p. 15-27.

_____. Manicômio e loucura no final do século e do milênio. In: FERNANDES, Maria Inês Assumpção; SCARCELLI, Ianni Régia; COSTA, Eliane Silvia (Orgs.). **Fim de século: ainda manicômios?** São Paulo: IPUSP, 1999. p. 47-53.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999a.

_____. Qual crise da sociedade do trabalho? In: **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Cortez/Editora da Unicamp, 1999b. p. 73-102.

ANZIEU, Didier. **O grupo e o inconsciente: o imaginário grupal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

ARCARO, Nicolau Tadeu. **Caracterização de aspectos da clientela e sistema de atendimento em ambulatório de saúde mental**. 1989. 157f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁵⁴ Segundo as normas da ABNT 2000.

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- ASSOUN, Paul-Laurent. A coisa. In: **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 96-126.
- BARBIER, Jean-Marie. **Elaboração de projectos de acção e planificação**. Porto: Porto, 1996.
- BAREMBLITT, Gregorio F. Sociedades e instituições. In: **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. p. 27-38.
- BECK, Carlton E. **Fundamentos filosóficos da orientação educacional**. São Paulo: EPU, 1977.
- BECKER, D.R. et al. Job preferences of clients with severe psychiatric disorders participating in supported employment programs. **Psychiatric Services**, v. 47, n. 11, p. 1223-1226, 1996.
- BION, Wilfred Ruprecht. **Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. **Second thoughts: selected papers on psychoanalysis**. London: Karnac, 1993.
- BLEGER, José. Psicología de la alienación. **Cuadernos de Psicología**, ano 2, n. 4, p. 77-105, 1972.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- _____. **Vocacional: teoria, técnica e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1983.
- _____. Primeira aula do curso sobre orientação vocacional – estratégia clínica, ministrada por Rodolfo Bohoslavsky, em 05 de fevereiro de 1975. **LABOR (Revista do Laboratório de Estudos sobre o Trabalho e Orientação Profissional)**, ano 1, n. 0, p. 9-50, 2001.
- BOLLAS, C. **A sombra do objeto**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe. In: **Economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 183-202.
- BRANDÃO, Junito. Mito de Sísifo. **Mitologia grega - I**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 226-257.

- CALLIGARIS, Contardo. A sedução totalitária. In: ARAGÃO, Luiz Tarlei et al. **Clínica do social: ensaios**. São Paulo: Escuta, 1991. p. 105-118.
- CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CARRETEIRO, Tereza Cristina. “A doença como projeto” – uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 87-95.
- CARVALHO, Maria Margarida M. J. **Orientação profissional em grupo: teoria e técnica**. Campinas: Psy, 1995.
- CASTEL, Robert. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. **SaúdeLoucura**, n. 4, p. 21-48, 1993.
- CASTELLS, Manuel. **The power of identity (The information age: economy, society and culture) - II**. Oxford: Blackwell, 1997.
- CATÃO, Maria de Fátima Fernandes Martins. **Excluídos sociais em espaços de reclusão: as representações sociais na construção do projeto de vida**. 2001. 174f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CID-10/ Organização Mundial da Saúde. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
- COHN, Barbara R. Keeping the group alive: dealing with resistance in a long-term group of psychotic patients. **International Journal of Group Psychotherapy**, ano 38, n. 3, p. 319-335, 1988.
- CONTADRIOPOULOS, André-Pierre. **Saber preparar uma pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CRUZ, Maria Ângela Santa. O sujeito silenciado: uma crítica às práticas em “saúde mental”. **Percursos**, ano 5, n. 9, p. 14-21, 1992.
- DEJOURS, Christophe. Flexibilité et nouvelles organisations de travail: incidences psychologiques. [CD ROM]. In: CONGRÈS MONDIAL DE L’ ASSOCIATION INTERNATIONALE D’ORIENTATION SCOLAIRE ET PROFESSIONNELLE, 2001, Paris. **Actes du Congrès**. Paris: UNESCO/Sorbonne, 2001.
- _____. Réhabiliter la normalité? **Le Passant Ordinaire**, n. 45-46, p. 21-28, 2003.
- DEJOURS, Christophe et al. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DELGADO, Pedro Gabriel Godinho. Perspectivas da psiquiatria pós-asilar no Brasil (com um apêndice sobre a questão dos crônicos). In: COSTA, Nilson do Rosário; TUNDIS, Silvério Almeida (Orgs.). **Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 171-202.

DELGADO, Pedro Gabriel et al. A autonomia do sujeito psicótico no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. **Psicologia Ciência e Profissão**, ano 20, n. 4, p. 46-53, 2000.

DE MASI, Domenico (Org.). A economia do ócio. In: **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 9-45.

DEMAZIÈRE, Didier; DUBAR, Claude. Trajetória profissional e formas identitárias: uma teorização. **Contemporaneidade e Educação**, ano 5, n. 8, p. 182-200, 2000.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto, 1997.

_____. **La crise des identités: l'interprétation d'une mutation**. Paris: PUF, 2000.

EQUIPE DE ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS DO HOSPITAL-DIA A CASA (Orgs.). **A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Escuta, 1991.

FERNANDES, Maria Inês Assumpção. Uma nova ordem: narcisismo expandido e interioridade confiscada. In: FERNANDES, Maria Inês Assumpção; SCARCELLI, Ianni Régia; COSTA, Eliane Silvia (Orgs.). **Fim de século: ainda manicômios?** São Paulo: IPUSP, 1999. p. 39-46.

FERNANDES, Waldemar José. Os diferentes objetivos do trabalho grupal. In: FERNANDES, Waldemar José et al. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 185-193.

FERRETTI, Celso João. **Uma nova proposta de orientação profissional**. São Paulo: Cortez, 1988.

FOLADORI, Horacio C. **Contribuciones al análisis vocacional grupal**. Ciudad de México: Fuente, 1987.

FONSECA, Antonio Manuel. Formação pessoal e social e construção de projectos vocacionais. In: **Personalidade, projectos vocacionais e formação pessoal e social**. Porto: Porto, 1994. p. 53-81.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na época clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____. La locura, la ausencia de obra. In: **Historia de la locura en la epoca clasica - II**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1976. p. 328-340.

FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. **O que é loucura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FREUD, Sigmund. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3, p. 51-72.

_____. (1895). Rascunho H. Paranóia. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 253-258.

_____. (1896). Carta 52. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 281-287.

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 13, p. 15-89.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 77-108.

_____. (1915). Suplemento metapsicológico a teoria dos sonhos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 225-241.

_____. (1924a). Neurose e psicose. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 163-171.

_____. (1924b). A perda da realidade na neurose e psicose. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 201-209.

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 273-286.

FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 87-143.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O inconsciente e o negativo. In: **Introdução à metapsicologia freudiana - 3**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 269-287.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GORZ, André. Para além do socialismo. In: **Adeus ao proletariado: para além do socialismo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p. 83-93.

GUATTARI, Felix. Práticas analíticas e práticas sociais. In: **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 181-203.

GUICHARD, Jean. Conseiller pour un développement humaine. [CD ROM]. In: CONGRÈS MONDIAL DE L' ASSOCIATION INTERNATIONALE D'ORIENTATION SCOLAIRE ET PROFESSIONNELLE, 2001, Paris. **Actes du Congrès**. Paris: UNESCO/Sorbonne, 2001.

_____. Orientar para un desarrollo humano. [Apresentado na Cátedra abierta do Posgrado da Facultad de Psicología da Universidad de Buenos Aires]. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

JERUSALINSKY, Alfredo. Papai não trabalha mais. In: JERUSALINSKY, Alfredo et al. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 35-49.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 53-66.

JOUVENET, Louis Pierre. **Éduquer l'élève au choix professionnel**. Lyon: Centre Regional de Documentation Pédagogique de Lyon, 1995.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63-85.

KAËS, René. **O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. **Les théories psychanalytiques du groupe**. Paris: PUF, 1999.

KAËS, René. Problemas metodológicos do trabalho psicanalítico em situação grupal. [Apresentado no Simpósio Internacional Realidade Irreal]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

KANAS, Nick. Group therapy with schizophrenics: a review of controlled studies. **International Journal of Group Psychotherapy**, ano 36, n. 3, p. 339-351, 1986.

KLEIN, Melanie. (1935). A contribution to the psychogenesis of manic-depressive states. In: **Writings of Melanie Klein – Vol. I: Love, guilt and reparation and other works 1921-1945**. New York: Free Press, 1984a. p. 262-289.

KLEIN, Melanie. (1946). Notes on some schizoid mechanisms. In: **Writings of Melanie Klein – Vol. III: Envy and gratitude and other works 1946-1963**. New York: Free Press, 1984b. p. 1-24.

KRAUS, Wolfgang. La fin des grands projets: le développement de l'identité dans le champ du travail comme navigation a vue. **L'Orientation Scolaire et Professionnelle**, ano 27, n. 1, p. 105-121, 1998.

LACAN, Jacques. **Seminário III: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LANCETTI, Antonio. Clínica grupal com psicóticos: a grupalidade que os especialistas não entendem. **SaúdeLoucura**, n. 4, p. 155-171, 1993.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASH, Christopher. **O eu mínimo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LECLERC, Gaston. L'approche intégrée en information et en orientation: quelques principes directeurs. In: PELLETIER, Denis (Org.). **Pour une approche orientante de l'école québécoise: concepts et pratiques à l'usage des intervenants**. Québec: Septembre, 2001. p. 33-39.

LEHMAN, Yvette Piha. O processo de orientação profissional como um holding na adolescência. In: CATAFESTA, Ivonise Fernandes (Org.). **D. W. Winnicott na Universidade de São Paulo**. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1996. p. 277-289.

_____. Panorama da orientação profissional no Brasil. [Apresentado no Congreso Iberoamericano de Orientación]. Buenos Aires: Universidad de La Plata, 2003.

LOBOSQUE, Ana Marta. **Princípios para uma clínica antimanicomial e outros escritos**. São Paulo: Hucitec, 1997.

LOBOSQUE, Ana Marta. **Experiências da loucura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LOPES, Isabel Cristina. Centros de convivência e cooperativa: reinventando com arte agenciamentos de vida. In: FERNANDES, Maria Inês Assumpção; SCARCELLI, Ianni Régia; COSTA, Eliane Silvia (Orgs.). **Fim de século: ainda manicômios?** São Paulo: IPUSP, 1999. p. 139-162.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1999.

MACIAS, Cathaleene et al. Work interest as predictor of competitive employment: policy implications for psychiatric rehabilitation. **Administration & Policy in Mental Health**, v. 28, n. 4, p. 279-297, 2001.

MARCUSE, Herbert. Fantasia e utopia. In: **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 8. ed. São Paulo: Guanabara/Koogan, 1986. p. 132-145.

MARTINS, Carlos Roberto. **Psicologia do comportamento vocacional: contribuição para o estudo da psicologia do comportamento vocacional**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978.

MARX, Karl. (1867). **O capital: crítica da economia política I - Livro I**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MASSARO, Geraldo. Uma proposta de método para a psicoterapia de psicóticos. In: **Loucura: uma proposta de ação**. 2. ed. São Paulo: Agora, 1994. p. 115-155.

MAXIMINO, Viviane Santalúcia. A problemática psicótica e a constituição de grupos. In: **Grupos de atividades com pacientes psicóticos**. São José dos Campos: UNIVAP, 2001. p. 98-116.

MÉNARD, René. Mito dos doze trabalhos de Hércules. **Mitologia greco-romana - III**. São Paulo: Fittipaldi, 1985. p. 221-240.

MESSING, Claudia. El impulso vocacional: un nuevo recurso técnico-conceptual frente a las exigencias actuales de versatilidad y cambio permanentes. [CD ROM]. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE ORIENTACIÓN. **Actas**. Buenos Aires: Universidad de La Plata, 2003.

MILES, Agnes. **O doente mental na sociedade contemporânea: introdução sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MIRANDA-SÁ, Luiz Salvador de. Saúde e enfermidade, o patológico e o não-patológico em psiquiatria. In: **Compêndio de psicopatologia e semiologia psiquiátrica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 361-388.

MORANT, Nicola; ROSE, Diana. Loucura, multiplicidade e alteridade. In: ARRUDA, Ângela (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 129-148.

MOTTA, Arnaldo Alves. **A ponte de madeira: a possibilidade estruturante da atividade profissional na clínica da psicose**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MÜLLER, Marina. Grupos operativos em orientação vocacional. In: **Orientação vocacional: contribuições clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p. 49-59.

NEWMAN, Alexander. **Non-compliance in Winnicott's words: a companion to the work of D.W. Winnicott**. New York: New York University Press, 1995.

OLIVEIRA, Neusa Ferreira Marques. Espaço grupal: uma área de experimentação. In: FERNANDES, Waldemar José et al. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 157-159.

PAUGAM, Serge. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 66-86.

PEDROSO, Tânia Leão. O grupo terapêutico como espaço transicional. In: GRAÑA, Roberto Barberena; OUTEIRAL, José Ottoni. **Donald W. Winnicott: estudos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 208-211.

PELLETIER, Denis. S'orienter dans un monde incertain. In: PELLETIER, Denis (Org.). **Pour une approche orientante de l'école québécoise: concepts et pratiques à l'usage des intervenants**. Québec: Septembre, 2001. p. 7-23.

PELLETIER, Denis; NOISEUX, Gilles; BUJOLD, Charles. **Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal: enfoque operatório**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Uma concepção da psiquiatria: psiquiatria dinâmica e social. **SaúdeLoucura**, n. 4, p. 173-189, 1993.

_____. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PIMENTA, Selma Garrido. **Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1981.

PITTA, Ana Maria Fernandes (Org.). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. 2. ed. São Paulo, 2001.

RE-VISTA VOCACIONAL. **Guía de orientación vocacional y laboral: anuario ingreso 2003**. Buenos Aires: Re-vista Vocacional, 2002.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Atelier de trabalho para psicóticos: uma possibilidade de atuação em orientação profissional. **Psicologia Ciência e Profissão**, ano 18, n. 1, p. 12-27, 1998a.

_____. **ENEP (Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia): história e memória de um movimento**. 1998b. 287f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Atelier de trabalho para psicóticos: uma atualização. **LABOR (Revista do Laboratório de Estudos sobre o Trabalho e Orientação Profissional)**, ano 1, n. 0, p. 91-106, 2001.

RIVAS, Francisco. **Psicología vocacional: enfoques del asesoramiento**. Madrid: Morata, 1988.

ROTELLI, Franco. A instituição inventada. In: NICÁCIO, Fernanda (Org.). **Desinstitucionalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 89-99.

SAFRA, Gilberto. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco, 1999.

SARACENO, Benedetto. Reabilitação Psicossocial: uma estratégia para a passagem do milênio. In: PITTA, Ana Maria Fernandes (Org.). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. 2. ed. São Paulo, 2001. p. 13-18.

SAWAIA, Bader. Introdução: inclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 7-13.

SCARCELLI, Ianni Régia. **O movimento antimanicomial e a rede substitutiva em saúde mental: a experiência do município de São Paulo 1989-1992**. 1998. 149p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Fabiano Fonseca. O atendimento em orientação profissional numa instituição pública: modelos e reflexões. In: BOCK, Ana Mercês Bahia et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. p. 161-175.

SILVA, Laura Belluzzo de Campos. **A escolha da profissão: uma abordagem psicossocial**. São Paulo: Unimarco, 1996.

_____. **Doença mental, psicose, loucura: representações e práticas da equipe multiprofissional de um hospital-dia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SIMANKE, Richard Thesein. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

SOARES, Ilka de Araújo. Arthur Bispo do Rosário: a arte bruta e a propagação na cultura pós-moderna. **Psicologia Ciência e Profissão**, ano 20, n. 4, p. 38-45, 2000.

SUPER, Donald Edwin. A theory of vocational development. **The American Psychologist**, n. 8, p. 185-190, 1953.

_____. New dimensions in adult vocational and career counseling. **Occasional paper n.106**. Ohio: The National Center for Research in Vocational Education, 1985.

_____. Travail et loisir dans une économie en flux. **L'Orientation Scolaire et Professionnelle**, ano 17, n. 1, p. 23-32, 1988.

SUPER, Donald Edwin; BOHN JR, Martin John. **Psicologia ocupacional**. São Paulo: Atlas, 1972.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Découvrir des projets personnels dans un monde en changement. [CD ROM]. In: CONGRÈS MONDIAL DE L' ASSOCIATION INTERNATIONALE D'ORIENTATION SCOLAIRE ET PROFESSIONNELLE, 2001, Paris. **Actes du Congrès**. Paris: UNESCO/Sorbonne, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1952). Psychoses and child care. In: **Collected papers: through paediatrics to psychoanalysis**. London: Karnac, 1992. p. 219-228.

ZIMERMAN, David E. Grupos com crianças, púberes, adolescentes, casais, famílias, psicossomáticos, psicóticos e depressivos. In: **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 211-219.